



Conab Companhia Nacional de Abastecimento



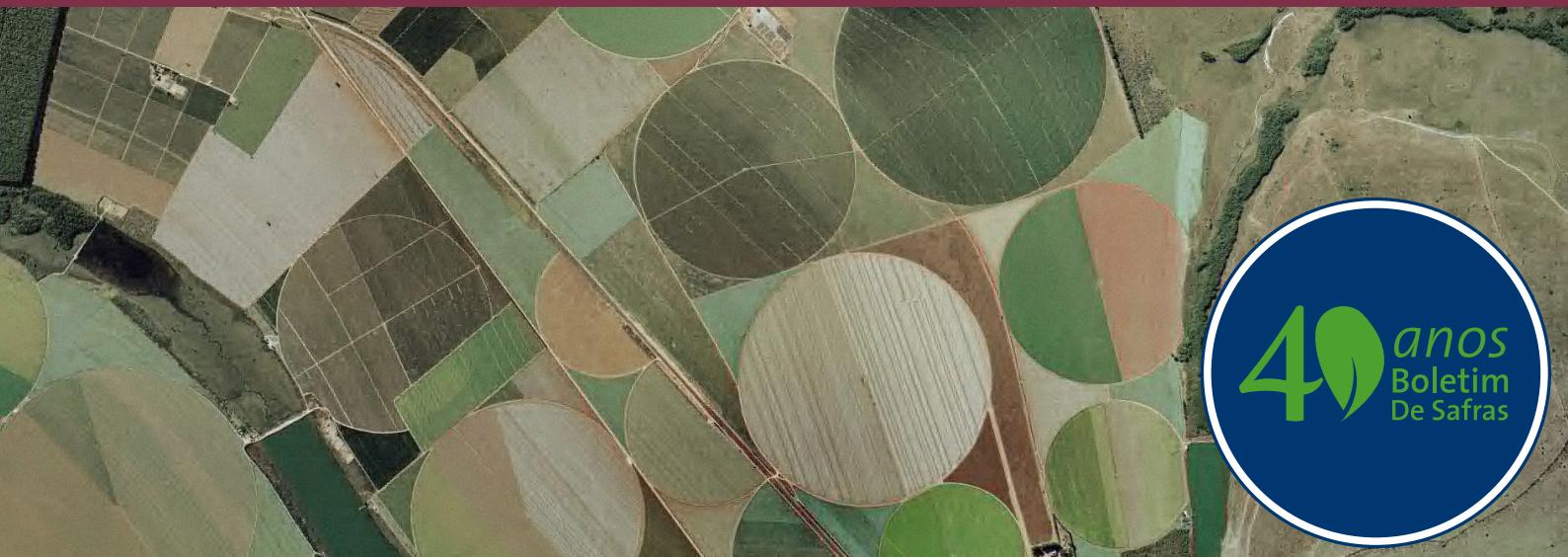
OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 5 - SAFRA 2017/18- N. 6 - Sexto levantamento | MARÇO 2018



Presidente da República

Michel Temer

Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Blairo Maggi

Diretor - Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Francisco Marcelo Rodrigues Bezerra

Diretor - Executivo de Operações e Abastecimento (Dirab)

Jorge Luiz Andrade da Silva

Diretor - Executivo de Gestão de Pessoas (Digep)

Marcus Luis Hartmann

Diretor - Executivo Administrativo, Financeiro e de Fiscalização (Diafi)

Danilo Borges dos Santos

Diretora - Executiva de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Cleide Edvirges Santos Laia

Superintende de Informações do Agronegócio (Suinf)

Aroldo Antônio de Oliveira Neto

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper

Eledon Pereira de Oliveira

Fabiano Borges de Vasconcellos

Francisco Olavo Batista de Sousa

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe Técnica da Geote

Aquila Felipe Medeiros (menor aprendiz)

Bárbara Costa da Silva (estagiária)

Fernanda Seratim Alves (estagiária)

Fernando Arthur Santos Lima

Gilson Panagiotis Heusi (estagiário)

João Luis Santana Nascimento (estagiário)

Joaquim Gasparino Neto

Lucas Barbosa Fernandes

Superintendências Regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.

OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 5 - SAFRA 2017/18 - N. 6 - Sexto levantamento | **MARÇO 2018**

Monitoramento agrícola

ISSN 2318-6852

Acomp. safra bras. grãos, v. 6 Safra 2017/18 - Sexto levantamento, Brasília, p. 1-140 março 2018.

Copyright © 2018 – Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Colaboradores

João Marcelo Brito Alves (Geint)
João Figueiredo Ruas (Gefab - feijão)
Mozar de Araújo Salvador (inmet)

Leonardo Amazonas (Gerpa-soja)
Thomé Luiz Freire Guth (Gerpa - milho)
Bruno Pereira Nogueira(Gefab-algodão)

Sérgio Roberto G. S. Júnior (Gefab - arroz)
Rodrigo Gomes de Souza (Gerpa - trigo)
Candice Mello Romero dos Santos

Colaboradores das Superintendências

André Araújo e Thiago Cunha (AC); Aline Santos, Antônio de Araújo Lima Filho, Cesar Lima, Lourival de Magalhães (AL); Glenda Queiroz, José Humberto Campo de Oliveira, Pedro Jorge Barros (AM); Ednabel Lima, Gerson Santos, Israel Santos, Jair Lucas Oliveira Júnior, Jocília do Couto, Marcelo Ribeiro (BA); Cristina Diniz, Danylo Tajra, Eduardo de Oliveira, Fábio Ferraz, José Iraniilda Araújo, Lincoln Lima, Luciano Gomes da Silva (CE); José Negreiros (DF); Kerley Souza (ES); Adair Souza, Espedito Ferreira, Gerson Magalhães, Lucas Rocha, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Lima, Roberto Andrade, Rogério Barbosa (GO); Dônovan Nolêto, Humberto Souza Filho, José de Ribamar Fahd, José Francisco Neves, Olavo Oliveira Silva, Valentino Campos (MA); Eugênio de Carvalho, Hélio de Rezende, José Henrique de Oliveira, Márcio Carlos Magno, Patrícia Sales, Pedro Soares, Telma Silva, Túlio de Vasconcelos (MG); Edson Yui, Fernanda Silva, Marcelo Calisto, Maurício Lopes, Luciana Diniz de Oliveira (MS); Allan Salgado, Gabriel Heise, José Júlio Pereira, Pedro Ramon Manhone, Raul Pio de Azevedo, Cícero Cordeiro, Benancil França, Edson Piedade, Humberto Kothe, Patrícia Leite, Rodrigo Slomoszynski, Rafael Arruda (MT) Nicolau da Silva Beltrão Júnior, Eraldo da Silva Sousa, Gilberto de Sousa e Silva (PA); Samuel Ozéias Alves, João Tadeu de Lima (PB); Francisco Dantas de Almeida Filho, Rosângela Maria da Silva (PE); Jerônimo Contin, Leônidas Kaminski, Rafael Fogaça, Rosimeire Lauretto (PR); Hélcio Freitas, Thiago Miranda, Francisco Antonio de Oliveira Lobato, Antônio Cleiton Vieira da Silva, Edgard Sobrinho (PI); Cláudia Figueiredo, Jorge de Carvalho, Matheus Ribeiro, Olavo Godoy Neto, Wilson de Albuquerque (RJ); Luís Gonzaga Costa, Manuel Oliveira (RN); Erik Colares de Oliveira, João Adolfo Kasper, Niécio Campanati Ribeiro, Thales Augusto Duarte Daniel (RO); Alcides Pereira, Karina de Melo, Luciana Dall'Agneze (RR); Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Marcio Renan Weber Schor, Matheus Carneiro de Souza, Iure Rabassa Martins, Jordano Luís Girardi (RS); Cezar Rubin, Ricardo Oliveira, Ricardo Paschoal, Luana Schneider (SC); José Bomfim de Oliveira Santos Junior, José de Almeida Lima Neto, Bruno Valentim Gomes (SE); Cláudio Ávila, Elias Tadeu de Oliveira, Marisete Belloli (SP); Alzeneide Batista, Francisco Pinheiro, Eduardo Rocha, Luiz Miguel Ricordi Barbosa, Rafael Alvez da Silva, Samuel Valente Ferreira (TO).

Informantes

Secretaria de Estado da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Seapa/RR); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Rondônia (Emater/RO); Agência de Defesa Sanitária Agrosvilopastoril do Estado de Rondônia (Idaron); Secretaria de Estado de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (Seaprof/AC); Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam); Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Afeam); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Pará (Emater/PA); Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (Ruraltins) e a Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins (Adapac); Agência Estadual de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Agerp/MA); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Ematerce); Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (Emater-RN); Secretaria de Agricultura, da Pecuária e da Pesca do Rio Grande do Norte (Sape); Empresa de Pesquisa Agropecuária do RN (Emparn); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (Emater/PB); Instituto Agronômico de Pernambuco (IPA); Instituto de Inovação para o Desenvolvimento Rural Sustentável de Alagoas (Emater/AL); Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro); Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR/BA); Secretaria da Agricultura, Pecuária, Irrigação, Pesca e Aquicultura (Seagri); Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (Faeb); Banco do Nordeste do Brasil (BNB); Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR/BA); Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab); Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso (Indea); Empresa Mato-grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer); Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico; Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul (Agraer/MS); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Goiás (Emater-GO); Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa); Secretaria Estadual de Agricultura de Goiás (Seagro); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater-DF); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (Emater-MG); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio de Janeiro (Emater-RJ); Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Catí-SP); Departamento de Economia Rural (Deral/PR); Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater-RS); Instituto Rio-Grandense do Arroz (Irga).

Editoração

Estúdio Nous (Célia Matsunaga e Elzimar Moreira)
Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Martha Helena Gama de Macêdo, Guilherme Rodrigues

Fotos

Superintendência Regional do Piauí

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843

Impressão

Superintendência de Administração (Supad) / Gerência de Protocolo, Arquivo e Telecomunicações (Gepat)

Catalogação na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1(81)(05)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos. – v. 1, n.1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out./2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-).

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

SUMÁRIO



1. Resumo executivo ----- 8



2. Introdução ----- 10



3. Estimativa de área plantada ----- 12



4 . Estimativa de produtividade ----- 17



5. Estimativa de produção ----- 22



6. Crédito rural ----- 27



7. Análise climática - Inmet----- 33



8.Análise das culturas----- 38

8.1. Culturas de verão ----- 38

8.1.1. Algodão ----- 38

8.1.2. Amendoim ----- 44

8.1.3. Arroz -----	49
8.1.4. Feijão -----	56
8.1.5. Girassol-----	76
8.1.6. Mamona -----	77
8.1.7. Milho-----	79
8.1.8. Soja	-----
8.1.9. Sorgo -----	96
8.2. Culturas de inverno -----	99
8.2.1. Aveia-----	99
8.2.2. Canola -----	100
8.2.3. Centeio -----	101
8.2.4. Cevada -----	102
8.2.5. Trigo -----	103
8.2.6. Triticale-----	104



9. Receita bruta ----- 106

10. Balanço de oferta e demanda ----- 119	
10.1. Algodão -----	131
10.2. Arroz -----	132
10.3. Feijão -----	132
10.4. Milho -----	134
10.5. Soja -----	135
10.6. Trigo -----	136



11. Calendário agrícola de plantio e colheita----- 126







1. RESUMO EXECUTIVO

SAFRA 2017/18

A produção total de grãos está estimada em 226,04 milhões de toneladas para a safra 2017/18, redução de 4,9% em relação à safra anterior e 0,2% superior ao levantamento anterior.

A área plantada está prevista em 61,06 milhões de hectares, ou seja, crescimento de 0,3% se comparada à safra 2016/17.

Algodão: com o plantio próximo do fim, permanece a estimativa de aumento na produção (1.854,9 mil toneladas de pluma) devido ao incremento de área plantada.

Amendoim primeira safra: a produção, concentrada em São Paulo, está estimada em 473 mil toneladas e não sofreu alterações neste levantamento, visto que as condições climáticas permanecem favoráveis à cultura.

Arroz: a produção está estimada em 11,28 milhões de toneladas, dessas, 1,11 milhões de toneladas são oriundas de cultivo em sequeiro e 10,17 advindas de áreas com plantio irrigado.

Feijão primeira safra: a redução na área plantada e na produtividade média reflete numa produção de 1,25 milhão de toneladas, 8,2% menor que na última safra, sendo 790,4 mil toneladas de feijão-comum cores, 292,7 mil toneladas de feijão-comum preto e 166,4 mil toneladas de feijão-caupi.

Feijão segunda safra: o aumento na área plantada resulta num incremento na produção, estimada em 1,24 milhão de toneladas, sendo 538,6 mil toneladas de feijão-comum cores, 181,3 mil toneladas de feijão-comum preto e 518,7 mil toneladas de feijão-caupi.

Milho primeira safra: a produção de 25,12 milhões de toneladas deverá ser 17,5% inferior à safra passada, resultado da redução de área e produtividade.

Milho segunda safra: redução de 5,9% na área (719 mil hectares), resulta numa estimativa de produção de 62,16 milhões de toneladas, apontando para uma retração de 7,8% em relação à safra anterior.

Soja: o aumento de área plantada, com o crescimento previsto de 3,4% e as condições climáticas favoráveis, têm proporcionado boa produção de soja, estimada em 113,02 milhões de toneladas.





2. INTRODUÇÃO

Visando fornecer informações e os conhecimentos relevantes aos agentes envolvidos nos desafios da agricultura, segurança alimentar, nutricional e do abastecimento do país, a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) tem, dentre os primordiais objetivos, o Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos.

É bom ressaltar que no citado processo de acompanhamento da safra brasileira de grãos, gera-se um relatório construído de maneira a registrar e indicar variáveis que auxiliem na compreensão dos resultados da safra, inserindo-se como parte da estratégia de qualificação das estatísticas agropecuárias, do processo de transparência e da redução da assimetria da informação.

Assim, a Companhia, para a consecução desse serviço, utiliza métodos que envolvem modelos estatísticos, pacotes tecnológicos modais das principais culturas em diversos locais de produção, acompanhamentos agrometeorológicos e espectrais, pesquisa subjetiva de campo, como outras informações que complementam os métodos citados.

Nesse foco, além das diversas variáveis levantadas, abordam-se neste boletim, do sexto levantamento da safra brasileira de grãos, o resultado das pesquisas da safra de verão para as culturas de algodão, amendoim, arroz, feijão, girassol, mamona, milho, soja e sorgo. São informações de área plantada e/ou a ser plantada, produtividade, produção, monitoramento agrícola e análise de mercado.

Aos resultados das pesquisas empreendidas pela Companhia, em todo território nacional, agregam-se outros instrumentos como: indicadores econômicos nas áreas de crédito rural, mercado de insumos, custos de produção, exportação e importação, câmbio, quadro de oferta e demanda e preços, como também informes da situação climática, acompanhamento agrometeorológico e espectral e a análise de mercado das culturas pesquisadas.

É importante realçar que a Companhia detém a característica de suprir suas atividades de levantamento de safra de grãos por meio do envolvimento direto com diversas instituições e informantes cadastrados por todo o país.

Assim os resultados, quando divulgados, devem ter ali registrados a colaboração e os esforços dos profissionais autônomos, dos técnicos de escritórios de planejamento, de cooperativas, das secretarias de agricultura, dos órgãos de assistência técnica e extensão rural (oficiais e privados), além dos agentes financeiros, dos revendedores de insumos, de produtores rurais e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A Conab, registra um especial agradecimento a todos, pelo empenho e dedicação profissional, quando instados a colaborarem.

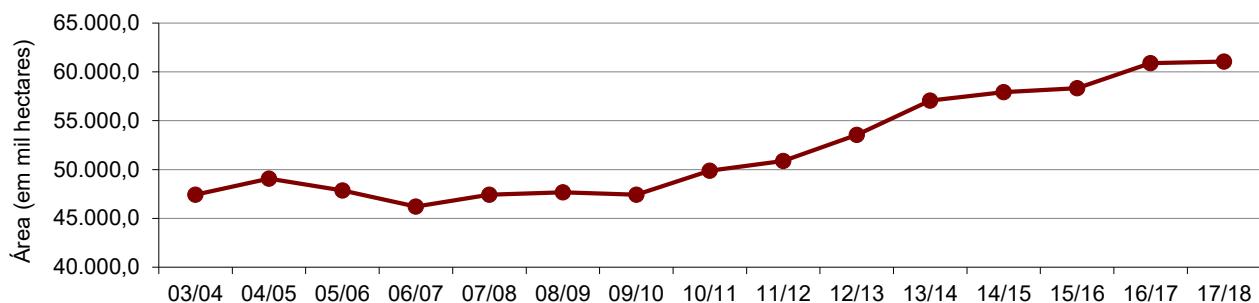




3. ESTIMATIVA DE ÁREA PLANTADA

O Brasil caminha para mais um recorde na área plantada de grãos no Brasil. As estimativas apontam para um incremento de 0,3% na área, para o plantio da safra 2017/18, atingindo 61 milhões de hectares. A soja, principal cultura do país, deverá ter 1,1 milhão de hectares a mais do que a safra anterior, aliada ao algodão, é responsável pelo aumento na área, uma vez que são culturas com maior rentabilidade e liquidez.

Gráfico 1 – Comportamento da área de grãos no Brasil



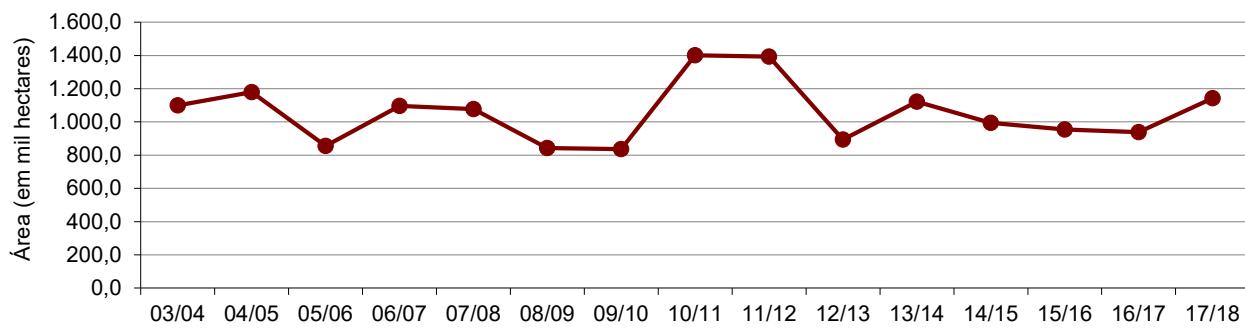
Fonte: Conab.

3.1. ALGODÃO

Com o término do plantio da segunda safra, a área de algodão teve novo incremento, respaldado pelas boas perspectivas na comercialização. A estimativa atual é

de que a área brasileira atinja 1.143,4 mil hectares, 21,8 maior do que a safra anterior, um incremento equivalente a 204,3 mil hectares.

Gráfico 2 – Comportamento da área de algodão no Brasil



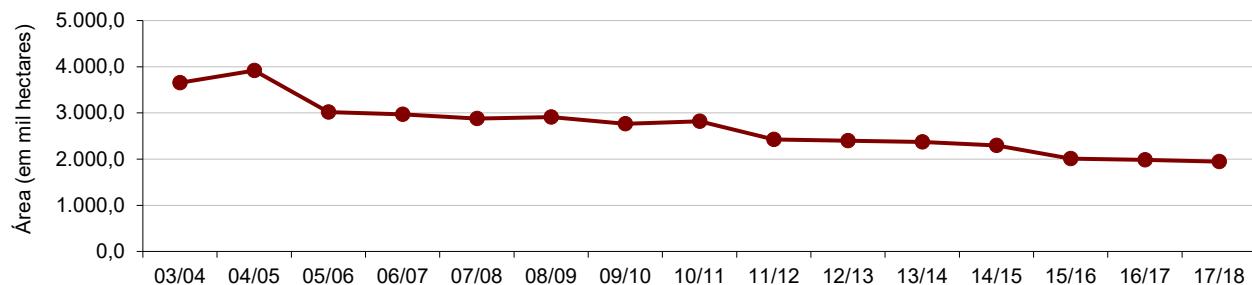
Fonte: Conab.

3.2. ARROZ

Seguindo a tendência dos últimos anos, as áreas de arroz têm se restringido em áreas com melhor potencial de produção, o que contribui para concentrar mais ainda a produção de arroz do país. A expectativa é que a área brasileira de arroz totalize 1.943,8 mil hec-

tares, 1,9% menor em relação à área da safra 2016/17. As áreas que foram reduzidas de sequeiro, nessa safra, foram substituídas por culturas mais rentáveis, como soja e milho. A redução na área irrigada decorre da rotação com outras lavouras, realizada pelos produtores.

Gráfico 3 – Comportamento da área de arroz no Brasil



Fonte: Conab.

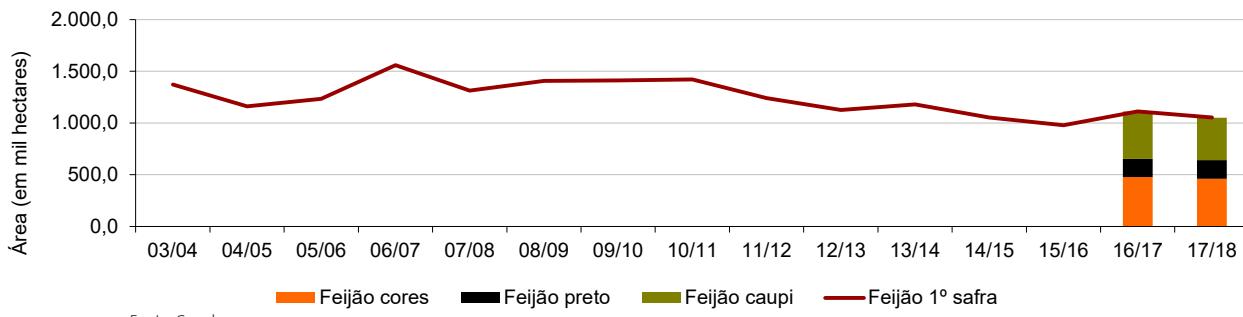


3.3. FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

A primeira safra tem perdido área por causa da dificuldade de manejo, dos problemas fitossanitários, da possibilidade de chuva durante a colheita e problemas na comercialização, vinculados às exigências de qualidade. Nessa safra não foi diferente e, aliado à competição por lavouras com maior rentabilidade,

houve redução de 5,4% na área semeada. Os dados levantados pela Conab apontam para 1.050,5 mil hectares, sendo 459,7 mil de cores, 180,5 mil de preto e 410,3 mil de caupi/macaçar. O feijão-comum preto foi o único que apresentou aumento de área, uma vez que os efeitos elencados acima não são tão fortes nesse tipo do produto.

Gráfico 4 – Comportamento da área de feijão primeira safra - Brasil



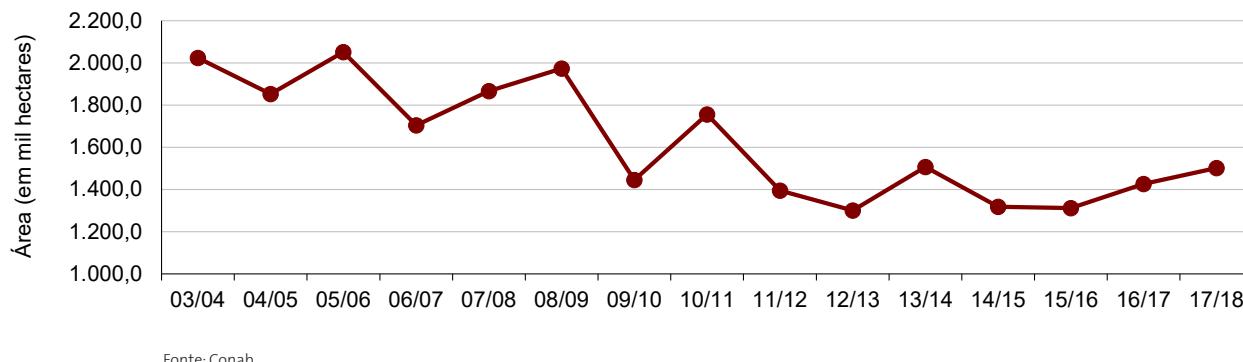
Fonte: Conab.

3.4. FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Os baixos preços do milho têm levado os produtores a apostarem no plantio de feijão segunda safra, sobretudo no Centro-Oeste do país, o que mantém a área brasileira superior à safra passada. No Paraná, porém, a estimativa é de queda na área semeada em razão da frustração do produtor decorrente das per-

das na primeira safra, além do fato de que boa parte das lavouras de primeira safra tinham finalidade de produção de sementes para plantio na segunda safra. Confirmada as estimativas, o Mato Grosso deverá ultrapassar o Paraná com a maior área semeada na segunda safra.

Gráfico 5 – Comportamento da área de feijão segunda safra - Brasil



Fonte: Conab.

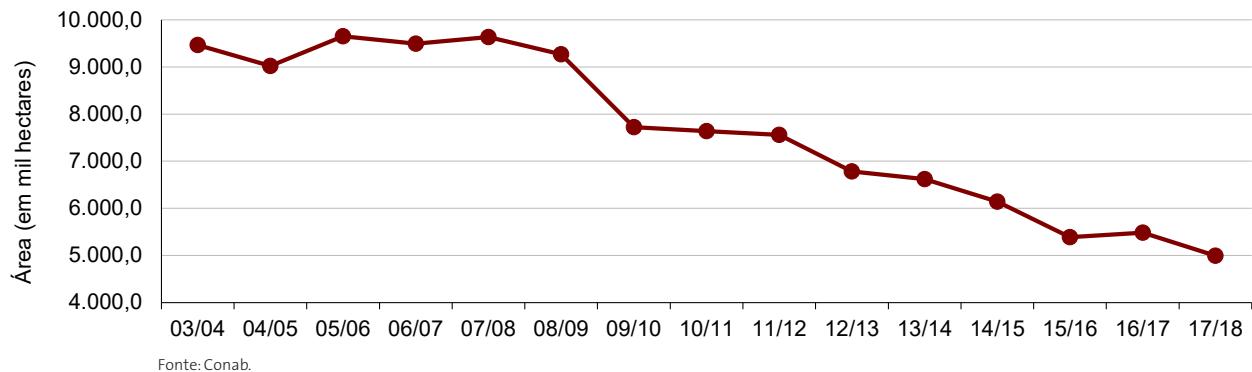
3.5. MILHO PRIMEIRA SAFRA

Seguindo a tendência dos últimos anos, nessa safra os produtores investiram no plantio de soja na primeira safra em detrimento ao milho. Isso ocorre porque o produtor tem a possibilidade de plantar o milho na segunda safra. Aliado à isso, a grande produção da safra passada impactou os preços e afetou a co-

mercialização da safra anterior, trazendo reflexos na área plantada da safra 2017/18. Com isso, o país deve cultivar 4.992,5 mil hectares, 8,9% menor que a safra anterior, sendo a menor área semeada desde 1976/77.



Gráfico 6 – Comportamento da área de milho primeira safra no Brasil



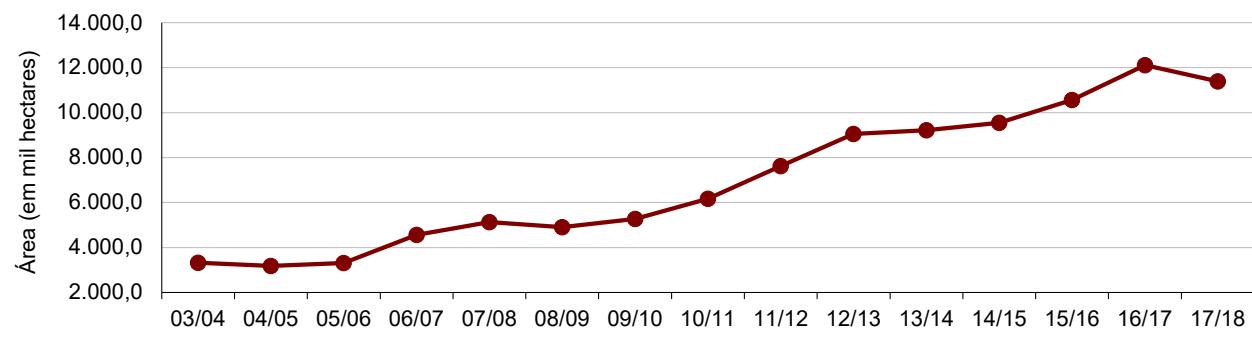
Fonte: Conab.

3.6. MILHO SEGUNDA SAFRA

A previsão é de redução no plantio da segunda safra em 5,9%, comparado com o ano anterior. A estimativa é de plantio de 11.389,3 mil hectares, ainda a depen-

der da janela climática. Se confirmada, será a primeira queda nos últimos nove anos.

Gráfico 7 – Comportamento da área de milho segunda safra no Brasil



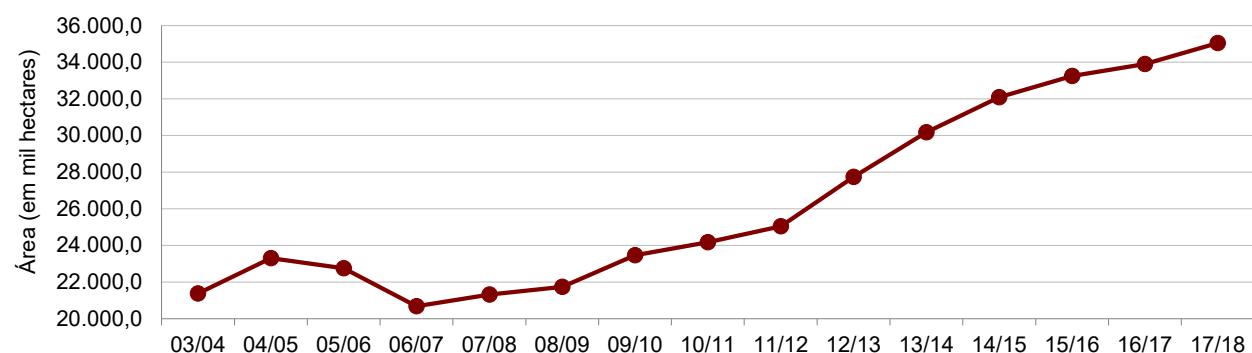
Fonte: Conab.

3.7. SOJA

A lavoura de soja tem sido a protagonista no aumento da área e produção de grãos no país. Sua maior liquidez e a possibilidade de melhor rentabilidade em relação a outras culturas fazem com que os produtores

se sintam estimulados a continuar apostando na cultura. Neste levantamento o crescimento da área está sendo estimado em 3,4% em relação ao ano passado, atingindo 35.046,5 mil hectares.

Gráfico 8 - Comportamento da área de soja no Brasil



Fonte: Conab.



Tabela 1 – Estimativa de área plantada de grãos

(Em 1000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2016/17 (a)	2017/18		Percentual	Absoluta
		fev/2018 (b)	mar/2018 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO	939,1	1.102,3	1.143,4	21,8	204,3
AMENDOIM TOTAL	129,3	145,1	145,3	12,4	16,0
AMENDOIM 1ª SAFRA	118,3	134,2	134,2	13,4	15,9
AMENDOIM 2ª SAFRA	11,0	10,9	11,1	0,9	0,1
ARROZ	1.980,9	1.945,2	1.943,8	(1,9)	(37,1)
ARROZ SEQUEIRO	524,4	510,3	511,9	(2,4)	(12,5)
ARROZ IRRIGADO	1.456,5	1.434,9	1.431,9	(1,7)	(24,6)
FEIJÃO TOTAL	3.180,3	3.167,1	3.194,3	0,4	14,0
FEIJÃO TOTAL CORES	1.447,3	1.401,5	1.397,0	(3,5)	(50,3)
FEIJÃO TOTAL PRETO	323,7	322,8	320,3	(1,1)	(3,4)
FEIJÃO TOTAL CAUPI	1.409,3	1.442,8	1.477,0	4,8	67,7
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.111,0	1.052,4	1.050,5	(5,4)	(60,5)
CORES	478,2	461,2	459,7	(3,9)	(18,5)
PRETO	174,7	180,7	180,5	3,3	5,8
CAUPI	458,1	410,5	410,3	(10,4)	(47,8)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.426,9	1.472,3	1.501,4	5,2	74,5
CORES	430,3	401,5	398,5	(7,4)	(31,8)
PRETO	134,7	127,8	125,5	(6,8)	(9,2)
CAUPI	861,9	943,0	977,4	13,4	115,5
FEIJÃO 3ª SAFRA	642,4	642,4	642,4	-	-
CORES	538,8	538,8	538,8	-	-
PRETO	14,3	14,3	14,3	-	-
CAUPI	89,3	89,3	89,3	-	-
GIRASSOL	62,7	76,4	74,3	18,5	11,6
MAMONA	28,0	33,9	38,6	37,9	10,6
MILHO TOTAL	17.591,7	16.425,6	16.381,8	(6,9)	(1.209,9)
MILHO 1ª SAFRA	5.482,5	4.992,6	4.992,5	(8,9)	(490,0)
MILHO 2ª SAFRA	12.109,2	11.433,0	11.389,3	(5,9)	(719,9)
SOJA	33.909,4	35.022,8	35.046,5	3,4	1.137,1
SORGO	628,5	653,8	652,8	3,9	24,3
SUBTOTAL	58.449,9	58.572,2	58.620,8	0,3	170,9
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2017 (a)	2018		Percentual	Absoluta
		fev/2018 (b)	mar/2018 (c)	(c/a)	(c-a)
AVEIA	340,3	340,3	340,3	-	-
CANOLA	48,1	48,1	48,1	-	-
CENTEIO	3,6	3,6	3,6	-	-
CEVADA	108,4	108,4	108,4	-	-
TRIGO	1.916,0	1.916,0	1.916,0	-	-
TRITICALE	23,0	23,0	23,0	-	-
SUBTOTAL	2.439,4	2.439,4	2.439,4	-	-
BRASIL	60.889,3	61.011,6	61.060,2	0,3	170,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2018.





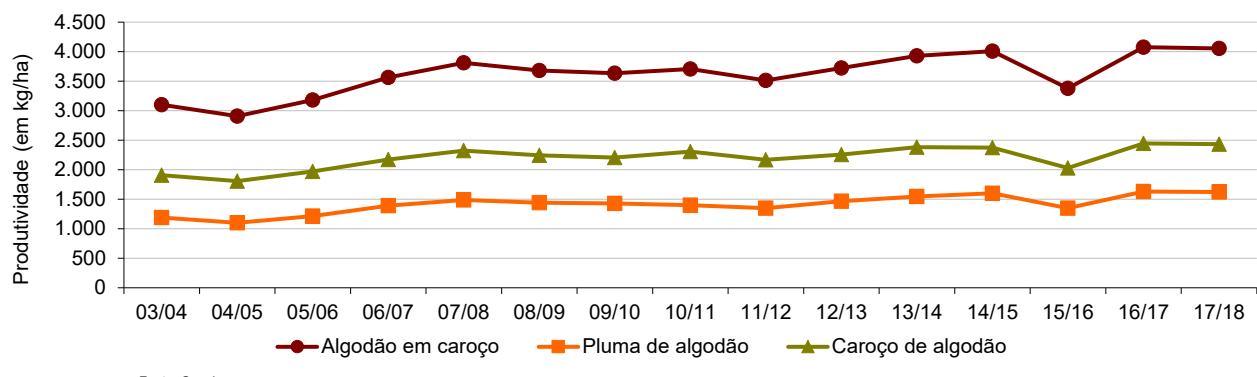
4. ESTIMATIVA DE PRODUTIVIDADE

4.1. ALGODÃO

O cultivo de algodão é diferente das demais culturas do país. Para que o produtor alcance rentabilidade a fim de se manter na cadeia de produção, é necessário que a produção seja verticalizada. Essa verticalização consiste em o produtor (ou um grupo deles) ser responsável pelo descaroçamento do produto (separação da pluma e do caroço), o que facilita a comercialização, tendo em vista que os compradores/destinatários da pluma e do caroço são diferentes, o que agrega valor ao produto.

Além disso, para ter resultados positivos, a semeadura exige alto padrão tecnológico e gestão profissional, o que resulta em alta produtividade. A estimativa atual permanece próxima à do excelente resultado obtido na safra passada. Na Região Centro-Oeste, que concentra 72% da produção brasileira, a estimativa é de melhores produtividades que a safra anterior, uma vez que a característica dos produtores locais é o cultivo da fibra nas áreas mais férteis das fazendas que, aliado à melhor tecnologia disponível, possibilita produtividades superiores ao de outras regiões do país.

Gráfico 1 - Comportamento da produtividade de algodão no Brasil



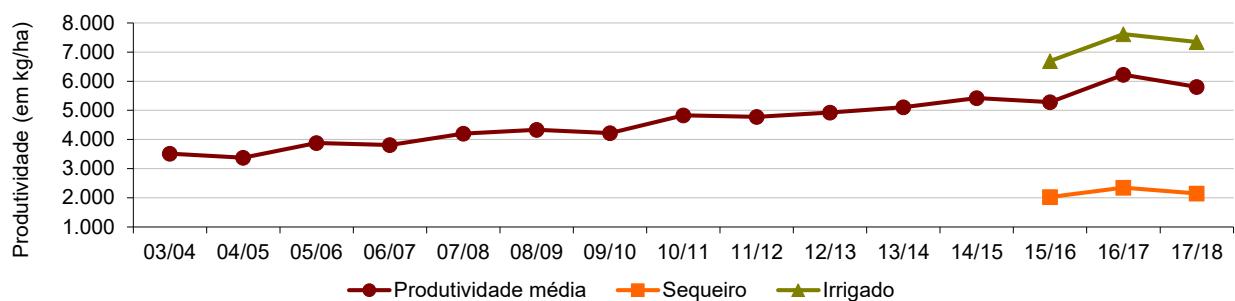
Fonte: Conab.

4.2. ARROZ

Nesse levantamento há uma redução na produtividade estimada, frente ao a uma parte do plantio ter sido realizado fora do período ideal. Contudo a estimativa é de produtividade próxima a safras de normalidade

climática, sendo a segunda melhor da série histórica, menor apenas do que a safra anterior, que teve um excelente comportamento.

Gráfico 2 - Comportamento da produtividade de arroz no Brasil



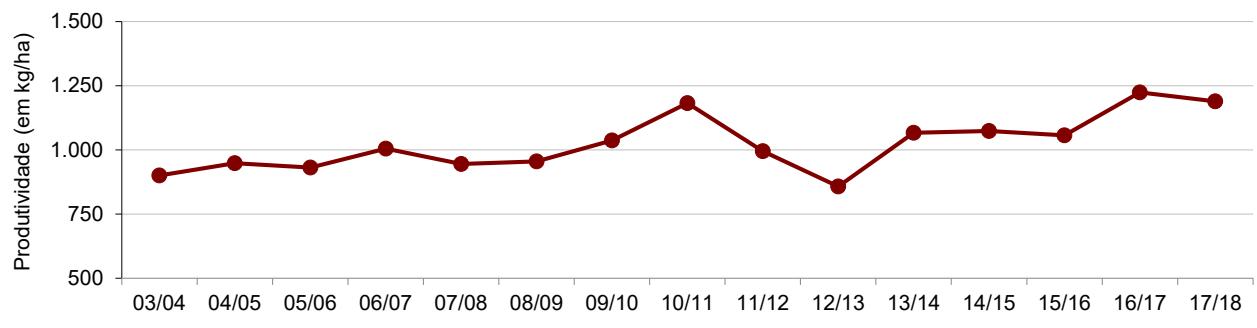
Fonte: Conab.

4.3. FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

O cultivo de feijão na primeira safra, considerado de risco pela baixa tecnificação em algumas regiões e problemas climáticos e fitossanitários em outras, foi mais uma vez afetado. A estimativa é de redução na produtividade do feijão-comum cores (queda de 3,3%)

e mais acentuada no feijão-comum preto (11,3%), frente à ocorrência de chuvas na colheita. No caso do feijão-caupi a estimativa é de redução da produtividade em 2,6%, dada às condições de plantio e baixa tecnologia utilizada para o seu plantio.

Gráfico 3 - Comportamento da produtividade de feijão primeira safra no Brasil



Fonte: Conab.

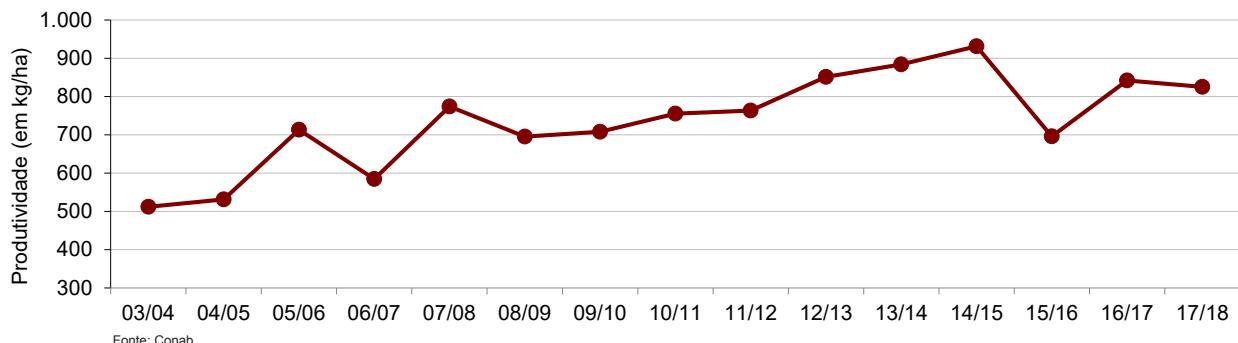


4.4. FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

As estimativas iniciais, baseadas em análise estatística e no pacote tecnológico utilizado pelo produtor, apontam para uma produtividade semelhante à safra

passada, com aumento para o feijão-comum cores e preto, e redução para o feijão-caupi.

Gráfico 4 - Comportamento da produtividade de feijão segunda safra no Brasil



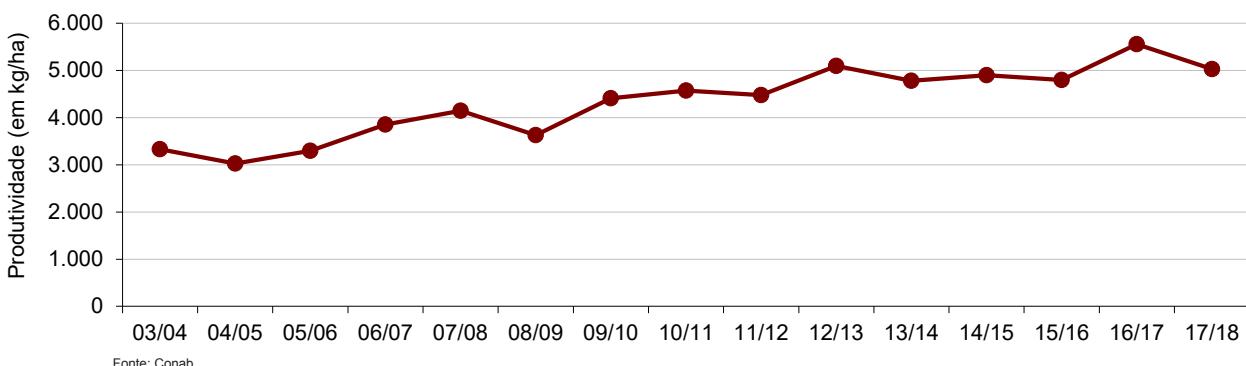
Fonte: Conab.

4.5. MILHO PRIMEIRA SAFRA

As boas condições climáticas no Maranhão, Bahia e Minas Gerais impactou positivamente na estimativa de produtividade nesse levantamento. A redução saiu

10,8 para 9,4% na produtividade do milho em relação à safra anterior.

Gráfico 5 - Comportamento da produtividade de milho primeira safra no Brasil



Fonte: Conab.

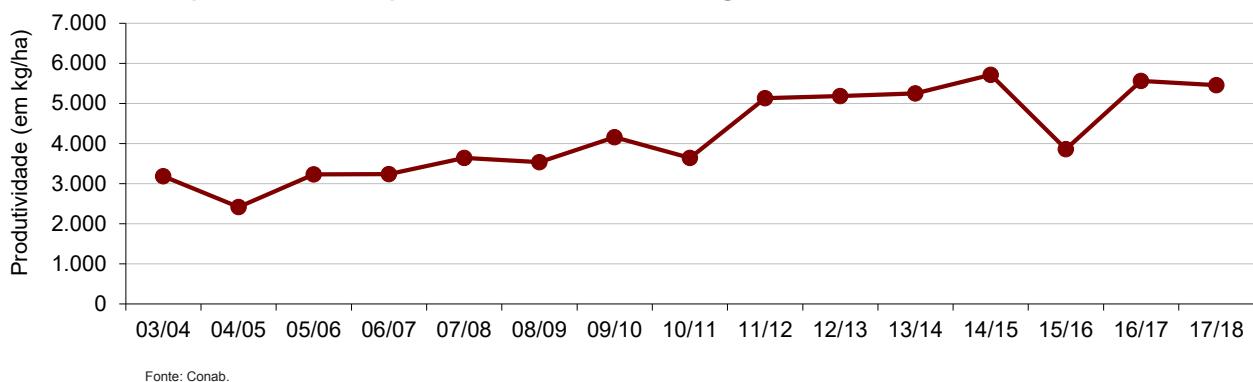
4.6. MILHO SEGUNDA SAFRA

As estimativas iniciais, baseadas em análise estatística e no pacote tecnológico utilizado pelo produtor, apontavam para uma produtividade semelhantes à safra passada. Nesse levantamento foi constatado

uma redução no pacote utilizado pelos produtores no Mato Grosso, Paraná e Goiás, o que reduziu a produtividade estimada.



Gráfico 6 - Comportamento da produtividade de milho segunda safra no Brasil



Fonte: Conab.

4.7. SOJA

Uma vez que a colheita iniciou e não houve problemas expressivos no desenvolvimento da cultura, à medida que a colheita avança, as produtividades constatadas têm trazido bons resultados aos produto-

res. A estimativa do rendimento para a safra 2017/18 (3.225 kg/ha) está de acordo com o pacote tecnológico utilizado e deverá ser a segunda maior produtividade média do país.

Gráfico 7 - Comportamento da produtividade de soja no Brasil



Fonte: Conab.



Tabela 1 – Estimativa de produtividade – Grãos

(Em kg/ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2016/17 (a)	2017/18		Percentual	Absoluta
		fev/2018 (b)	mar/2018 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO ⁽¹⁾	2.445	2.433	2.432	(0,5)	(13,3)
ALGODÃO EM PLUMA	1.629	1.623	1.622	(0,4)	(6,9)
AMENDOIM TOTAL	3.606	3.441	3.438	(4,6)	(167,4)
AMENDOIM 1ª SAFRA	3.709	3.525	3.524	(5,0)	(184,8)
AMENDOIM 2ª SAFRA	2.494	2.400	2.399	(3,8)	(95,3)
ARROZ	6.223	5.984	5.802	(6,8)	(421,1)
ARROZ SEQUEIRO	2.347	2.151	2.172	(7,4)	(174,8)
ARROZ IRRIGADO	7.619	7.347	7.100	(6,8)	(519,0)
FEIJÃO TOTAL	1.069	1.042	1.033	(3,4)	(35,8)
CORES	1.505	1.495	1.480	(1,7)	(25,6)
PRETO	1.568	1.518	1.510	(3,7)	(57,9)
CAUPI	506	496	507	0,2	1,1
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.225	1.192	1.189	(2,9)	(35,3)
CORES	1.779	1.758	1.719	(3,3)	(59,2)
PRETO	1.829	1.636	1.622	(11,3)	(206,8)
CAUPI	416	359	405	(2,6)	(10,9)
FEIJÃO 2ª SAFRA	842	838	825	(2,0)	(16,9)
CORES	1.338	1.360	1.351	1,0	13,2
PRETO	1.338	1.444	1.444	7,9	105,7
CAUPI	516	512	510	(1,2)	(6,3)
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.304	1.264	1.264	(3,1)	(39,8)
CORES	1.396	1.370	1.370	(1,9)	(26,1)
PRETO	554	687	687	23,9	132,3
CAUPI	869	719	719	(17,2)	(149,8)
GIRASSOL	1.653	1.575	1.578	(4,6)	(75,6)
MAMONA	470	478	487	3,7	17,4
MILHO TOTAL	5.562	5.358	5.328	(4,2)	(234,0)
MILHO 1ª SAFRA	5.556	4.956	5.032	(9,4)	(524,4)
MILHO 2ª SAFRA	5.564	5.533	5.458	(1,9)	(106,9)
SOJA	3.364	3.185	3.225	(4,1)	(139,1)
SORGO	2.967	2.888	2.878	(3,0)	(88,8)
SUBTOTAL	3.976	3.751	3.756	(5,5)	(220,0)
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2016/17 (a)	2017/18		Percentual	Absoluta
		fev/2018 (b)	mar/2018 (c)	(c/a)	(c-a)
AVEIA	1.862,0	2.210	2.210	18,7	348,0
CANOLA	848,0	1.264	1.264	49,1	416,0
CENTEIO	1.722,0	1.917	1.917	11,3	195,0
CEVADA	2.602,0	2.984	2.984	14,7	382,0
TRIGO	2.225,0	2.431	2.431	9,3	206,0
TRITICALE	2.326,0	2.622	2.622	12,7	296,0
SUBTOTAL	2.164	2.402	2.402	11,0	238,0
BRASIL (2)	3.903	3.697	3.702	(5,2)	-201,1

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Exclui a produtividade de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2018.



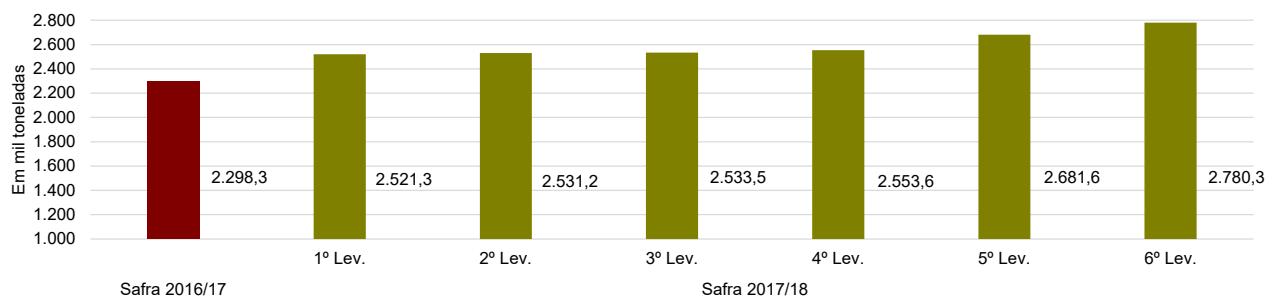


5. ESTIMATIVA DE PRODUÇÃO

A produção estimada, para a safra 2017/18, indica um volume de 226 milhões de toneladas, 466,3 mil toneladas superior ao levantamento passado, resultado do avanço da colheita da soja que tem confirmado boas produtividades. Apesar desse resultado ser 4,9% menor que o da última safra, o Brasil deve colher a segunda maior safra da história.

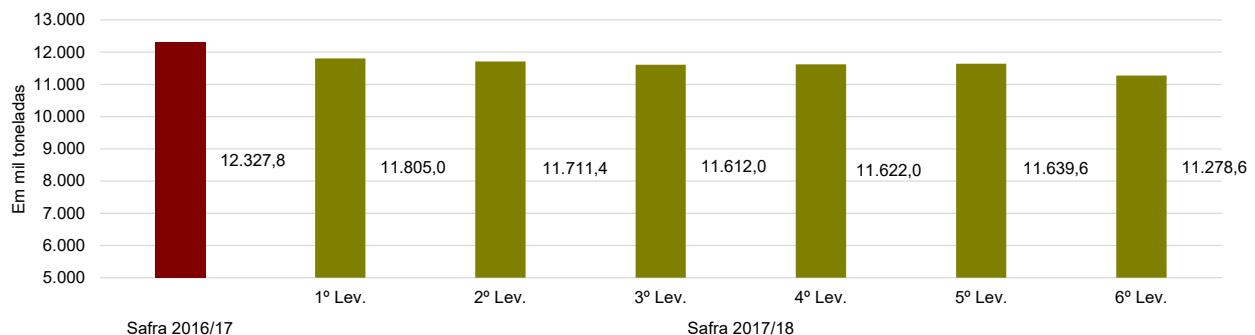
A soja e o milho permanecem como principais culturas produzidas no país. A produção da soja está estimada em 113 milhões de toneladas, enquanto o milho deverá ter uma produção de 87,3 milhões de toneladas, distribuído entre primeira (25,1 milhões de toneladas) e segunda safras (62,2 milhões de toneladas).

Gráfico 1 - Comportamento da produção de caroço de algodão no Brasil



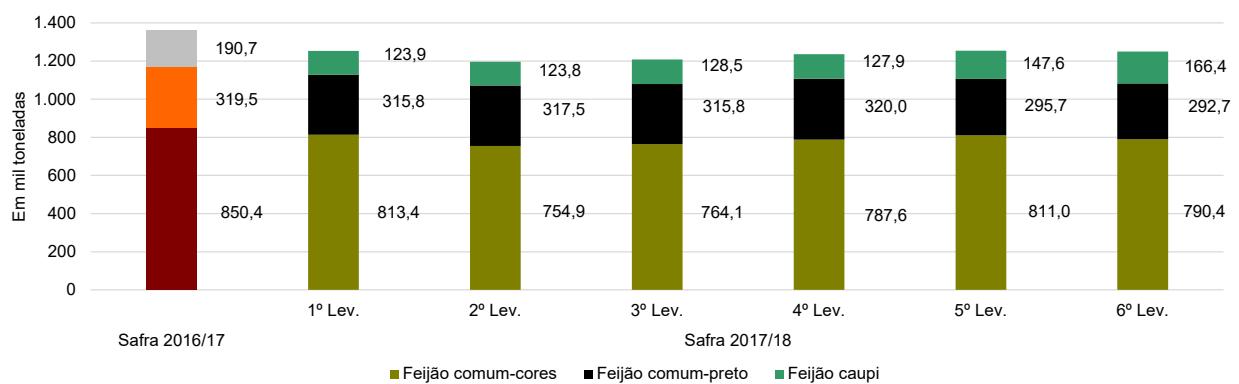
Fonte: Conab.

Gráfico 2 - Comportamento da produção de arroz no Brasil



Fonte: Conab.

Gráfico 3 - Comportamento da produção de feijão primeira safra no Brasil



Fonte: Conab.



Gráfico 4 - Comportamento da produção de feijão segunda safra no Brasil

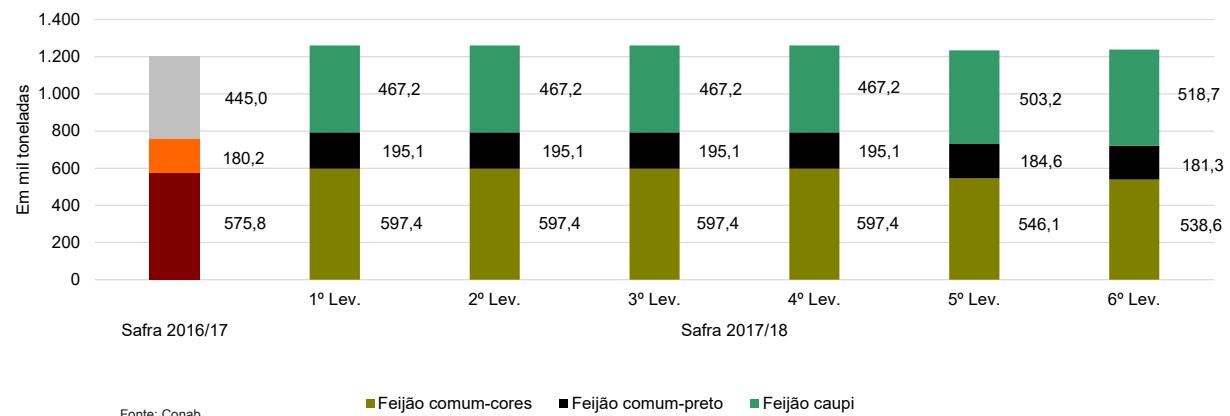


Gráfico 5 Comportamento da produção de milho primeira safra no Brasil

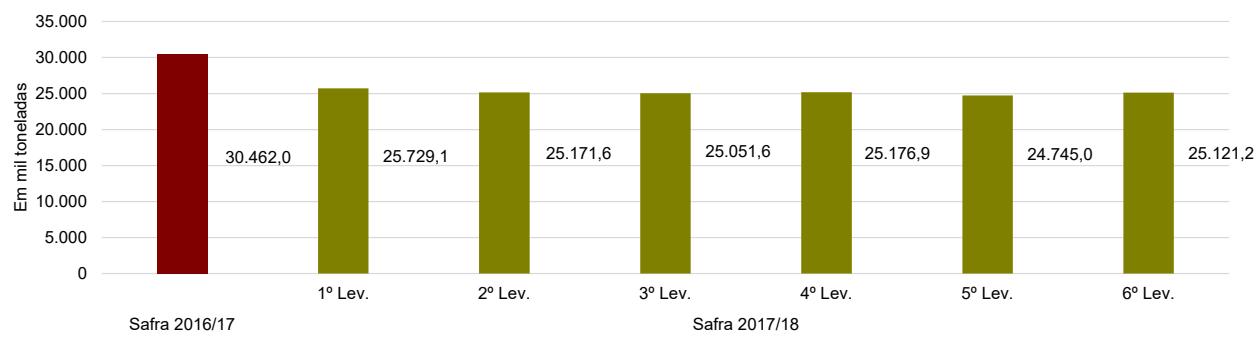
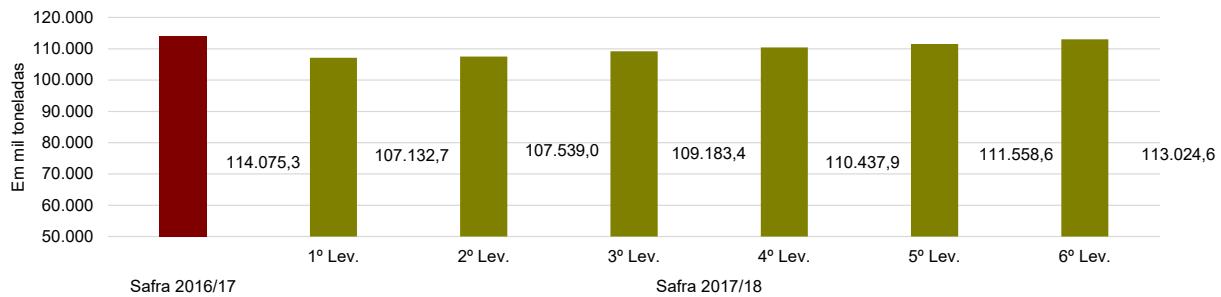


Gráfico 6 - Comportamento da produção de milho segunda safra no Brasil



Gráfico 7 - Comportamento da produção de soja no Brasil



Fonte: Conab.

Tabela 1 – Estimativa de produção – Grãos

(Em 1000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2016/17 (a)	2017/18		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		fev/2018 (b)	mar/2018 (c)		
ALGODÃO - CAROÇO (1)	2.298,3	2.681,6	2.780,3	21,0	482,0
ALGODÃO - PLUMA	1.529,5	1.789,0	1.854,9	21,3	325,4
AMENDOIM TOTAL	466,2	499,4	499,6	7,2	33,4
AMENDOIM 1ª SAFRA	438,8	473,2	473,0	7,8	34,2
AMENDOIM 2ª SAFRA	27,4	26,2	26,6	(2,9)	(0,8)
ARROZ	12.327,8	11.639,6	11.278,6	(8,5)	(1.049,2)
ARROZ SEQUEIRO	1.230,7	1.097,9	1.112,0	(9,6)	(118,7)
ARROZ IRRIGADO	11.097,1	10.541,7	10.166,6	(8,4)	(930,5)
FEIJÃO TOTAL	3.399,5	3.300,2	3.300,2	(2,9)	(99,3)
FEIJÃO TOTAL CORES	2.178	2.095	2.067	(5,1)	(111,1)
FEIJÃO TOTAL PRETO	508	490	484	(4,7)	(23,8)
FEIJÃO TOTAL CAUPI	713	715	749	5,1	36,1
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.360,6	1.254,3	1.249,5	(8,2)	(111,1)
CORES	850,4	811,0	790,4	(7,1)	(60,0)
PRETO	319,5	295,7	292,7	(8,4)	(26,8)
CAUPI	190,7	147,6	166,4	(12,7)	(24,3)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.200,9	1.233,8	1.238,6	3,1	37,7
CORES	575,8	546,1	538,6	(6,5)	(37,2)
PRETO	180,2	184,6	181,3	0,6	1,1
CAUPI	445,0	503,2	518,7	16,6	73,7
FEIJÃO 3ª SAFRA	837,7	812,4	812,4	(3,0)	(25,3)
CORES	752,1	738,2	738,2	(1,8)	(13,9)
PRETO	7,9	9,8	9,8	24,1	1,9
CAUPI	77,6	64,3	64,3	(17,1)	(13,3)
GIRASSOL	103,7	120,4	117,3	13,1	13,6
MAMONA	13,1	16,2	18,7	42,7	5,6
MILHO TOTAL	97.842,8	88.006,7	87.279,0	(10,8)	(10.563,8)
MILHO 1ª SAFRA	30.462,0	24.745,0	25.121,2	(17,5)	(5.340,8)
MILHO 2ª SAFRA	67.380,9	63.261,6	62.158,1	(7,8)	(5.222,8)
SOJA	114.075,3	111.558,6	113.024,6	(0,9)	(1.050,7)
SORGO	1.864,8	1.888,4	1.879,1	0,8	14,3
SUBTOTAL	232.391,5	219.711,1	220.177,4	(5,3)	(12.214,1)
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2016/17 (a)	2017/18		Percentual (b/a)	Absoluta (b-a)
		fev/2018 (b)	mar/2018 (c)		
AVEIA	633,8	752,0	752,0	18,6	118,2
CANOLA	40,8	60,8	60,8	49,0	20,0
CENTEIO	6,2	6,9	6,9	11,3	0,7
CEVADA	282,1	323,4	323,4	14,7	41,4
TRIGO	4.263,5	4.657,0	4.657,0	9,2	393,5
TRITICALE	53,5	60,3	60,3	12,7	6,8
SUBTOTAL	5.279,9	5.860,4	5.860,4	11,0	580,6
BRASIL (2)	237.671,4	225.571,5	226.037,8	(4,9)	(11.633,5)

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2018.



Tabela 2 – Comparativo de área, produtividade e produção – Produtos selecionados (*)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)				PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)	
NORTE	2.934,9	2.994,0	2,0	3.246	3.198	(1,5)	9.527,5	9.575,6	0,5	
RR	54,8	69,1	26,1	4.210	3.915	(7,0)	230,7	270,5	17,3	
RO	553,0	554,4	0,3	3.371	3.397	0,8	1.864,0	1.883,2	1,0	
AC	46,8	46,4	(0,9)	1.976	1.976	-	92,5	91,7	(0,9)	
AM	19,2	18,6	(3,1)	2.214	2.151	(2,9)	42,5	40,0	(5,9)	
AP	23,5	23,5	-	2.498	2.434	(2,6)	58,7	57,2	(2,6)	
PA	861,5	878,6	2,0	3.129	2.982	(4,7)	2.696,0	2.620,2	(2,8)	
TO	1.376,1	1.403,4	2,0	3.301	3.287	(0,4)	4.543,1	4.612,8	1,5	
NORDESTE	7.852,4	8.123,6	3,5	2.319	2.246	(3,2)	18.206,1	18.242,3	0,2	
MA	1.565,3	1.674,4	7,0	3.061	3.026	(1,2)	4.790,7	5.066,3	5,8	
PI	1.476,8	1.514,6	2,6	2.469	2.377	(3,7)	3.645,5	3.600,9	(1,2)	
CE	932,0	860,5	(7,7)	591	500	(15,4)	550,4	430,4	(21,8)	
RN	67,6	67,6	-	426	454	6,6	28,8	30,7	6,6	
PB	179,5	189,3	5,5	393	378	(3,8)	70,5	71,6	1,6	
PE	344,3	449,7	30,6	329	342	3,9	113,4	153,7	35,5	
AL	80,1	80,1	-	790	754	(4,5)	63,3	60,4	(4,6)	
SE	193,0	193,0	-	4.468	3.325	(25,6)	862,4	641,7	(25,6)	
BA	3.013,8	3.094,4	2,7	2.681	2.646	(1,3)	8.081,1	8.186,6	1,3	
CENTRO-OESTE	24.963,6	25.117,3	0,6	4.144	4.007	(3,3)	103.449,8	100.655,5	(2,7)	
MT	15.119,1	15.172,7	0,4	4.100	3.931	(4,1)	61.986,5	59.644,4	(3,8)	
MS	4.441,3	4.492,3	1,1	4.229	4.125	(2,5)	18.784,2	18.529,5	(1,4)	
GO	5.241,5	5.291,1	0,9	4.173	4.088	(2,0)	21.873,1	21.629,2	(1,1)	
DF	161,7	161,2	(0,3)	4.985	5.288	6,1	806,0	852,4	5,8	
SUDESTE	5.486,0	5.466,5	(0,4)	4.221	4.126	(2,2)	23.157,8	22.556,6	(2,6)	
MG	3.372,7	3.289,8	(2,5)	4.175	4.116	(1,4)	14.080,0	13.541,2	(3,8)	
ES	24,0	24,0	-	2.058	1.942	(5,7)	49,4	46,6	(5,7)	
RJ	4,8	4,5	(6,3)	1.938	1.933	(0,2)	9,3	8,7	(6,5)	
SP	2.084,5	2.148,2	3,1	4.327	4.171	(3,6)	9.019,1	8.960,1	(0,7)	
SUL	19.652,4	19.358,8	(1,5)	4.240	3.875	(8,6)	83.330,2	75.007,8	(10,0)	
PR	9.732,7	9.466,6	(2,7)	4.197	3.876	(7,7)	40.851,4	36.691,4	(10,2)	
SC	1.312,8	1.264,0	(3,7)	5.303	4.704	(11,3)	6.962,1	5.945,9	(14,6)	
RS	8.606,9	8.628,2	0,2	4.127	3.752	(9,1)	35.516,6	32.370,6	(8,9)	
NORTE/NORDESTE	10.787,3	11.117,6	3,1	2.571	2.502	(2,7)	27.733,6	27.817,9	0,3	
CENTRO-SUL	50.102,0	49.942,6	(0,3)	4.190	3.969	(5,3)	209.937,8	198.219,9	(5,6)	
BRASIL	60.889,3	61.060,2	0,3	3.903	3.702	(5,2)	237.671,4	226.037,8	(4,9)	

Legenda: (*) Produtos selecionados: Caroço de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª e 2ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2018.





6. CRÉDITO RURAL

A informações do crédito rural de custeio são utilizadas para compreensão e acompanhamento das principais culturas avaliadas pela Companhia. As análises realizadas tomam como base o crédito liberado pelas instituições financeiras, mas tem-se a consciência que outras fontes de crédito são utilizadas pelos produtores rurais. A análise apresentada terá como foco o janeiro de 2018.

As informações de custeio foram obtidas do Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (Sicor), do Banco Central do Brasil (Bacen), cujo último acesso foi realizado em 05 de março de 2018, para o Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor (Pronamp), o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) e o Financiamento Sem Vínculo a Programa Específico.

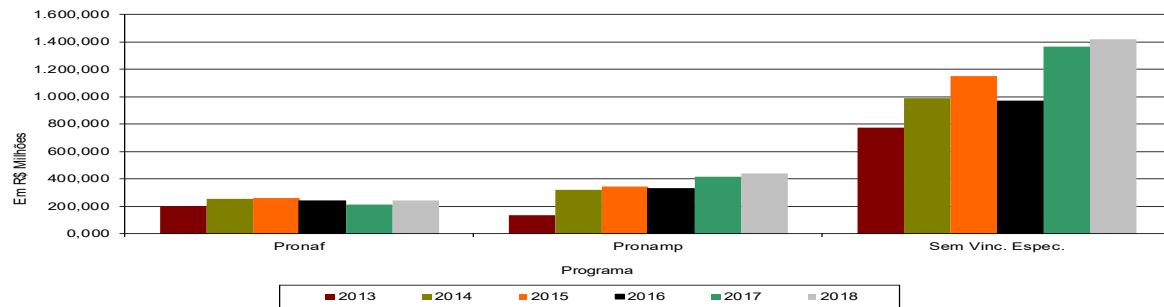
Análise das informações do SICOR e do Bacen:

A utilização do crédito de custeio em Janeiro tem o melhor registro desde 2013. Destaca-se o Financiamento Sem Vínculo a Programa Específico com o volume de R\$ 1,4 bilhão de reais, com crescimento de 4% em relação a 2017.

No Pronamp, com crescimento de 5% em relação a 2017, tem o volume de R\$ 438,4 milhões de reais. Há crescimento do uso de recursos para o arroz, feijão e soja. No caso do Pronaf, deve-se registrar incremento no aporte se comparado com o movimento de 2017. Para a agricultura familiar houve redução de crédito

para o plantio de arroz e milho, enquanto que se pode observar aumento para o cultivo de feijão e para a soja.

Gráfico 1 - Financiamento por programa – Janeiro de 2013 a 2018



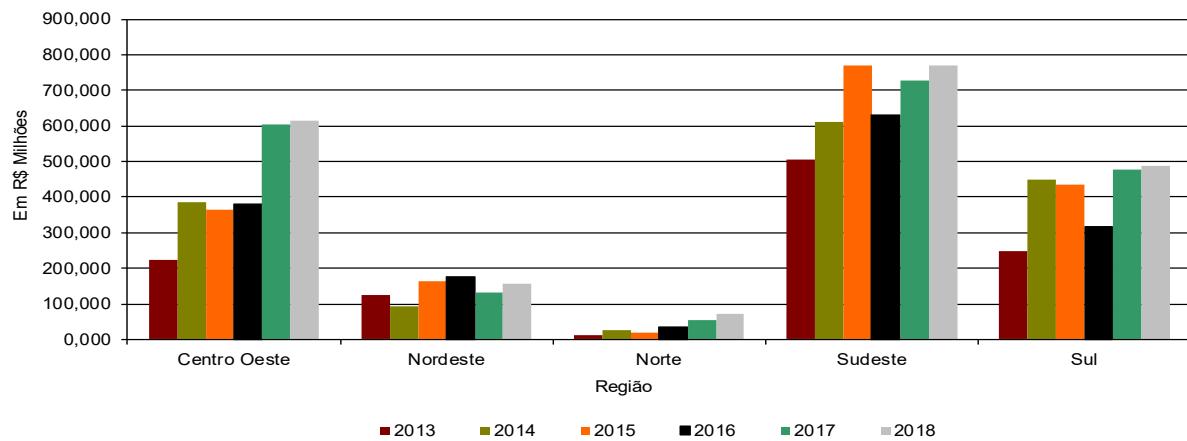
Fonte: Bacen.

O Gráfico 2 demonstra a participação na utilização do crédito por região geográfica. Observa-se que a participação do crédito, quando analisada toda a série disponível, é crescente na Região Centro Oeste, Norte e Sul, o que é compatível com a evolução do plantio e

colheita, nessas regiões.

Com relação ao crédito no Nordeste, pode-se destacar as principais regiões produtoras do sul do Maranhão, do Piauí e oeste baiano.

Gráfico 2 - Participação por região - Janeiro de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.

As análises seguintes serão particularizadas para os produtos algodão, arroz, feijão, milho e soja, tendo

como fonte as informações do crédito rural obtidas do Sicor/Bacen, nos anos de 2013 a 2018.

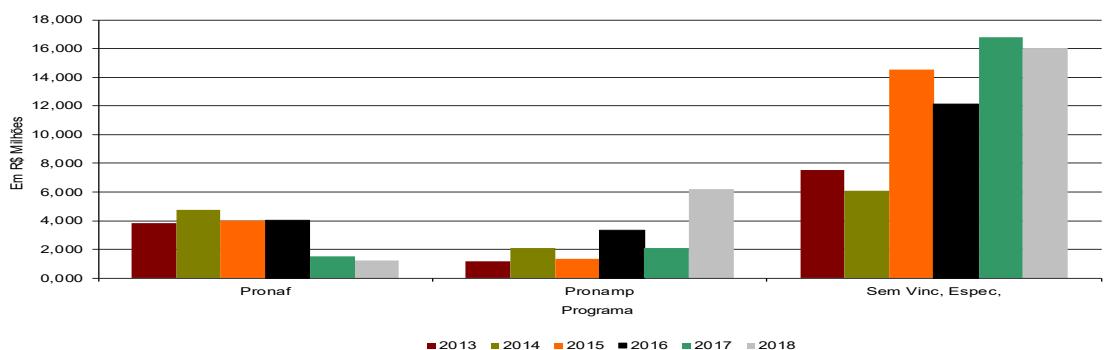
6.2. A CULTURA DO ARROZ

Nas informações constantes do Gráfico 3 se destacam a baixa utilização de crédito pelo Pronaf e do Pronamp, quando comparadas ao aporte observado Sem Vínculo à Programa Específico. O aspecto importante

é que o uso do crédito sem vínculo específico tem relação com o custeio da safra irrigada, que é uma cultura com alta tecnologia.



Gráfico 3 - Arroz - Tipo de financiamento –Participação por programa - Janeiro de 2013 a 2018

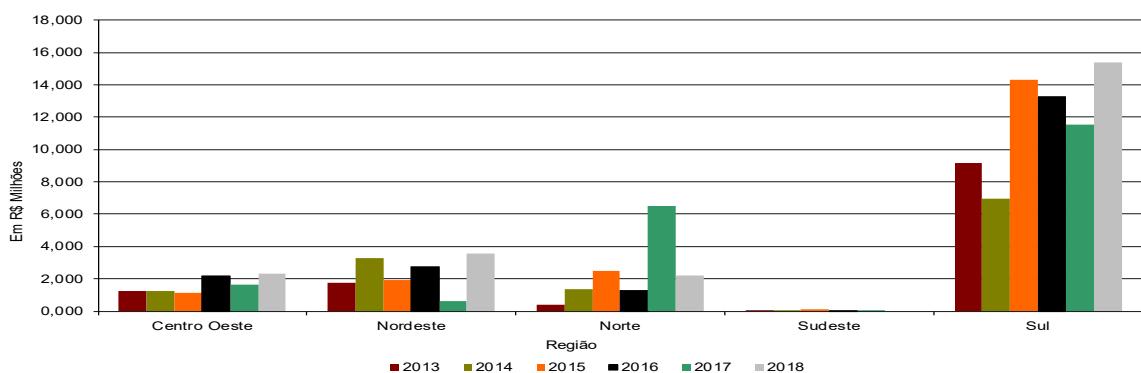


Fonte: Bacen.

Pode-se comentar que a concentração do plantio na Região Sul explica as informações da participação por região (Gráfico 4). Na Região Norte se destaca a utili-

zação do crédito de custeio em Tocantins, que pode ser para tratos culturais e colheita do arroz.

Gráfico 4 – Arroz - Participação por região - Janeiro de 2013 a 2018



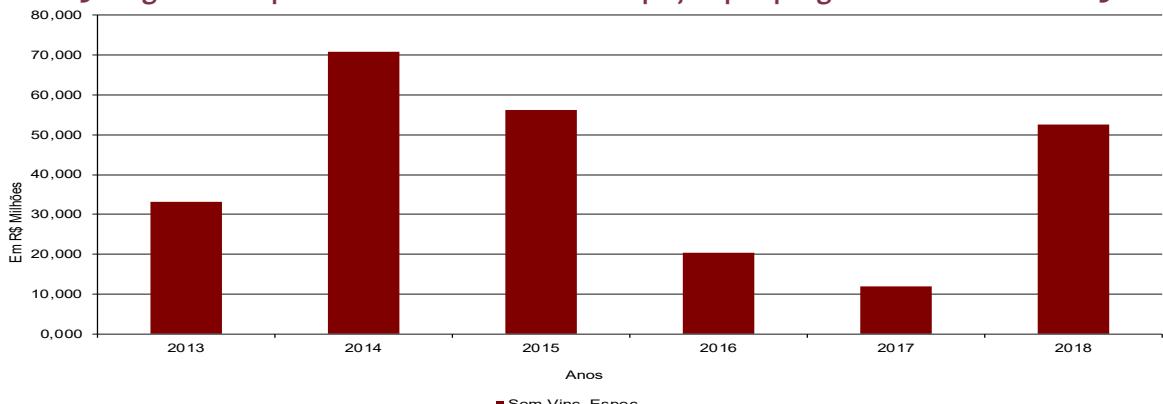
Fonte: Bacen.

6.3. A CULTURA DO ALGODÃO

O plantio do algodão exige alta tecnologia, o que explica a concentração do Financiamento Sem Vínculo Específico (Gráfico 5). Para janeiro de 2018, observa-se uma forte retomada na obtenção de crédito para

custeio do algodão, fator que pode ser explicado pela estimativa de sensível aumento da área para a safra 2017/18, por volta de 21%.

Gráfico 5 - Algodão – Tipo de financiamento – Participação por programa - Janeiro de 2013 a 2018



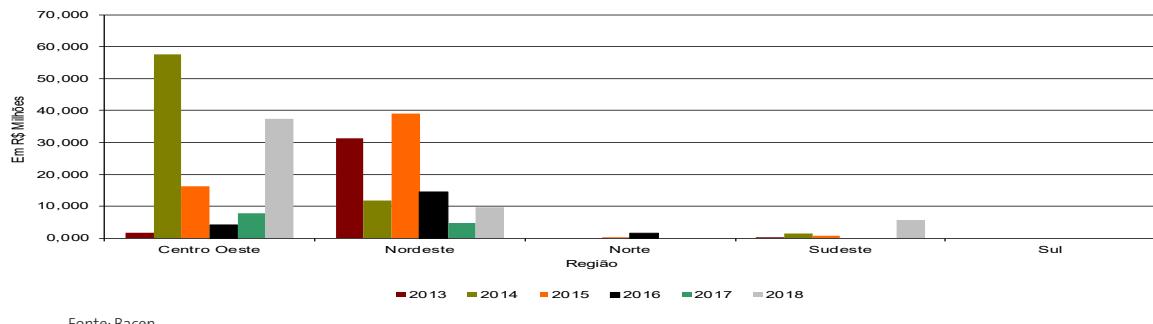
Fonte: Bacen.



A Bahia e o Mato Grosso são os principais estados produtores, o que explica as informações do Gráfico

6. Por ser cultura de alta tecnologia, os investimentos têm relação com a retomada da produção.

Gráfico 6 –Algodão –Participação por região - Janeiro de 2013 a 2018



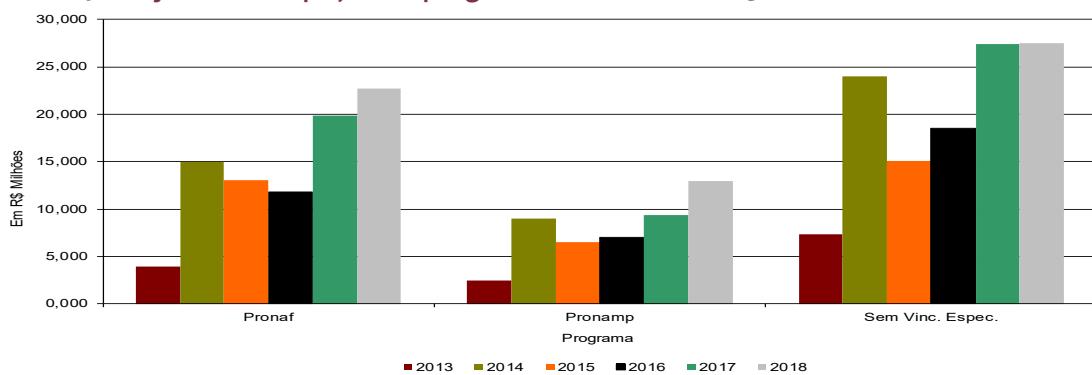
Fonte: Bacen.

6.4. A CULTURA DO FEIJÃO

O Gráfico 7 indica o crescimento de financiamento em todos os programas analisados. A hipótese que pode explicar tal situação é o movimento de plantio

da segunda safra de feijão, que tem a perspectiva de aumento de 3% na produção.

Gráfico 7 - Feijão – Participação de programa - Janeiro de 2013 a 2018

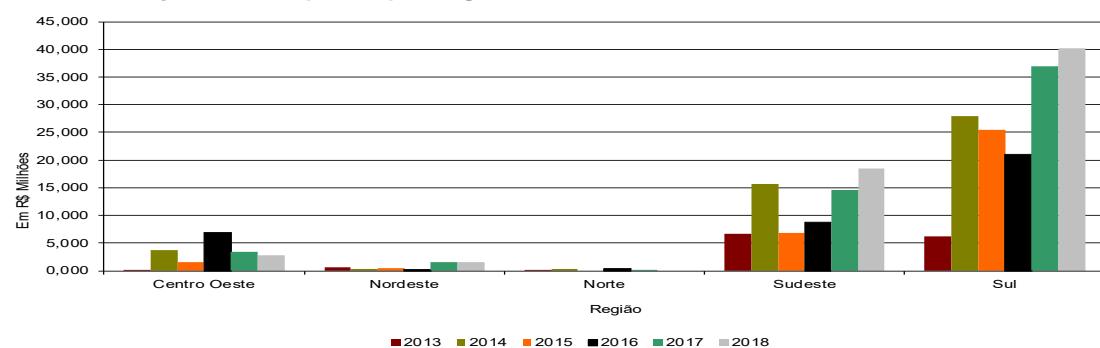


Fonte: Bacen.

As informações constantes do Gráfico 8 são comparáveis com as principais regiões produtoras, especialmente em razão do aumento de área na segunda

safra de feijão. Há previsão de aumento de área em Pernambuco e Goiás.

Gráfico 8 – Feijão - Participação por região - Janeiro de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.

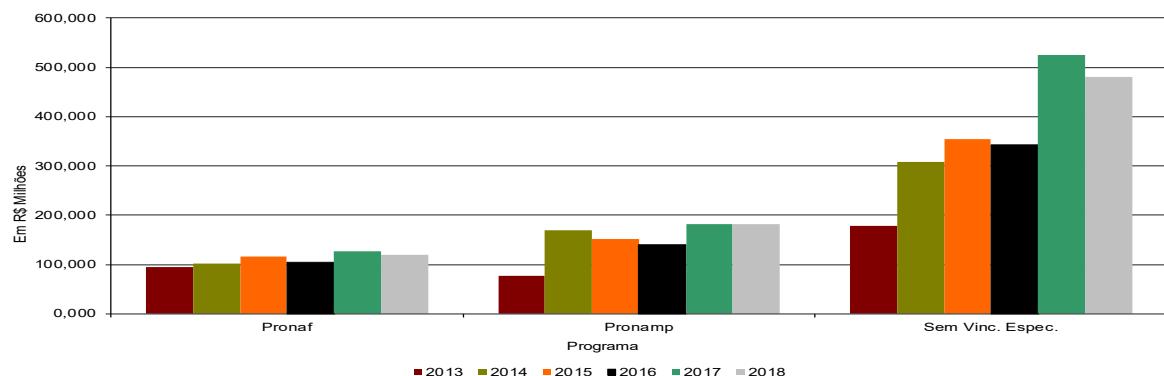


6.5. A CULTURA DO MILHO

No Gráfico 9 se observa que há manutenção ou retração na participação nos programas sob análise, no período analisado. Nesse período, inicia-se o plantio do milho segunda safra e a continuidade da colheita

do milho plantado no semestre anterior. Outro ponto importante é que há perspectiva de decréscimo de área no plantio que se inicia, por volta de 7,8%.

Gráfico 9 – Milho - Participação de programa - Janeiro de 2013 a 2018



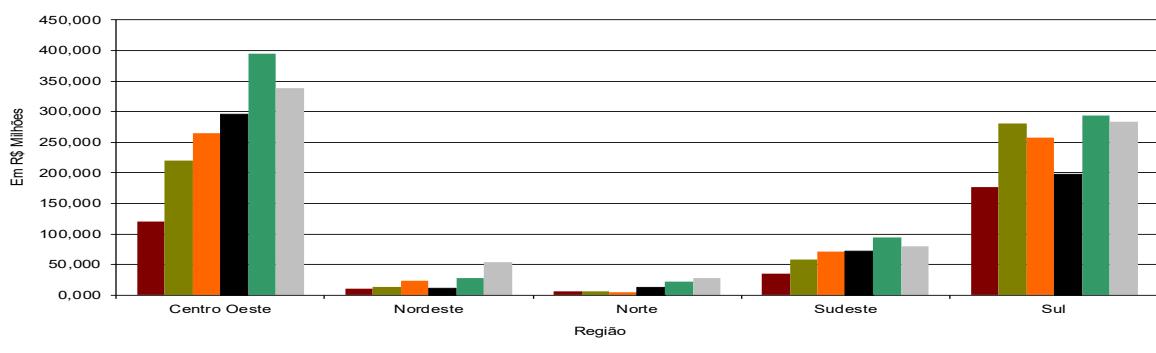
Fonte: Bacen.

No Gráfico 10, pode-se perceber que as regiões Centro-Oeste e Sul são as que mais utilizam o crédito, e são as maiores produtoras. Observa-se redução no aporte nessa região e no Sudeste, esse comportamento é compatível com a estimativa de diminuição na área plantada. Para o Centro-Oeste se estima retração na ordem de 5,7%; para a Região Sul, retração

de 14,4% e para o Sudeste, diminuição de 6,6%, nas áreas de plantio.

Já para as Regiões Norte e Nordeste há aumento no uso do crédito, dado ao momento de plantio e de tratos culturais nessa região.

Gráfico 10 – Milho - Participação por região - Janeiro de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.

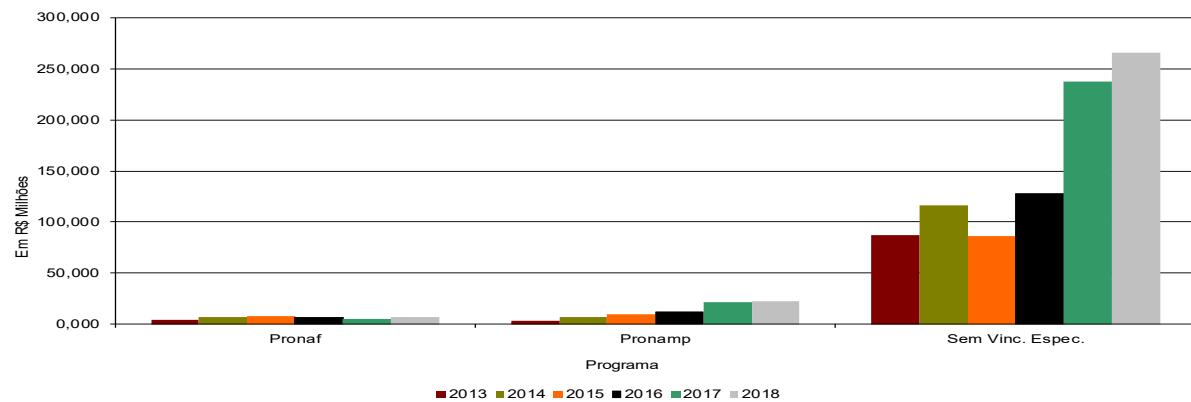
6.6. A CULTURA DA SOJA

O Gráfico 11 tem a participação do uso do crédito por tipo de financiamento, com forte concentração no Financiamento Sem Vínculo Específico. O perfil do pro-

dutor de soja pode explicar tal situação. Nesse tipo de financiamento, observa-se aumento de cerca de 12% de aumento.



Gráfico 11 – Soja - Participação de programa - Janeiro de 2013 a 2018

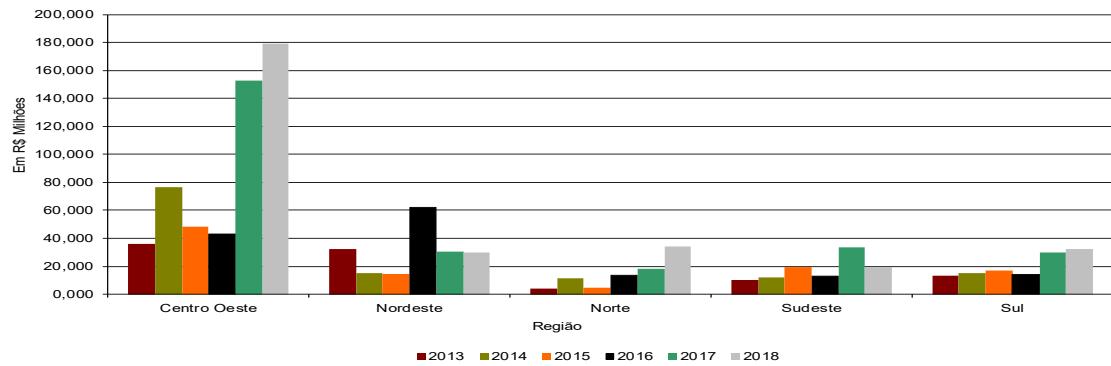


Fonte: Bacen.

O momento é de colheita nas regiões produtoras. O crescimento da produção de soja explica o uso dos re-

cursos destacados no Gráfico 12, com destaque para a Região Centro-Oeste, maior produtora da cultura.

Gráfico 12 – Soja – Participação por região - Janeiro de 2013 a Janeiro de 2018



Fonte: Bacen.





7. ANÁLISE CLIMÁTICA¹ - INMET

7.1. ANÁLISE CLIMÁTICA DE FEVEREIRO

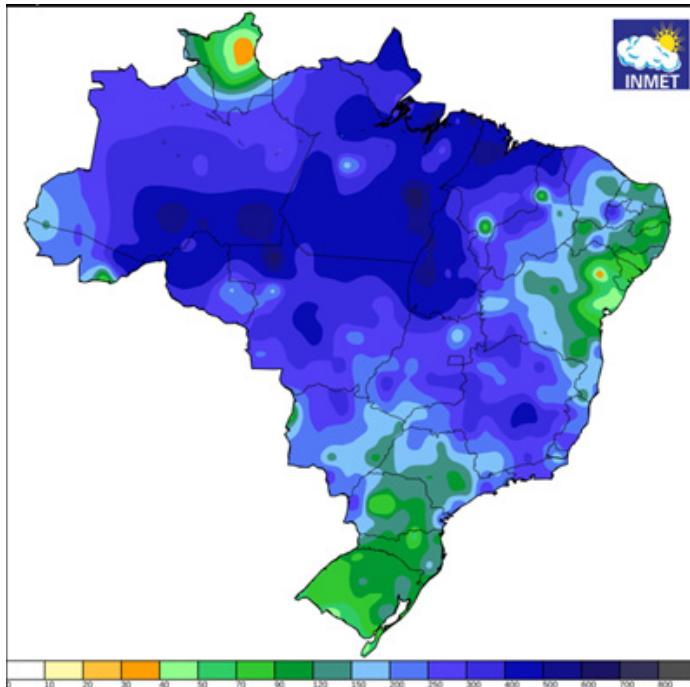
As Regiões Centro-Oeste e Sudeste registraram totais predominantemente dentro da faixa normal ou acima, variando entre 150 e 400 mm (Figura 1). Na Região Centro-Oeste, as chuvas foram mais intensas em Mato Grosso, por exemplo, em Diamantino, onde choveu em praticamente todos os dias, resultando em um volume acima de 350 mm, 100 mm acima da média histórica (Figura 2). Na Região Sudeste, os maiores volumes se concentraram em Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo, com totais de chuva entre 200 e 400 mm. Nesse mesmo período, as chuvas no centro-sul de São Paulo, na faixa entre 90 e 150 mm, não atingiram a média histórica na maioria das localidades (Figura 2).

Na Região do Matopiba (sul do Maranhão, Tocantins, sul do Piauí e oeste da Bahia), as chuvas ficaram dentro da faixa normal ou acima, em fevereiro. Os maiores volumes ocorreram principalmente em Tocantins. Em Peixe, sul do estado, por exemplo, o volume total observado foi de aproximadamente 370 mm. Na mesorregião Oeste da Bahia e no sul do Maranhão, a precipitação total ficou entre 200 e 300 mm. O maior destaque observado nas estações meteorológicas do Inmet na região foi em Floriano, no sudoeste piauiense, com praticamente 400 mm durante fevereiro, cerca de 250 mm acima da média histórica.

¹ Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista do Inmet-Brasília.

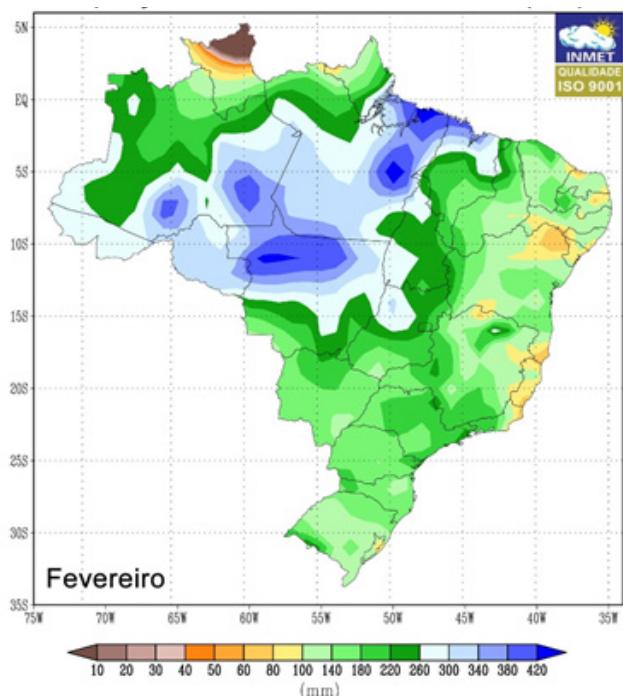
Na Região Sul, as chuvas se apresentaram com características típicas da influência do fenômeno La Niña, com bastante irregularidade e baixa precipitação, principalmente no Rio Grande do Sul (Figura 1). No Paraná, os volumes ficaram entre 120 e 250 mm, e no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, os totais ficaram entre 50 e 150 mm.

Figura 1 - Acumulado da precipitação pluviométrica em fevereiro de 2018 no Brasil



Fonte: Inmet.

Figura 2 - Normal climatológica de precipitação do mês de fevereiro



Fonte: Inmet.

As anomalias positivas na temperatura da superfície do mar no Oceano Atlântico Sul próximo à costa do Rio Grande do Sul e do Uruguai, em fevereiro, se arrefeceram em comparação ao mês anterior, diminuindo o fluxo de umidade do oceano em direção ao continente e corroborando com os efeitos do La Niña (Figura 3).



7.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

O mapa de anomalias da temperatura na superfície do mar (TSM) da segunda metade de fevereiro (Figura 3), mostra o predomínio de áreas com anomalias negativas em torno de -1°C no Oceano Pacífico Equatorial. Nas últimas semanas, o Pacífico apresentou um leve aquecimento na área 3.4 (entre 170°W - 120°W), se estabilizando com desvio em torno de $-0,8^{\circ}\text{C}$, como mostra o gráfico de índice diário de El Niño/La Niña até o dia 2 de março (Gráfico 1).

Para se considerar a atuação de um La Niña, o índice

tem que persistir com valor negativo de pelo menos meio grau por alguns meses seguidos. A faixa de neutralidade está entre $+0,5$ e $-0,5^{\circ}\text{C}$.

As anomalias negativas de TSM no Atlântico Sul, próximo à costa do Rio Grande do Sul e do Uruguai, ficaram menos intensas na segunda metade de fevereiro, desfavorecendo o fluxo de umidade do oceano em direção ao continente, contribuindo para uma diminuição no volume de chuvas na Região Sul.

Figura 3 - Mapa de anomalias da TSM no período 16 a 28 de fevereiro/2018

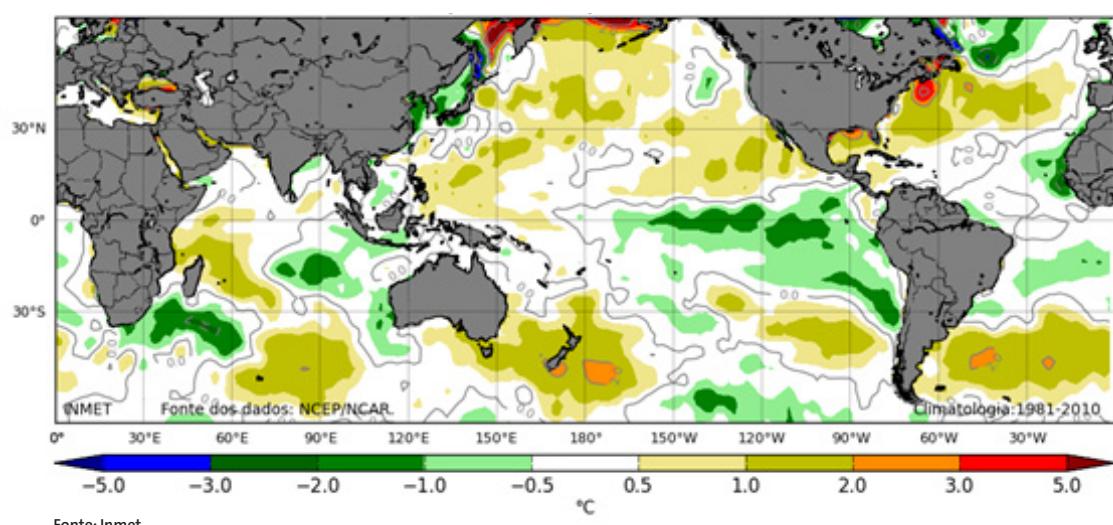
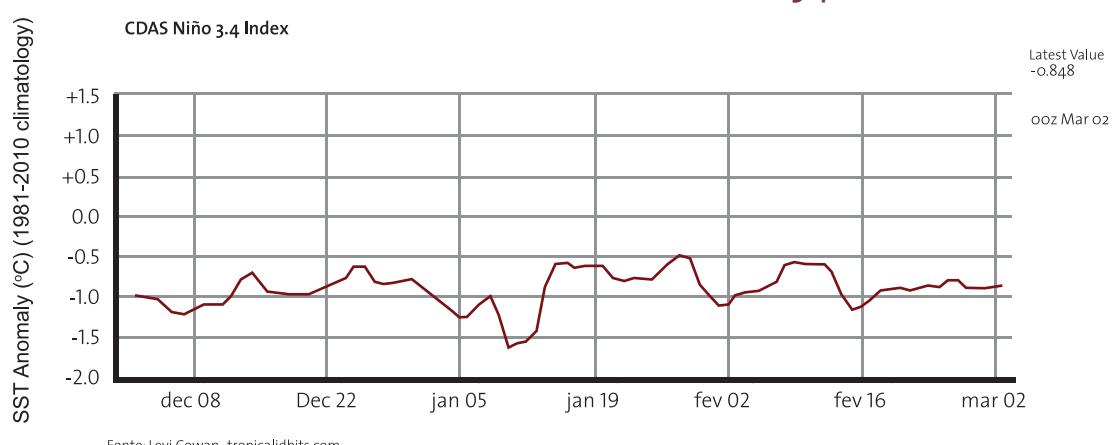


Gráfico 1 - Monitoramento do índice diário de El Niño/La Niña 3.4

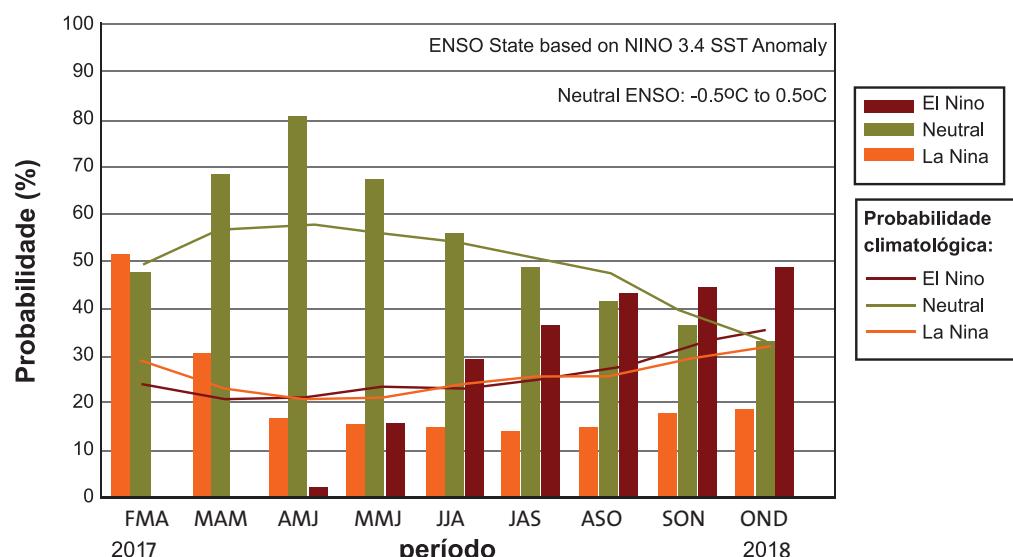


A média dos modelos de previsão de El Niño/La Niña do IRI (Research Institute for Climate and Society) apresenta uma maior probabilidade de enfraquecimento do La Niña, com gradativa substituição por uma fase de neutralidade no Pacífico Equatorial durante o trimestre-março-abril-maio de 2018 (Gráfico 2). Com base nas saídas dos modelos e nas condições térmicas, observadas no Oceano Pacífico, a fase de

neutralidade poderá se estabelecer até o final do outono do hemisfério sul. Devido às oscilações das temperaturas na superfície do Pacífico Equatorial, esses prognósticos devem ser vistos com cautela, seguidos de acompanhamento constante das condições térmicas em outras áreas oceânicas, como no Atlântico, e das atualizações dos modelos de previsão.



Gráfico 2 - Previsão probabilística do IRI para ocorrência de El Niño ou La Niña



Fonte: IRI.

7.3. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O BRASIL – PERÍODO MARÇO-ABRIL-MAIO/2018

Os modelos de previsão climática indicam para a Região Sul maior probabilidade de que as chuvas ficarão dentro da faixa normal ou abaixo na maioria das localidades (Figura 4). O início do trimestre deve apresentar baixa pluviometria em quase toda a região, principalmente no Rio Grande do Sul e parte de Santa Catarina.

Nas regiões Centro-Oeste e Sudeste, o modelo do Inmet apresenta maior probabilidade de precipitação acima ou dentro da faixa normal na maioria dos estados. O modelo apresenta áreas com probabilidade de chuvas abaixo da faixa normal apenas em parte de São Paulo e do Mato Grosso do Sul. Ressalta-se, ainda, que para este período a habilidade do modelo do In-

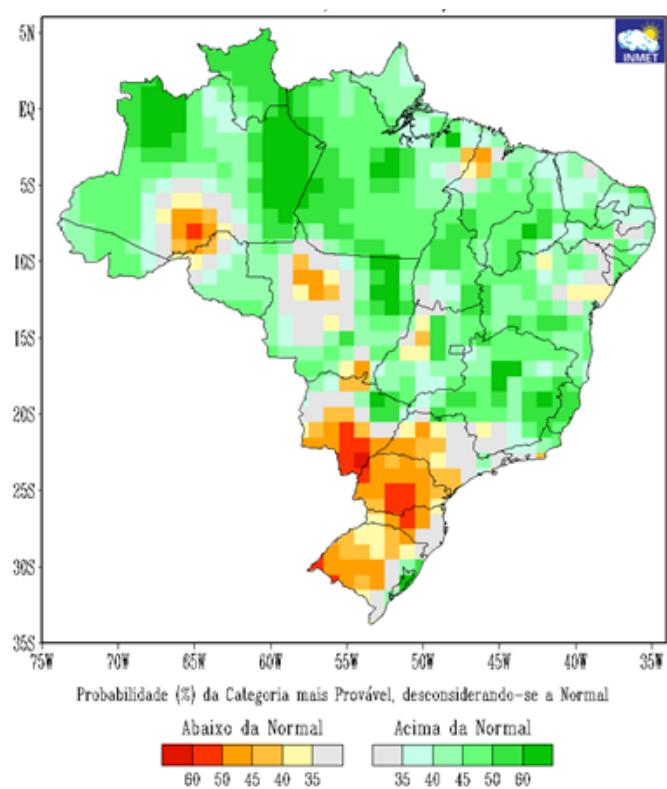
met é baixa nessas regiões.

Na região do Matopiba, o prognóstico climático indica maior probabilidade de chuvas dentro ou acima da faixa normal do trimestre, na maior parte da região. No Nordeste, incluindo o semiárido, a probabilidade maior é de que os volumes acumulados fiquem dentro da faixa normal ou acima praticamente em toda a região, segundo o modelo estatístico do Inmet (Figura 4).

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do sítio do Inmet (www.inmet.gov.br).



Figura 4 - Previsão probabilística de precipitação do modelo estatístico do Inmet para o trimestre FMA/2018



Fonte: Inmet.





8. ANÁLISE DAS CULTURAS

8.1 CULTURAS DE VERÃO

8.1.1. ALGODÃO

O sexto levantamento da safra 2017/18 de algodão aponta para crescimento na área plantada de 21,8% em relação à safra passada, saindo de 939,1 mil hectares para 1.143,4 mil hectares na safra atual. A comercialização da safra 2016/17, aliada às boas perspectivas atuais de mercado, vêm gerando um ambiente de otimismo no setor produtivo. Em Mato Grosso, o plantio está praticamente encerrado. Na Bahia, o plantio finalizou na região do extremo oeste enquanto nas regiões do centro sul do estado e no Vale do São Francisco, as lavouras irrigadas no sistema de pivô central serão cultivas em março, após a colheita da soja.

A Região Norte deverá produzir 28,2 mil toneladas de algodão em caroço em 7,6 mil hectares.

Em Roraima, a produção de algodão está concentrada em Mucajaí e Alto Alegre. Na última safra, a pluma foi totalmente exportada para o Egito, e o caroço, processado para ração no próprio estado. A expectativa, para essa safra, é de uma área plantada de 4,8 mil hectares, superando em 92% a área plantada na safra passada.

Em Tocantins, a expectativa é de nova queda na área cultivada com algodão. O maior entrave para a expansão da cultura no estado está relacionado ao fim da isenção do ICMS para o produto. Os produtores da região da divisa com a Bahia, por exemplo, estão preferindo cultivar suas lavouras nesse estado, dado à redução

de 50% do ICMS concedido por este. As lavouras se encontram em fase de floração e as condições dessas são consideradas boas.

Na Região Nordeste, segunda maior produtora do país, a tendência é de forte aumento na área plantada, estimada em 296,4 mil hectares.

No Maranhão, a estimativa de área plantada é de 22,3 mil hectares. As lavouras de algodão primeira safra foram bem estabelecidas e estão se desenvolvendo de forma satisfatória, principalmente em virtude das condições climáticas favoráveis. Não se constata até o presente levantamento qualquer ataque de pragas ou doenças que possam vir a causar danos econômicos à cultura, época crucial no desenvolvimento da cultura, já que ela se encontra 100% em desenvolvimento vegetativo.

O cultivo de algodão segunda safra tem chamado a atenção das propriedades pela possibilidade do seu cultivo em sucessão à lavoura de soja, o que aumenta o rendimento por área das propriedades e quebra o ciclo de algumas pragas e doenças. A cultura está em pleno desenvolvimento vegetativo e até o momento não se constata ataque de pragas e doenças que sejam significativos.

No Piauí, a área de algodão deverá ter um incremento de 28,8% em relação à safra anterior, estimada em 7,2 mil hectares. Esse aumento se deve ao incremento na área de algodão do município de Currais e um ajuste na área não informada anteriormente no município do polo de Paulistana. O plantio foi iniciado na segunda quinzena de dezembro e se encontra com 100% da área total plantada. A lavoura se encontra na fase de floração. A expectativa de produtividade para o algodão em caroço é de 3.860 kg/ha, aumento de 9,8% em relação à safra passada, resultante das boas condições climáticas da safra atual.

Na Paraíba, a previsão é de incremento da área em 80,4% quando comparada com a safra anterior, saindo de 0,4 mil hectares na safra passada para 0,7 mil hectares na atual. A ampliação das áreas de algodão, se deve ao apoio técnico e institucional do governo estadual, através da Emater/PB, com vistas a atender a demanda de empresas beneficiadoras de algodão colorido e algodão branco orgânico, que estão realizando contrato de compra junto aos produtores.

Na Bahia, as lavouras de algodão se estendem por 265,1 mil hectares, com a expectativa de produzir 629,4 mil toneladas de caroço de algodão e 419,6 mil toneladas de pluma de algodão. A cultura do algodão passa por um bom momento, havendo expansão de 31,5% da área cultivada. Os bons resultados obtidos na safra 2016/17

estimularam o produtor a aumentar os investimentos na cotonicultura, movido pelas ótimas produtividades e pela expectativa de um bom clima.

No extremo oeste, o plantio das lavouras algodoeiras estão finalizados, encontrando os cultivos de sequeiro em fase reprodutiva e os cultivos irrigados em fase de pós-emergência. O início da colheita está previsto para junho, com expectativas de boa produtividade devido ao bom regime hídrico e ao controle eficiente do bichudo. No centro sul e no Vale do São Francisco, as lavouras de sequeiro e gotejo estão no início da fase reprodutiva, emitindo as primeiras flores e apresentando ótimo aspecto fitossanitário. As lavouras irrigadas no sistema de pivô central serão cultivas em março, após a colheita da soja.

A Região Centro-Oeste, principal produtora da fibra, está estimada a apresentar crescimento na área plantada de 18,6%, quando comparada com o exercício anterior.

Em Mato Grosso, o plantio de algodão, para essa safra, está na reta final. Os talhões semeados estão em diferentes estágios de desenvolvimento vegetativo, com condições de lavoura avaliadas como boas/ótimas e produtividade estimada dentro da média histórica da cultura. Em relação à área plantada, registrou-se expressivo aumento da semeadura do algodoeiro, saindo de 627,8 mil hectares para 746,5 mil hectares cultivados no atual ciclo, incremento de 18,9% no período devido aos bons preços observados no mercado interno. Além de antigos cotonicultores aumentarem suas respectivas de áreas de algodão, há também o ingresso de novos produtores, tendo em vista a maior rentabilidade alcançada pela pluma em relação ao milho segunda safra. A comercialização futura da safra 2017/18 é estimada em 70% da produção.

Em Mato Grosso do Sul, a área de plantio é estimada em 30 mil hectares, visto que mais de 95% da área plantada ocorre no norte e nordeste do estado, dos quais 24 mil hectares na modalidade de algodão primeira safra e o restante algodão segunda safra. A produtividade ponderada estimada para o algodão em caroço primeira e segunda safras é de aproximadamente 4.380 kg/ha. Há a expectativa de uma boa safra da cultura no estado, apesar do excesso de chuvas e dias nublados nas fases iniciais de crescimento, principalmente na região norte e nordeste do estado. Nessas condições, a cultura trava o crescimento, desenvolve-se de forma mais lenta e consequentemente aumenta o ciclo de produção.

Na região norte e nordeste do estado, o algodão está, principalmente, nas fases de desenvolvimento vegetativo e floração. O bichudo do algodoeiro é a principal praga da cultura no estado e começa a causar danos a



partir da formação dos botões florais, mas o controle preventivo e as aplicações de inseticidas têm controlado o inseto. Há relatos de ataques de tripes, ácaros e pulgões, mas sem danos significativos para a cultura até o momento.

Para o município de Aral Moreira, toda a área cultivada está em maturação e devido ao excesso de chuvas a colheita será postergada para março. Em Sidrolândia a maioria da cultura está na fase de maturação.

Até o momento pouco produto foi comercializado e os preços pagos aos produtores estão similares aos da safra anterior.

Em Goiás, tanto a primeira quanto a segunda safras estiveram com bom desenvolvimento da fase inicial. Em janeiro ainda foram plantadas áreas de algodão devido ao atraso da safra verão de soja. As primeiras áreas de algodão deverão ser colhidas a partir de junho.

Na região leste do estado, onde foi plantado primeiro, o algodão se encontra em estádio de desenvolvimento vegetativo. As plantas estão com aproximadamente 50 cm de comprimento e com um bom porte. As principais pragas presentes até o momento são o pulgão, lagarta curuquerê e lagarta-falsa-medideira. O monitoramento das áreas cultivadas são realizados também em relação ao ataque de bicudo-do-algodoeiro.

As primeiras adubações foliares bem como controle de insetos ocorre dentro do cronograma proposto. As chuvas estão sendo suficientes na fase vegetativa da cultura.

Na Região Sudeste, o cultivo de algodão deverá apresentar forte crescimento, ora estimado em 62,5%, quando comparado com o do exercício passado.

Em Minas Gerais, estima-se um crescimento de 53,9%, em relação à safra passada, que deve passar de 15,6 mil hectares para 24 mil hectares, somando-se os plantios da safra de verão e da segunda safra nas diversas regiões produtoras do estado (Noroeste, Alto Paranaíba e Norte de Minas), refletindo o otimismo dos cotonicultores diante das boas condições climáticas e dos bons preços alcançados ao longo de 2017, assim como as boas expectativas de mercado para a atual safra. No estado, predomina o plantio em áreas de agricultura empresarial, mas na região do Norte de Minas a cotonicultura também é explorada por agricultores familiares. Projetase, para o estado, uma produtividade média de 3.675 kg/ha e a produção poderá alcançar 88,2 mil toneladas.

O plantio de algodão em Minas Gerais teve início apenas a partir de 20 de novembro, quando se encerrou o período de vazio sanitário de 60 dias. De maneira geral, o plantio da safra verão é realizado a partir de dezembro e as lavouras de safrinha a partir de fevereiro, de forma que as lavouras se encontram em diferentes estádios de desenvolvimento, desde germinação até início de frutificação.

Em São Paulo, as condições climáticas seguem favoráveis, com chuvas constantes. Atualmente, a cultura se encontra nos seguintes estádios de desenvolvimento: 30% em início de florescimento, 60% em frutificação e 10% em maturação.

A estimativa de área é de 5,9 mil hectares. Se comparada com a safra anterior houve uma retomada considerável. O consumo do algodão segue em expansão, favorecendo, desta forma, o mercado regional e também as exportações, fato que fez a região de Holambra incrementar as áreas de plantio. A produção na região de Holambra está toda negociada, fato que só veio a estimular os produtores de algodão da região. O algodão deverá ser colhido entre os dias 10 e 15 de abril.



Figura 1 - Mapa da produção agrícola - Algodão

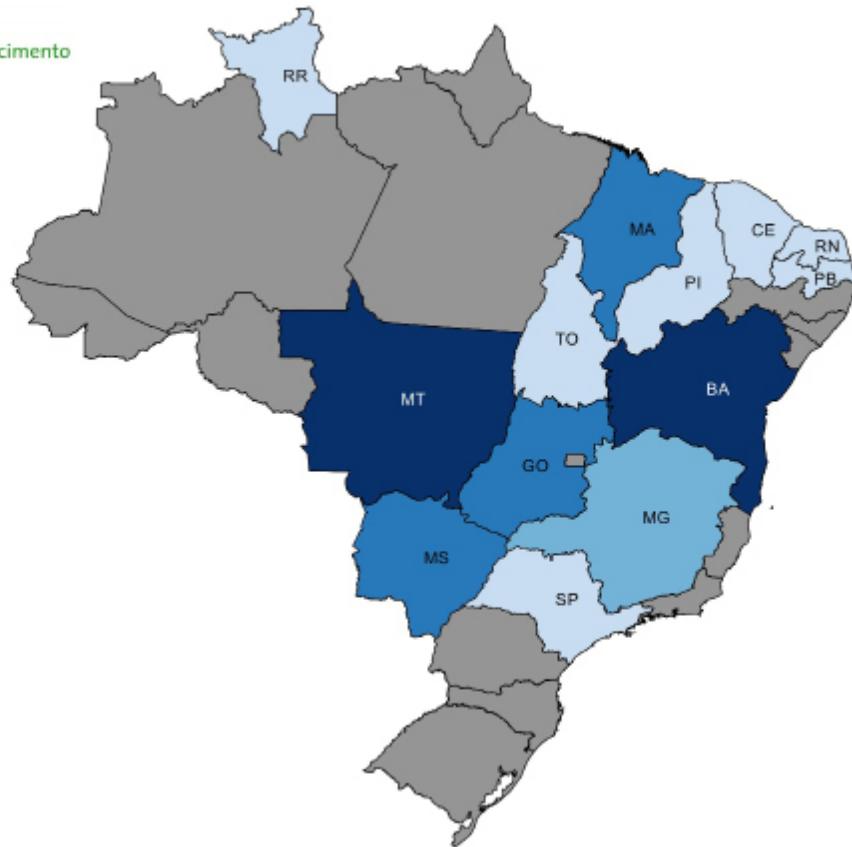


Companhia Nacional de Abastecimento

Produção de algodão

- Sem produção
- Até 50 mil toneladas
- 50 - 100 mil toneladas
- 100 - 200 mil toneladas
- Acima de 200 mil toneladas

Fonte: Conab.



Quadro 1 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Algodão

UF	Mesorregiões	Algodão											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra	C			P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
	Sul Maranhense - 2ª Safra	C	C			P	G/DV	DV	F	F/FR	FR/M	M	M/C
PI	Sudoeste Piauiense	C			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
	Extremo Oeste Baiano	C		P	P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
BA	Centro Sul Baiano	C		P	P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
	Noroeste de Minas - 1ª Safra			PP	P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
MG	Noroeste de Minas - 2ª Safra	C					P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 1ª Safra			PP	P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
MS	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 2ª Safra	C					P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra				P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra				P/G/DV	DV	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra	C			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Norte Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
MT	Norte Mato-grossense - 2ª Safra	C			P/G/DV	DV	DV/F	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra	C			P/G/DV	DV	DV/F	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra	C			P/G/DV	DV	DV/F	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
GO	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra	C			P/G/DV	DV	DV/F	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra	C			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Leste Goiano - 1ª Safra		PP	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	C
GO	Leste Goiano - 2ª Safra	C			P/G/DV	DV	DV/F	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Sul Goiano - 1ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	C
	Sul Goiano - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva Baixa restrição - excesso de chuva

* - (P)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 1 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em caroço

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)	
NORTE	7,3	7,6	4,1	3.540	3.713	4,9	25,8	28,2	9,3
RR	2,5	4,8	92,0	4.200	4.000	(4,8)	10,5	19,2	82,9
TO	4,8	2,8	(41,1)	3.196	3.220	0,8	15,3	9,0	(41,2)
NORDESTE	230,8	296,4	28,4	4.226	3.951	(6,5)	975,3	1.171,1	20,1
MA	22,5	22,3	(0,9)	3.915	4.122	5,3	88,1	91,9	4,3
PI	5,6	7,2	28,8	3.514	3.860	9,8	19,7	27,8	41,1
CE	0,4	0,8	100,0	1.083	625	(42,3)	0,4	0,5	25,0
RN	0,3	0,3	-	4.461	4.652	4,3	1,3	1,4	7,7
PB	0,4	0,7	80,4	819	669	(18,3)	0,3	0,5	66,7
BA	201,6	265,1	31,5	4.293	3.957	(7,8)	865,5	1.049,0	21,2
CENTRO-OESTE	682,6	809,5	18,6	4.042	4.110	1,7	2.758,9	3.327,0	20,6
MT	627,8	746,5	18,9	4.027	4.100	1,8	2.528,2	3.060,7	21,1
MS	28,6	30,0	5,0	4.350	4.380	0,7	124,4	131,4	5,6
GO	26,2	33,0	25,8	4.056	4.087	0,8	106,3	134,9	26,9
SUDESTE	18,4	29,9	62,5	3.684	3.640	(1,2)	67,8	108,9	60,6
MG	15,6	24,0	53,9	3.739	3.675	(1,7)	58,3	88,2	51,3
SP	2,8	5,9	111,7	3.377	3.500	3,6	9,5	20,7	117,9
NORTE/NORDESTE	238,1	304,0	27,7	4.205	3.945	(6,2)	1.001,1	1.199,3	19,8
CENTRO-SUL	701,0	839,4	19,7	4.032	4.093	1,5	2.826,7	3.435,9	21,6
BRASIL	939,1	1.143,4	21,8	4.076	4.054	(0,5)	3.827,8	4.635,2	21,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2018.



Tabela 2 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em pluma

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,3	7,6	4,1	1.387	1.435	3,4	10,1	10,9	7,9
RR	2,5	4,8	92,0	1.596	1.520	(4,8)	4,0	7,3	82,5
TO	4,8	2,8	(41,1)	1.278	1.288	0,8	6,1	3,6	(41,0)
NORDESTE	230,8	296,4	28,4	1.693	1.583	(6,5)	390,7	469,3	20,1
MA	22,5	22,3	(0,9)	1.566	1.649	5,3	35,2	36,8	4,5
PI	5,6	7,2	28,8	1.511	1.660	9,8	8,5	12,0	41,2
CE	0,4	0,8	100,0	379	219	(42,3)	0,2	0,2	-
RN	0,3	0,3	-	1.695	1.768	4,3	0,5	0,5	-
PB	0,4	0,7	80,4	295	241	(18,4)	0,1	0,2	100,0
BA	201,6	265,1	31,5	1.717	1.583	(7,8)	346,2	419,6	21,2
CENTRO-OESTE	682,6	809,5	18,6	1.615	1.645	1,8	1.102,3	1.331,3	20,8
MT	627,8	746,5	18,9	1.611	1.640	1,8	1.011,3	1.224,3	21,1
MS	28,6	30,0	5,0	1.784	1.796	0,7	49,1	53,9	9,8
GO	26,2	33,0	25,8	1.598	1.610	0,8	41,9	53,1	26,7
SUDESTE	18,4	29,9	62,5	1.435	1.449	1,0	26,4	43,4	64,4
MG	15,6	24,0	53,9	1.496	1.470	(1,7)	22,7	35,3	55,5
SP	2,8	5,9	111,7	1.317	1.365	3,6	3,7	8,1	118,9
NORTE/NORDESTE	238,1	304,0	27,7	1.683	1.579	(6,2)	400,8	480,2	19,8
CENTRO-SUL	701,0	839,4	19,7	1.610	1.638	1,7	1.128,7	1.374,7	21,8
BRASIL	939,1	1.143,4	21,8	1.629	1.622	(0,4)	1.529,5	1.854,9	21,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2018.

Tabela 3 – Comparativo de área, produtividade e produção - Caroço de algodão

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,3	7,6	4,1	2.153	2.278	5,8	15,7	17,3	10,2
RR	2,5	4,8	92,0	2.604	2.480	(4,8)	6,5	11,9	83,1
TO	4,8	2,8	(41,1)	1.918	1.932	0,7	9,2	5,4	(41,3)
NORDESTE	230,8	296,4	28,4	2.533	2.368	(6,5)	584,6	701,8	20,0
MA	22,5	22,3	(0,9)	2.349	2.473	5,3	52,9	55,1	4,2
PI	5,6	7,2	28,8	2.003	2.200	9,8	11,2	15,8	41,1
CE	0,4	0,8	100,0	704	406	(42,3)	0,2	0,3	50,0
RN	0,3	0,3	-	2.766	2.884	4,3	0,8	0,9	12,5
PB	0,4	0,7	80,4	524	428	(18,3)	0,2	0,3	50,0
BA	201,6	265,1	31,5	2.576	2.374	(7,8)	519,3	629,4	21,2
CENTRO-OESTE	682,6	809,5	18,6	2.424	2.465	1,7	1.656,6	1.995,7	20,5
MT	627,8	746,5	18,9	2.416	2.460	1,8	1.516,9	1.836,4	21,1
MS	28,6	30,0	5,0	2.567	2.584	0,7	75,3	77,5	2,9
GO	26,2	33,0	25,8	2.458	2.477	0,8	64,4	81,8	27,0
SUDESTE	18,4	29,9	62,5	2.215	2.191	(1,1)	41,4	65,5	58,2
MG	15,6	24,0	53,9	2.243	2.205	(1,7)	35,6	52,9	48,6
SP	2,8	5,9	111,7	2.060	2.135	3,6	5,8	12,6	117,2
NORTE/NORDESTE	238,1	304,0	27,7	2.522	2.366	(6,2)	600,3	719,1	19,8
CENTRO-SUL	701,0	839,4	19,7	2.419	2.456	1,5	1.698,0	2.061,2	21,4
BRASIL	939,1	1.143,4	21,8	2.445	2.432	(0,5)	2.298,3	2.780,3	21,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2018.



Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão rendimento

REGIÃO/UF	PRODUÇÃO - (Em mil t)						RENDIMENTO % - PLUMA		
	ALGODÃO EM CAROÇO			ALGODÃO EM PLUMA					
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d/c)	(e)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	25,8	28,2	9,3	10,1	10,9	7,9	39,2	38,6	1,6
RR	10,5	19,2	82,9	4,0	7,3	82,5	38,0	38,0	-
TO	15,3	9,0	(41,2)	6,1	3,6	(41,0)	40,0	40,0	-
NORDESTE	975,3	1.171,1	20,1	390,7	469,3	20,1	40,1	40,1	-
MA	88,1	91,9	4,3	35,2	36,8	4,5	40,0	40,0	-
PI	19,7	27,8	41,1	8,5	12,0	41,2	43,0	43,0	-
CE	0,4	0,5	25,0	0,2	0,2	-	35,0	35,0	-
RN	1,3	1,4	7,7	0,5	0,5	-	38,0	38,0	-
PB	0,3	0,5	66,7	0,1	0,2	100,0	36,0	36,0	-
BA	865,5	1.049,0	21,2	346,2	419,6	21,2	40,0	40,0	-
CENTRO-OESTE	2.758,9	3.327,0	20,6	1.102,3	1.331,3	20,8	40,0	40,0	-
MT	2.528,2	3.060,7	21,1	1.011,3	1.224,3	21,1	40,0	40,0	-
MS	124,4	131,4	5,6	49,1	53,9	9,8	41,0	41,0	-
GO	106,3	134,9	26,9	41,9	53,1	26,7	39,4	39,4	-
SUDESTE	67,8	108,9	60,6	26,4	43,4	64,4	39,9	39,8	0,3
MG	58,3	88,2	51,3	22,7	35,3	55,5	40,0	40,0	-
SP	9,5	20,7	117,9	3,7	8,1	118,9	39,0	39,0	-
NORTE/NORDESTE	1.001,1	1.199,3	19,8	400,8	480,2	19,8	40,0	40,0	-
CENTRO-SUL	2.826,7	3.435,9	21,6	1.128,7	1.374,7	21,8	40,0	40,0	-
BRASIL	3.827,8	4.635,2	21,1	1.529,5	1.854,9	21,3	40,0	40,0	-

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2018.

8.1.2. AMENDOIM

8.1.2.1. AMENDOIM PRIMEIRA SAFRA

Em São Paulo, o segmento produtor, na presente safra, tem procurado investir nessa cultura em razão dos bons preços de mercado, tanto interna como externamente, que esta oleoginosa vem praticando desde safras anteriores. Praticamente toda a produção (em torno 70%) é destinada aos países europeus, enquanto que o restante é consumido internamente pelas indústrias de doces. O amendoim é plantado entre setembro e outubro, prioritariamente em áreas de reforma de canaviais, normalmente após o quinto corte da matéria-prima, e tem sua colheita entre março e abril, quando alcança sua plena maturação. Posteriormente, o produtor devolve a terra arrendada, onde será retomado um novo plantio da cana destinada à produção de etanol e açúcar. Sinaliza com um bom crescimento de área de 14,5%. A produtividade aponta para um recuo de 5%.

Em Minas Gerais, a estimativa de área de cultivo de amendoim se encontra estimada em 2,6 mil hectares. O plantio foi realizado em dezembro e a colheita é esperada para abril. As áreas de plantio comercial, concentradas na região do Triângulo Mineiro, representam 90%

da área de cultivo e 96,8% do volume de produção do estado, caracterizadas por lavouras conduzidas com alta tecnologia, com uso de sementes de boa qualidade, e produtividade média variando de 3.000 a 4.250 kg/ha. Já nas demais regiões do estado predomina o cultivo em áreas de agricultura familiar, conduzidas com baixo nível tecnológico. Estimando-se uma produtividade média de 3.635 kg/ha, a produção estadual poderá alcançar 9,4 mil toneladas.

No Paraná, a área plantada com amendoim já está consolidada. A colheita já passa dos 10% da área. O restante das lavouras se encontra em floração, frutificação e maturação, igualmente distribuídas. O rendimento aferido, até o momento, encontra-se abaixo do esperado. O excesso de chuva e pouca luminosidade são as razões mais recorrentes para isso. Ressalta-se que as lavouras de maior tecnologia ainda não foram colhidas. Com relação à safra passada, é pouco provável que se produza em quantidade similar, dadas às excelentes condições climáticas naquele ano.

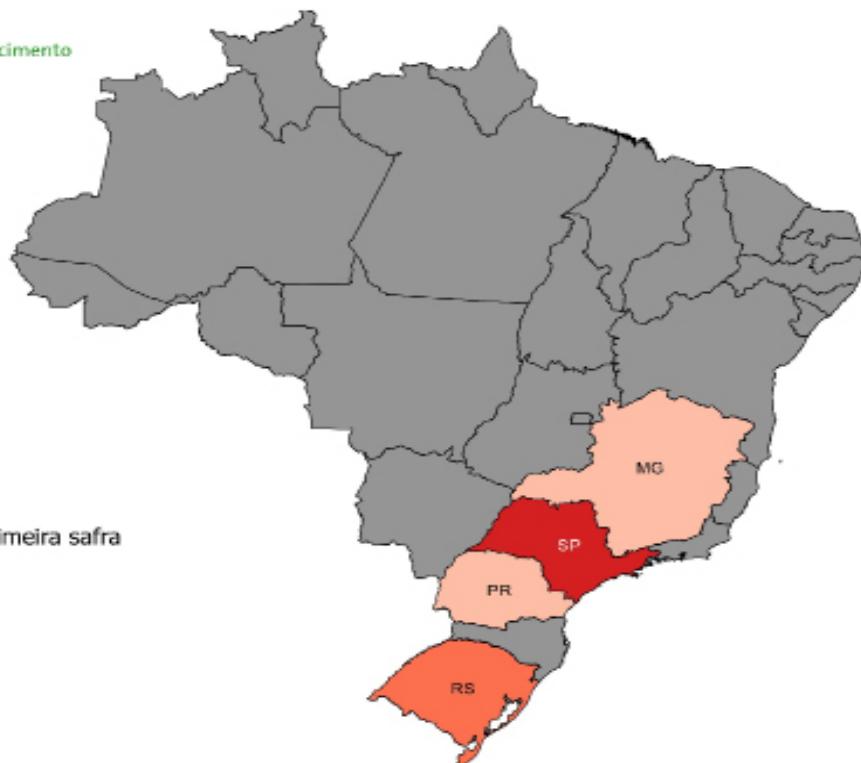


Figura 2 - Mapa da produção agrícola - Amendoim primeira safra



Produção de amendoim primeira safra

- Sem produção
- Até 10 mil toneladas
- 10 - 50 mil toneladas
- Acima de 50 mil toneladas



Fonte: Conab.

Quadro 2 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Amendoim primeira safra

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
SP	Araçatuba	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Araraquara	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Assis	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Bauru	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Marília	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Presidente Prudente	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Ribeirão Preto	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	São José do Rio Preto	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				

Legendas:

- Baixa restrição - falta de chuvas
 - Favorável
 - Média restrição - falta de chuva
- * - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 5 - Comparativo de área, produtividade e produção - Amendoim primeira safra

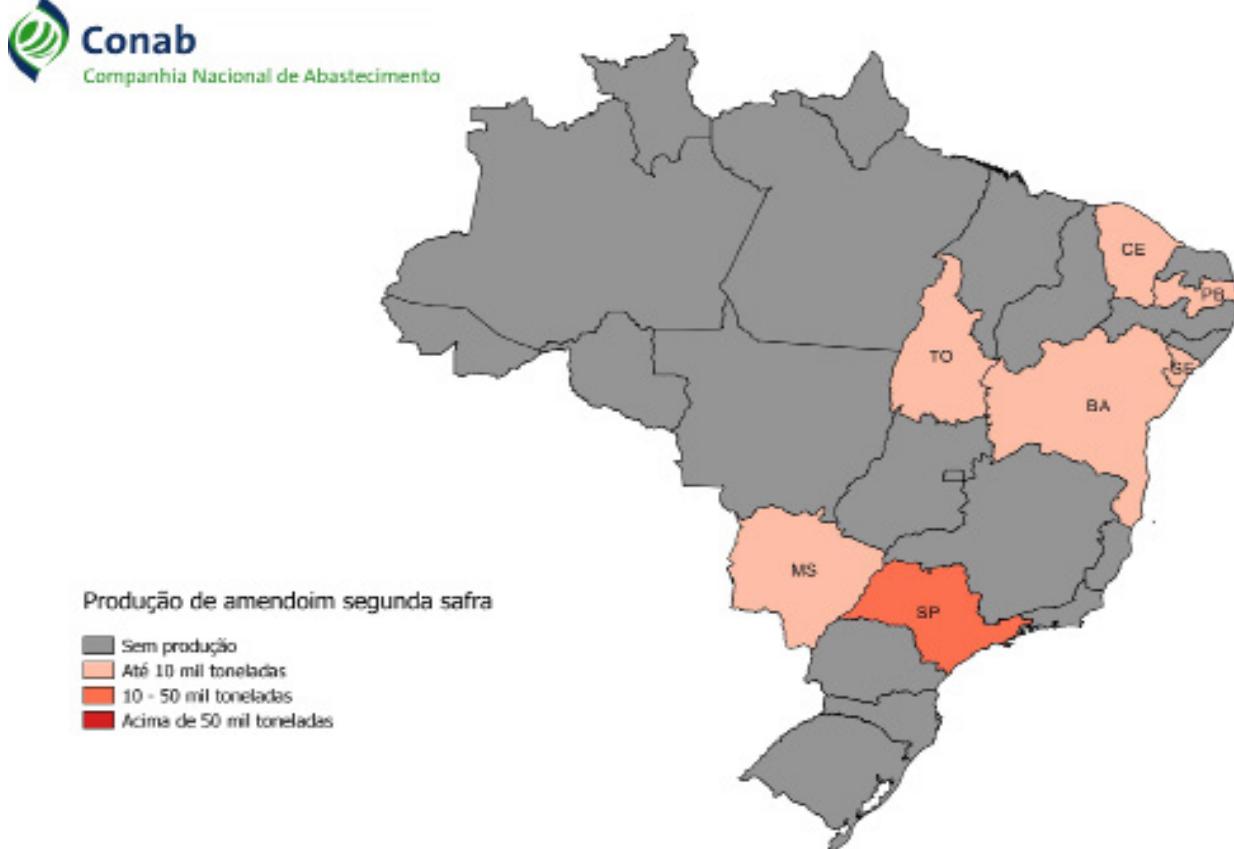
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	112,9	128,9	14,2	3.721	3.538	(4,9)	420,2	456,1	8,5
MG	2,6	2,6	-	3.615	3.635	0,6	9,4	9,5	1,1
SP	110,3	126,3	14,5	3.724	3.536	(5,0)	410,8	446,6	8,7
SUL	5,4	5,3	(1,9)	3.447	3.187	(7,5)	18,6	16,9	(9,1)
PR	2,0	1,7	(16,8)	3.406	3.000	(11,9)	6,8	5,1	(25,0)
RS	3,4	3,6	5,6	3.471	3.276	(5,6)	11,8	11,8	-
CENTRO-SUL	118,3	134,2	13,4	3.709	3.524	(5,0)	438,8	473,0	7,8
BRASIL	118,3	134,2	13,4	3.709	3.524	(5,0)	438,8	473,0	7,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2018.

8.1.2.2. AMENDOIM SEGUNDA SAFRA

Figura 3 - Mapa da produção agrícola - Amendoim segunda safra



Fonte: Conab.



Quadro 3 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Amendoim segunda safra

UF	Mesorregiões	Amendoim segunda safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
SE	Agreste Sergipano	C							PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M
BA	Nordeste Baiano	C							PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M
	Metropolitana de Salvador	C							PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M
	São José do Rio Preto						P	DV	F	FR	M/C	C	
	Ribeirão Preto						P	DV	F	FR	M/C	C	
SP	Presidente Prudente						P	DV	F	FR	M/C	C	
	Marília						P	DV	F	FR	M/C	C	
	Assis						P	DV	F	FR	M/C	C	

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 6 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,3	0,3	-	4.800	3.785	(21,1)	1,4	1,1	(21,4)
TO	0,3	0,3	-	4.800	3.785	(21,1)	1,4	1,1	(21,4)
NORDESTE	3,3	3,4	3,0	1.201	1.089	(9,3)	4,0	3,7	(7,5)
CE	0,3	0,4	23,2	1.269	881	(30,6)	0,4	0,4	-
PB	0,4	0,4	-	985	856	(13,1)	0,4	0,3	(25,0)
SE	1,1	1,1	-	1.613	1.430	(11,3)	1,8	1,6	(11,1)
BA	1,5	1,5	-	942	957	1,6	1,4	1,4	-
CENTRO-OESTE	2,5	2,5	-	4.200	4.000	(4,8)	10,5	10,0	(4,8)
MS	2,5	2,5	-	4.200	4.000	(4,8)	10,5	10,0	(4,8)
SUDESTE	4,9	4,9	-	2.354	2.406	2,2	11,5	11,8	2,6
SP	4,9	4,9	-	2.354	2.406	2,2	11,5	11,8	2,6
NORTE/NORDESTE	3,6	3,7	2,8	1.501	1.308	(12,8)	5,4	4,8	(11,1)
CENTRO-SUL	7,4	7,4	-	2.978	2.945	(1,1)	22,0	21,8	(0,9)
BRASIL	11,0	11,1	0,9	2.494	2.399	(3,8)	27,4	26,6	(2,9)

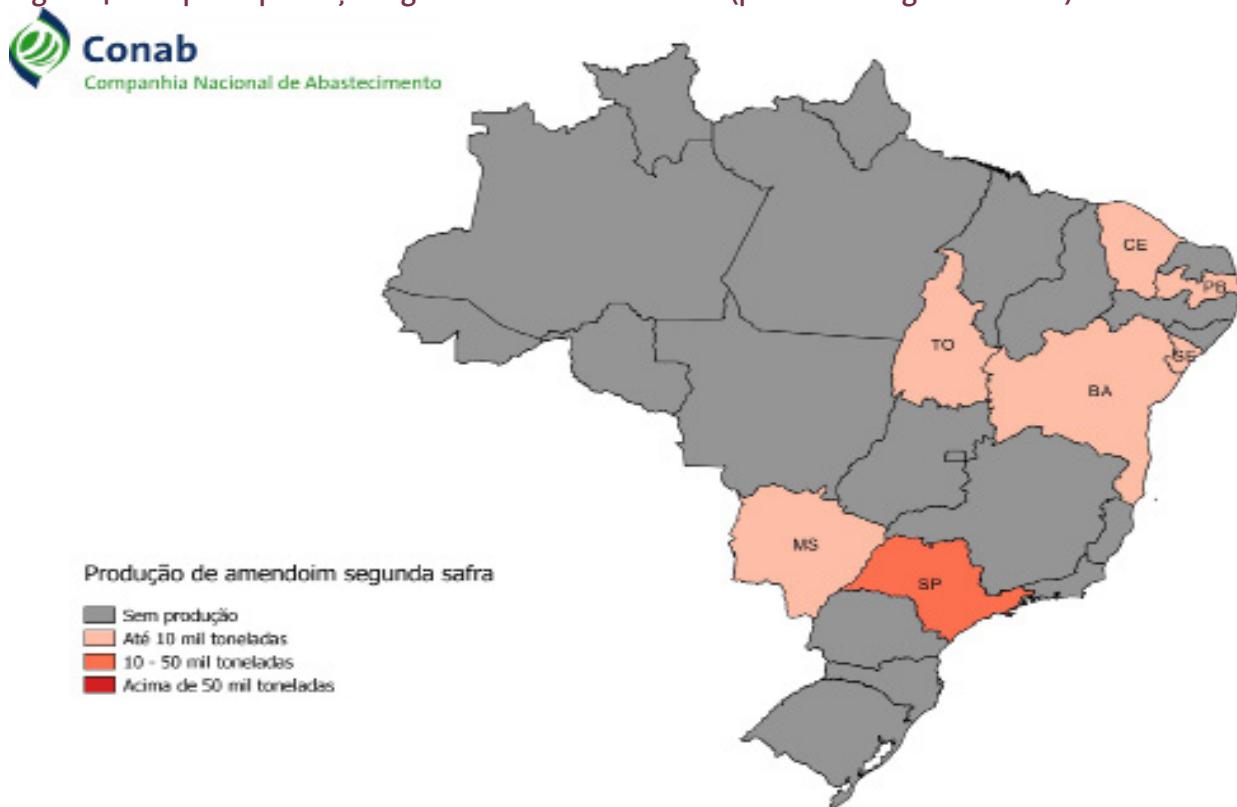
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2018.



8.1.2.3. AMENDOIM TOTAL

Figura 4 - Mapa da produção agrícola – Amendoim total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab.

Tabela 7 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,3	0,3	-	4.800	3.785	(21,1)	1,4	1,1	(21,4)
TO	0,3	0,3	-	4.800	3.785	(21,1)	1,4	1,1	(21,4)
NORDESTE	3,3	3,4	3,0	1.201	1.089	(9,3)	4,0	3,7	(7,5)
CE	0,3	0,4	-	1.269	881	(30,6)	0,4	0,4	-
PB	0,4	0,4	-	985	856	(13,1)	0,4	0,3	(25,0)
SE	1,1	1,1	-	1.613	1.430	(11,3)	1,8	1,6	(11,1)
BA	1,5	1,5	-	942	957	1,6	1,4	1,4	-
CENTRO-OESTE	2,5	2,5	-	4.200	4.000	(4,8)	10,5	10,0	(4,8)
MS	2,5	2,5	-	4.200	4.000	(4,8)	10,5	10,0	(4,8)
SUDESTE	117,8	133,8	13,6	3.665	3.497	(4,6)	431,7	467,9	8,4
MG	2,6	2,6	-	3.615	3.635	0,6	9,4	9,5	1,1
SP	115,2	131,2	-	3.666	3.494	(4,7)	422,3	458,4	8,5
SUL	5,4	5,3	(1,9)	3.447	3.187	(7,5)	18,6	16,9	(9,1)
PR	2,0	1,7	-	3.406	3.000	(11,9)	6,8	5,1	(25,0)
RS	3,4	3,6	-	3.471	3.276	(5,6)	11,8	11,8	-
NORTE/NORDESTE	3,6	3,7	2,8	1.501	1.308	(12,8)	5,4	4,8	(11,1)
CENTRO-SUL	125,7	141,6	12,6	3.666	3.494	(4,7)	460,8	494,8	7,4
BRASIL	129,3	145,3	12,4	3.606	3.438	(4,6)	466,2	499,6	7,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2018.



8.1.3. ARROZ

Para o sexto levantamento da cultura de arroz da safra 2017/18 indica redução de área plantada de 1,9% em relação à safra passada. Na produtividade, a previsão da média nacional é de 5.802 kg/ha. Na estimativa de produção, os números nacionais apontam para redução de 8,5% em relação à safra passada, estimada em 12.327,8 mil toneladas. As análises dos números apontam queda na área plantada nos estados onde a cultura é cultivada com o sistema de sequeiro e irrigado.

Na Região Norte, a avaliação é que a área plantada seja em torno de 253,4 mil hectares, retração de 3,7% em relação à safra passada. A Região Norte se configura como a segunda maior produtora nacional de arroz.

Em Roraima, a área plantada se refere à safra 2017/18 do arroz irrigado de verão, foi confirmada em 12,3 mil hectares. Até o momento 70% da área foi colhida, apresentando um rendimento médio de 7.100 kg/ha. Para a safra de inverno o setor ainda não tem uma estimativa, mas prefere manter os números da última safra de 2.800 mil hectares.

Em Rondônia, considerando níveis percentuais, as lavouras de arroz no estado são financiadas nas seguintes proporções: 5% por bancos oficiais, 7% com recursos do próprio produtor e 88% por agentes econômicos financiadores, que são empresas estaduais que fomentam a rizicultura em todo estado de Rondônia. A justificativa para o reduzido volume de recursos financeiros captados em bancos oficiais está relacionada à documentação das terras. A titulação/escrituração de imóveis rurais no estado é muito incipiente, esse fato inviabiliza o acesso dos produtores ao crédito disponível junto aos bancos, o recurso financeiro existe, no entanto, o produtor não consegue captá-lo em sua integralidade. Interessante ressaltar que tal situação também ocorre para a soja primeira safra e milho segunda safra. Nesse contexto, as tradings e empresas estaduais entram como segunda e principal opção ao produtor que necessita de aporte financeiro para investir/custear as lavouras.

A área cultivada estimada para a implantação da cultura na safra 2017/18 é de 36,6 mil hectares. Esse dado é idêntico ao do levantamento anterior. O produtor de arroz não enxerga benefícios concretos e rentáveis para aumentar a área e alguns abandonam a cultura, migrando para soja. A produtividade estimada nesse levantamento é de 3.215 Kg/ha, ou seja, 8,8% superior à produtividade da safra anterior, que fora estimada em 2.956 Kg/ha. À medida que a colheita avança, obtemos maior quantidade de dados que confirmam tal incremento. De acordo com os produtores, apesar do

atraso, as chuvas na safra 2017/18 foram ideais para as culturas. A produção estimada nesse levantamento é de 117,7 mil toneladas, variando negativamente de 1,9%, se comparada à safra anterior, que foi de 120 mil toneladas. O estádio atual da cultura é: 5% florescimento, 20% enchimento de grãos, 50% maturação e 25% já colhida, a qualidade do produto colhido é considerada boa. Muitos produtores implantam o arroz em área de pousio ou em área com pastagem degradada, já no segundo ano cultivam soja. O arroz se configura como um grande desbravador para culturas anuais sucessoras, principalmente a soja.

A possibilidade de o arroz retornar à área tende a ser como opção para a rotação/sucessão de culturas, quebrando ciclos bióticos e abióticos nocivos. A cultivar de arroz amplamente difundida e semeada no estado de Rondônia é a AN Cambará, categoria C2, safra 2016/17, com 99% de pureza e 80% de germinação. Tal cultivar apresenta ciclo precoce e evidenciou ampla adaptabilidade às condições edafoclimáticas. O calendário agrícola segue um pouco atípico em razão do atraso das chuvas iniciais, retardando o estabelecimento de muitas lavouras no campo, no entanto, o regime atual de chuvas é considerado normal, garantindo assim bom aporte de água no solo para suprimento das plantas e não prejudicando a colheita na maioria dos casos.

Figura 5 - Área de Arroz em Porto Velho-RO, Distrito de Vista Alegre do Abunã



No Amazonas, para o arroz de sequeiro, a perspectiva é que para essa safra sejam plantados 2,5 mil hectares de arroz, obtendo uma média na produtividade de 2.258 kg/ha, com uma produção estimada em torno de 5,6 mil toneladas. Em terra firme, o plantio ocorre em setembro, outubro, novembro e dezembro, e a colheita, em novembro, dezembro e janeiro, variando de acordo com a localidade. O plantio é iniciado em agos-



to, setembro e outubro, e a colheita em dezembro e janeiro, em várzea.

No Pará, o arroz teve um decréscimo em sua área total de 7,8%. Esse recuo se deve à diminuição da área de arroz de sequeiro, de 63,7 mil hectares para 56,7 mil hectares. Já o arroz irrigado cresceu 31,4% e passou de 5,1 mil hectares para 6,7 mil hectares. O aumento novamente se deu nas áreas de alagamento da ilha do Marajó.

Em Tocantins, as lavouras do arroz de sequeiro vêm se desenvolvendo bem, dado aos bons volumes precipitados ocorridos desde o início do plantio. Nas lavouras dos agricultores familiares, principalmente os assentados da reforma agrária, a colheita iniciou. O rendimento médio das lavouras deve ficar acima da média e a qualidade do produto também está melhor do que nas safras anteriores. Com relação ao plantio irrigado, nessa safra houve atraso do plantio devido aos baixíssimos níveis dos reservatórios e rios da região. Todos os produtores tiveram que esperar o retorno das chuvas para poderem realizar o plantio com segurança de abastecimento de água para a inundação dos tabuleiros. Houve áreas em que não foi possível realizar o plantio nesta safra devido ao excesso de água que se encontravam nos tabuleiros mais baixos. A colheita se iniciou no segundo decêndio de fevereiro, e pelo atraso do plantio e o curto intervalo em que o mesmo foi realizado, é esperado que haja maior concentração da colheita em um intervalo de tempo mais curto do que o observado em safras normais. O excesso de chuvas em fevereiro provocou inundação dos tabuleiros, deixando parte das lavouras submersas, inclusive em áreas onde a lavoura já estava em ponto de colheita. A apreensão é que ocorra acamamento das lavouras após a drenagem da água, o que provocaria perdas ainda maiores.

Na Região Nordeste, a expectativa é de incremento da área plantada com arroz de sequeiro de 10,9% e com o irrigado de 9,4%.

No Maranhão, evidenciamos no presente levantamento acréscimo em relação à área plantada de arroz sequeiro, acréscimo que gira em torno de 15,4%, passando de 140,2 mil hectares para 161,8 mil hectares. O que vem se observando é um incremento nos índices de área para a cultura do arroz, com uma tendência de aumento ou intenção de plantio por parte do agricultor, isso se deve basicamente ao programa de revitalização da cadeia produtiva do arroz implementado pelo governo do estado do maranhão, com fins de incentivar, promover e fomentar a orizicultura no estado. Existe otimismo por parte dos agricultores do estado devido ao bom desempenho das chuvas no decorrer da safra, nesse levantamento boa parte

das lavouras do maranhão se encontram em estágio de frutificação (cerca de 45% da área total). Não se evidenciou também nenhum ataque de pragas ou doenças que poderiam causar perdas significativas. A área plantada com arroz irrigado deve permanecer no mesmo patamar de 2,9 mil hectares, evidenciado no levantamento anterior, com uma produtividade média de 4.801 kg/ha. As lavouras foram bem estabelecidas e se encontram em sua totalidade no estádio de maturação.

Na Bahia, as lavouras de arroz ocupam 7,8 mil hectares, com a expectativa de produzir 9,4 mil toneladas. A cultura do arroz é geralmente cultivada no extremo oeste em solos de baixa fertilidade em áreas desmatadas.

No Centro-Oeste, terceira região que mais produz arroz no país, a previsão é que ocorra redução na área plantada de 12,8%, quando comparada com a última safra, tanto nas áreas de arroz de sequeiro, de 12,1%, quanto nas destinadas a arroz irrigado, de 15,3%.

Em Mato Grosso, a colheita do arroz de sequeiro acontece de forma incipiente, atingindo menos de 10% dos, aproximadamente, 132,2 mil hectares plantados. O maior volume de colheita será registrado em março e abril. O espaço destinado ao cultivo do cereal no ciclo 2017/18 foi 9,5% menor que os 151,4 mil hectares da temporada 2016/17. A desvalorização da cotação do cereal, desde a safra passada, abaixo dos R\$ 40,00 a saca de 60 quilos, desestimulou o produtor rural a investir no cultivo da gramínea. Estima-se produção de 429,6 mil toneladas, volume 18,9% menor que o ciclo anterior. O plantio do arroz de sequeiro e irrigado segunda safra está finalizado. A lavoura está localizada região médio norte do estado. As baixas cotações do cereal reduziram o ímpeto do plantio como alternativa ao cultivo do milho segunda safra nas áreas de sequeiro. Assim, o cultivo do arrozal em áreas de pivô ficou restrito à necessidade agronômica de rotação de cultura com a soja devido à sucessão dos cultivos da leguminosa – gramínea – leguminosa. Após a colheita do cereal, as áreas tendem a produzir o feijão irrigado de terceira safra.

Em Mato Grosso do Sul, a estimativa de área plantada no estado é de 14,3 mil hectares, com uma expectativa de produtividade média de 6.000 kg/ha. No levantamento atual, a cultura se encontra em diferentes estádios de crescimento e desenvolvimento decorrentes do escalonamento do plantio. Aproximadamente 15% das lavouras estão em fase de enchimento de grãos, 25% em maturação e 60% colhidas. Para o alcance de altas produtividades a cultura necessita de grandes quantidades de água para o crescimento e desenvolvimento, por isso, o plantio no estado ocorre em áre-



as inundadas. Os produtores encontram dificuldades para adquirir a licença ambiental para a exploração da cultura nesse sistema de plantio. Atrelado a isso, a importação de outros estados e países integrantes do Mercosul condicionam o declínio da área cultivada com o arroz no Mato Grosso do Sul. Com o avanço da colheita no estado e outras regiões produtoras, principalmente o sul do país, o preço pago ao produtor tem oscilado bastante durante o período de colheita, entre R\$ 36,00 e R\$ 43,00 a saca de 60 quilos, com tendências baixistas dado à importação do cereal de outras regiões e países. O excesso de chuvas nas principais regiões produtoras bem como a redução da luminosidade no período de floração têm influenciado na redução da produtividade inicial estimada. Esses eventos também dificultaram as operações de aplicação de agroquímicos nas lavouras. Quanto aos ataques de pragas e doenças, não houve nenhum relato fora da normalidade, visto que as aplicações preventivas e de controle proporcionaram resultados satisfatórios.

Em Goiás, a cultura de arroz de sequeiro se resume em áreas de assentamentos rurais ou cooperados atendidos pelo programa Lavoura Comunitária da Secretaria da Agricultura em conjunto com a Emater e a Organização das Voluntárias de Goiás - OVG. Grande parte dos usuários desse programa estão em inadimplência, por isso, vários projetos não têm sido aprovados pela Emater do Estado. Não há procura de crédito de custeio para essa cultura, haja vista as significativas exigências bancárias para a liberação desse crédito. O arroz de sequeiro está, na maioria, restrito a plantio de subsistência e lavouras comunitárias. Neste ano alguns assentados de reforma agrária realizaram o plantio de pequenas áreas com baixa aplicação de tecnologia, apenas para subsistência e com comercialização do excedente no mercado regional. Demais áreas de sequeiro são de acampamentos em faixas de domínio de rodovias, pequenos produtores com utilização de pouca tecnologia.

Em relação ao arroz irrigado de alta tecnologia, os municípios de Flores de Goiás e Formosa são os principais produtores de arroz da região, onde juntos plantam cerca de 11 mil hectares da cultura, com rendimento esperado de aproximadamente 6.700 kg/ha, produtividade que poderá sofrer uma redução de até 10% devido a um período de aproximadamente uma semana com temperaturas elevadas na fase reprodutiva da cultura. Os demais municípios da região leste plantam arroz também de forma comunitária, onde a Emater (GO) é a principal responsável por dar assistência técnica aos pequenos produtores. Devido a problemas na liberação de verbas para o programa Lavoura Comunitária, a área de implantação da cultura será reduzida, em Luziânia, por exemplo, foi fornecida pelo governo somente as sementes para o plantio, os insumos para

a safra foram comprados pela Central de Associações de Pequenos Produtores Rurais de Luziânia (Caprul) e parte pelos próprios produtores, reduzindo uma área de 400 para 140 hectares efetivamente plantados.

Na Região Sudeste, a área plantada deve ter retração de 9,3%, se comparada à área da última safra.

Em Minas Gerais, seguindo a tendência dos últimos anos, a área de arroz sofreu redução em relação à safra anterior. Dos 5,9 mil hectares previstos para a safra 2017/18 foram plantados apenas 4,8 mil hectares, o que representa 20% a menos. A redução ocorreu principalmente em área de sequeiro devido à menor competitividade dessa cultura em relação a outras mais rentáveis e de menor risco, como milho e soja, ao desestímulo provocado pelo alto custo de produção, que inviabiliza a comercialização junto ao produto do sul do país, ao risco de perdas por estiagens prolongadas, recorrentes nas principais regiões produtoras, além das restrições ao cultivo em áreas de várzea. A produtividade média estadual deve ficar 11,8% maior em relação à safra anterior devido à predominância das áreas irrigadas, onde se obtém produtividades mais altas. Lavouras em fase de frutificação. Preço médio recebido pelos produtores no município de Aimorés, de R\$ 54,00 a saca de 50 quilos de arroz em casca.

Em São Paulo, o arroz, como já informado anteriormente, demonstra uma estabilidade de área. O produto é pouco cultivado no estado de São Paulo. O cereal se concentra basicamente em dois municípios, Guaratinguetá e Pindamonhangaba, ambos pertencentes ao vale do Paraíba. O Arroz consumido no estado é todo oriundo do Rio Grande do Sul. Os poucos produtores que se dedicam ao plantio do arroz no estado comercializam sua produção em nível de propriedade ou mesmo, a finalidade é para o consumo doméstico. Quanto à área prevista dentro do estado fica em torno de 9,4 mil hectares e, a produtividade, por enquanto em torno de 4.028 kg/ha. Nesse sexto levantamento há retração de 3,1% na área e incremento na produtividade de 2,4% em relação à safra anterior.

Na Região Sul, onde concentra a maior parte da produção do país, o cultivo de arroz é quase que totalmente irrigado, apenas um percentual pequeno no Paraná é cultivado em sequeiro, a área deve sofrer pequena redução, de 2%, quando comparada à safra passada.

No Paraná, a área total cultivada com arroz é estimada em 23,6 mil hectares. O levantamento aponta para uma área plantada de 3,4 mil hectares de arroz sequeiro. A colheita dessa cultura ainda é incipiente, com maior parte das lavouras ainda em estádio de enchimento de grãos. Houve pequeno incremento na produtividade prevista após o início da colheita. O ren-



dimento inicial é conservador, pois leva em consideração a média das últimas safras, inclusive as frustradas. Como até o momento não há relato de adversidade para a cultura, a tendência é de produtividade acima da média, porém, inferior à safra passada. A área com arroz irrigado a colheita avança para cerca de 40% da área cultivada. O calendário de colheita está antecipado em relação à safra anterior, totalizando, até fevereiro, cerca de 40% da área plantada. O rendimento médio inicial está abaixo do previsto; aparentemente, devido à baixa luminosidade em dezembro e janeiro que prejudicou a fotossíntese na floração e fase de enchimento de grãos.

Em Santa Catarina, a colheita do arroz avança com aproximadamente 50% da área já colhida até final de fevereiro. Na safra passada, nesse mesmo período, apenas 30% da área havia sido colhida, evidenciando uma antecipação do calendário agrícola na safra atual. Muitos produtores anteciparam o plantio, uma vez que o inverno passado não foi tão rigoroso e a temperatura do solo estava favorável para o plantio mais cedo. Muitos produtores plantaram fora da época recomendada pelo zoneamento agroclimático. A colheita iniciou em janeiro, com produtividades menores, isso porque os produtores que optaram por plantar mais cedo sofreram com frios tardios e também com falta de chuvas em dezembro, entretanto, as lavouras colhidas nos últimos dias mostram produtividades altas, chegando até aos níveis da safra passada, em muitas localidades.

Além disso, a qualidade do grão também está boa. O norte do estado é a região cuja colheita está mais avançada, alcançando em torno de 80% da área. E agora os produtores esperam que as condições climáticas sejam favoráveis para o desenvolvimento da rebrota do arroz, ou soca. Essa prática já é comum no norte do estado, porém, vem ganhando mais adeptos, principalmente nessa safra, na região sul. No que diz respeito à comercialização, devido aos baixos preços, a grande maioria dos produtores está optando por não comercializar neste momento, apenas os que precisam quitar dívidas ou ter capital de giro estão vendendo o produto. Nesse sentido, muitas cooperativas estão postergando a data de vencimento das dívidas e renegociando com os produtores na expectativa dos preços melhorarem em breve. Com base nesse cenário, o governo federal, por meio da Conab, realizou intervenções no mercado de arroz em Santa Catarina e Rio Grande do Sul através do Programa de Escoamento da Produção (PEP) e do Prêmio Equalizador Pago ao Produtor Rural (Pepro). Os Programas têm por objetivo garantir o preço mínimo ao produtor rural/cooperativa e, escoar parte do produto excedente da região de produção para regiões de consumo, o que pode re-

fletir positivamente nos preços ao produtor.

No Rio Grande do Sul, o início da colheita ocorreu pela Fronteira Oeste, que colheu a lavoura semeada em setembro. Os resultados estão dentro da estimativa inicial, considerada pelos produtores como normal, em termos de produtividade e qualidade do produto. O estágio da cultura no final da primeira quinzena de fevereiro se encontra com 9,2% em estádio de desenvolvimento vegetativo, 21,3% em maturação e 69,5% em reprodução. Há relatos pontuais de escassez de água na irrigação, mas que não compromete o desenvolvimento regional da lavoura como um todo. A preocupação maior é com o resultado negativo da ocorrência de temperaturas baixas entre os dias 13 e 14 de fevereiro que poderão ter ocasionado o abortamento de flores. Mas, a situação mais preocupante entre os produtores é com a escala de semeadura da safra 2017/18. Nessa safra há aproximadamente 23% da área semeada em um período que o potencial da produtividade é afetada. Essa constatação técnica, somada à análise das previsões climáticas para a cultura do arroz, até o final do ciclo produtivo, fez com que a estimativa de produtividade reduzisse. A avaliação geral é que ocorrerá uma safra normal para o arroz no Rio Grande do Sul, onde a produção maior de algumas regiões vai compensar as produtividades mais baixas de outras.

Na zona sul do estado, de 70 a 80% da área se encontra em estádio reprodutivo (florescimento e enchimento de grãos). Em algumas regiões em início de maturação e 2% já colhidos em Santo Antônio da Patrulha e Camaquã. A maior parte das áreas acabaram sendo semeadas com atraso em novembro, provocando uma baixa na expectativa de produtividade de 5 a 10% em Santo Antônio da Patrulha. Os mananciais estão bem supridos na região da planície costeira externa. As condições sanitárias estão boas, sem ocorrência de danos significativos por pragas e doenças. Em locais isolados, a ocorrência de temperaturas baixas de 12 a 13 °C afetaram as plantas na floração, afetando sua fertilidade e aumentando o índice de grãos chochos.

Em Camaquã, devido às poucas chuvas ocorridas em novembro, houve dificuldade em terminar o plantio das áreas irrigadas, visto que muitas áreas sujas não foram plantadas e outras foram substituídas por soja. Cerca de 100 hectares em Camaquã e 400 hectares em Cristal ficaram sem água para irrigação e em razão da estiagem. A baixa disponibilidade de crédito oficial e os preços baixos da saca de arroz fizeram com que os produtores investissem menos nas lavouras.

Em Pelotas, as barragens estão com níveis baixos, bem inferiores à safra passada e na região da Lagoa dos Pa-



tos aumentou a salinização devido à entrada de água do mar. A água para o consumo humano está sendo suprida com a utilização de caminhões pipas em alguns pontos da cidade. Alguns registros de bruzone, sem danos significativos até o momento em plantas da cultura Guri, que aumentou em Pelotas por causa da maior aceitação pela indústria. Nesse município não houve chuvas significativas em janeiro e fevereiro. Os municípios de Amaral Ferrador, Morro Redondo, Pedras Altas, Arroio do Padre, Cerrito, Pedro Osório, São Lourenço, Turuçu, Canguçu, Piratini e Pinheiro Machado já declararam situação de emergência. Arroio Grande, Herval, Capão do Leão, Pelotas e Santana da Boa Vista já apresentam perdas significativas.

Figura 7 – Mapa da produção agrícola – Arroz

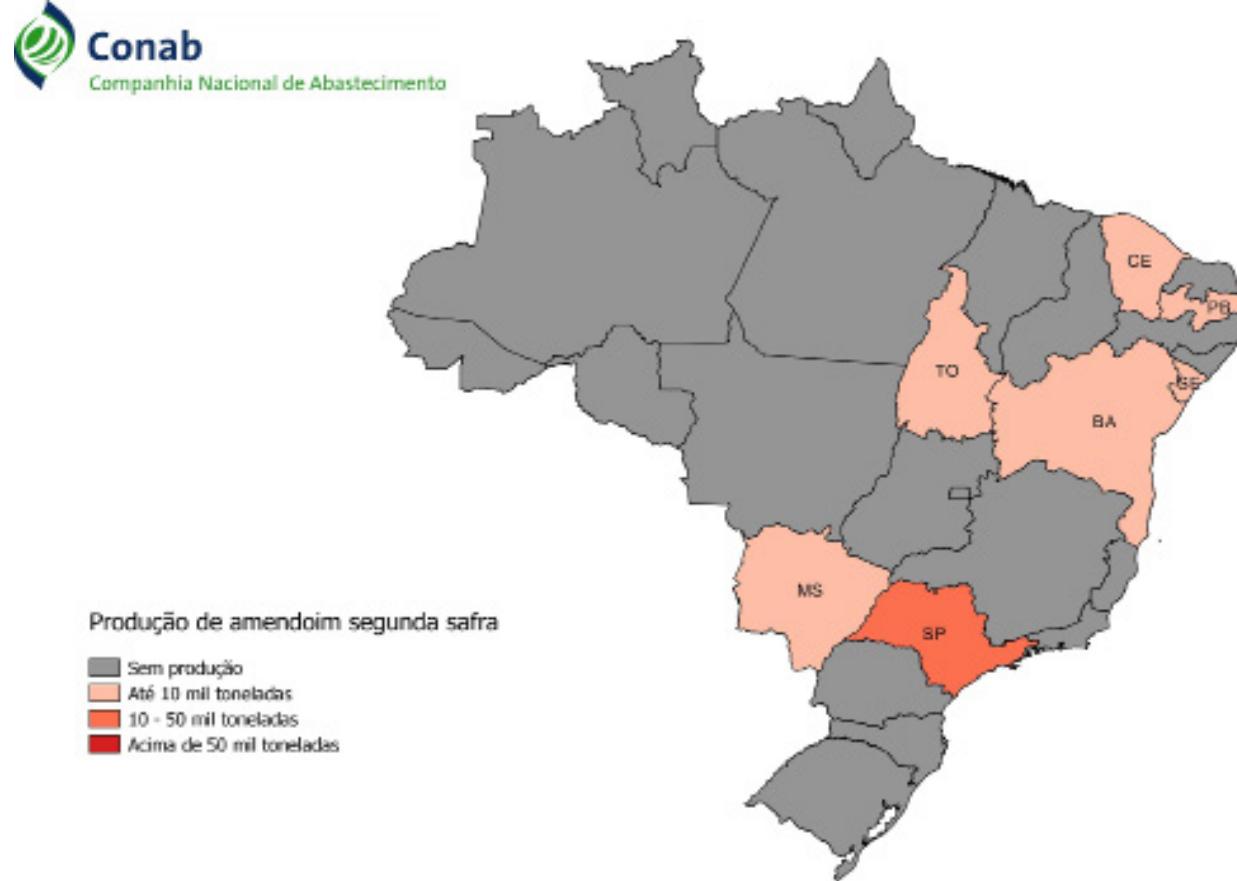


Figura 6 - Lavoura de arroz em Jaguarão/RS, 21/02/18.



Fonte: Conab.



Quadro 4 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Arroz

UF	Mesorregiões	Arroz											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense			P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
TO**	Ocidental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C				
MA	Centro Maranhense					P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense			P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
PR**	Noroeste Paranaense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
SC**	Norte Catarinense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M/C	M/C						
	Vale do Itajaí	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C						
	Sul Catarinense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M/C	M/C						
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Centro Oriental Rio-grandense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Metropolitana de Porto Alegre	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sudoeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	C					
	Sudeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	C					

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva Baixa restrição - excesso de chuva

Média restrição - Excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 8 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	263,0	253,4	(3,7)	4.129	4.164	0,9	1.085,8	1.055,2	(2,8)
RR	12,3	12,3	-	7.077	7.100	0,3	87,0	87,3	0,3
RO	40,6	36,6	(9,9)	2.956	3.215	8,8	120,0	117,7	(1,9)
AC	4,3	4,0	(7,0)	1.399	1.275	(8,9)	6,0	5,1	(15,0)
AM	3,2	2,5	(21,9)	2.183	2.258	3,4	7,0	5,6	(20,0)
AP	1,5	1,5	-	945	920	(2,6)	1,4	1,4	-
PA	68,8	63,4	(7,8)	2.728	2.707	(0,8)	187,7	171,7	(8,5)
TO	132,3	133,1	0,6	5.115	5.007	(2,1)	676,7	666,4	(1,5)
NORDESTE	229,2	254,0	10,8	1.908	1.725	(9,6)	437,3	438,1	0,2
MA	141,6	164,7	16,3	1.807	1.656	(8,3)	255,9	272,8	6,6
PI	65,2	66,1	1,4	1.629	1.344	(17,5)	106,2	88,8	(16,4)
CE	4,7	5,7	21,3	2.076	1.987	(4,3)	9,7	11,4	17,5
RN	1,0	1,0	-	3.766	3.288	(12,7)	3,8	3,3	(13,2)
PB	0,9	0,8	(11,1)	875	767	(12,3)	0,8	0,6	(25,0)
PE	0,2	0,4	100,0	4.000	5.259	31,5	0,8	2,1	162,5
AL	2,8	2,8	-	6.220	5.796	(6,8)	17,4	16,2	(6,9)
SE	4,7	4,7	-	7.540	7.128	(5,5)	35,4	33,5	(5,4)
BA	8,1	7,8	(3,7)	900	1.200	33,3	7,3	9,4	28,8
CENTRO-OESTE	199,4	173,9	(12,8)	3.672	3.584	(2,4)	732,3	623,2	(14,9)
MT	162,3	138,0	(15,0)	3.266	3.113	(4,7)	530,0	429,6	(18,9)
MS	15,5	14,3	(7,7)	6.000	6.000	-	93,0	85,8	(7,7)
GO	21,6	21,6	-	5.059	4.990	(1,4)	109,3	107,8	(1,4)
SUDESTE	16,1	14,6	(9,3)	3.399	3.598	5,8	54,7	52,5	(4,0)
MG	6,0	4,8	(20,0)	2.534	2.797	10,4	15,2	13,4	(11,8)
ES	0,1	0,1	-	2.471	2.447	(1,0)	0,2	0,2	-
RJ	0,3	0,3	-	3.667	3.300	(10,0)	1,1	1,0	(9,1)
SP	9,7	9,4	(3,1)	3.935	4.028	2,4	38,2	37,9	(0,8)
SUL	1.273,2	1.247,9	(2,0)	7.868	7.300	(7,2)	10.017,7	9.109,6	(9,1)
PR	25,1	23,6	(6,0)	6.506	6.529	0,4	163,3	154,1	(5,6)
SC	147,4	146,7	(0,5)	7.638	7.475	(2,1)	1.125,8	1.096,6	(2,6)
RS	1.100,7	1.077,6	(2,1)	7.930	7.293	(8,0)	8.728,6	7.858,9	(10,0)
NORTE/NORDESTE	492,2	507,4	3,1	3.095	2.943	(4,9)	1.523,1	1.493,3	(2,0)
CENTRO-SUL	1.488,7	1.436,4	(3,5)	7.258	6.812	(6,1)	10.804,7	9.785,3	(9,4)
BRASIL	1.980,9	1.943,8	(1,9)	6.223	5.802	(6,8)	12.327,8	11.278,6	(8,5)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2018.



Tabela 9 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz sequeiro

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	140,6	127,3	(9,5)	2.526	2.545	0,8	355,1	324,0	(8,8)
RO	40,6	36,6	(9,9)	2.956	3.215	8,8	120,0	117,7	(1,9)
AC	4,3	4,0	(7,0)	1.399	1.275	(8,9)	6,0	5,1	(15,0)
AM	3,2	2,5	(21,9)	2.183	2.258	3,4	7,0	5,6	(20,0)
AP	1,5	1,5	-	945	920	(2,6)	1,4	1,4	-
PA	63,7	56,7	(11,0)	2.592	2.518	(2,9)	165,1	142,8	(13,5)
TO	27,3	26,0	(4,9)	2.036	1.977	(2,9)	55,6	51,4	(7,6)
NORDESTE	213,3	236,6	10,9	1.623	1.456	(10,3)	346,2	344,7	(0,4)
MA	140,2	161,8	15,4	1.775	1.600	(9,9)	248,9	258,9	4,0
PI	60,0	60,9	1,5	1.384	1.100	(20,5)	83,0	67,0	(19,3)
CE	4,1	5,3	29,0	1.516	1.652	9,0	6,2	8,8	41,9
PB	0,9	0,8	(15,0)	875	767	(12,3)	0,8	0,6	(25,0)
BA	8,1	7,8	(3,7)	900	1.200	33,3	7,3	9,4	28,8
CENTRO-OESTE	158,1	138,9	(12,1)	3.187	3.051	(4,3)	503,8	423,8	(15,9)
MT	151,4	132,2	(12,7)	3.226	3.089	(4,2)	488,4	408,4	(16,4)
GO	6,7	6,7	-	2.300	2.300	-	15,4	15,4	-
SUDESTE	7,1	5,7	(19,7)	2.093	2.274	8,7	14,8	12,9	(12,8)
MG	4,7	3,5	(25,5)	1.563	1.756	12,3	7,3	6,1	(16,4)
ES	0,1	0,1	-	2.471	2.447	(1,0)	0,2	0,2	-
RJ	0,3	0,3	-	3.667	3.300	(10,0)	1,1	1,0	(9,1)
SP	2,0	1,8	(10,0)	3.082	3.100	0,6	6,2	5,6	(9,7)
SUL	5,3	3,4	(35,8)	2.032	1.950	(4,0)	10,8	6,6	(38,9)
PR	5,3	3,4	(35,8)	2.032	1.950	(4,0)	10,8	6,6	(38,9)
NORTE/NORDESTE	353,9	363,9	2,8	1.982	1.837	(7,3)	701,3	668,7	(4,6)
CENTRO-SUL	170,5	148,0	(13,2)	3.105	2.996	(3,5)	529,4	443,3	(16,3)
BRASIL	524,4	511,9	(2,4)	2.347	2.172	(7,4)	1.230,7	1.112,0	(9,6)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2018.



Tabela 10 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz irrigado

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	122,4	126,1	3,0	5.970	5.798	(2,9)	730,7	731,2	0,1
RR	12,3	12,3	-	7.077	7.100	0,3	87,0	87,3	0,3
PA	5,1	6,7	31,4	4.433	4.307	(2,8)	22,6	28,9	27,9
TO	105,0	107,1	2,0	5.915	5.742	(2,9)	621,1	615,0	(1,0)
NORDESTE	15,9	17,4	9,4	5.732	5.371	(6,3)	91,1	93,4	2,5
MA	1,4	2,9	107,1	5.020	4.801	(4,4)	7,0	13,9	98,6
PI	5,2	5,2	-	4.453	4.200	(5,7)	23,2	21,8	(6,0)
CE	0,6	0,4	(33,3)	5.900	6.430	9,0	3,5	2,6	(25,7)
RN	1,0	1,0	-	3.766	3.288	(12,7)	3,8	3,3	(13,2)
PE	0,2	0,4	100,0	4.000	5.259	31,5	0,8	2,1	162,5
AL	2,8	2,8	-	6.220	5.796	(6,8)	17,4	16,2	(6,9)
SE	4,7	4,7	-	7.540	7.128	(5,5)	35,4	33,5	(5,4)
CENTRO-OESTE	41,3	35,0	(15,3)	5.532	5.697	3,0	228,5	199,4	(12,7)
MT	10,9	5,8	(46,8)	3.815	3.659	(4,1)	41,6	21,2	(49,0)
MS	15,5	14,3	(7,7)	6.000	6.000	-	93,0	85,8	(7,7)
GO	14,9	14,9	-	6.300	6.200	(1,6)	93,9	92,4	(1,6)
SUDESTE	9,0	8,9	(1,1)	4.429	4.445	0,4	39,9	39,6	(0,8)
MG	1,3	1,3	-	6.043	5.600	(7,3)	7,9	7,3	(7,6)
SP	7,7	7,6	(1,3)	4.157	4.248	2,2	32,0	32,3	0,9
SUL	1.267,9	1.244,5	(1,8)	7.893	7.315	(7,3)	10.006,9	9.103,0	(9,0)
PR	19,8	20,2	2,0	7.704	7.300	(5,2)	152,5	147,5	(3,3)
SC	147,4	146,7	(0,5)	7.638	7.475	(2,1)	1.125,8	1.096,6	(2,6)
RS	1.100,7	1.077,6	(2,1)	7.930	7.293	(8,0)	8.728,6	7.858,9	(10,0)
NORTE/NORDESTE	138,3	143,5	3,8	5.943	5.746	(3,3)	821,8	824,6	0,3
CENTRO-SUL	1.318,2	1.288,4	(2,3)	7.795	7.251	(7,0)	10.275,3	9.342,0	(9,1)
BRASIL	1.456,5	1.431,9	(1,7)	7.619	7.100	(6,8)	11.097,1	10.166,6	(8,4)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2018.

8.1.4. FEIJÃO

8.1.4.1. FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

A área semeada com o feijão primeira safra foi de 1.050,5 mil hectares, 5,4% menor se comparada à safra passada, que foi de 1.111 mil hectares. A produtividade média estimada para essa cultura está em 1.189 kg/ha, na média nacional, 2,9% abaixo do obtido na última

temporada. Com esses resultados de área e produtividade, a produção nacional está prevista em 1.249,5 mil toneladas, representando decréscimo de 8,2% em relação à safra anterior.

Feijão-comum cores

Houve redução de 3,9% na área semeada com o feijão-comum cores, para o exercício 2017/18, a área semeada foi de 459,7 mil hectares. A produtividade está estimada em 1.719 kg/ha, redução de 3,3% e a produção esperada é de 790,4 mil toneladas.

Na Bahia, as lavouras de feijão-comum cores estão cultivadas em 43,9 mil hectares com a expectativa de produzir 22,3 mil toneladas, com previsão de rendimento médio de 507 kg/ha. O cultivo do feijão-comum cores é tipicamente realizado pela agricultura familiar, destinando a produção para subsistência das famílias, para o plantio da próxima safra e à comercialização dos excedentes. Os produtores estão distri-

buídos por toda a Bahia, havendo cultivo no extremo oeste, no centro norte, no centro sul e no Vale do São Francisco. O feijão-comum cores é uma planta de crescimento determinado, chamado pelos produtores de feijão de arranquio. As plantas colhidas são penduradas para secar ou debulhadas manualmente para o consumo como feijão-verde.

No extremo oeste se espera a produtividade de 660 kg/ha, e as boas condições climáticas têm indicado tendência de aumento desse rendimento. No centro norte do estado, a estiagem ocorrida em janeiro causou alguns danos na cultura, retardando o desenvolvimento das plantas. No entanto, espera-se a re-



cuperação das lavouras com as chuvas ocorridas em fevereiro. Em janeiro, o intenso veranico ocorrido no centro sul e Vale do São Francisco impactou na produtividade das lavouras, reduzindo a produtividade do estado.

Em Mato Grosso, a colheita dos 6,2 mil hectares de feijão-comum cores foi finalizada em janeiro. Na atual safra, o cultivo ficou restrito às regiões oeste e suldeste do estado. A produtividade média estimada da safra foi considerada boa, com 2.342 kg/ha, ante aos 1.998 kg/ha na safra passada, aumento de 17,2% no rendimento devido ao uso de pivôs de irrigação em Campos de Júlio, maior município produtor da cultura de primeira safra. A partir disso, estima-se produção de 14,5 mil toneladas, volume 65% superior às 8,8 mil toneladas da safra passada.

Em Goiás, a estimativa de produtividade é de 2.496 kg/ha, 4% superior à safra passada. Na região leste do estado, as lavouras estão totalmente colhidas, apresentando um bom rendimento, com média de 2.700 kg/ha. Cerca de 60% do total colhido já foi comercializado, porém os produtores pretendem segurar um pouco o produto na esperança de uma reação no preço, que atualmente está variando entre os valores de R\$ 80,00 a R\$ 100,00 a saca de 60 quilos. Destaque para o município de Formosa e região, onde o rendimento foi bastante prejudicado pelas condições climáticas, pois, no período de floração da cultura, ocorreu falta de chuva de aproximadamente 15 dias, provocando o abortamento de flores, enquanto no período de colheita, as chuvas prejudicaram a qualidade dos grãos, a expectativa de rendimento inicialmente era de 2.800 kg/ha, porém após o fechamento da colheita o rendimento médio ficou em torno de 1.800 kg/ha.

No Distrito Federal, nesse levantamento, a área plantada de feijão-comum cores e preto, também conhecida como safra das águas, é de 12,1 mil hectares. A colheita foi concluída e a produtividade atingiu a média de 2.050 Kg/ha (considerando cores e preto). O incremento médio de produtividade foi na ordem de 9,5% em relação à safra anterior, o que poderá resultar em uma produção de 26,28 mil toneladas, superior em 15,9% a obtida na safra 2016/17, ocasionado, sobretudo, pelo excelente trabalho de conscientização no combate a mosca-branca, realizado pela Secretaria de Agricultura do Distrito Federal.

Poucos negócios foram realizados até o momento, o que preocupa os produtores que acabaram de colher. A inércia do mercado comprador reflete o momento mais tranquilo no varejo, normal nesta época do mês. O comportamento dos preços interno reflete os fundamentos de oferta e demanda. A expectativa é de re-

dução ainda maior de preços, dado, sobretudo, à maior oferta do produto ocasionado pela conclusão da colheita da primeira safra na região.

Figura 8 - Colheita do feijão-comum cores primeira safra no Distrito Federal.



Fonte: Conab.

Em Minas Gerais, a área de feijão apresenta redução de 3% em relação à safra anterior. Com preços médios em torno de R\$ 100,00 a saca de 60 quilos, na ocasião do plantio, boa parte dos produtores têm optado por culturas mais rentáveis e de menor risco climático, como o milho e soja. O rendimento médio estimado é de 1.327 kg/ha, 2% menor em relação ao levantamento anterior devido às perdas ocasionadas pelas intensas precipitações no período de maturação e colheita, além da ocorrência de mosca branca e mofo branco. Cerca de 85% das lavouras foram colhidas e o preço médio de comercialização para o produto de melhor qualidade é de R\$ 80,00 a 100,00 a saca de 60 quilos de feijão-carioca.

Em São Paulo, o feijão das águas se encontra colhido. Os produtores que plantaram tiveram muitos problemas com as chuvas durante a temporada da colheita. São Paulo teve uma produção bem abaixo da esperada em virtude do excesso dessas chuvas, além disso, alguns produtores da região de maior produção perderam uma boa parte de suas lavouras. Esse feijão perdeu coloração, com isso, o valor comercial do produto ficou prejudicado. Houve informação que vários produtores obtiveram preço em torno de R\$ 50,00 a saca de 60 quilos. Comercializaram tão somente por valor simbólico, muito abaixo do preço praticado junto ao mercado local (caso ocorrido na região de Itapeva). A área estimada para o feijão primeira safra é de 80 mil hectares e a produtividade do feijão demonstra redução de 1,6% (2.511 kg/ha), por chuva na colheita.

Na Região Sul se estima redução da produtividade de 14,4% e da produção 15,1%, principalmente pelas adversidades climáticas que a região sofreu durante o ciclo da cultura e a colheita.

No Paraná, a safra já foi encerrada. As perdas, tanto



em quantidade quanto em qualidade, já estão consolidadas. A produtividade é mais de 20,1% inferior à safra anterior. As perdas de qualidade são ainda mais marcantes, com repercussão nos preços pagos ao produtor, que estão bem aquém do desejável. A cultura também sofreu adversidade com a estiagem em setembro passado e dias frios nos últimos meses do ano. O excesso de chuvas na época de colheita, porém, foi o grande vilão. A quebra de safra resulta, não só apenas em menor oferta de grãos, como também em menor área plantada na segunda safra. Há casos de falta de semente (de produtores que usam a primeira safra para produzir semente com finalidade de plantar na segunda safra) e de frustração com a cultura (medo por parte do produtor de sofrer outro revés). Os preços praticados atualmente também não são animadores. Mesmo com a diminuição da oferta, os preços não reagiram positivamente.

Em Santa Catarina em torno de 24% das lavouras já tinham sido colhidas até o final de fevereiro. As demais lavouras se encontravam distribuídas desde desenvolvimento vegetativo 2%, floração 25%, granação 31% e maturação 18%. O feijão-comum cores, principal representante da classe cores em Santa Catarina, tem seu plantio concentrado nas regiões Oeste, Planalto Sul e Meio-oeste, as duas últimas com maiores altitudes e temperaturas amenas, resultando no plantio mais tardio. Além desse fato, as condições climáticas, ocorridas durante a fase de plantio, resultou em certo atraso na finalização dessa operação. Chuvas escassas na primeira quinzena de dezembro e excesso de chu-

Feijão-comum preto

No Brasil houve um incremento de 3,3% na área semeada de feijão-comum preto, alcançando 180,5 mil hectares. No entanto, em razão das condições climáticas, obteve-se uma redução de 11,3% na produtividade e a produção está estimada em 292,7 mil toneladas, decréscimo de 8,4% em relação à safra anterior.

Em Minas Gerais a área de feijão-comum preto está estimada em 6,7 mil hectares, distribuídos nas regiões Central e Zona da Mata. Produtividade estimada de 851 kg/ha. As lavouras se encontram na fase de maturação e colheita.

Na região Sul, principal região produtora, aumentou a área de semeadura em 3,7%, em relação à safra passada, no entanto, espera-se uma redução de 11,8% na produtividade total, principalmente pelas condições climáticas, prejudicando também o valor final de produção em 281,3 mil toneladas.

No Paraná, a colheita do feijão-comum preto deve se encerrar nos próximos dias. A produtividade e quali-

vas nas primeiras semanas de janeiro atrapalharam o plantio desta cultura no Planalto Sul e dificultaram a colheita do feijão primeira safra e, consequentemente, atrasaram a implantação do feijão segunda safra, o qual seria semeado em sucessão nas demais regiões. Como consequência do excesso de umidade ocorrida em janeiro, a qualidade do produto foi comprometida em muitos locais, resultando em baixas cotações, as quais partiram desde R\$ 75,00/sc. Com a redução das precipitações em fevereiro, as lavouras em maturação voltaram a ser colhidas e a qualidade do produto mostrou melhorias. Contudo, os preços ainda estão estáveis, resultado, entre outros, a boa oferta de produto nas regiões produtoras. A produtividade estimada atualmente gira em torno de 1.881 kg/ha. A estabilidade climática, observada atualmente, vem contribuindo para a manutenção da sanidade das lavouras e deve garantir estabilidade de produção em áreas onde a fase de desenvolvimento se encontra entre final de granação e maturação. Contudo, a mesma estabilidade pode comprometer as lavouras que se encontram entre floração e início do período reprodutivo, haja vista que o acumulado de chuvas nas principais regiões produtoras está abaixo do normal nos últimos 15 dias.

No Rio Grande do Sul, a área de feijão-comum cores se mantém desde a safra passada. Estima-se aumento de 12,5% na produtividade e as lavouras apresentam-se em estádio de frutificação/maturação, com pouco mais de 3% colhidos.

dade foram afetadas pelas irregularidades climáticas, com seca em setembro e excesso de chuvas em outubro, dezembro e janeiro, além de dias frios. A produtividade obtida gira em torno de 1.607 kg/ha. Os preços oscilam entre R\$100 e R\$120 a saca de 60 quilos. Relata-se que, devido à quebra de safra, já se iniciou importação de produto da Argentina.

Em Santa Catarina, aproximadamente 85% do feijão-comum preto semeado na primeira safra havia sido colhido até o final de fevereiro. O restante das lavouras estão distribuídas desde floração 3,5%, granação 6% e maturação 5,7%. Com produtividade em torno de 1.935 kg/ha, parte das lavouras foram prejudicadas pelas instabilidades climáticas ocorridas desde o início de seu ciclo. A produtividade pode ser ajustada de acordo com o avanço do desenvolvimento das lavouras remanescentes e condições climáticas, as quais estão estáveis nos últimos dias, com chuvas abaixo do normal em muitas regiões.

A falta de chuvas regulares atrasou a finalização da



semeadura em meados de dezembro. Em janeiro, o excesso de chuvas atrapalhou a colheita de parte das lavouras que estava em maturação e ponto de colheita, o que acabou afetando a produtividade e a qualidade dos grãos, muitos dos quais, devido à alta umidade, tiveram que ser secados artificialmente, resultando no rebaixamento de sua tipificação comercial.

No Rio Grande do Sul, a colheita está avançando e a produtividade média é estimada em 1.660 kg/ha, 10,1% superior à safra passada. Na zona Sul do estado 90% da área está colhida e 10% em maturação, no entanto, a produtividade está muito abaixo do esperado

em razão da estiagem, apresentando produtividades inferiores a 1.000 kg/ha em algumas áreas. Na região nordeste do estado, as condições de desenvolvimento até o momento são adequadas e mantém-se o potencial produtivo satisfatório. A cultura é cultivada basicamente pela agricultura familiar, sem grandes produtores consideráveis. Nas regiões de Caxias do Sul e Vacaria, 5% da área está colhida e grande parte em estádio de frutificação/maturação. Já na região de Solidade, a safra está 100% colhida, apresentando grãos de boa qualidade. Houve um período de estiagem de 17 a 20 dias em janeiro.

Feijão-caupi

Durante a primeira safra, o feijão-caupi é o terceiro tipo mais cultivado no país. Sua produção se concentra no Nordeste, mais particularmente no Piauí e Bahia. A área e a produtividade total de feijão-caupi decresceram 10,4% e 13,7%, respectivamente, em face das condições climáticas nessa safra. Devido a esse fator, a produção será 22,6% inferior à safra passada.

Em Tocantins, a cultura no estado é cultivada basicamente por pequenos agricultores, com baixo emprego de insumos e mecanização. A colheita do feijão já se iniciou e alguns produtores de feijão do grupo cores têm relatado uma produtividade inferior à esperada, associando isso aos elevados volumes de chuvas ocorridos durante toda a estação chuvosa até o momento.

No Maranhão, as lavouras já foram estabelecidas em sua totalidade e a área plantada é estimada em 37,4 mil hectares. No estado, o feijão primeira safra é consumido basicamente em vagem (este quase colhido), no entanto, aquelas lavouras plantadas para consumo em grãos se encontram, em maioria no estádio de frutificação.

No Piauí, expectativa é de um aumento de área em relação à safra passada na ordem de 3,7%, com área de 235,3 mil hectares. Esse aumento na área de feijão corresponde a áreas de agricultura familiar. Atualmente a área de feijão no estado se encontra totalmente plantada, com o plantio ocorrendo entre dezembro e fevereiro, e a cultura está predominantemente na fase vegetativa, no entanto, em algumas regiões do semiárido existem áreas em fase de maturação. A expectativa de produtividade para o feijão total é de 300 kg/ha, representando um aumento de 2% em relação à safra passada. Esse aumento leva em consideração o bom regime climático das áreas do cerrado e da região norte, e do regime climático regular (com a ocorrência de veranicos) na região do semiárido, até o

momento da safra atual; e uma vez que na safra anterior houve perdas de produtividade para a cultura do feijão, principalmente na região do semiárido.

Figura 9 - Feijão-caupi da agricultura familiar no Piauí



Fonte: Conab.

No Bahia, as lavouras de feijão-caupi ocupam 112,3 mil hectares, com a expectativa de produzir 55,9 mil toneladas. Essa lavoura é plantada exclusivamente pela agricultura familiar, sendo previsto o rendimento médio de 498 kg/ha. A produção que será colhida se destina à subsistência das famílias, havendo um pequeno percentual destinado ao plantio da próxima safra e à comercialização dos excedentes. Os produtores estão distribuídos por toda o estado, havendo cultivo no extremo oeste, no centro norte, no centro sul e no Vale do São Francisco.

No extremo oeste, estima-se que a agricultura familiar cultivou 12,5 mil hectares, com a expectativa de colher cerca de 8 mil toneladas, com rendimento médio de 630 kg/ha. As condições climáticas, com a regularidade das chuvas, têm contribuído para a previsão de boa safra. Essa previsão representa o ganho de 90% na produtividade e 70% na produção, ainda assim, não são previstos impactos no mercado, visto que os pro-



dutores comercializam somente o excedente. Embora tenha ocorrido veranico em janeiro, ainda assim, os rendimentos previstos são 71,8% maiores que os obtidos na safra passada.

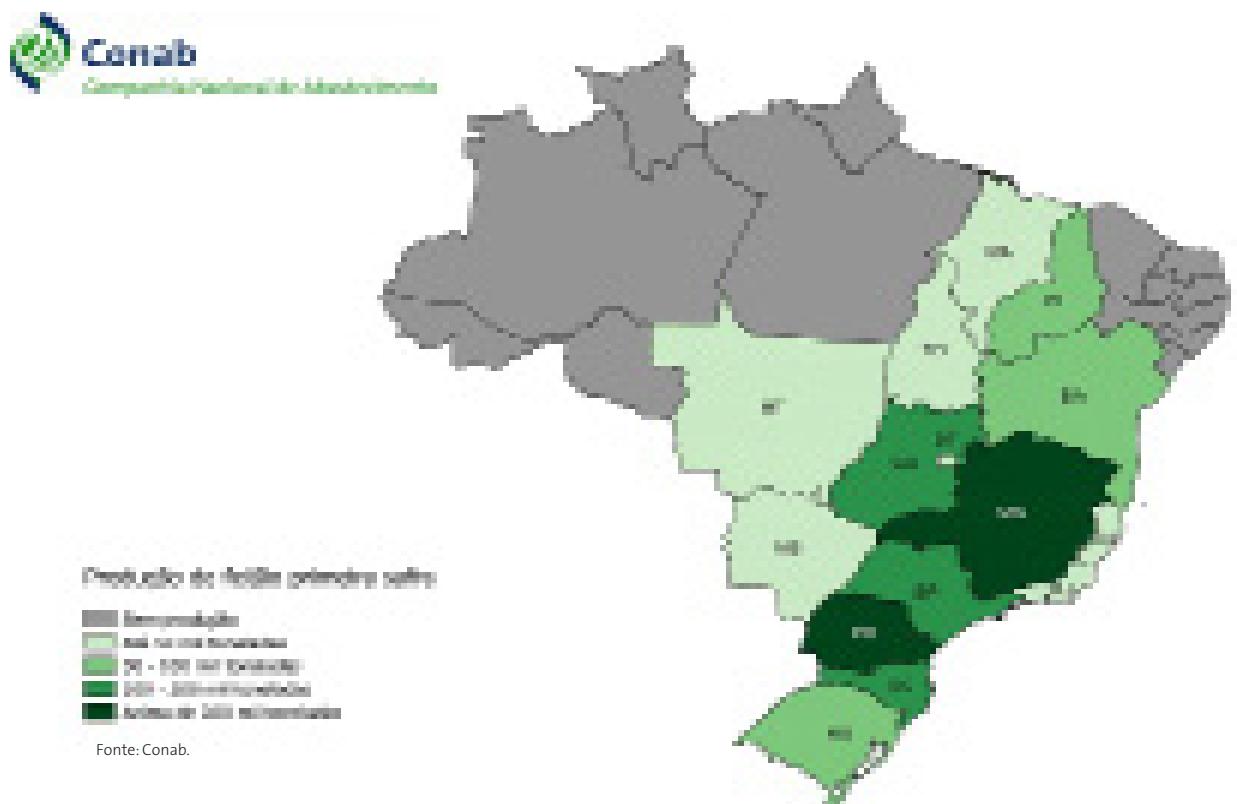
Em janeiro, o intenso veranico ocorrido no centro sul e Vale do São Francisco, impactou na produtividade das lavouras, reduzindo a produtividade do estado em 13,8%. A estimativa de rendimento é de 498 kg/ha. A colheita tem previsão para ser iniciada em meados de fevereiro.

Em Mato Grosso, a colheita do feijão-caupi primeira safra está finalizada desde janeiro. Com as lavouras situadas na região sudeste do estado. A finalidade do

cultivo é a obtenção de sementes para a semeadura da segunda e terceira safras da variedade. A área destinada à cultura foi de 6,4 mil hectares, com produtividade média de 1.200 kg/ha.

Em Minas Gerais, a área de feijão-caupi deve sofrer redução de 3,1% em relação à safra anterior, com estimativa de produtividade de 538 kg/ha, permanecendo baixa para a cultura, porém coerente com o histórico regional. Trata-se de uma cultura de risco devido ao clima seco da região norte do estado, onde essa variedade é cultivada. Na safra passada se perdeu 30% da área plantada total, visto que em alguns municípios as perdas chegaram a 80%.

Figura 10 – Mapa da produção agrícola – Feijão primeira safra



Quadro 5 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão primeira safra

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra											
		JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
PI	Centro-Norte Piauiense							P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C
	Sudoeste Piauiense						P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
	Sudeste Piauiense							P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano					P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M	M/C	C	
	Vale São-Franciscano da Bahia					P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M	M/C	C	
	Centro Norte Baiano					P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C	
	Centro Sul Baiano					P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M	M/C	C	
MT	Sudeste Mato-grossense		P/G	DV	F	F/FR/M	M/C						
	Norte Mato-grossense	P/G	DV/F	F/FR	M/C	C							
GO	Leste Goiano			P/G	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sul Goiano			P/G	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Norte Goiano			P/G	G/DV	F/FR	FR/M	M/C					
DF	Distrito Federal		PP	P/G/DV	F/FR	M/C	C						
MG	Noroeste de Minas		P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C						
	Norte de Minas		P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C						
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C						
	Oeste de Minas		P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C						
	Sul/Sudoeste de Minas		P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C						
	Campo das Vertentes		P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C						
SP**	Zona da Mata		P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C						
	Bauru	PP	P/G	DV/F	FR	FR/M	M/C	C					
	Assis	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Itapetininga	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
PR	Norte Central Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Norte Pioneiro Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Centro Oriental Paranaense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Oeste Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense			P/G/DV	G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sudeste Paranaense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
SC	Metropolitana de Curitiba			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Oeste Catarinense			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C				
	Norte Catarinense			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C				
RS	Serrana			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C				
	Noroeste Rio-grandense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M/C	C					
	Nordeste Rio-grandense			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C				
	Metropolitana de Porto Alegre			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	C				

Legendas:

	Baixa restrição - falta de chuvas		Favorável		Média restrição - falta de chuva		Baixa restrição - excesso de chuva
	Média restrição - Excesso de chuva						

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 11 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4,8	6,2	29,2	649	631	(2,8)	3,1	3,9	25,8
TO	4,8	6,2	29,2	649	631	(2,8)	3,1	3,9	25,8
NORDESTE	490,2	428,9	(12,5)	453	397	(12,3)	222,1	170,5	(23,2)
MA	36,4	37,4	2,7	570	580	1,8	20,7	21,7	4,8
PI	226,9	235,3	3,7	294	300	2,0	66,7	70,6	5,8
BA	226,9	156,2	(31,2)	594	501	(15,7)	134,7	78,2	(41,9)
CENTRO-OESTE	81,5	81,7	0,2	2.203	2.328	5,7	179,5	190,2	6,0
MT	10,8	12,6	16,7	1.525	1.762	15,5	16,5	22,2	34,5
MS	0,8	0,8	-	1.800	1.800	-	1,4	1,4	-
GO	57,8	56,2	(2,8)	2.400	2.496	4,0	138,7	140,3	1,2
DF	12,1	12,1	-	1.895	2.170	14,5	22,9	26,3	14,8
SUDESTE	247,3	241,4	(2,4)	1.651	1.657	0,3	408,3	399,9	(2,1)
MG	161,0	156,2	(3,0)	1.213	1.237	2,0	195,2	193,3	(1,0)
ES	4,6	4,6	-	1.174	1.113	(5,2)	5,4	5,1	(5,6)
RJ	0,6	0,6	-	1.127	1.075	(4,6)	0,7	0,6	(14,3)
SP	81,1	80,0	(1,4)	2.552	2.511	(1,6)	207,0	200,9	(2,9)
SUL	287,2	292,3	1,8	1.907	1.659	(13,0)	547,6	485,0	(11,4)
PR	194,1	199,8	2,9	1.880	1.543	(17,9)	364,8	308,2	(15,5)
SC	51,3	53,0	3,3	2.160	1.903	(11,9)	110,8	100,8	(9,0)
RS	41,8	39,5	(5,5)	1.721	1.923	11,7	72,0	76,0	5,6
NORTE/NORDESTE	495,0	435,1	(12,1)	455	401	(12,0)	225,2	174,4	(22,6)
CENTRO-SUL	616,0	615,4	(0,1)	1.843	1.747	(5,2)	1.135,4	1.075,1	(5,3)
BRASIL	1.111,0	1.050,5	(5,4)	1.225	1.189	(2,9)	1.360,6	1.249,5	(8,2)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2018.

Tabela 12 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	1,2	1,2	-	1.850	1.900	2,7	2,2	2,3	4,5
DF	1,2	1,2	-	1.850	1.900	2,7	2,2	2,3	4,5
SUDESTE	9,8	9,6	(2,0)	965	957	(0,8)	9,5	9,1	(4,2)
MG	6,9	6,7	(2,9)	838	851	1,6	5,8	5,7	(1,7)
ES	2,3	2,3	-	1.304	1.237	(5,1)	3,0	2,8	(6,7)
RJ	0,6	0,6	-	1.127	1.075	(4,6)	0,7	0,6	(14,3)
SUL	163,7	169,7	3,7	1.880	1.657	(11,8)	307,8	281,3	(8,6)
PR	112,0	118,9	6,2	1.929	1.607	(16,7)	216,0	191,1	(11,5)
SC	19,9	21,3	7,1	2.200	1.935	(12,0)	43,8	41,2	(5,9)
RS	31,8	29,5	(7,2)	1.508	1.660	10,1	48,0	49,0	2,1
CENTRO-SUL	174,7	180,5	3,3	1.829	1.622	(11,3)	319,5	292,7	(8,4)
BRASIL	174,7	180,5	3,3	1.829	1.622	(11,3)	319,5	292,7	(8,4)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2018.



Tabela 13 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,4	1,0	150,0	1.080	799	(26,0)	0,4	0,8	100,0
TO	0,4	1,0	157,5	1.080	799	(26,0)	0,4	0,8	100,0
NORDESTE	57,0	43,9	(23,0)	862	507	(41,2)	49,1	22,3	(54,6)
BA	57,0	43,9	(23,0)	862	507	(41,2)	49,1	22,3	(54,6)
CENTRO-OESTE	73,9	74,1	0,3	2.296	2.432	5,9	169,6	180,2	6,3
MT	4,4	6,2	40,9	1.998	2.342	17,2	8,8	14,5	64,8
MS	0,8	0,8	-	1.800	1.800	-	1,4	1,4	-
GO	57,8	56,2	(2,8)	2.400	2.496	4,0	138,7	140,3	1,2
DF	10,9	10,9	-	1.900	2.200	15,8	20,7	24,0	15,9
SUDESTE	223,4	218,1	(2,4)	1.752	1.758	0,3	391,5	383,4	(2,1)
MG	140,0	135,8	(3,0)	1.301	1.327	2,0	182,1	180,2	(1,0)
ES	2,3	2,3	-	1.043	989	(5,2)	2,4	2,3	(4,2)
SP	81,1	80,0	(1,3)	2.552	2.511	(1,6)	207,0	200,9	(2,9)
SUL	123,5	122,6	(0,7)	1.941	1.662	(14,4)	239,8	203,7	(15,1)
PR	82,1	80,9	(1,5)	1.812	1.448	(20,1)	148,8	117,1	(21,3)
SC	31,4	31,7	0,9	2.134	1.881	(11,9)	67,0	59,6	(11,0)
RS	10,0	10,0	-	2.400	2.700	12,5	24,0	27,0	12,5
NORTE/NORDESTE	57,4	44,9	(21,8)	864	514	(40,5)	49,5	23,1	(53,3)
CENTRO-SUL	420,8	414,8	(1,4)	1.903	1.850	(2,8)	800,9	767,3	(4,2)
BRASIL	478,2	459,7	(3,9)	1.779	1.719	(3,3)	850,4	790,4	(7,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2018.

Tabela 14 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4,4	5,2	18,2	610	599	(1,8)	2,7	3,1	14,8
TO	4,4	5,2	17,7	610	599	(1,8)	2,7	3,1	14,8
NORDESTE	433,2	385,0	(11,1)	400	385	(3,7)	173,0	148,2	(14,3)
MA	36,4	37,4	2,7	570	580	1,8	20,7	21,7	4,8
PI	226,9	235,3	3,7	294	300	2,0	66,7	70,6	5,8
BA	169,9	112,3	(33,9)	504	498	(1,2)	85,6	55,9	(34,7)
CENTRO-OESTE	6,4	6,4	-	1.200	1.200	-	7,7	7,7	-
MT	6,4	6,4	-	1.200	1.200	-	7,7	7,7	-
SUDESTE	14,1	13,7	(2,8)	519	538	3,7	7,3	7,4	1,4
MG	14,1	13,7	(3,1)	519	538	3,7	7,3	7,4	1,4
NORTE/NORDESTE	437,6	390,2	(10,8)	402	388	(3,5)	175,7	151,3	(13,9)
CENTRO-SUL	20,5	20,1	(2,0)	732	749	2,3	15,0	15,1	0,7
BRASIL	458,1	410,3	(10,4)	416	405	(2,6)	190,7	166,4	(12,7)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2018.



8.1.4.2. FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Para o feijão segunda safra está previsto a semeadura de 1.501,4 mil hectares, um incremento de 5,2% quando comparado à safra passada, possivelmente motivado pela opção do plantio de feijão ao milho. Observa-se que, para Regiões Norte/Nordeste deverá ser semeado 810,3 mil hectares, enquanto na Região Centro-Sul a estimativa é de uma área de 691,1 mil hectares se-

Feijão-comum cores

O feijão-comum cores é um dos tipos mais produzido na segunda safra. A estimativa é de 538,6 mil toneladas para a safra 2017/18, ou seja, 6,5% inferior à safra passada.

Em Rondônia, a área cultivada deverá ser de 18,4 mil hectares. O estabelecimento da cultura no campo acontece com a redução dos índices pluviométricos, que ocorre a partir da segunda quinzena de março. O perfil de quem cultiva feijão é o pequeno agricultor rural familiar. O tamanho médio das unidades de produção é de 1 a 2,5 hectares, a semeadura ocorre através de matracas, o controle de plantas invasoras é feito através de capina manual e o uso de fertilizantes e defensivos é limitado.

No Amazonas, o cultivo de feijão-comum cores acontece no município de Apuí. A semeadura ocorre entre fevereiro e abril, com colheita entre maio e julho. A expectativa é de uma área plantada de 4,1 mil hectares, incremento de 8% em relação à safra passada.

Na Paraíba, nas últimas cinco safras, a cultura foi prejudicada pela insuficiência de chuvas. Na safra passada foram plantadas 25,7 mil hectares de feijão-comum cores. A presente safra conta com a perspectiva de pequeno crescimento de área, com variação de 4,6% em relação à safra passada.

Na Bahia, estima-se o cultivo de 10 mil hectares em manejo irrigado em sistema de pivô central, em sucessão às lavouras de soja. O plantio do feijão-comum cores, após a colheita das lavouras de soja, é caracterizado como um cultivo de oportunidade, preenchendo a lacuna entre a produção da primeira e terceira safras, abastecendo toda a Região Nordeste do Brasil.

Em Mato Grosso, a área destinada ao cultivo de feijão-comum cores segunda safra deverá ser menor na safra 2017/18, inicialmente, passando de 28,4 mil hectares na safra 2016/17 para 27,6 mil hectares na safra atual. Contudo, o recuo pode ser maior. As baixas cotações do grão e o elevado custo de produção tem desestimulado o cultivo da leguminosa. As lavouras

meada com feijão segunda safra. Em Mato Grosso, a área de feijão-comum cores começou a ser semeada, enquanto o plantio de feijão-caupi deve ocorrer entre março e abril devido às intempéries climáticas no período de colheita da soja. No Paraná, o plantio ainda não foi finalizado, mas a expectativa é que a área semeada seja inferior à da safra passada.

começaram a ser semeadas em fevereiro e deve se estender até a primeira quinzena de março.

No Distrito Federal, na safra anterior, a área semeada com feijão-comum cores segunda safra foi de 0,9 mil hectares. Para essa safra, a estimativa é de uma área plantada de 0,5 mil hectares. O plantio já foi concluído e as lavouras estão em estádio de germinação e desenvolvimento vegetativo.

No Paraná, ainda não foi finalizado o plantio. Encontra-se com cerca de 75% da área semeada. Entretanto, a redução de área é inevitável. Os levantamentos atuais indicam queda de 25,1% em relação à correspondente safra anterior. Vários são os fatores que motivam tal redução. Um deles é a frustração que o produtor teve com a primeira safra. Também, falta de sementes próprias – prática comum entre alguns dos agricultores para essa cultura. A produtividade estimada é de 1.446 kg/ha. Quanto aos preços, a expectativa é de aumento, uma vez que se estima colher produto com melhor qualidade do que na primeira safra.

Em Santa Catarina, o plantio do feijão-comum cores segunda safra se encontra finalizado na ampla maioria das regiões. As lavouras encontram-se em desenvolvimento vegetativo e suas condições atuais são consideradas boas, resultado do clima estável ocorrido durante a semeadura. A área deve permanecer próxima ao plantado na safra anterior, já que boa parte da área dessa classe é semeada em municípios onde seu cultivo é mais tradicional em relação ao feijão-preto. A produtividade dessa safra ainda é inconclusiva, já que, da mesma forma, para o feijão-preto as lavouras se encontram em estádios iniciais de desenvolvimento e dependem das condições climáticas dos próximos meses. As chuvas ocorridas durante fevereiro atingiram volumes abaixo da média em grande parte das regiões produtoras, o que pode vir a comprometer a qualidade de algumas lavouras. Além disso, a possível chegada de uma frente fria nos próximos dias pode trazer consigo baixas temperaturas, as quais, se confirmadas, podem prejudicar as plantas em várias fases de desenvolvimento.



Feijão-comum preto

O feijão-comum preto é o terceiro mais cultivado durante a segunda safra. A estimativa é uma produção de 181,3 mil toneladas em uma área de 125,5 mil hectares, obtendo em média 1.444 kg/ha.

Na Paraíba, a cultura é explorada em poucos municípios. Na safra passada foram plantadas 1,1 mil hectares de feijão-comum preto e apresentou produtividade de 405 kg/ha, prejudicada pela insuficiência de chuvas. Na presente safra não existe perspectiva de crescimento de área, sendo estimado a repetição do plantio nas áreas da safra anterior.

No Paraná, assim como o feijão-comum cores, a área de plantio de feijão-comum preto deverá sofrer redução nessa safra, em comparação com a respectiva safra anterior. A diminuição é de cerca de 8,7% devido aos baixos preços e também ao risco de plantio mais tarde. O produto é cultivado nas regiões de clima mais ameno, onde as geadas são bastantes recorrentes a partir de maio, o que, não raro, causa perda total para muito produtores. O plantio está atrasado devido ao prolongamento do ciclo das lavouras de verão. A produtividade estimada é na ordem de 1.525 kg/ha.

Em Santa Catarina, o plantio do feijão-comum preto segunda safra alcançava, ao final da terceira semana de fevereiro, em torno de 70% da área destinada ao cultivo. As condições climáticas descritas para as culturas de feijão primeira safra foram os principais fatores responsáveis pelo atraso na implantação do feijão segunda safra, cujas fases de desenvolvimento se enquadram entre germinação/emergência e desenvolvimento vegetativo, em igual distribuição. Devido,

principalmente às instabilidades climáticas, as quais vêm influenciando várias culturas, observa-se uma tendência de redução da área a ser semeada de feijão, principalmente em regiões onde as temperaturas tendem a baixar quando da entrada do outono, o que pode trazer consequências negativas sobre as plantas de feijão, mais suscetíveis ao frio. Ainda, as incertezas quanto ao início de um período de baixas precipitações a partir de meados de fevereiro, o que vem se confirmado, pesou na decisão de alguns produtores em investir na cultura. Assim, a área permanece indefinida, devendo ser ajustada em levantamentos posteriores.

No Rio Grande do Sul, as lavouras estão 100% semeadas. As condições de desenvolvimento, até o momento, são adequadas e mantém-se o potencial produtivo máximo. Como tem ocorrido nos últimos anos, pequenos produtores têm reduzido a área de feijão-comum cores segunda safra em razão do risco que apresenta, restando basicamente grandes produtores que cultivam sob irrigação por pivô central em sucessão à cultura de milho. Em razão dos baixos preços verificados nos últimos meses, houve uma redução na área plantada com feijão-comum cores segunda safra em muitos dos principais municípios produtores da região noroeste do estado. Nos campos de cima da serra, as lavouras estão razoavelmente boas, no entanto, um período de 20 dias sem precipitação fez a qualidade cair um pouco, mas nada preocupante. Na região de Erechim, o cultivo se encontra quase que em sua totalidade em desenvolvimento vegetativo e as lavouras se encontram em boas condições, tendo uma perspectiva de boa safra, com a colheita iniciando em março.

Feijão-caupi

O feijão-caupi ocupa a maior área semeada com feijão na segunda safra, com 977,4 mil hectares. A produção é estimada em 518,7 mil toneladas, 16,6% superior à safra passada.

Em Tocantins, o plantio de feijão-caupi segunda safra deve iniciar em março, com expectativa de aumento no número de produtores do grão, principalmente na região sudeste do estado, onde alguns produtores iniciaram no cultivo do grão na safra passada, para exportação, e acharam a cultura uma ótima alternativa em substituição ao milho. O aumento de área nessa safra é em razão do incremento da área prevista e também pela substituição de áreas com feijão-comum cores por feijão-caupi.

Na Paraíba é estimado o plantio de 66,3 mil hectares,

com produtividade de 234 kg/ha.

Na Bahia, estima-se o cultivo de 50 mil hectares, com produção de 40 mil toneladas, em regime de sequeiro, oportunizando o final da estação chuvosa, e irrigado, em sucessão à soja precoce.

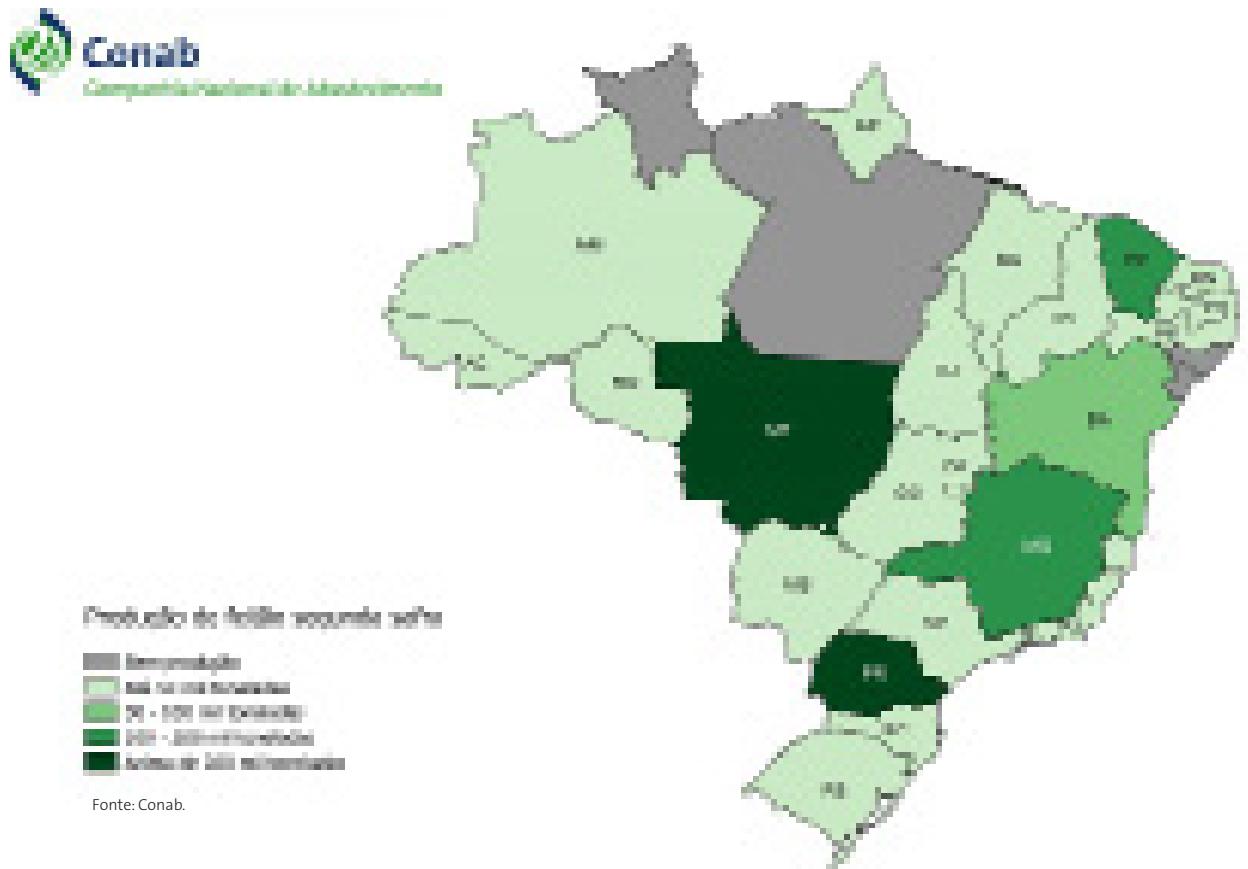
Em Mato Grosso, o plantio do feijão-caupi segunda safra ocorrerá entre março e abril devido às intempéries climáticas no período de colheita da soja. Inicialmente, estima-se área de aproximadamente 230 mil hectares, incremento de 13,7% em relação aos 202,3 mil hectares cultivados no ciclo anterior. A leguminosa é uma opção ao milho segunda safra no estado, devido às circunstâncias mercadológicas e climáticas do cereal no momento.



Em Goiás, os primeiros plantios já começaram. A estimativa de área plantada com feijão-caupi deve ser de 15,1 mil hectares. Em razão do comprometimento da janela do milho segunda safra, que passa a concorrer até mesmo com o sorgo, há a possibilidade de aumento de área.

No Distrito Federal, o plantio do feijão-caupi ocorre em sua totalidade na segunda safra. Estima-se a sementeira em 0,5 mil hectares, com produtividade média de 1.100 kg/ha. Nota-se uma forte demanda da Região Nordeste pelo produto produzido.

Figura 11 – Mapa da produção agrícola – Feijão segunda safra



Quadro 6 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão segunda safra

UF	Mesorregiões	Feijão segunda safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense						P	DV	F	FR	M/C	C	
MA	Oeste Maranhense						P	DV	F	FR	M/C	C	
MA	Centro Maranhense						P	DV	F	FR	M/C	C	
MA	Sul Maranhense						P	DV	F	FR	M/C	C	
CE	Noroeste Cearense						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
CE	Norte Cearense						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
CE	Sertões Cearenses						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul						PP	P/G	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	
MT	Norte Mato						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
MT	Nordeste Mato						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
MT	Sudeste Mato						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
GO	Noroeste Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
GO	Norte Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
GO	Leste Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
GO	Sul Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
MG	Noroeste de Minas						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
MG	Central Mineira						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
MG	Vale do Rio Doce						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
MG	Oeste de Minas						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
MG	Sul/Sudoeste de Minas						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
MG	Campo das Vertentes						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
MG	Zona da Mata						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
ES	Central Espírito-Santense						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
SP	Campinas						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
SP	Assis						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
SP	Itapetininga						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
PR	Norte Central Paranaense						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
PR	Norte Pioneiro Paranaense						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
PR	Centro Oriental Paranaense						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
PR	Oeste Paranaense						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
PR	Sudoeste Paranaense						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
PR	Centro-Sul Paranaense						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
PR	Sudeste Paranaense						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
PR	Metropolitana de Curitiba						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
SC	Oeste Catarinense						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
SC	Norte Catarinense						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
SC	Sul Catarinense						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
RS	Noroeste Rio-grandense						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva Baixa restrição - excesso de chuva

* - (P)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 15 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	55,9	56,5	1,1	1.171	977	(16,5)	65,4	55,3	(15,4)
RO	19,3	18,4	(4,7)	971	851	(12,4)	18,7	15,7	(16,0)
AC	7,6	7,6	-	593	605	2,1	4,5	4,6	2,2
AM	3,8	4,1	7,9	1.239	925	(25,3)	4,7	3,8	(19,1)
AP	1,4	1,4	-	944	925	(2,0)	1,3	1,3	-
TO	23,8	25,0	5,0	1.520	1.195	(21,4)	36,2	29,9	(17,4)
NORDESTE	669,0	753,8	12,7	307	325	5,9	205,6	245,4	19,4
MA	51,4	50,9	(1,0)	699	512	(26,8)	35,9	26,1	(27,3)
PI	6,3	6,3	-	572	588	2,8	3,6	3,7	2,8
CE	407,0	374,7	(7,9)	292	275	(5,8)	118,8	103,1	(13,2)
RN	35,8	35,8	-	347	341	(1,7)	12,4	12,2	(1,6)
PB	90,0	94,3	4,8	316	283	(10,5)	28,4	26,7	(6,0)
PE	78,5	131,8	67,9	83	134	61,0	6,5	17,6	170,8
BA	-	60,0	-	-	933	-	-	56,0	-
CENTRO-OESTE	276,6	319,8	15,6	1.264	1.262	(0,1)	349,6	403,6	15,4
MT	230,7	257,6	11,7	1.172	1.183	1,0	270,3	304,8	12,8
MS	26,0	27,0	3,8	1.692	1.684	(0,5)	44,0	45,5	3,4
GO	19,0	34,1	79,5	1.750	1.512	(13,6)	33,3	51,6	55,0
DF	0,9	1,1	22,2	2.189	1.553	(29,1)	2,0	1,7	(15,0)
SUDESTE	138,8	134,2	(3,3)	1.367	1.372	0,4	189,7	184,1	(3,0)
MG	116,8	112,2	(3,9)	1.331	1.341	0,8	155,4	150,5	(3,2)
ES	6,1	6,1	-	1.049	1.013	(3,4)	6,4	6,2	(3,1)
RJ	1,2	1,2	-	1.008	963	(4,5)	1,2	1,2	-
SP	14,7	14,7	-	1.815	1.784	(1,7)	26,7	26,2	(1,9)
SUL	286,6	237,1	(17,3)	1.363	1.477	8,3	390,6	350,2	(10,3)
PR	249,0	201,0	(19,3)	1.370	1.478	7,8	341,2	297,0	(13,0)
SC	18,3	16,8	(8,2)	1.417	1.446	2,0	25,9	24,3	(6,2)
RS	19,3	19,3	-	1.220	1.496	22,6	23,5	28,9	23,0
NORTE/NORDESTE	724,9	810,3	11,8	374	371	(0,8)	271,0	300,7	11,0
CENTRO-SUL	702,0	691,1	(1,6)	1.325	1.357	2,4	929,9	937,9	0,9
BRASIL	1.426,9	1.501,4	5,2	842	825	(2,0)	1.200,9	1.238,6	3,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2018.



Tabela 16 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	1,1	1,1	-	405	363	(10,4)	0,4	0,4	-
PB	1,1	1,1	-	405	363	(10,4)	0,4	0,4	-
CENTRO-OESTE	1,1	1,1	-	1.555	1.330	(14,5)	1,7	1,5	(11,8)
MS	1,0	1,0	-	1.500	1.277	(14,9)	1,5	1,3	(13,3)
DF	0,1	0,1	-	2.100	1.856	(11,6)	0,2	0,2	-
SUDESTE	10,1	10,1	-	937	929	(0,9)	9,5	9,4	(1,1)
MG	6,4	6,4	-	931	939	0,9	6,0	6,0	-
ES	2,5	2,5	-	920	888	(3,5)	2,3	2,2	(4,3)
RJ	1,2	1,2	-	1.008	963	(4,5)	1,2	1,2	-
SUL	122,4	113,2	(7,5)	1.378	1.502	9,0	168,6	170,0	0,8
PR	88,6	80,9	(8,7)	1.418	1.525	7,5	125,6	123,4	(1,8)
SC	14,5	13,0	(10,3)	1.343	1.364	1,6	19,5	17,7	(9,2)
RS	19,3	19,3	-	1.220	1.496	22,6	23,5	28,9	23,0
NORTE/NORDESTE	1,1	1,1	-	405	363	(10,4)	0,4	0,4	-
CENTRO-SUL	133,6	124,4	(6,9)	1.346	1.454	8,0	179,8	180,9	0,6
BRASIL	134,7	125,5	(6,8)	1.338	1.444	7,9	180,2	181,3	0,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2018.

Tabela 17 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	32,2	30,7	(4,7)	956	824	(13,8)	30,7	25,3	(17,6)
RO	19,3	18,4	(4,6)	971	851	(12,4)	18,7	15,7	(16,0)
AC	5,6	5,6	-	580	592	2,1	3,2	3,3	3,1
AM	3,8	4,1	8,0	1.239	925	(25,3)	4,7	3,8	(19,1)
AP	1,4	1,4	-	944	925	(2,0)	1,3	1,3	-
TO	2,1	1,2	(41,0)	1.312	1.026	(21,8)	2,8	1,2	(57,1)
NORDESTE	32,1	46,8	45,8	414	634	53,2	13,3	29,7	123,3
CE	2,8	4,5	60,0	565	530	(6,2)	1,6	2,4	50,0
PB	25,7	26,9	4,6	447	400	(10,5)	11,5	10,8	(6,1)
PE	3,6	5,4	50,0	62	101	62,9	0,2	0,5	150,0
BA	-	10,0	-	-	1.600	-	-	16,0	-
CENTRO-OESTE	73,2	73,1	(0,1)	1.769	1.760	(0,5)	129,6	128,7	(0,7)
MT	28,4	27,6	(2,8)	1.831	1.869	2,1	52,0	51,6	(0,8)
MS	25,0	26,0	4,0	1.700	1.700	-	42,5	44,2	4,0
GO	19,0	19,0	-	1.750	1.680	(4,0)	33,3	31,9	(4,2)
DF	0,8	0,5	(37,5)	2.200	1.945	(11,6)	1,8	1,0	(44,4)
SUDESTE	128,6	124,0	(3,6)	1.401	1.408	0,5	180,1	174,6	(3,1)
MG	110,3	105,7	(4,2)	1.354	1.366	0,9	149,3	144,4	(3,3)
ES	3,6	3,6	-	1.139	1.100	(3,4)	4,1	4,0	(2,4)
SP	14,7	14,7	-	1.815	1.784	(1,7)	26,7	26,2	(1,9)
SUL	164,2	123,9	(24,5)	1.352	1.455	7,6	222,1	180,3	(18,8)
PR	160,4	120,1	(25,1)	1.344	1.446	7,6	215,6	173,7	(19,4)
SC	3,8	3,8	-	1.700	1.726	1,5	6,5	6,6	1,5
NORTE/NORDESTE	64,3	77,5	20,5	685	709	3,5	44,0	55,0	25,0
CENTRO-SUL	366,0	321,0	(12,3)	1.453	1.506	3,7	531,8	483,6	(9,1)
BRASIL	430,3	398,5	(7,4)	1.338	1.351	1,0	575,8	538,6	(6,5)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2018.



Tabela 18 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi segunda safra

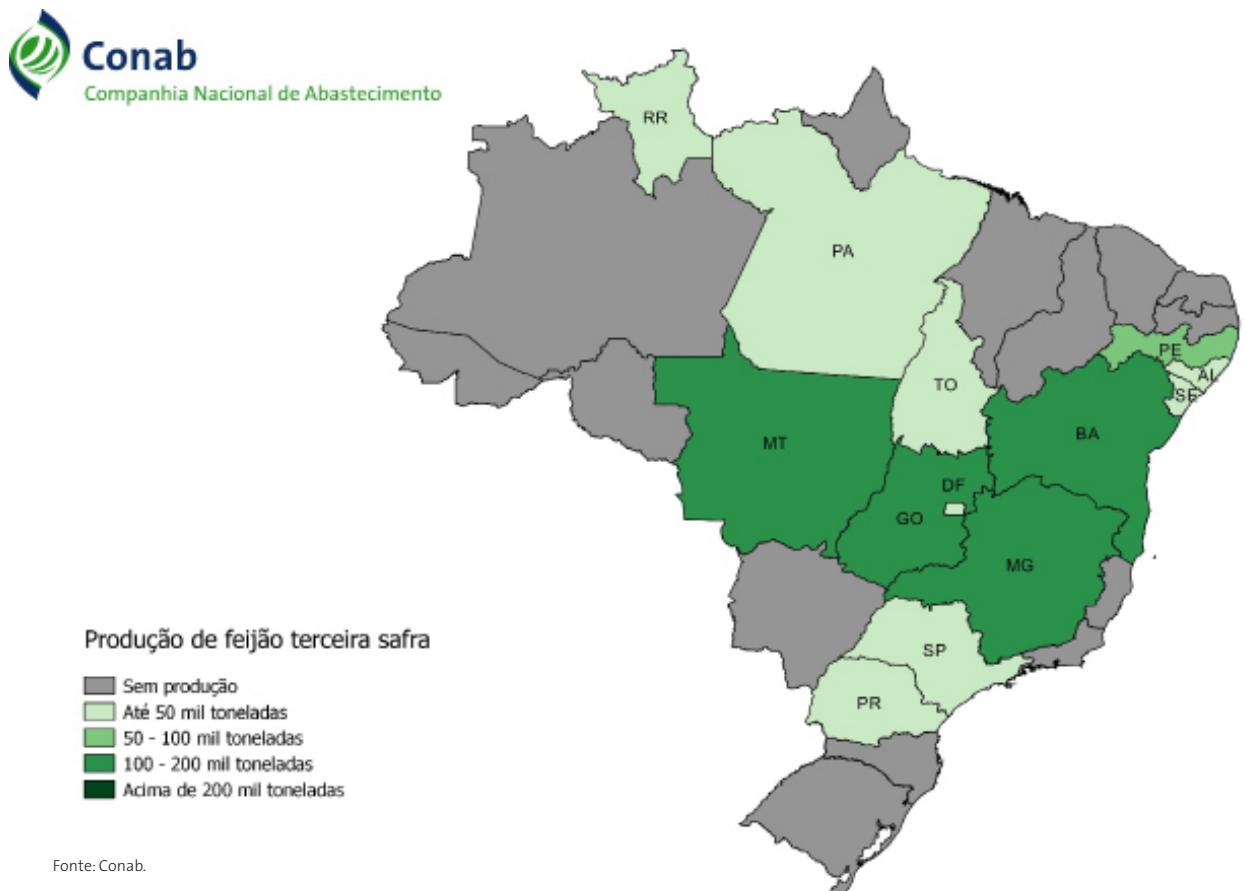
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	23,7	25,8	8,9	1.463	1.160	(20,8)	34,7	29,9	(13,8)
AC	2,0	2,0	-	630	643	2,1	1,3	1,3	-
TO	21,7	23,8	9,7	1.540	1.203	(21,9)	33,4	28,6	(14,4)
NORDESTE	635,8	705,9	11,0	302	305	1,0	191,9	215,3	12,2
MA	51,4	50,9	(1,0)	699	512	(26,8)	35,9	26,1	(27,3)
PI	6,3	6,3	-	572	588	2,8	3,6	3,7	2,8
CE	404,2	370,2	(8,4)	290	272	(6,2)	117,2	100,7	(14,1)
RN	35,8	35,8	-	347	341	(1,7)	12,4	12,2	(1,6)
PB	63,2	66,3	4,9	261	234	(10,3)	16,5	15,5	(6,1)
PE	74,9	126,4	68,8	84	135	60,7	6,3	17,1	171,4
BA	-	50,0	-	-	800	-	-	40,0	-
CENTRO-OESTE	202,3	245,6	21,4	1.079	1.031	(4,4)	218,3	273,4	25,2
MT	202,3	230,0	13,7	1.079	1.101	2,0	218,3	253,2	16,0
GO	-	15,1	-	-	1.300	-	-	19,6	-
DF	-	0,5	-	-	1.100	-	-	0,6	-
SUDESTE	0,1	0,1	-	1.013	1.022	0,9	0,1	0,1	-
MG	0,1	0,1	-	1.013	1.022	0,9	0,1	0,1	-
NORTE/NORDESTE	659,5	731,7	10,9	344	335	(2,5)	226,6	245,2	8,2
CENTRO-SUL	202,4	245,7	21,4	1.079	1.031	(4,4)	218,4	273,5	25,2
BRASIL	861,9	977,4	13,4	516	510	(1,2)	445,0	518,7	16,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2018.

8.1.4.3. FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Figura 12 – Mapa da produção agrícola – Feijão terceira safra



Fonte: Conab.



Quadro 7 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão terceira safra

UF	Mesorregiões	Feijão segunda safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
MT	Norte Mato-grossense	C								P/DV	DV/F	F/FR/M	M/C
	Sudeste Mato-grossense	C								P/DV	DV/F	F/FR/M	M/C
GO	Noroeste Goiano	C								P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Norte Goiano	C								P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Leste Goiano	C								P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Sul Goiano	C								P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
MG	Noroeste de Minas	C								P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	C								P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
SP	Ribeirão Preto	C							PP	P/DV	F/FR/M	FR/M	M/C
	Araçatuba	C							PP	P/DV	F/FR/M	FR/M	M/C
	Bauru	C							PP	P/DV	DV/F	FR/M	M/C
	Campinas	C							PP	P/DV	DV/F	FR/M	M/C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média Restrição - Excesso de Chuvas Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio; (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 19 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	52,2	52,2	-	1.190	968	(18,7)	62,2	50,6	(18,6)
RR	2,4	2,4	-	650	650	-	1,6	1,6	-
PA	34,3	34,3	-	825	713	(13,6)	28,3	24,5	(13,4)
TO	15,5	15,5	-	2.081	1.581	(24,0)	32,3	24,5	(24,1)
NORDESTE	386,8	386,8	-	649	613	(5,6)	251,1	237,2	(5,5)
PE	107,6	107,6	-	478	494	3,3	51,4	53,1	3,3
AL	40,1	40,1	-	520	448	(13,7)	20,8	18,0	(13,5)
SE	15,2	15,2	-	871	677	(22,3)	13,2	10,3	(22,0)
BA	223,9	223,9	-	740	696	(6,0)	165,7	155,8	(6,0)
CENTRO-OESTE	116,8	116,8	-	2.632	2.621	(0,4)	307,4	306,2	(0,4)
MT	53,7	53,7	-	2.369	2.299	(3,0)	127,2	123,5	(2,9)
GO	60,0	60,0	-	2.850	2.889	1,4	171,0	173,3	1,3
DF	3,1	3,1	-	2.962	3.020	2,0	9,2	9,4	2,2
SUDESTE	82,2	82,2	-	2.586	2.605	0,7	212,6	214,2	0,8
MG	70,4	70,4	-	2.619	2.656	1,4	184,4	187,0	1,4
SP	11,8	11,8	-	2.392	2.305	(3,6)	28,2	27,2	(3,5)
SUL	4,4	4,4	-	1.009	950	(5,8)	4,4	4,2	(4,5)
PR	4,4	4,4	-	1.009	950	(5,8)	4,4	4,2	(4,5)
NORTE/NORDESTE	439,0	439,0	-	714	655	(8,2)	313,3	287,8	(8,1)
CENTRO-SUL	203,4	203,4	-	2.578	2.579	-	524,4	524,6	-
BRASIL	642,4	642,4	-	1.304	1.264	(3,1)	837,7	812,4	(3,0)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2018.



Tabela 20 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	6,6	6,6	-	794	665	(16,3)	5,3	4,4	(17,0)
PA	6,1	6,1	-	638	551	(13,6)	3,9	3,4	(12,8)
TO	0,5	0,5	-	2.701	2.052	(24,0)	1,4	1,0	(28,6)
NORDESTE	329,5	329,5	-	679	639	(5,9)	223,8	210,6	(5,9)
PE	72,2	72,2	-	510	527	3,3	36,8	38,0	3,3
AL	29,8	29,8	-	490	423	(13,7)	14,6	12,6	(13,7)
SE	15,2	15,2	-	871	677	(22,3)	13,2	10,3	(22,0)
BA	212,3	212,3	-	750	705	(6,0)	159,2	149,7	(6,0)
CENTRO-OESTE	116,3	116,3	-	2.634	2.623	(0,4)	306,3	305,1	(0,4)
MT	53,7	53,7	-	2.369	2.299	(3,0)	127,2	123,5	(2,9)
GO	60,0	60,0	-	2.850	2.889	1,4	171,0	173,3	1,3
DF	2,6	2,6	-	3.120	3.181	2,0	8,1	8,3	2,5
SUDESTE	82,0	82,0	-	2.590	2.609	0,7	212,3	213,9	0,8
MG	70,2	70,2	-	2.623	2.660	1,4	184,1	186,7	1,4
SP	11,8	11,8	-	2.392	2.305	(3,6)	28,2	27,2	(3,5)
SUL	4,4	4,4	-	1.009	950	(5,8)	4,4	4,2	(4,5)
PR	4,4	4,4	-	1.009	950	(5,8)	4,4	4,2	(4,5)
NORTE/NORDESTE	336,1	336,1	-	682	640	(6,2)	229,1	215,0	(6,2)
CENTRO-SUL	202,7	202,7	-	2.581	2.581	-	523,0	523,2	-
BRASIL	538,8	538,8	-	1.396	1.370	(1,9)	752,1	738,2	(1,8)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2018.

Tabela 21 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	13,9	13,9	-	510	645	26,5	7,1	9,0	26,8
PE	13,9	13,9	-	510	645	26,5	7,1	9,0	26,8
CENTRO-OESTE	0,2	0,2	-	3.100	3.161	2,0	0,6	0,6	-
DF	0,2	0,2	-	3.100	3.161	2,0	0,6	0,6	-
SUDESTE	0,2	0,2	-	1.100	1.116	1,5	0,2	0,2	-
MG	0,2	0,2	-	1.100	1.116	1,5	0,2	0,2	-
NORTE/NORDESTE	13,9	13,9	-	510	645	26,5	7,1	9,0	26,8
CENTRO-SUL	0,4	0,4	-	2.100	2.139	1,8	0,8	0,8	-
BRASIL	14,3	14,3	-	554	687	23,9	7,9	9,8	24,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2018.



Tabela 22 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi terceira safra

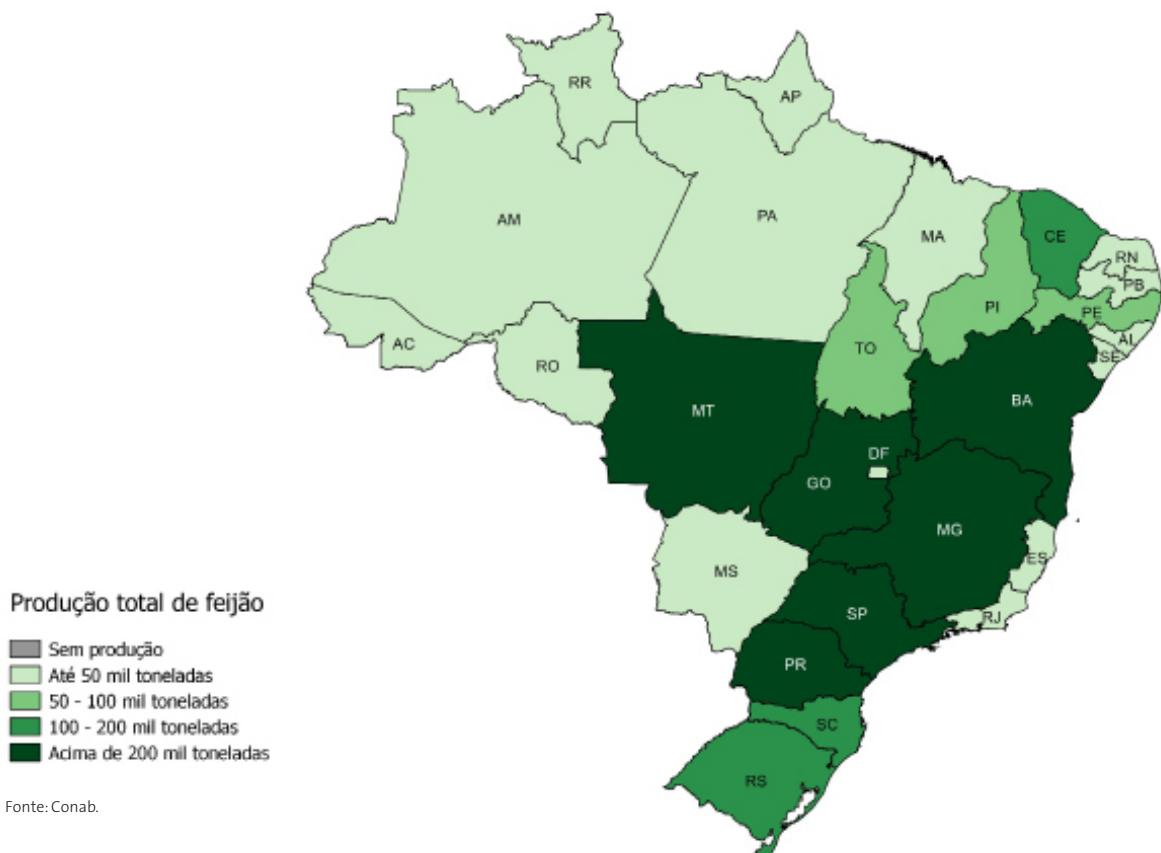
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	45,6	45,6	-	1.247	1.012	(18,9)	56,9	46,2	(18,8)
RR	2,4	2,4	-	650	650	-	1,6	1,6	-
PA	28,2	28,2	-	866	748	(13,6)	24,4	21,1	(13,5)
TO	15,0	15,0	-	2.060	1.565	(24,0)	30,9	23,5	(23,9)
NORDESTE	43,4	43,4	-	466	405	(13,0)	20,2	17,6	(12,9)
PE	21,5	21,5	-	350	285	(18,6)	7,5	6,1	(18,7)
AL	10,3	10,3	-	605	522	(13,7)	6,2	5,4	(12,9)
BA	11,6	11,6	-	558	525	(5,9)	6,5	6,1	(6,2)
CENTRO-OESTE	0,3	0,3	-	1.500	1.529	1,9	0,5	0,5	-
DF	0,3	0,3	-	1.500	1.529	1,9	0,5	0,5	-
NORTE/NORDESTE	89,0	89,0	-	866	716	(17,4)	77,1	63,8	(17,3)
CENTRO-SUL	0,3	0,3	-	1.500	1.529	1,9	0,5	0,5	-
BRASIL	89,3	89,3	-	869	719	(17,2)	77,6	64,3	(17,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2018.

8.1.4.4. FEIJÃO TOTAL

Figura 13 – Mapa da produção agrícola – Feijão total (primeira, segunda e terceira safras)



Fonte: Conab.



Tabela 23 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	112,9	114,9	1,8	1.158	954	(17,6)	130,6	109,8	(15,9)
RR	2,4	2,4	-	650	650	-	1,6	1,6	-
RO	19,3	18,4	(4,7)	971	851	(12,4)	18,7	15,7	(16,0)
AC	7,6	7,6	-	593	605	2,1	4,5	4,6	2,2
AM	3,8	4,1	7,9	1.239	925	(25,3)	4,7	3,8	(19,1)
AP	1,4	1,4	-	944	925	(2,0)	1,3	1,3	-
PA	34,3	34,3	-	825	713	(13,6)	28,3	24,5	(13,4)
TO	44,1	46,7	5,9	1.622	1.248	(23,1)	71,5	58,3	(18,5)
NORDESTE	1.546,0	1.569,5	1,5	439	416	(5,3)	679,1	653,1	(3,8)
MA	87,8	88,3	0,6	646	541	(16,2)	56,7	47,8	(15,7)
PI	233,2	241,6	3,6	302	308	2,0	70,3	74,3	5,7
CE	407,0	374,7	(7,9)	292	275	(5,8)	118,8	103,1	(13,2)
RN	35,8	35,8	-	347	341	(1,7)	12,4	12,2	(1,6)
PB	90,0	94,3	4,8	316	283	(10,5)	28,4	26,7	(6,0)
PE	186,1	239,4	28,6	311	296	(5,1)	58,0	70,8	22,1
AL	40,1	40,1	-	520	448	(13,7)	20,8	18,0	(13,5)
SE	15,2	15,2	-	871	677	(22,3)	13,2	10,3	(22,0)
BA	450,8	440,1	(2,4)	667	659	(1,2)	300,5	289,9	(3,5)
CENTRO-OESTE	474,9	518,3	9,1	1.761	1.736	(1,4)	836,5	899,9	7,6
MT	295,2	323,9	9,7	1.402	1.391	(0,8)	414,0	450,5	8,8
MS	26,8	27,8	3,7	1.696	1.688	(0,5)	45,4	46,9	3,3
GO	136,8	150,3	9,9	2.507	2.430	(3,1)	343,0	365,2	6,5
DF	16,1	16,3	1,2	2.117	2.290	8,2	34,1	37,3	9,4
SUDESTE	468,3	457,8	(2,2)	1.731	1.743	0,7	810,6	798,1	(1,5)
MG	348,2	338,8	(2,7)	1.536	1.567	2,0	535,0	530,7	(0,8)
ES	10,7	10,7	-	1.103	1.056	(4,2)	11,8	11,3	(4,2)
RJ	1,8	1,8	-	1.048	1.000	(4,5)	1,9	1,8	(5,3)
SP	107,6	106,5	(1,0)	2.434	2.388	(1,9)	261,9	254,3	(2,9)
SUL	578,2	533,8	(7,7)	1.630	1.573	(3,5)	942,7	839,3	(11,0)
PR	447,5	405,2	(9,5)	1.588	1.504	(5,3)	710,5	609,4	(14,2)
SC	69,6	69,8	0,3	1.964	1.793	(8,7)	136,7	125,1	(8,5)
RS	61,1	58,8	(3,8)	1.563	1.783	14,1	95,5	104,8	9,7
NORTE/NORDESTE	1.658,9	1.684,4	1,5	488	453	(7,3)	809,7	762,9	(5,8)
CENTRO-SUL	1.521,4	1.509,9	(0,8)	1.702	1.681	(1,3)	2.589,8	2.537,3	(2,0)
BRASIL	3.180,3	3.194,3	0,4	1.069	1.033	(3,4)	3.399,5	3.300,2	(2,9)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2018.

Tabela 24 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	15,0	15,0	-	502	624	24,3	7,5	9,4	25,3
PB	1,1	1,1	-	405	363	(10,4)	0,4	0,4	-
PE	13,9	13,9	-	510	645	26,5	7,1	9,0	26,8
CENTRO-OESTE	2,5	2,5	-	1.820	1.750	(3,9)	4,5	4,4	(2,2)
MS	1,0	1,0	-	1.500	1.277	(14,9)	1,5	1,3	(13,3)
DF	1,5	1,5	-	2.033	2.065	1,6	3,0	3,1	3,3
SUDESTE	20,1	19,9	(1,0)	953	945	(0,8)	19,2	18,7	(2,6)
MG	13,5	13,3	(1,5)	886	897	1,3	12,0	11,9	(0,8)
ES	4,8	4,8	-	1.104	1.055	(4,4)	5,3	5,0	(5,7)
RJ	1,8	1,8	-	1.048	1.000	(4,5)	1,9	1,8	(5,3)
SUL	286,1	282,9	(1,1)	1.665	1.595	(4,2)	476,4	451,3	(5,3)
PR	200,6	199,8	(0,4)	1.703	1.574	(7,6)	341,6	314,5	(7,9)
SC	34,4	34,3	(0,3)	1.839	1.719	(6,5)	63,3	58,9	(7,0)
RS	51,1	48,8	(4,5)	1.399	1.595	14,0	71,5	77,9	9,0
NORTE/NORDESTE	15,0	15,0	-	502	624	24,3	7,5	9,4	25,3
CENTRO-SUL	308,7	305,3	(1,1)	1.620	1.554	(4,1)	500,1	474,4	(5,1)
BRASIL	323,7	320,3	(1,1)	1.568	1.510	(3,7)	507,6	483,8	(4,7)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2018.



Tabela 25 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	39,2	38,3	(2,3)	930	796	(14,4)	36,4	30,5	(16,2)
RO	19,3	18,4	(4,7)	971	851	(12,4)	18,7	15,7	(16,0)
AC	5,6	5,6	-	580	592	2,1	3,2	3,3	3,1
AM	3,8	4,1	7,9	1.239	925	(25,3)	4,7	3,8	(19,1)
AP	1,4	1,4	-	944	925	(2,0)	1,3	1,3	-
PA	6,1	6,1	-	638	551	(13,6)	3,9	3,4	(12,8)
TO	3,0	2,7	(10,0)	1.513	1.132	(25,2)	4,6	3,0	(34,8)
NORDESTE	418,6	420,2	0,4	684	625	(8,6)	286,2	262,6	(8,2)
CE	2,8	4,5	60,7	565	530	(6,2)	1,6	2,4	50,0
PB	25,7	26,9	4,7	447	400	(10,5)	11,5	10,8	(6,1)
PE	75,8	77,6	2,4	489	497	1,8	37,0	38,5	4,1
AL	29,8	29,8	-	490	423	(13,7)	14,6	12,6	(13,7)
SE	15,2	15,2	-	871	677	(22,3)	13,2	10,3	(22,0)
BA	269,3	266,2	(1,2)	774	706	(8,8)	208,3	188,0	(9,7)
CENTRO-OESTE	263,4	263,5	-	2.299	2.330	1,4	605,5	614,0	1,4
MT	86,5	87,5	1,2	2.173	2.166	(0,3)	188,0	189,6	0,9
MS	25,8	26,8	3,9	1.703	1.703	-	43,9	45,6	3,9
GO	136,8	135,2	(1,2)	2.507	2.556	1,9	343,0	345,5	0,7
DF	14,3	14,0	(2,1)	2.139	2.373	11,0	30,6	33,3	8,8
SUDESTE	434,0	424,1	(2,3)	1.806	1.820	0,8	783,9	771,9	(1,5)
MG	320,5	311,7	(2,7)	1.609	1.640	2,0	515,5	511,3	(0,8)
ES	5,9	5,9	-	1.102	1.057	(4,1)	6,5	6,3	(3,1)
SP	107,6	106,5	(1,0)	2.434	2.388	(1,9)	261,9	254,3	(2,9)
SUL	292,1	250,9	(14,1)	1.596	1.547	(3,1)	466,3	388,2	(16,7)
PR	246,9	205,4	(16,8)	1.494	1.436	(3,8)	368,8	295,0	(20,0)
SC	35,2	35,5	0,9	2.087	1.864	(10,7)	73,5	66,2	(9,9)
RS	10,0	10,0	-	2.400	2.700	12,5	24,0	27,0	12,5
NORTE/NORDESTE	457,8	458,5	0,2	705	639	(9,3)	322,6	293,1	(9,1)
CENTRO-SUL	989,5	938,5	(5,2)	1.875	1.890	0,8	1.855,7	1.774,1	(4,4)
BRASIL	1.447,3	1.397,0	(3,5)	1.505	1.480	(1,7)	2.178,3	2.067,2	(5,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2018.

Tabela 26 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	73,7	76,6	3,9	1.279	1.033	(19,2)	94,3	79,2	(16,0)
RR	2,4	2,4	-	650	650	-	1,6	1,6	-
AC	2,0	2,0	-	630	643	2,1	1,3	1,3	-
PA	28,2	28,2	-	866	748	(13,6)	24,4	21,1	(13,5)
TO	41,1	44,0	7,1	1.630	1.255	(23,0)	67,0	55,2	(17,6)
NORDESTE	1.112,4	1.134,3	2,0	346	336	(3,0)	385,1	381,1	(1,0)
MA	87,8	88,3	0,6	646	541	(16,2)	56,6	47,8	(15,5)
PI	233,2	241,6	3,6	302	308	2,0	70,3	74,3	5,7
CE	404,2	370,2	(8,4)	290	272	(6,2)	117,2	100,7	(14,1)
RN	35,8	35,8	-	347	341	(1,7)	12,4	12,2	(1,6)
PB	63,2	66,3	4,9	261	234	(10,3)	16,5	15,5	(6,1)
PE	96,4	147,9	53,4	143	157	9,4	13,8	23,2	68,1
AL	10,3	10,3	-	605	522	(13,7)	6,2	5,4	(12,9)
BA	181,5	173,9	(4,2)	507	587	15,6	92,1	102,0	10,7
CENTRO-OESTE	209,0	252,3	20,7	1.083	1.116	3,0	226,5	281,6	24,3
MT	208,7	236,4	13,3	1.083	1.104	1,9	226,0	260,9	15,4
DF	0,3	0,8	166,7	1.500	1.261	(15,9)	0,5	1,1	120,0
SUDESTE	14,2	13,8	(2,8)	522	542	3,6	7,4	7,5	1,4
MG	14,2	13,8	(2,8)	522	542	3,6	7,4	7,5	1,4
NORTE/NORDESTE	1.186,1	1.210,9	2,1	404	380	(6,0)	479,4	460,3	(4,0)
CENTRO-SUL	223,2	266,1	19,2	1.048	1.086	3,7	233,9	289,1	23,6
BRASIL	1.409,3	1.477,0	4,8	506	507	0,2	713,3	749,4	5,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2018.



8.1.5. GIRASSOL

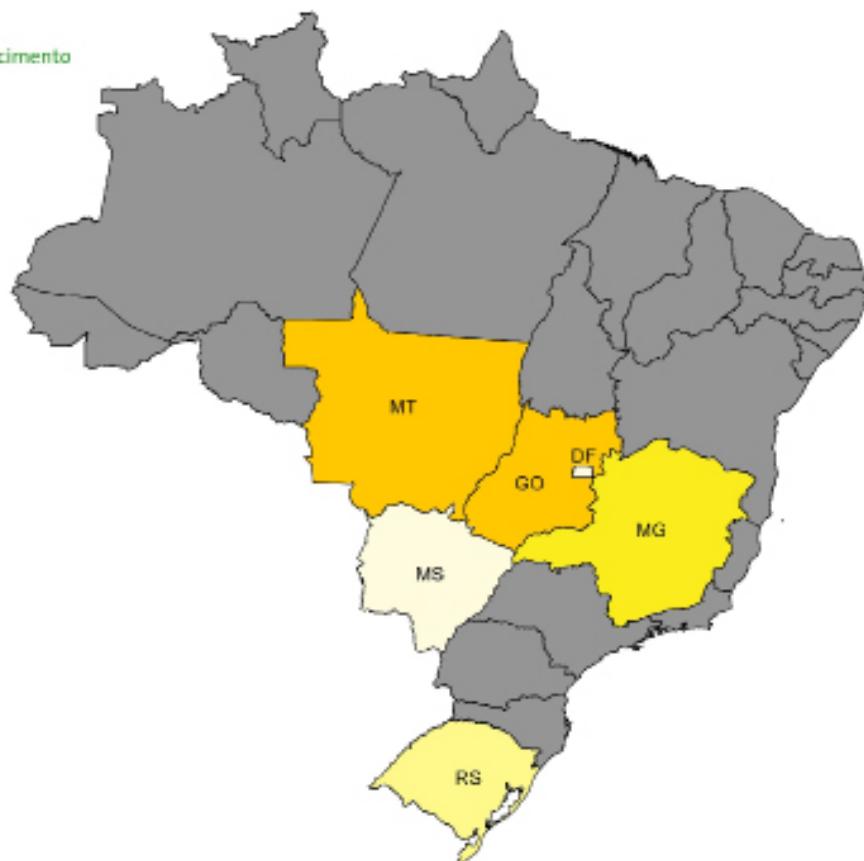
Em Mato Grosso, o plantio do girassol é incipiente, e a concentração da semeadura da oleaginosa deve ocorrer ao logo de março. A expectativa para a safra 2017/18 é de aumento expressivo, de 39,7% na área semeadas em relação ao ciclo anterior, passando de 31,8 mil hectares para 44,4 mil hectares devido aos bons preços praticados no mercado interno. A comercialização está bem avançada, se compararmos com outras culturas, como o milho ou a soja.

Em Goiás, a cultura ainda será cultivada no final de

fevereiro e início do mês de março. Apenas uma indústria em Goiás incentiva a produção no estado. Está situada no sul de Goiás e realiza contratos com os produtores.

Em Minas Gerais, o plantio de girassol normalmente se concentra em março. Nessa projeção inicial ainda é estimada uma área de plantio muito próxima da safra anterior, de 9,2 mil hectares. Com uma produtividade média estimada em 1.326 kg/ha e a produção poderá atingir 12,2 mil toneladas.

Figura 14 – Mapa da produção agrícola – Girassol



Fonte: Conab.



Tabela 27 – Comparativo de área, produtividade e produção – Girassol

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	50,1	61,8	23,4	1.702	1.612	(5,3)	85,3	99,7	16,9
MT	31,8	44,4	39,7	1.670	1.617	(3,2)	53,1	71,8	35,2
MS	1,0	0,7	(30,0)	1.500	1.400	(6,7)	1,5	1,0	(33,3)
GO	16,6	16,0	(3,6)	1.750	1.579	(9,8)	29,1	25,3	(13,1)
DF	0,7	0,7	-	2.300	2.300	-	1,6	1,6	-
SUDESTE	9,3	9,2	(1,1)	1.400	1.326	(5,3)	13,0	12,2	(6,2)
MG	9,3	9,2	(1,1)	1.400	1.326	(5,3)	13,0	12,2	(6,2)
SUL	3,3	3,3	-	1.626	1.626	-	5,4	5,4	-
RS	3,3	3,3	-	1.626	1.626	-	5,4	5,4	-
CENTRO-SUL	62,7	74,3	18,5	1.653	1.578	(4,6)	103,7	117,3	13,1
BRASIL	62,7	74,3	18,5	1.653	1.578	(4,6)	103,7	117,3	13,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2018.

8.1.6. MAMONA

As estimativas para a safra 2017/18 é de aumento de área, alcançando 38,6 mil hectares, que representa acréscimo de 37,9% em relação à safra passada, que foi de 28 mil hectares.

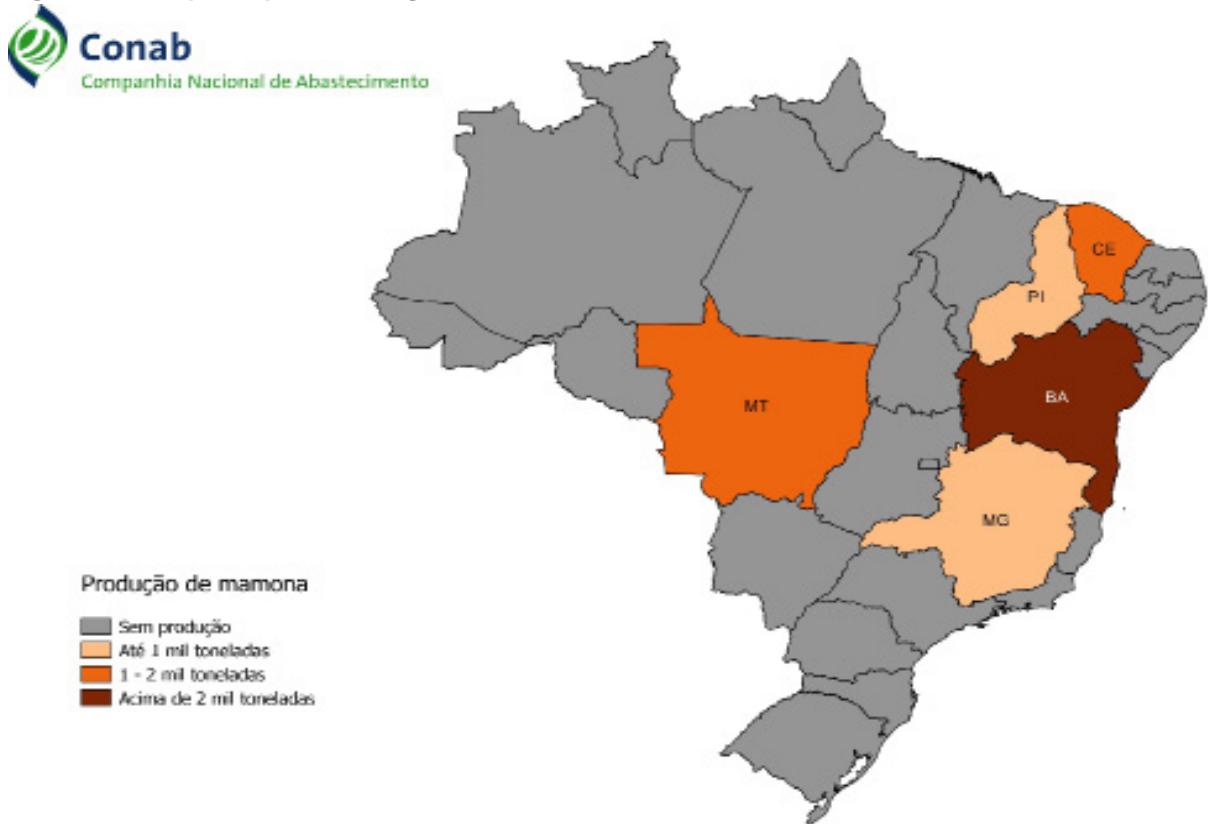
Para a Bahia, estima-se que a área cultivada seja de 27 mil hectares, produção de 15,1 mil toneladas. As estimativas da safra atual apontam para o crescimento de 28% da área cultivada e 45,2% da produção. Essa tendência é atribuída ao clima e às cotações do produto no mercado, visto que novembro e dezembro de 2017 foram mais chuvosos que o mesmo período da safra anterior e as cotações do valor pago ao produtor segue tendência de crescimento, nos últimos três anos, se acentuando a partir de setembro de 2017. A mamona é cultivada no centro norte do estado, tendo como principal polo a região de Irecê. As plantas estão apresentando bom desenvolvimento, não havendo registro de danos devido a pragas e doenças ou pelo veranico ocorrido em janeiro. Nesta safra a produtividade deverá ser melhor que as anteriores, pois as condições climáticas para a cultura da mamona são favoráveis devido ao volume de chuvas dos últimos meses e a sua alta tolerância às estiagens. No estudo da safra atual, iniciado em setembro de 2017, no primeiro levantamento, as estimativas estatísticas apontaram uma perspectiva inicial de 495 kg/ha (8,3 scs/ha). Com o plantio ocorrendo no fim de outubro,

novembro e dezembro e com a regularidade das chuvas se estima produtividade de 563 kg/ha (9,4 scs/ha), que se mantiveram estáveis sem grandes alterações, reduzindo para 549 kg/ha (9,2 scs/ha) em janeiro de 2018, no quinto levantamento. Já para esse levantamento, estima-se rendimento de 598 Kg/ha (9,96 scs/ha). Nas próximas avaliações o estado de desenvolvimento das plantas será de suma importância para a estimativa dos rendimentos, principalmente devido às condições climáticas favoráveis à cultura. A colheita deve ser iniciada em meados de abril.

Em Minas Gerais, o cultivo da mamona se mantém em declínio, com tendência ao desaparecimento. Estima-se que a área total para o estado na presente safra não alcance 100 hectares. A produção em pequenas áreas, espalhadas pela região norte do estado, apresentam produtividades que quase sempre inviabilizam a colheita devido à escassez de chuvas, típica da região. As poucas áreas remanescentes têm sua produção voltada para a indústria ricinoquímica, ainda assim, com comercialização muito incerta. A extinção de áreas de baixo rendimento impactará diretamente na produtividade do estado, que poderá atingir 896 kg/ha, caso as condições climáticas sejam favoráveis.



Figura 15 – Mapa da produção agrícola - Mamona



Fonte: Conab.

Tabela 28 – Comparativo de área, produtividade e produção – Mamona

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	26,2	36,9	40,8	444	468	5,5	11,6	17,2	48,3
PI	0,2	-	(100,0)	494	-	(100,0)	0,1	-	(100,0)
CE	4,9	9,9	102,0	224	217	(3,1)	1,1	2,1	90,9
BA	21,1	27,0	28,0	494	560	13,4	10,4	15,1	45,2
CENTRO-OESTE	1,6	1,6	-	900	900	-	1,4	1,4	-
MT	1,6	1,6	-	900	900	-	1,4	1,4	-
SUDESTE	0,2	0,1	(50,0)	443	896	102,3	0,1	0,1	-
MG	0,2	0,1	(50,0)	443	896	102,3	0,1	0,1	-
NORTE/NORDESTE	26,2	36,9	40,8	444	468	5,5	11,6	17,2	48,3
CENTRO-SUL	1,8	1,7	(5,6)	849	900	6,0	1,5	1,5	-
BRASIL	28,0	38,6	37,9	470	487	3,7	13,1	18,7	42,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2018.



8.1.7. MILHO

8.1.7.1. MILHO PRIMEIRA SAFRA

O sexto levantamento de milho primeira safra indica redução na área de 8,9% em relação à safra 2016/17. Na Região Norte, estima-se redução de 2,3% na área plantada.

Em Rondônia, foi registrada redução na área cultivada de 9,8% em relação ao plantio passado, justificado pelos baixos preços praticados no mercado local, causado pela concorrência de produtos oriundos de outros estados, principalmente de Mato Grosso. A redução prevista nos níveis de rendimento local é justificada porque a cultura, de forma geral, utiliza baixa tecnologia, com pouco uso de calcário, fertilizantes e baixo uso no controle de pragas. O estágio atual das lavouras é 10% no enchimento de grãos, 45% maturação e 45% colhido.

Figura 16 - Milho primeira safra, dobrado com espigas a campo no município de Jaru-RO



Fonte: Conab.

No Acre, o plantio foi iniciado em outubro e se estendeu até dezembro. A regularidade das chuvas em dezembro e janeiro contribuiu para o desenvolvimento das plantas, florescimento e enchimento de grãos. A cultura apresenta-se na fase de colheita e apenas algumas áreas que foram plantadas mais tardias ainda estão na fase de maturação dos grãos. No entanto, as condições climáticas não estão sendo propícias à colheita devido ao alto índice pluviométrico. A área plantada apresentou redução de 2% em relação ao exercício anterior.

No Pará, o milho teve um recuo na área de 5,7% em relação ao plantio anterior. Os preços dos insumos se mantiveram estabilizados e o bom comportamento do clima deverá favorecer o aumento da produtividade. Em Tocantins, a cultura teve um aumento de 18%

na área cultivada em relação à safra passada. O aumento da área decorreu em parte, pelas dificuldades financeiras dos produtores de soja, que não tiveram crédito liberado para plantar a oleaginosa na janela ideal de plantio, optando pela semeadura do milho. A cultura já teve seu plantio findado e até o momento as lavouras se desenvolvem satisfatoriamente.

A Região Nordeste tem a maior área cultivada com milho primeira safra do país. O acréscimo nessa safra deverá atingir 2,1% em relação ao ano passado.

No Maranhão, houve forte incremento da área que atingiu, 318,3 mil hectares, ou seja, 8,7%. Esse aumento foi provocado pela migração do plantio da agricultura familiar para a agricultura mecanizada, cujo produtores geralmente tem optado pelo plantio do cereal, que consegue preços mais remuneradores no mercado interno.

No Piauí ocorreu aumento na área de milho primeira safra na ordem de 0,7% em relação à safra passada, totalizando 421,1 mil hectares. O plantio já se encontra concluído em todos os municípios do estado. As fases da cultura estão distribuídas atualmente da seguinte forma: 50% na fase de desenvolvimento vegetativo, 35% em floração e 15% em frutificação. Com exceção das áreas do semiárido as demais lavouras se encontram em boas condições. De uma forma geral, principalmente no cerrado, o clima tem sido benéfico, com as chuvas bem distribuídas e a baixa incidência de pragas e doenças.

Figura 17 - Lavoura de milho fase vegetativa – agricultura familiar – Município Canto do Buriti - PI



Fonte: Conab.

Na Bahia, as lavouras de milho ocupam 380,3 mil hectares, situação praticamente idêntica à da safra passada. Esta lavoura é plantada em todo o estado, sob



diferentes tipos de manejo e perfil produtivo e espera-se que o rendimento médio atinja 4.172 kg/ha. Os plantios foram finalizados em dezembro e a colheita está prevista iniciar em abril e, no momento, as plantas se encontram nos estágios de floração e frutificação. Nas mesorregiões produtoras de milho do estado (regiões centrais), excetuando-se o oeste, janeiro foi de atenção devido à baixa disponibilidade hídrica, que acabou impactando negativamente a estimativa de rendimento das lavouras. Com as condições ambientais favoráveis em fevereiro, espera-se que as lavouras apresentem boa recuperação. No extremo oeste se espera a produtividade de 7.114 kg/ha, cultivada em 222 mil hectares, com a produção esperada de 1.580 mil toneladas. As lavouras, nessa região, são cultivadas pela agricultura familiar, ocupando cerca de 20% da área com rendimentos em torno de 1.200 kg/ha e também pela agricultura empresarial, utilizando 80% da área dessa região, apresentando rendimentos de 8.500 kg/ha. No centro norte do estado, espera-se rendimento de 600 kg/ha. Em janeiro a falta de chuvas provocou sinais de estresse nas lavouras, mas em fevereiro, com a normalização climática, a cultura apresentou importante recuperação.

Na Região Centro-Oeste ocorreu forte redução no plantio. A área cultivada deverá ser 18,7% menor do que a safra passada.

Em Mato Grosso, a área de milho primeira safra totalizou 27,2 mil hectares, 18,6% menor que os 33,4 mil hectares registrados na safra anterior. O decréscimo no cultivo pode ser atribuído aos baixos preços do cereal devido à abundante oferta ocorrida na entressafra passada. A colheita das primeiras áreas ocorrerá a partir de abril. Em relação ao rendimento das lavouras as expectativas são boas, uma vez que as chuvas regulares permitem projetar média equivalente ao do ciclo passado.

Em Mato Grosso do Sul, as condições climáticas não afetaram o desenvolvimento das lavouras de milho, tal como ocorreu com a soja. Na região sul e sudeste, onde são plantadas precocemente, a colheita já está em sua fase final. No norte e nordeste do estado, onde há a maior área de plantio, a cultura está em fase de maturação e a colheita será iniciada em meados de março. Até o momento se estima que a produtividade será similar ao da safra passada, pois as condições climáticas, somadas ao pacote tecnológico utilizado, foram favoráveis ao cultivo do cereal. A colheita de milho primeira safra ocorre após à da soja. É comum postergar a colheita do milho, pois a cultura tem maior tolerância e resistência a permanência no campo.

Em Goiás, as lavouras não apresentaram no decorrer

do seu desenvolvimento problemas de pragas ou doenças. O estágio atual da cultura na quase totalidade é o de maturação, com poucas áreas ainda na fase de enchimento de grãos. No geral, a colheita está programada para acontecer a partir de março.

Na Região Sudeste, a cultura também deverá experimentar redução na área plantada, estimada em 9,6% em relação à safra anterior.

Em Minas Gerais, o plantio de milho primeira safra apresentou redução de 11,5% em relação à safra anterior, passando de 909,4 mil hectares para 805 mil hectares em razão da predileção dos agricultores pela soja, que apresentava preços mais remuneradores por ocasião da semeadura e ao atraso das chuvas que acabaram tendo influência também no estreitamento da janela de plantio. As lavouras se encontram predominantemente nas fases de frutificação, maturação e início de colheita estimada em torno de 10%, apresentando excelentes condições e expectativa de rendimentos acima do esperado inicialmente.

Em São Paulo, após uma sequência de anos apresentando crescimento na área do milho primeira safra, o plantio da safra 2017/18, apresentou forte retração, abrindo espaço para a lavoura de soja. No entanto, as boas condições do clima apontam para uma produtividade assemelhada ao do ano anterior.

Na Região Sul, maior produtora de milho primeira safra do país, a cultura apresentou redução importante na área plantada, estimada agora em 1.382,1 mil hectares, ante aos 1.712,9 mil hectares da safra passada, portanto redução de 19,3%.

No Paraná, as lavouras se encontram igualmente distribuídas em fase de maturação e enchimento de grãos. Depois das primeiras áreas colhidas se observa um incremento em relação ao rendimento inicial projetado devido às boas condições do clima ao longo do desenvolvimento das lavouras. Nas regiões de maior perfil tecnológico é possível que a produtividade atinja novo recorde. Apesar de haver muita área pronta para colher, essa operação deverá se intensificar somente após a colheita da soja.

Em Santa Catarina, aproximadamente 26% das lavouras de milho se encontram colhidas. O restante se encontra entre granação (32%) e maturação (42%). Em alguns locais se observa o plantio recente de milho, que deverá ser destinado para silagem. Após um período de instabilidade climática no início do plantio, o resultado obtido até o momento, indica uma melhoria dos índices produtivos levantados anteriormente. A cultura passou por condições climáticas distintas ao



longo dos últimos três meses. Em dezembro passado, baixas precipitações prevaleceram durante as primeiras três semanas, influenciando negativamente algumas lavouras em estádios de floração e granação inicial. A partir da última semana daquele mês, até a quarta semana de janeiro, as chuvas voltaram por todo o estado, com mais intensidade, chovendo quase que diariamente durante algumas semanas. Em fevereiro, as condições climáticas se estabilizaram e permitiram que a cultura continuasse seu desenvolvimento. A colheita das primeiras lavouras ocorreu em meados de janeiro, mostrando resultados dentro das estimativas iniciais, mas ainda abaixo do obtido na safra passada, quando as condições climáticas foram muito favoráveis. Com a finalização do plantio no mês passado, prevê-se um ajuste da área em relação ao observado no mês passado, devendo atingir 320,6 mil hectares. A produtividade estimada até o momento gira em torno de 7.450 kg/ha, e será ajustada conforme a colheita avance sobre as demais áreas.

Figura 18 - Lavoura de milho, Região Oeste - SC



Fonte.: Conab

No Rio Grande do Sul, estima-se que 80% das lavouras já estejam colhidas. A produtividade, embora tenha ocorrido em períodos com considerável deficiência hídrica, poderá apresentar alterações em relação aos níveis definidos no levantamento. Foram verificados problemas relevantes em regiões onde predominam solos mais rasos, com menor capacidade de reter umidade. No entanto, boa parte das lavouras em municípios como Palmeira das Missões, Ibirubá, Cruz Alta,

São Luiz Gonzaga, entre outros, são cultivadas sob pivô central, o que eleva a produtividade para algo em torno de 200 scs/ha.

Na região sul, 45% da área se encontra em floração, 35% em enchimento de grãos e 10% em maturação. A cultura sofreu bastante com a estiagem que atinge a região, com queda significativa na produtividade e consequentemente da produção esperada. Na região de Passo Fundo, grande parte das lavouras estão em frutificação/maturação, em média uns 20% da área foi colhida até o momento. A região de Sarandi se destaca com mais de 70% colhida, devido ao plantio precoce por parte dos produtores da região. A cultura sofreu com veranico em janeiro e dezembro, atingindo 15 a 20 dias sem precipitação pluviométrica, chegando a 28 dias de seca em Erechim. A escassez hídrica nas regiões ocorreu em importante período do ciclo, quando grande parte da cultura se encontrava no estádio de frutificação, afetando a produtividade das lavouras, exceto nas regiões de plantio precoce, onde o período de escassez hídrica foi na fase final do estádio de frutificação, amenizando o prejuízo na produtividade.

Figura 19 - Lavoura de milho em Frederico Westphalen - RS



Fonte.: Conab

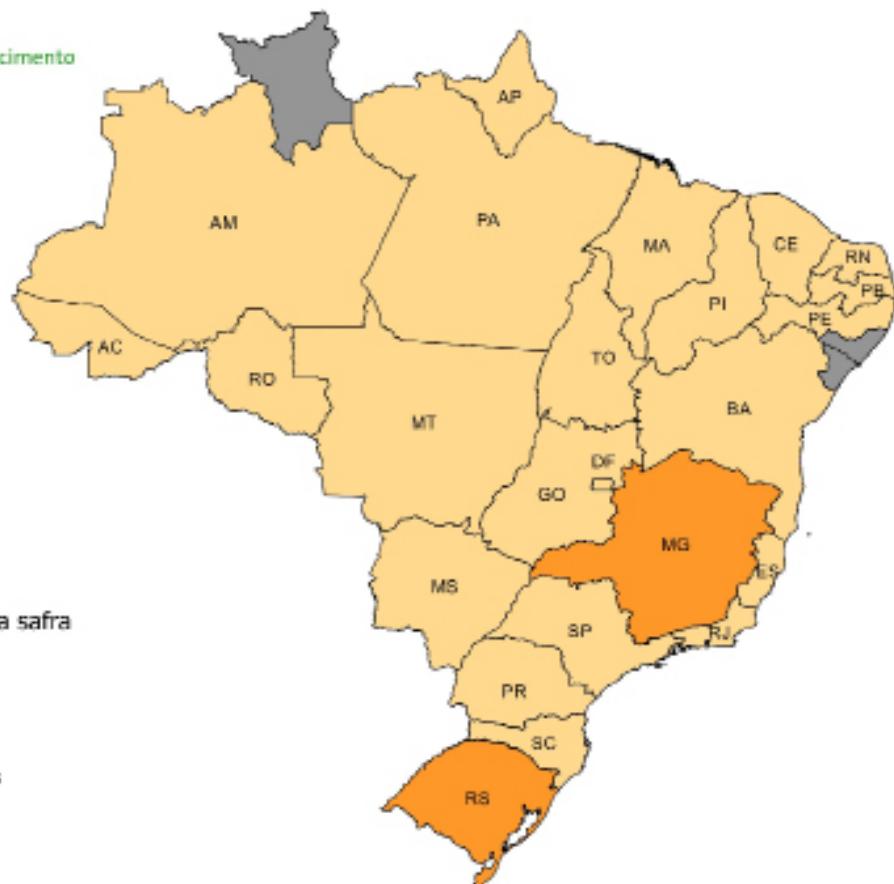


Figura 20 – Mapa da produção agrícola – Milho primeira safra



Produção de milho primeira safra

- Sem produção
- Até 3.000 mil toneladas
- 3.000 - 5.000 mil toneladas
- 5.000 - 15.000 mil toneladas
- Acima de 15.000 mil toneladas



Fonte: Conab.



Quadro 8 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Milho primeira safra

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra													
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT
PA	Sudeste Paraense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
MA	Oeste Maranhense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	M/C	C				
	Sul Maranhense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C					
PI	Norte Piauense				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C			
	Sudoeste Piauense			P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C					
	Sudeste Piauense				P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
CE	Noroeste Cearense					P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Norte Cearense					P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Sertões Cearenses					P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Jaguaribe					P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Centro-Sul Cearense					P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Sul Cearense					P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
RN	Oeste Potiguar					P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Agreste Potiguar						P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
PB	Sertão Paraibano					PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Agreste Paraibano						P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
PE	Sertão Pernambucano					PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
BA	Extremo Oeste Baiano		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Vale São-Franciscano da Bahia		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Centro Norte Baiano		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Centro Sul Baiano		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
MT	Sudeste Mato-grossense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
GO	Centro Goiano			PP	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Leste Goiano			PP	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sul Goiano			PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
DF	Distrito Federal	PP	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C							
MG	Noroeste de Minas	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Metropolitana de Belo Horizonte	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Oeste de Minas	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Sul/Sudoeste de Minas	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Campo das Vertentes	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Zona da Mata	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
SP	São José do Rio Preto	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Ribeirão Preto	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Bauru	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Campinas	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Itapetininga	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Macro Metropolitana Paulista	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
PR	Centro Ocidental Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Norte Central Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Norte Pioneiro Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Centro Oriental Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Oeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Sudoeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Centro-Sul Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Sudeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Metropolitana de Curitiba	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
SC	Oeste Catarinense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Norte Catarinense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Serrana	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Vale do Itajaí	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
RS	Noroeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Nordeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Centro Ocidental Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Centro Oriental Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Metropolitana de Porto Alegre	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Sudeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							

Legenda:

 Baixa restrição - falta de chuvas  Favorável  Média restrição - falta de chuva  Baixa restrição - excesso de chuva

* - (P)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado.



Tabela 29 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	311,8	304,7	(2,3)	3.194	3.292	3,0	996,0	1.002,9	0,7
RO	40,2	36,3	(9,8)	2.661	2.465	(7,4)	107,0	89,5	(16,4)
AC	34,9	34,2	(2,0)	2.350	2.363	0,6	82,0	80,8	(1,5)
AM	12,2	11,5	(5,7)	2.526	2.563	1,5	30,8	29,5	(4,2)
AP	1,7	1,7	-	962	929	(3,4)	1,6	1,6	-
PA	176,9	166,8	(5,7)	3.142	3.282	4,5	555,8	547,4	(1,5)
TO	45,9	54,2	18,0	4.766	4.689	(1,6)	218,8	254,1	16,1
NORDESTE	1.806,6	1.845,0	2,1	2.469	2.411	(2,4)	4.460,8	4.447,4	(0,3)
MA	292,8	318,3	8,7	4.240	4.411	4,0	1.241,5	1.404,0	13,1
PI	418,2	421,1	0,7	3.037	2.500	(17,7)	1.270,1	1.052,8	(17,1)
CE	514,0	468,3	(8,9)	815	666	(18,3)	418,9	311,9	(25,5)
RN	29,2	29,2	-	348	453	30,2	10,2	13,2	29,4
PB	86,5	91,8	6,1	446	463	3,8	38,6	42,5	10,1
PE	84,1	136,0	61,7	74	268	262,2	6,2	36,4	487,1
BA	381,8	380,3	(0,4)	3.864	4.172	8,0	1.475,3	1.586,6	7,5
CENTRO-OESTE	350,0	284,7	(18,7)	8.060	7.968	(1,1)	2.821,0	2.268,5	(19,6)
MT	33,4	27,2	(18,6)	7.676	7.676	-	256,4	208,8	(18,6)
MS	28,0	15,5	(44,6)	9.340	9.400	0,6	261,5	145,7	(44,3)
GO	260,0	214,2	(17,6)	8.000	7.900	(1,3)	2.080,0	1.692,2	(18,6)
DF	28,6	27,8	(2,8)	7.800	7.980	2,3	223,1	221,8	(0,6)
SUDESTE	1.301,2	1.176,0	(9,6)	6.295	6.301	0,1	8.191,5	7.409,8	(9,5)
MG	909,4	804,8	(11,5)	6.374	6.387	0,2	5.796,5	5.140,3	(11,3)
ES	13,2	13,2	-	2.832	2.659	(6,1)	37,4	35,1	(6,1)
RJ	2,7	2,4	(11,1)	2.332	2.456	5,3	6,3	5,9	(6,3)
SP	375,9	355,6	(5,4)	6.255	6.267	0,2	2.351,3	2.228,5	(5,2)
SUL	1.712,9	1.382,1	(19,3)	8.169	7.230	(11,5)	13.992,7	9.992,6	(28,6)
PR	507,7	333,1	(34,4)	9.243	8.597	(7,0)	4.692,7	2.863,7	(39,0)
SC	400,3	320,6	(19,9)	8.152	7.450	(8,6)	3.263,2	2.388,5	(26,8)
RS	804,9	728,4	(9,5)	7.500	6.508	(13,2)	6.036,8	4.740,4	(21,5)
NORTE/NORDESTE	2.118,4	2.149,7	1,5	2.576	2.535	(1,6)	5.456,8	5.450,3	(0,1)
CENTRO-SUL	3.364,1	2.842,8	(15,5)	7.433	6.920	(6,9)	25.005,2	19.670,9	(21,3)
BRASIL	5.482,5	4.992,5	(8,9)	5.556	5.032	(9,4)	30.462,0	25.121,2	(17,5)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2018.

8.1.7.2. MILHO SEGUNDA SAFRA

Para o milho segunda safra, a semeadura vem seguindo o ritmo da colheita da soja, especialmente das variedades precoces, estimando-se uma redução de 5,9% na área plantada em comparação com o exercício passado.

Na Região Centro-Oeste, principal produtora nacional, está prevista uma redução na área plantada de 5,1%, comparativamente ao ocorrido no exercício anterior. No Mato Grosso a semeadura da safra de milho continua em ritmo lento ao final da janela de plantio. Até o fechamento de fevereiro, período considerado ideal para a semeadura, cerca de 80% da área estimada ha-

via sido cultivada em 4.334 mil hectares. Apesar dos atrasos nos trabalhos de campo, as projeções climáticas indicam regularidade de chuvas nas próximas semanas, fator preponderante para que os produtores rurais continuem os esforços de plantio durante a primeira quinzena de março. Assim, a estimativa de redução de área semeada permanece em torno de 6%, comparado aos 4.605 mil hectares registrados na safra anterior. As maiores reduções no espaço dedicado ao cereal ocorrerão na região nordeste do estado, cuja semeadura ainda é incipiente, enquanto em outras regiões, os trabalhos estão na reta final, tais como oeste e médio-norte, onde se verificou manutenção da área cultivada em relação à safra 2016/17. Quanto



à produtividade, a conjuntura de plantio fora da janela ideal, estimado em 20%, combinado com menores investimentos em sementes e fertilizantes remetem para uma expectativa de rendimento 7,3% menor em relação aos 6.212 kg/ha, registrados no ciclo anterior. Portanto, a menor área cultivada e menor rendimento do cereal permitem projetar produção estadual de 25.692 mil toneladas, ante aos 28.611 mil toneladas registradas na safra 2016/17, decréscimo de 10,2% no volume produzido no período.

Em Mato Grosso do Sul, as principais regiões produtoras intensificaram o plantio do milho segunda safra dado ao avanço da colheita da soja. Na região centro sul, onde as precipitações foram mais intensas e frequentes, aproximadamente 18% da área já foi plantada, no norte e nordeste 36% e no sul e sudeste 22%. A média ponderada para o plantio da cultura no final de fevereiro é de aproximadamente 28%, em comparação com a média histórica no estado, a qual no final de fevereiro atinge 42%. Dado aos preços desfavoráveis e às dificuldades para administrar o custo de produção, há uma grande indefinição sobre o plantio, de forma que o comportamento dos produtores irá variar de redução a manutenção da área plantada. Além disso, com os problemas climáticos observados na colheita da soja, ocorrerá atraso no plantio do cereal, que deverá ser cultivado em parte, fora do período ideal. Estima-se uma área cultivada de 1,69 milhão de hectares, valor 4% menor que o da safra anterior. Cabe ressaltar que esses dados se referem a estimativas iniciais, de forma que os valores definitivos serão apresentados em março e abril, quando praticamente todas as lavouras estarão plantadas.

Figura 21 - Plantio de milho segunda safra – Maracajú - MS



Fonte.: Jean Luiz Roos Cambuhy

As frequentes chuvas estão contribuindo para uma boa germinação e crescimento das lavouras. Não há até o momento ataques significativos de pragas e doenças, apesar de relatos de problemas com insetos de início de ciclo. Em relação ao crédito de finan-

ciamentos da produção, eles estão sendo liberados, apesar das taxas de juros estarem mais elevadas em comparação com a safra anterior, com os produtores relatando maiores exigências dos bancos, na forma de garantias para a liberação de crédito. Por essa razão, os produtores estão procurando outras alternativas de financiamento via crédito privado, tais como as trocas e vendas a prazo.

Em Goiás, as chuvas intensas na segunda quinzena de fevereiro, ocorridas no sudoeste do estado, prejudicaram o plantio da segunda safra. Produtores e revendas de milho acreditam no prolongamento do período chuvoso e apostam no plantio até dia 5 de março ou até a primeira metade do mês. O ritmo do plantio é lento e segue a velocidade da colheita da soja (em torno de 30%). Os produtores, na tentativa de acelerar o plantio, destinam todo o maquinário disponível para essa operação.

Na região leste do estado se estima que 40% do milho já esteja plantado nas áreas onde foram colhidos o feijão, e se estende para onde está sendo colhida a soja. Os produtores estão otimistas quanto à cultura devido ao bom regime de chuvas da região, quando previsões de precipitação apontam para uma extensão do período chuvoso, que pode favorecer o rendimento da cultura.

Na Região Norte, a perspectiva é de diminuição de 6,1% na área plantada em relação à safra passada.

Em Rondônia, a implantação da cultura coincide com o fim de janeiro e início de fevereiro, quando os produtores que iniciaram a colheita da soja fazem simultaneamente à semeadura do milho. No momento, esse percentual ainda é inexpressivo. O perfil do produtor que cultiva essa cultura é de médio a grande produtor, com elevado nível tecnológico, grande utilização de corretivos, fertilizantes e defensivos, uso de tecnologia Bt, e mecanização agrícola, garantindo assim elevadas produtividades.

A área cultivada no levantamento atual é de 151,4 mil hectares, com redução de 3,5% sobre o ocorrido na safra passada, uma vez que o produtor não se sente nesta safra, estimulado a converter 100% das áreas de soja precoce em milho segunda safra, como ocorria no passado. Com relação à produtividade se trabalha com um incremento de 4,5% em relação ao levantamento anterior. A justificativa para a variação é a constatação de que a produtividade anterior estava defasada em relação ao que se observa nas colheitas efetivas, uma vez que há registros de produtividades com até 120 sacas por hectare, criando para a cultura uma perspectiva de elevação ainda nessa safra, na medida em que a



lavoura se desenvolve e se consolida.

Em Tocantins, a expectativa inicial era de uma redução expressiva na área cultivada com milho segunda safra devido ao atraso na colheita da soja. Porém, com a normalização das condições climáticas, e a crença entre os produtores de que essa condição perdure até a fase de enchimento de grãos, poderá alterar a estimativa de área, aproximando da ocorrida na safra anterior.

A Região Nordeste deverá registrar redução na área com o milho segunda safra em 2,9%, quando compara à safra passada.

No Maranhão, os preços atuais do cereal, são apontados como importante fator de desestímulo para a produção da segunda safra. Outro fator se refere ao prolongamento das chuvas no período de colheita da soja no sul do estado, afetando diretamente o plantio do milho. O levantamento atual aponta para uma redução na área de 15,2% em relação ao ocorrido no período anterior, com uma produtividade estimada de 3.300 kg/ha.

No Piauí existe a perspectiva de forte aumento na área, estimando-se atingir 15,3% em relação à safra passada, que totalizou 56,8 mil hectares. Conforme previsto, o plantio se iniciou a partir do dia 15 de fevereiro nos municípios de Uruçuí e Baixa Grande do Ribeiro e até o momento do levantamento, cerca de 10% da área prevista já havia sido plantada. A expectativa de produtividade do milho segunda safra está sendo fixada em 4.409 kg/ha, levando em consideração as boas condições climáticas do momento, bastante diferenciada do ocorrido nessa mesma época do ano anterior. Na Bahia, os plantios da segunda safra de milho já iniciaram e a estimativa é que a área plantada

seja a mesma da temporada 2016/17.

Na Região Sudeste, a cultura deverá apresentar redução de 2% em relação à área plantada da última safra.

Em Minas Gerais, estima-se uma redução de 4,6% na área de plantio de milho safrinha, que passa de 357,6 mil hectares para 341,2 mil hectares em razão dos altos custos de produção e principalmente pelo atraso da colheita do milho primeira safra e da soja. Dessa forma, devido às dificuldades encontradas para se realizar o plantio ainda em fevereiro, pode prevalecer a opção pelo plantio de sorgo, mais resistente à escassez de chuvas e de custo mais baixo.

Em São Paulo, em face dos preços desestimulantes do cereal e da tendência positiva prevista para a comercialização do trigo, estima-se uma forte disputa por área. Dessa forma, as revendas de insumos e cooperativas locais mencionam que os produtores deverão esperar pelo comportamento do mercado tritícola, pois esse cereal de inverno disputa o plantio com o milho segunda safra, principalmente na região sudoeste do estado. Foi observado que haverá um atraso significativo no plantio, motivado pelo excesso de chuvas na colheita da soja. Em decorrência do atraso e da indefinição sobre o que plantar, que poderá influir na janela correta para o plantio do cereal, a expectativa é de que a área plantada sofra forte redução quando comparada com a safra anterior.

Dessa forma, prevê-se para o exercício 2017/18 que a produção nacional de milho deverá atingir 87.279 milhões de toneladas, representando uma redução de 10,8% em relação à oferta observada no exercício passado.



Quadro 9 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Milho segunda safra

UF	Mesorregiões	Milho segunda safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense - RO					P	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
TO	Oriental do Tocantins - TO					P	DV	F/FR	FR/M	M/C	C		
MA	Sul Maranhense - MA					P	DV	F/FR	FR/M	M/C	C		
PE	Agreste Pernambucano	M/C	C							P/G	DV/F	F/FR	FR/M
BA	Nordeste Baiano - BA	M/C	C							P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - MS					PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - MS					PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul - MS					P	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	C
MT	Norte Mato-grossense - MT					P	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
	Nordeste Mato-grossense - MT					PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
	Sudeste Mato-grossense - MT					PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
GO	Leste Goiano - GO					PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
	Sul Goiano - GO					P	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
MG	Noroeste de Minas - MG					P	DV	F/FR	FR	M/C	C		
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - MG					P	DV	F/FR	FR	M/C	C		
SP	Assis - SP					P	DV	F/FR	FR	FR/M/C	C	C	
	Itapetininga - SP					P	DV	F/FR	FR	FR/M/C	C	C	
PR	Noroeste Paranaense - PR					PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M	FR/M/C	C	C
	Centro Ocidental Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	C	C
	Norte Central Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	C	C
	Norte Pioneiro Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	C	C
	Oeste Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	C	C

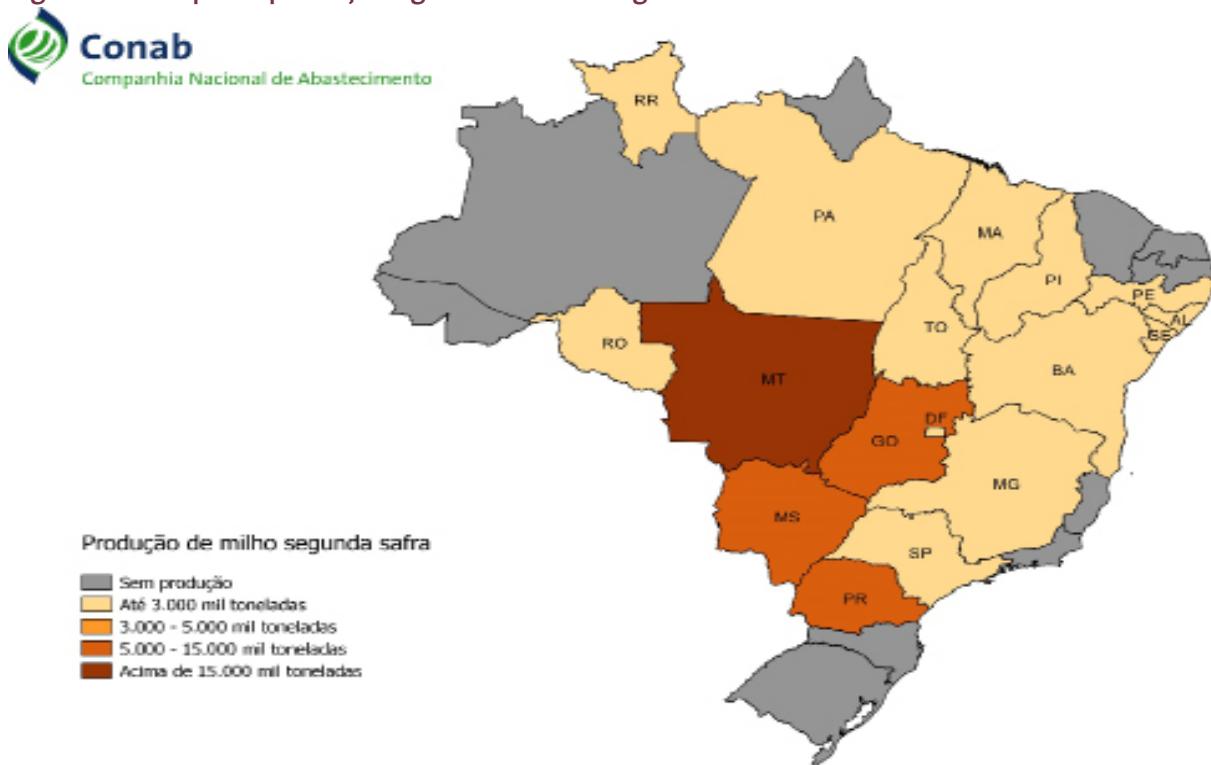
Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Figura 22 – Mapa da produção agrícola – Milho segunda safra



Fonte: Conab.



Tabela 30 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	401,2	376,9	(6,1)	4.253	4.246	(0,2)	1.706,1	1.600,1	(6,2)
RR	7,6	9,6	26,4	6.000	4.857	(19,1)	45,6	46,6	2,2
RO	156,9	151,4	(3,5)	4.385	4.584	4,5	688,0	694,0	0,9
PA	81,4	69,0	(15,2)	3.549	3.600	1,4	288,9	248,4	(14,0)
TO	155,3	146,9	(5,4)	4.402	4.160	(5,5)	683,6	611,1	(10,6)
NORDESTE	796,3	773,6	(2,9)	2.789	2.653	(4,9)	2.220,7	2.052,2	(7,6)
MA	198,9	168,7	(15,2)	3.572	3.300	(7,6)	710,5	556,7	(21,6)
PI	49,2	56,7	15,3	2.363	4.409	86,6	116,3	250,0	115,0
PE	73,9	73,9	-	654	600	(8,3)	48,3	44,3	(8,3)
AL	37,2	37,2	-	674	705	4,6	25,1	26,2	4,4
SE	172,0	172,0	-	4.721	3.467	(26,6)	812,0	596,3	(26,6)
BA	265,1	265,1	-	1.918	2.183	13,8	508,5	578,7	13,8
CENTRO-OESTE	7.664,7	7.270,8	(5,1)	6.008	5.847	(2,7)	46.052,7	42.509,9	(7,7)
MT	4.605,7	4.334,0	(5,9)	6.212	5.928	(4,6)	28.610,6	25.692,0	(10,2)
MS	1.759,9	1.689,5	(4,0)	5.460	5.468	0,1	9.609,1	9.238,2	(3,9)
GO	1.260,7	1.210,3	(4,0)	6.000	6.000	-	7.564,2	7.261,8	(4,0)
DF	38,4	37,0	(3,6)	7.000	8.594	22,8	268,8	318,0	18,3
SUDESTE	837,7	821,3	(2,0)	5.081	5.356	5,4	4.256,3	4.399,2	3,4
MG	357,6	341,2	(4,6)	4.822	5.751	19,3	1.724,3	1.962,2	13,8
SP	480,1	480,1	-	5.274	5.076	(3,8)	2.532,0	2.437,0	(3,8)
SUL	2.409,3	2.146,7	(10,9)	5.456	5.402	(1,0)	13.145,1	11.596,5	(11,8)
PR	2.409,3	2.146,7	(10,9)	5.456	5.402	(1,0)	13.145,1	11.596,5	(11,8)
NORTE/NORDESTE	1.197,5	1.150,5	(3,9)	3.279	3.175	(3,2)	3.926,8	3.652,5	(7,0)
CENTRO-SUL	10.911,7	10.238,8	(6,2)	5.815	5.714	(1,7)	63.454,1	58.505,6	(7,8)
BRASIL	12.109,2	11.389,3	(5,9)	5.564	5.458	(1,9)	67.380,9	62.158,1	(7,8)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2018.



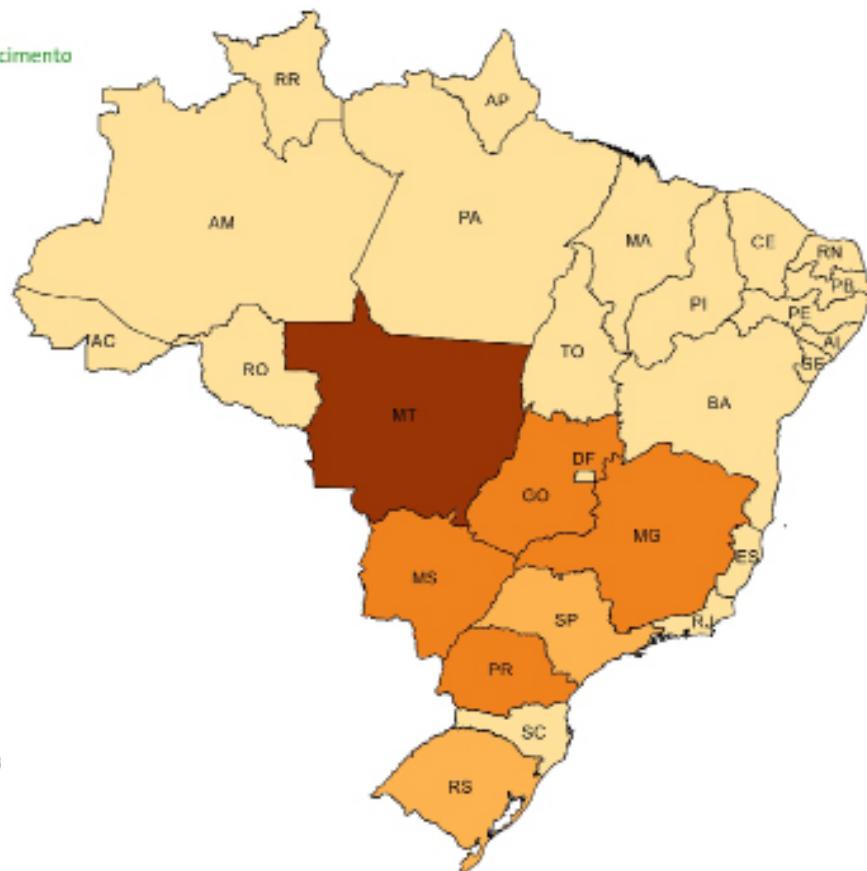
8.1.7.3. MILHO TOTAL

Figura 23 – Mapa da produção agrícola – Milho total (primeira e segunda safras)



Produção total de milho

- Sem produção
- Até 3.000 mil toneladas
- 3.000 - 5.000 mil toneladas
- 5.000 - 15.000 mil toneladas
- Acima de 15.000 mil toneladas



Fonte: Conab.



Tabela 31 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	713,0	681,6	(4,4)	3.790	3.819	0,8	2.702,1	2.603,0	(3,7)
RR	7,6	9,6	26,3	6.000	4.857	(19,1)	45,6	46,6	2,2
RO	197,1	187,7	(4,8)	4.033	4.174	3,5	795,0	783,5	(1,4)
AC	34,9	34,2	(2,0)	2.350	2.363	0,6	82,0	80,8	(1,5)
AM	12,2	11,5	(5,7)	2.526	2.563	1,5	30,8	29,5	(4,2)
AP	1,7	1,7	-	962	929	(3,4)	1,6	1,6	-
PA	258,3	235,8	(8,7)	3.270	3.375	3,2	844,7	795,8	(5,8)
TO	201,2	201,1	-	4.485	4.303	(4,1)	902,4	865,2	(4,1)
NORDESTE	2.602,9	2.618,6	0,6	2.567	2.482	(3,3)	6.681,3	6.499,6	(2,7)
MA	491,7	487,0	(1,0)	3.970	4.026	1,4	1.951,9	1.960,7	0,5
PI	467,4	477,8	2,2	2.966	2.727	(8,1)	1.386,3	1.302,7	(6,0)
CE	514,0	468,3	(8,9)	815	666	(18,3)	418,9	311,9	(25,5)
RN	29,2	29,2	-	348	453	30,2	10,2	13,2	29,4
PB	86,5	91,8	6,1	446	463	3,8	38,6	42,5	10,1
PE	158,0	209,9	32,8	345	385	11,5	54,6	80,8	48,0
AL	37,2	37,2	-	674	705	4,6	25,1	26,2	4,4
SE	172,0	172,0	-	4.721	3.467	(26,6)	812,0	596,3	(26,6)
BA	646,9	645,4	(0,2)	3.067	3.355	9,4	1.983,7	2.165,3	9,2
CENTRO-OESTE	8.014,7	7.555,5	(5,7)	6.098	5.927	(2,8)	48.873,7	44.778,4	(8,4)
MT	4.639,1	4.361,2	(6,0)	6.223	5.939	(4,6)	28.867,0	25.900,7	(10,3)
MS	1.787,9	1.705,0	(4,6)	5.521	5.504	(0,3)	9.870,6	9.383,9	(4,9)
GO	1.520,7	1.424,5	(6,3)	6.342	6.286	(0,9)	9.644,2	8.954,0	(7,2)
DF	67,0	64,8	(3,3)	7.341	8.331	13,5	491,9	539,8	9,7
SUDESTE	2.138,9	1.997,3	(6,6)	5.820	5.912	1,6	12.447,9	11.809,0	(5,1)
MG	1.267,0	1.146,0	(9,6)	5.936	6.198	4,4	7.520,9	7.102,5	(5,6)
ES	13,2	13,2	-	2.832	2.659	(6,1)	37,4	35,1	(6,1)
RJ	2,7	2,4	(11,1)	2.332	2.456	5,3	6,3	5,9	(6,3)
SP	856,0	835,7	(2,4)	5.705	5.583	(2,1)	4.883,3	4.665,5	(4,5)
SUL	4.122,2	3.528,8	(14,4)	6.583	6.118	(7,1)	27.137,8	21.589,0	(20,4)
PR	2.917,0	2.479,8	(15,0)	6.115	5.831	(4,6)	17.837,8	14.460,1	(18,9)
SC	400,3	320,6	(19,9)	8.152	7.450	(8,6)	3.263,2	2.388,5	(26,8)
RS	804,9	728,4	(9,5)	7.500	6.508	(13,2)	6.036,8	4.740,4	(21,5)
NORTE/NORDESTE	3.315,9	3.300,2	(0,5)	2.830	2.758	(2,5)	9.383,4	9.102,6	(3,0)
CENTRO-SUL	14.275,8	13.081,6	(8,4)	6.196	5.976	(3,6)	88.459,4	78.176,4	(11,6)
BRASIL	17.591,7	16.381,8	(6,9)	5.562	5.328	(4,2)	97.842,8	87.279,0	(10,8)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2018.

8.1.8. Soja

O plantio nacional de soja, apresentou aumento na área de 3,4%, saindo de 33.909,4 mil hectares na safra 2016/17 para 35.046,5 mil hectares, na atual. Em razão do comportamento do clima durante as fases da lavoura em praticamente todas as regiões produtoras, intercalando atraso no plantio com chuvas no período da colheita. Estima-se que a produção deverá atingir 113.024,60 mil toneladas, contra 114.075,30 mil, observado na safra passada, representando um decréscimo de 0,9%.

Na Região Norte/Nordeste, o plantio ocorreu a partir de dezembro, com a consolidação do período chuvoso.

so. Esse quadro estimulou o produtor local a ampliar sua área plantada em 4,7%, em relação ao ano anterior. Em Rondônia, a área cultivada apresentou incremento de 5,3%, saindo de 296 mil hectares para 311,7 mil hectares. O estádio atual da cultura corresponde a 40% em maturação e 60% colhido. Os entraves no armazenamento e transporte dos produtos são as justificativas apresentadas pelos produtores rurais para não ampliarem as áreas de cultivo, apesar do valor da soja convencional ser superior ao da soja transgênica em aproximadamente R\$3,00 a saca. Estima-se que cerca de 50% da área com a oleaginosa é cultivada com a variedade Intacta, 45% com soja RR e 5% com a soja convencional.



No Pará, a soja teve um acréscimo na área plantada de 9% em relação ao ano passado. A soja se encontra semeadas e em pleno desenvolvimento vegetativo e reprodutivo, acompanhando a boa evolução das chuvas.

Em Tocantins, a cultura teve um incremento na área cultivada de 2,9% em relação ao ano anterior, saindo de 964 mil hectares para 992 mil hectares na safra atual. Os registros de chuvas intensas em importantes regiões produtoras deverão repercutir nos níveis de produtividade. No Maranhão, as condições climáticas, sobretudo o volume acumulado de precipitações, favoreceram o estabelecimento das lavouras de soja, contribuindo para que, neste levantamento ocorresse um pequeno ajuste na área plantada e produtividade. Convém destacar que, devido ao clima chuvoso na região sul do estado, a colheita em algumas regiões tem sido comprometida, podendo impactar na qualidade do grão colhido e na produção total do estado.

No Piauí, ocorreu um aumento na área plantada na ordem de 2,4% em relação ao exercício passado, devido ao retorno das áreas ocupadas com milho na safra passada, com a área da oleaginosa atingindo 710,5 mil hectares. Conforme previsto, a colheita se iniciou a partir do dia 15 de fevereiro nos municípios de Uruçuí e Baixa Grande do Ribeiro. Da área total, 2% se encontra em desenvolvimento vegetativo, 10% em floração, 30% em frutificação, 56% em maturação e 2% já colhido. No geral, as lavouras estão em boas condições, e apresentam desenvolvimento dentro do esperado. A cultura se encontra predominantemente na fase de maturação e, até o momento, o regime climático tem sido favorável com chuvas bem distribuídas. Durante todo o período de desenvolvimento da lavoura houve baixíssima incidência de pragas e doenças. No período de levantamento dos dados chovia em toda a região produtora de soja, contribuindo desta forma para o atingimento das expectativas de produtividades elevadas naquelas áreas que ainda não atingiram a fase de maturação. A expectativa de produtividade é de 2.950 Kg/ha, que representa a manutenção da boa produtividade alcançada na safra anterior.

No Bahia, estima-se que a área de cultivo atinja 1.602,5 mil hectares, representando aumento de 1,4% em relação à área da safra anterior. Esta estimativa de crescimento se deve aos bons resultados da safra passada e às condições climáticas favoráveis. Estima-se que a colheita esteja encerrada em maio. As lavouras apresentam boa sanidade e bom desenvolvimento vegetativo, não havendo relatos de perdas de produtividade por ataques de pragas e doenças. Os plantios de sequeiro ocorreram em novembro e dezembro, com o início da colheita previsto para março. Os cultivos irrigados realizados em meados de outubro ocupam aproximadamente 40 mil hectares, que tiveram a

colheita iniciada em fevereiro. A programação é que essa área seja disponibilizada para posterior cultivo de algodão, feijão cores, milho e feijão-caupi.

Na Região Centro-Oeste, principal região produtora do país, a área plantada apresentou incremento de 2,9% em relação ao exercício anterior, impulsionado pelo desempenho de Mato Grosso, maior produtor nacional da oleaginosa. Em Mato Grosso, as chuvas intensas na primeira quinzena de fevereiro, atrasaram a colheita da soja, que encerrou o mês com cerca de 70% de área colhida, prejudicando também a sementadura do milho segunda safra. Apesar do excesso de umidade visto em algumas regiões, com relatos pontuais de cargas com produto avariado, o rendimento estadual está sendo considerado excelente.

Em Mato Grosso do Sul há uma tendência de redução da produtividade em razão das condições climáticas instáveis, que dificultaram a execução de algumas práticas de manejo e atraso na colheita. O excesso de chuvas ocorrido na maioria das regiões produtoras, aliada à nebulosidade que diminuiu a luminosidade para as lavouras, ocasionou o abortamento das vagens, contribuindo para a redução da produtividade em muitos municípios produtores. Com relação aos ataques de pragas e doenças, as lavouras têm apresentado infestações dentro da normalidade, pois o controle foi eficiente, apesar da dificuldade da entrada de pulverizadores em determinadas fases do cultivo devido ao excesso de chuvas. Aproximadamente 38% das lavouras já foram colhidas, enquanto 5% se encontra no estádio de enchimento de grãos e a maioria (57%) nos estádios de maturidade fisiológica e maturação em ponto de colheita. Na região norte e nordeste as precipitações estão menos intensas, onde a colheita está mais adiantada. Já para a região central, aproximadamente 23% da cultura já foi colhida e no sudeste em torno de 25%. O ritmo de colheita durante os dias de estiagem está muito intenso, e em alguns municípios da região centro sul não foi possível encontrar colheidoras disponíveis para alugar, aumentando o risco de, em plena maturação, as lavouras ficarem expostas às intempéries climáticas. As lavouras apresentam boas condições, mas devido ao período chuvoso atípico em fevereiro, a colheita se estenderá além do normal. A média histórica para o final de fevereiro é de 65% das lavouras já colhidas, ou seja, quase o dobro da área colhida até a presente data.

Em Goiás, a colheita foi realizada em somente 30% da área plantada, contra os 70% em média, colhidos no ano passado, nesse mesmo período. O ritmo lento decorreu das chuvas que prejudicaram as ações das máquinas em campo. Os rendimentos continuam dentro do estipulado no quinto levantamento, ou seja, 3.300 kg/ha.



Figura 24- Colheita de soja - Maracajú



Fonte.: Jean Luiz Roos Cambuhy

Figura 25 - Colheita e recepção de soja - Maracajú



Fonte.: Jean Luiz Roos Cambuhy

Na Região Sudeste, a área plantada apresentou incremento de 4,2%, comparada com o exercício anterior.

Em Minas Gerais, a área de soja está estimada em 1.489,6 mil hectares, 2,3% superior à safra passada, mantendo a tendência das últimas safras. As lavouras se encontram em fase de frutificação, maturação e início de colheita, apresentando bom desenvolvimento e perspectivas de superação da produtividade média, estimada atualmente em 3.333 kg/ha.

Em São Paulo, as maiores áreas de grãos estão concentradas nas regiões oeste e sudoeste, onde a cultura da cana-de-açúcar não tem encontrando condições propícias para o seu desenvolvimento, contrário ao das regiões situadas mais ao norte/noroeste do estado. As lavouras de soja durante todo o seu desenvolvimento apresentaram ótimas condições. O clima correu bem e apesar das recentes chuvas, a colheita que teve início em meados de fevereiro, que poderá se estender até o final de março. As cooperativas informam a chegada dos grãos em seus armazéns, com índices de umidade acima do normal, implicando na necessidade de mais uso do secador.

Figura 26 - Lavouras de soja em Minas Gerais



Fonte: Conab



No Paraná, a produtividade estimada da soja tende a aumentar conforme a colheita avança, devido à previsão inicial ter sido mais conservadora. Soma-se o fato das primeiras áreas colhidas terem tido produtividade prejudicada por adversidades climáticas, não manifestando todo o seu potencial produtivo. Portanto, a expectativa é que, com o avanço da colheita, a produtividade média ultrapasse os 3.390 kg/ha, a despeito de neste ano terem sido mais recorrentes os relatos de ferrugem asiática, antracnose e também de pragas. Houve dificuldade para o produtor realizar os tratos culturais no momento adequado devido ao clima excessivamente chuvoso.

Em Santa Catarina aproximadamente 9% das lavouras se encontram colhidas, na sua maioria localizadas na região oeste. As demais lavouras se encontram desde os estádios vegetativos (2%), floração (2,5%), granação (50%) e maturação (36,5%). Apesar das instabilidades climáticas ocorridas durante o desenvolvimento da cultura, a produtividade obtida até o momento indica resultados positivos, comparadas com as do último levantamento, mas ainda abaixo do observado na safra passada. O excesso de precipitação ocorrida em janeiro impactou negativamente algumas regiões, favorecendo a ocorrência de doenças. Contudo, a volta da estabilidade climática permitiu o retorno das práticas culturais, principalmente a aplicação de defensivos, como os fungicidas, auxiliando no controle das doenças já instaladas.

Figura 27 - Lavoura de soja - Região Oeste SC



Fonte: Conab

No Rio Grande do Sul predomina o estádio de enchimento de grãos, em cerca de 80% das lavouras. O auge da colheita deverá ocorrer nos próximos vinte e cinco dias, na região noroeste, principal região produtora. As recentes chuvas ocorridas na região elevaram o otimismo dos produtores e técnicos, com a atual safra, prevendo condições semelhantes ou apenas levemente inferiores às verificadas na safra anterior, que foi excepcional. Embora em outras regiões do estado esteja ocorrendo severas deficiências hídricas, a re-

gião noroeste tem se mostrado diferente, com chuvas irregulares mas, até o momento, em volume suficientes ao adequado desenvolvimento da cultura.

Em outros locais, como Três de Maio e região, as condições da atual safra são ainda melhores que a anterior. Nos demais locais, até o momento, a umidade no solo não é um fator restritivo ao desenvolvimento da soja. Quanto às pragas e doenças, muito pouca ferrugem foi encontrada até o momento e apenas alguns focos de tripes e mosca-branca ocorreram, mas sem danos significativos. Na região de Bagé, a cultura se encontra predominantemente na fase de floração (40%) e enchimento de grãos (60%). Para a região nordeste, a soja se encontra predominantemente no estádio de frutificação/maturação, sendo raras ainda em floração, como no caso das regiões de Caxias do Sul e Vacaria (40%) e (10%), respectivamente. Nas demais regiões a cultura está chegando ao seu final do ciclo, encaminhando para a colheita que começa entre 5 e 10 de março, na maioria das regiões. Não houve incidências consideráveis de pragas e doenças, e o risco de prejuízo com pragas foi minimizado, segundo os técnicos.

Figura 28 - Lavouras de soja em Camaquã e Panambi - RS



Fonte: Conab.



Figura 29 – Mapa da produção agrícola – Soja

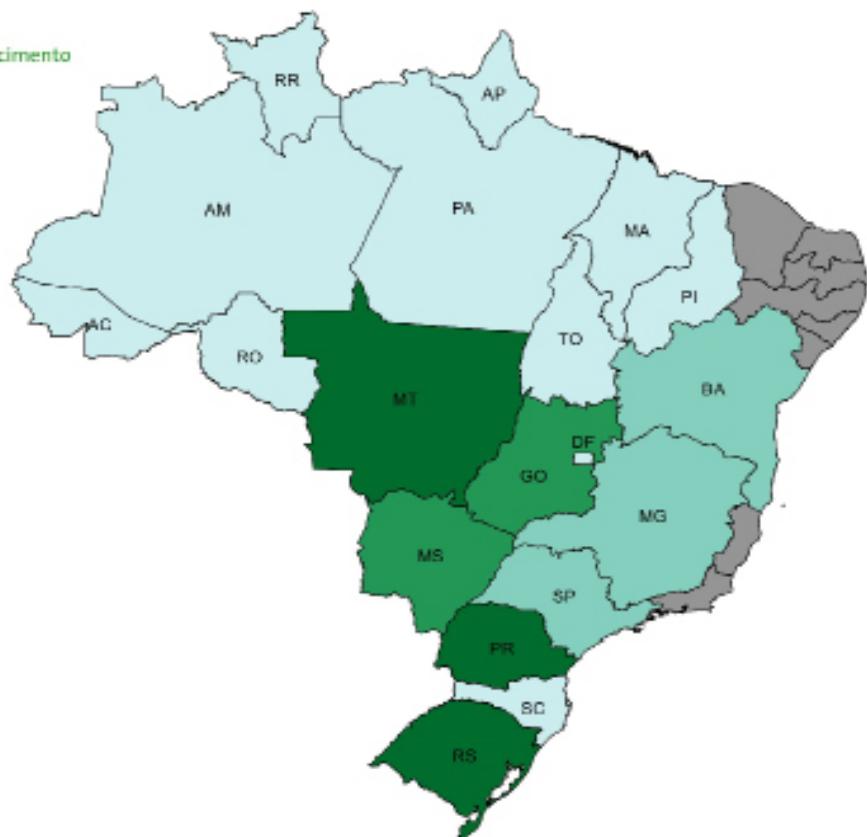


Conab

Companhia Nacional de Abastecimento

Produção de soja

- [Grey square] Sem produção
- [Light blue square] Até 3.000 mil toneladas
- [Medium blue square] 3.000 - 5.000 mil toneladas
- [Dark green square] 5.000 - 15.000 mil toneladas
- [Darkest green square] Acima de 15.000 mil toneladas



Fonte: Conab.



Quadro 10 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Soja (safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense		P	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
PA	Sudeste Paraense			PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C		
TO	Occidental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/ DV/F	DV/F/ FR/M	F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C			
	Oriental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/ DV/F	DV/F/ FR/M	F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C			
MA	Sul Maranhense		PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
BA	Extremo Oeste Baiano		PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C			
MT	Norte Mato-grossense	P/G	P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Nordeste Mato-grossense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sudeste Mato-grossense	PP	P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Leste de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	P/G	P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
GO	Leste Goiano		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sul Goiano		P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
DF	Distrito Federal			P/G	DV/F	FR/M/C	FR/M/C	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas		P	P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
SP	Itapetininga	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C				
PR	Centro Ocidental Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Norte Central Paranaense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Norte Pioneiro Paranaense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Centro Oriental Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Oeste Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense	P/G	G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
SC	Sudeste Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Oeste Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Norte Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
RS	Serrana		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Noroeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C			
	Nordeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Centro Ocidental Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
RS	Sudoeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			

Legendas:

- Baixa restrição - falta de chuvas
- Favorável
- Média restrição - falta de chuva
- Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 32 – Comparativo de área, produtividade e produção – Soja

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	1.809,0	1.908,8	5,5	3.061	3.007	(1,7)	5.536,4	5.739,9	3,7
RR	30,0	40,0	33,3	3.000	3.077	2,6	90,0	123,1	36,8
RO	296,0	311,7	5,3	3.143	3.100	(1,4)	930,3	966,3	3,9
AC	-	0,6	-	-	2.055	-	-	1,2	-
AM	-	0,5	-	-	2.250	-	-	1,1	-
AP	18,9	18,9	-	2.878	2.800	(2,7)	54,4	52,9	(2,8)
PA	500,1	545,1	9,0	3.270	2.987	(8,7)	1.635,3	1.628,2	(0,4)
TO	964,0	992,0	2,9	2.932	2.991	2,0	2.826,4	2.967,1	5,0
NORDESTE	3.095,8	3.225,0	4,2	3.115	3.032	(2,7)	9.644,7	9.777,3	1,4
MA	821,7	912,1	11,0	3.010	2.993	(0,6)	2.473,3	2.729,9	10,4
PI	693,8	710,5	2,4	2.952	2.950	(0,1)	2.048,1	2.096,0	2,3
BA	1.580,3	1.602,4	1,4	3.242	3.090	(4,7)	5.123,3	4.951,4	(3,4)
CENTRO-OESTE	15.193,6	15.632,8	2,9	3.301	3.268	(1,0)	50.149,9	51.089,3	1,9
MT	9.322,8	9.518,6	2,1	3.273	3.242	(0,9)	30.513,5	30.859,3	1,1
MS	2.522,3	2.656,0	5,3	3.400	3.320	(2,4)	8.575,8	8.817,9	2,8
GO	3.278,5	3.386,7	3,3	3.300	3.300	-	10.819,1	11.176,1	3,3
DF	70,0	71,5	2,1	3.450	3.300	(4,3)	241,5	236,0	(2,3)
SUDESTE	2.351,4	2.451,2	4,2	3.467	3.334	(3,8)	8.151,5	8.172,7	0,3
MG	1.456,1	1.489,6	2,3	3.480	3.333	(4,2)	5.067,2	4.964,8	(2,0)
SP	895,3	961,6	7,4	3.445	3.336	(3,2)	3.084,3	3.207,9	4,0
SUL	11.459,6	11.828,7	3,2	3.542	3.233	(8,7)	40.592,8	38.245,4	(5,8)
PR	5.249,6	5.464,8	4,1	3.731	3.390	(9,1)	19.586,3	18.525,7	(5,4)
SC	640,4	671,8	4,9	3.580	3.240	(9,5)	2.292,6	2.176,6	(5,1)
RS	5.569,6	5.692,1	2,2	3.360	3.082	(8,3)	18.713,9	17.543,1	(6,3)
NORTE/NORDESTE	4.904,8	5.133,8	4,7	3.095	3.023	(2,3)	15.181,1	15.517,2	2,2
CENTRO-SUL	29.004,6	29.912,7	3,1	3.410	3.260	(4,4)	98.894,2	97.507,4	(1,4)
BRASIL	33.909,4	35.046,5	3,4	3.364	3.225	(4,1)	114.075,3	113.024,6	(0,9)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2018.

8.1.19. SORGO

A cultura do sorgo no país deverá ter uma área plantada de 652,8 mil hectares e uma produtividade de 2.878 kg/ha. O sorgo é uma cultura bastante resistente à seca e climas quentes e, por isso, muito utilizado em sucessão de culturas na segunda safra. Entretanto, observa-se que a escolha do sorgo pelo produtor varia muito em virtude do mercado, e seu plantio só é definido após a conclusão do plantio do milho segunda safra.

Na Bahia, as lavouras de sorgo serão cultivadas em 100,1 mil hectares, com a expectativa de produzir 82,2 mil toneladas, e previsão de rendimento médio de 821 kg/ha (13,7 scs/ha). O cultivo do sorgo, realizado pela agricultura familiar, é destinado à alimentação animal, semeado em novembro e dezembro, o da agricultura empresarial é cultivado após a colheita da soja, em meados de fevereiro e março. Os produtores estão distribuídos por toda a Bahia, havendo cultivo no ex-

tremo oeste, no centro norte, no centro sul e no Vale do São Francisco.

No extremo oeste, espera-se a produtividade de 1.080 kg/ha (18 scs/ha) em 39,1 mil hectares, com plantio previsto em sucessão à lavoura de soja e as boas condições climáticas têm indicado tendência de aumento desse rendimento. Os plantios devem ocorrer em março. No centro norte, as plantas estão apresentando bom desenvolvimento, não havendo registro de danos devido a pragas e doenças ou pelo veranico ocorrido em janeiro. O território de Irecê é o único produtor de sorgo nessa mesorregião. No estudo da safra atual, iniciado em setembro e 2017, no primeiro levantamento, as estimativas estatísticas apontaram uma perspectiva inicial de 1.068 kg/ha (17,8 scs/ha). Com plantio em novembro e dezembro e, com a regularidade das chuvas, a estimativa se manteve estável até em dezembro de 2017, quarto levantamento.



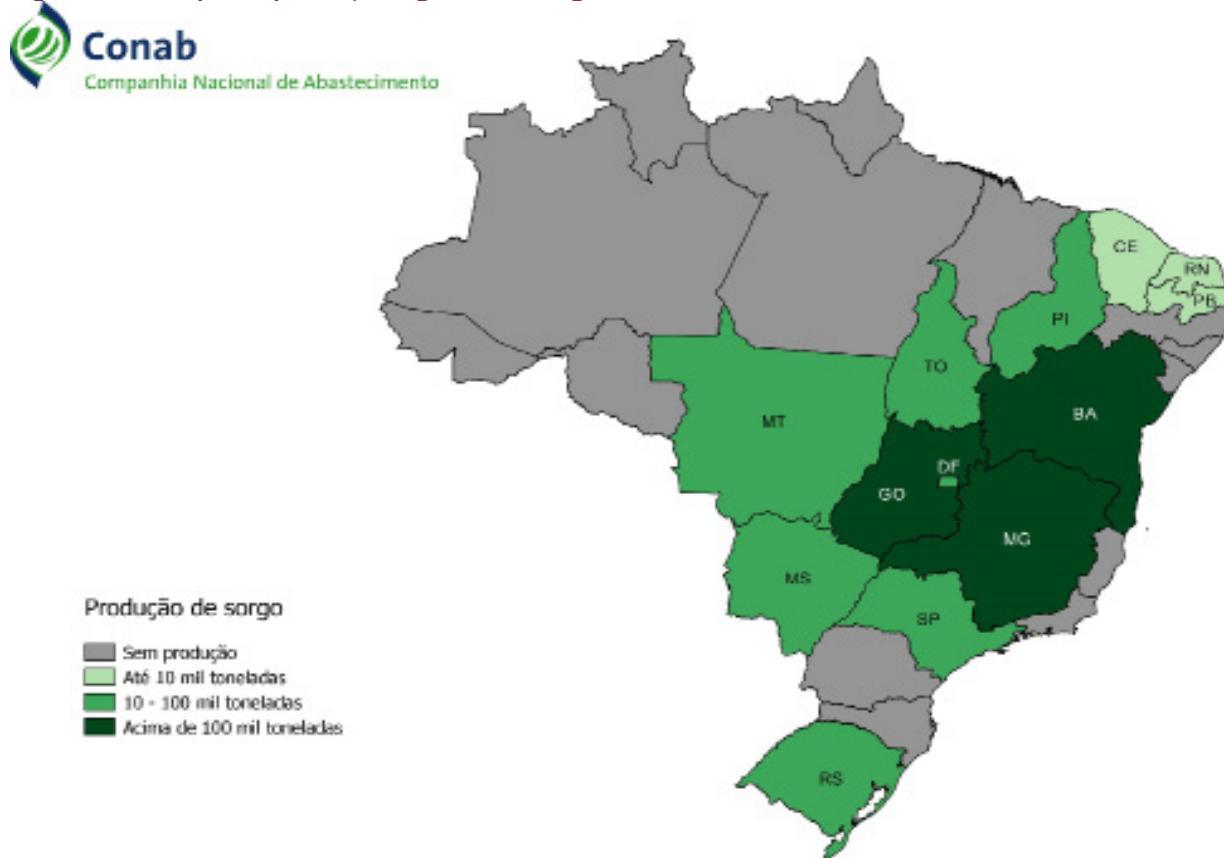
Em janeiro de 2018, quinto levantamento, houve uma queda de 28%, 820 kg/ha (13,7 scs/ha), motivada pela redução da expectativa produtiva no centro norte e no Vale do São Francisco. A estimativa para o sexto levantamento é semelhante ao quinto levantamento, ou seja, 821 Kg/ha (13,7scs/ha).

Em Mato Grosso, a estimativa da safra 2017/18 é condicionada ao andamento do plantio das culturas de segunda safra, cujos trabalhos estão atrasados, principalmente o milho. Com isso, a perspectiva é que a semeadura do sorgo ocorra a partir de março. Essa cultura, que é mais resistente ao clima seco, é utilizada pelos produtores rurais como cobertura vegetal, além de ser um substituto próximo ao milho no processo de fabricação de ração animal.

Em Goiás, o produtor ainda está direcionado ao plantio do milho safrinha. O plantio de sorgo ainda não ocorreu de forma efetiva. Há relatos de baixa comercialização e disponibilidade de sementes no mercado. Os produtores estão trazendo sementes de outras regiões.

Em Minas Gerais, as estimativas de produção de sorgo no estado se pautam principalmente nas decisões de plantio dos produtores no período de safrinha, e há, ainda, muita indefinição devido aos atrasos na colheita da safra de verão. A área de sorgo segunda safra no estado está estimada em 190,1 mil hectares, 3,8% superior à safra passada, mas, como já ponderado, as informações ainda são pouco consistentes e podem sofrer alterações. Com uma produtividade média de 3.348 kg/ha, a produção poderá alcançar 639,1 mil toneladas.

Figura 30 – Mapa da produção agrícola – Sorgo



Fonte: Conab.

Quadro 11 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Sorgo

UF	Mesorregiões	Sorgo											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
TO	Oriental do Tocantins			P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense				P	P/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
BA	Extremo Oeste Baiano			P	P/G/DV	DV	DV/F	FR	M/C	C			
	Vale São-Franciscano da Bahia			P	P/G/DV	DV	DV/F	FR	M/C	C			
MS	Leste de Mato Grosso do Sul					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
MT	Nordeste Mato-grossense					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Sudeste Mato-grossense					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Norte Mato-grossense					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
GO	Centro Goiano					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Leste Goiano					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Sul Goiano					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
DF	Distrito Federal					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
MG	Noroeste de Minas					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
SP	Ribeirão Preto					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	

Legendas:

- Baixa restrição - falta de chuvas
- Favorável
- Média restrição - falta de chuva
- Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 33 – Comparativo de área, produtividade e produção – Sorgo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	29,4	27,4	(6,8)	1.889	1.801	(4,7)	55,5	49,3	(11,2)
TO	29,4	27,4	(6,8)	1.889	1.801	(4,7)	55,5	49,3	(11,2)
NORDESTE	113,2	114,8	1,4	1.180	1.058	(10,3)	133,5	121,5	(9,0)
PI	11,4	11,4	-	2.044	2.041	(0,1)	23,3	23,3	-
CE	0,7	0,7	-	1.915	1.767	(7,7)	1,3	1,2	(7,7)
RN	1,3	1,3	-	1.244	849	(31,8)	1,6	1,1	(31,3)
PB	1,3	1,3	-	1.600	918	(42,6)	2,1	1,2	(42,9)
BA	98,5	100,1	1,6	1.068	946	(11,4)	105,2	94,7	(10,0)
CENTRO-OESTE	283,3	300,5	6,1	3.373	3.358	(0,5)	955,6	1.009,0	5,6
MT	38,5	38,5	-	2.353	2.460	4,5	90,6	94,7	4,5
MS	7,7	7,0	(9,1)	3.650	3.285	(10,0)	28,1	23,0	(18,1)
GO	230,1	248,0	7,8	3.500	3.464	(1,0)	805,4	859,1	6,7
DF	7,0	7,0	-	4.500	4.594	2,1	31,5	32,2	2,2
SUDESTE	193,6	200,6	3,6	3.581	3.354	(6,3)	693,2	672,9	(2,9)
MG	183,1	190,1	3,8	3.588	3.348	(6,7)	657,0	636,5	(3,1)
SP	10,5	10,5	-	3.452	3.463	0,3	36,2	36,4	0,6
SUL	9,0	9,5	5,6	3.000	2.777	(7,4)	27,0	26,4	(2,2)
RS	9,0	9,5	5,0	3.000	2.777	(7,4)	27,0	26,4	(2,2)
NORTE/NORDESTE	142,6	142,2	(0,3)	1.326	1.201	(9,4)	189,0	170,8	(9,6)
CENTRO-SUL	485,9	510,6	5,1	3.449	3.345	(3,0)	1.675,8	1.708,3	1,9
BRASIL	628,5	652,8	3,9	2.967	2.878	(3,0)	1.864,8	1.879,1	0,8

Fonte: Conab.

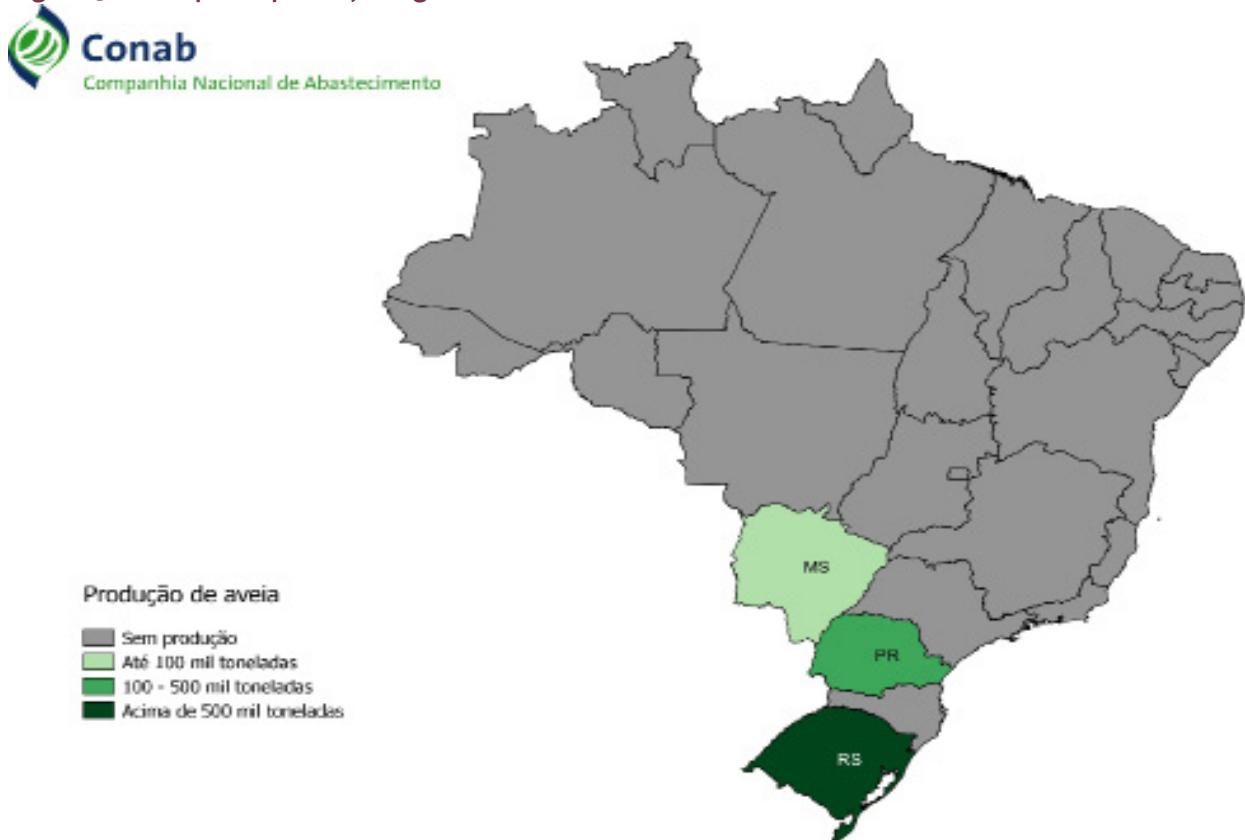
Nota: Estimativa em março/2018.



8.2 CULTURAS DE INVERNO

8.2.1. AVEIA

Figura 31 – Mapa da produção agrícola – Aveia



Fonte: Conab.

Quadro 12 – Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Aveia (safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Aveia											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
PR	Centro Ocidental Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Norte Central Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
PR	Centro Oriental Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Oeste Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
RS	Centro-Sul Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Noroeste Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Nordeste Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Centro Ocidental Rio-grandense				P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C			

Legendas:

- [Laranja] Baixa restrição - falta de chuvas [Verde] Favorável [Ouro] Média restrição - falta de chuva [Azul] Baixa restrição - excesso de chuva
- [Marrom] Restrição por falta de chuva e geadas

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 34 – Comparativo de área, produtividade e produção – Aveia

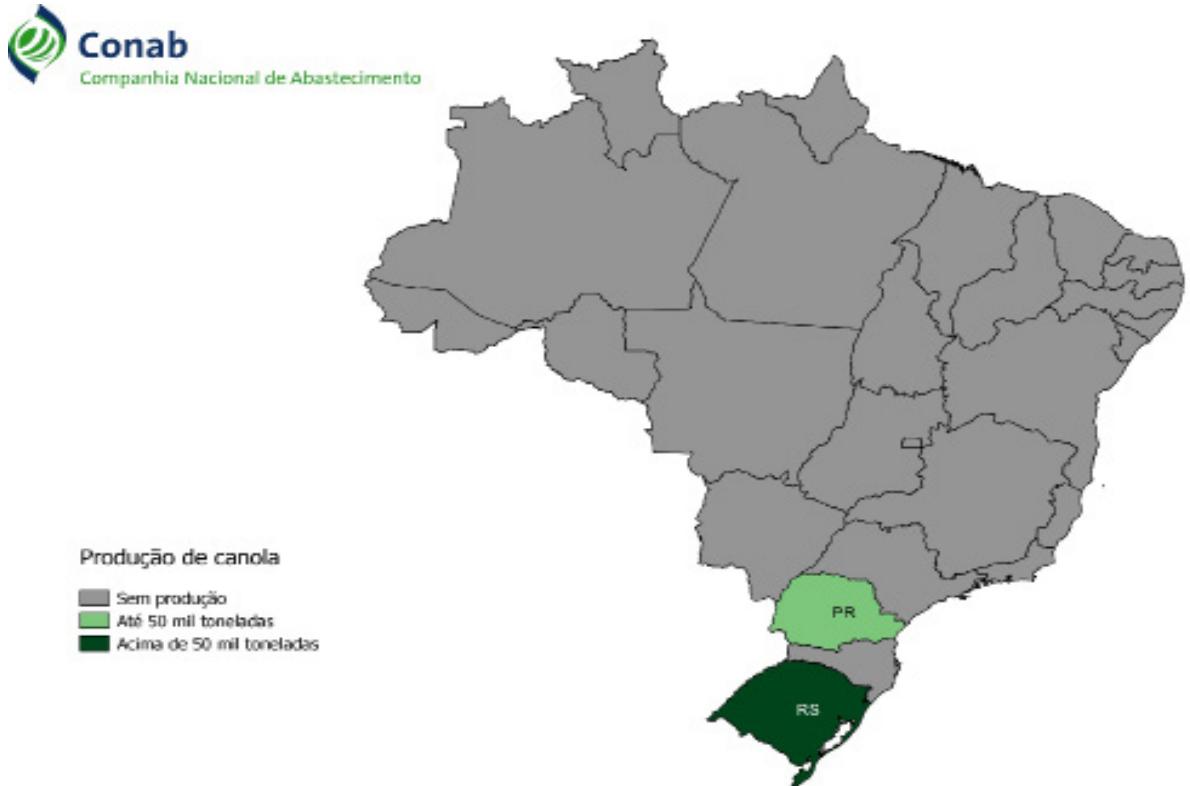
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	29,0	29,0	-	1.552	1.552	-	45,0	45,0	-
MS	29,0	29,0	-	1.550	1.550	-	45,0	45,0	-
SUL	311,3	311,3	-	1.891	2.271	20,1	588,8	707,0	20,1
PR	63,1	63,1	-	2.058	2.209	7,3	129,9	139,4	7,3
RS	248,2	248,2	-	1.849	2.287	23,7	458,9	567,6	23,7
CENTRO-SUL	340,3	340,3	-	1.862	2.210	18,7	633,8	752,0	18,6
BRASIL	340,3	340,3	-	1.862	2.210	18,7	633,8	752,0	18,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2018.

8.2.2. CANOLA

Figura 32 – Mapa da produção agrícola – Canola



Fonte: Conab.

Tabela 35 – Comparativo de área, produtividade e produção – Canola

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	48,1	48,1	-	848	1.264	49,1	40,8	60,8	49,0
PR	4,8	4,8	-	1.286	1.343	4,4	6,2	6,4	3,2
RS	43,3	43,3	-	799	1.257	57,3	34,6	54,4	57,2
CENTRO-SUL	48,1	48,1	-	848	1.264	49,1	40,8	60,8	49,0
BRASIL	48,1	48,1	-	848	1.264	49,1	40,8	60,8	49,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2018.



8.2.3. CENTEIO

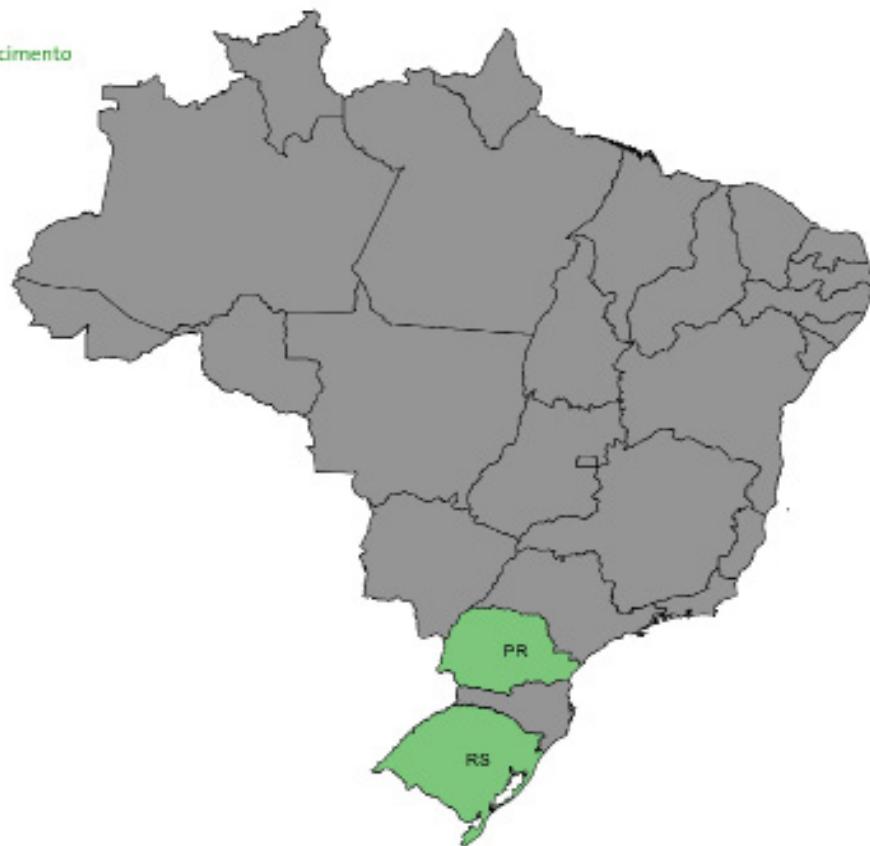
Figura 33 - Mapa da produção agrícola - Centeio



Companhia Nacional de Abastecimento

Produção de centeio

- Sem produção
- Até 5 mil toneladas
- Acima de 5 mil toneladas



Fonte: Conab.

Tabela 36 – Comparativo de área, produtividade e produção – Centeio

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	3,6	3,6	-	1.722	1.917	11,3	6,2	6,9	11,3
PR	2,1	2,1	-	1.678	1.994	18,8	3,5	4,2	20,0
RS	1,5	1,5	-	1.826	1.806	(1,1)	2,7	2,7	-
CENTRO-SUL	3,6	3,6	-	1.722	1.917	11,3	6,2	6,9	11,3
BRASIL	3,6	3,6	-	1.722	1.917	11,3	6,2	6,9	11,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2018.



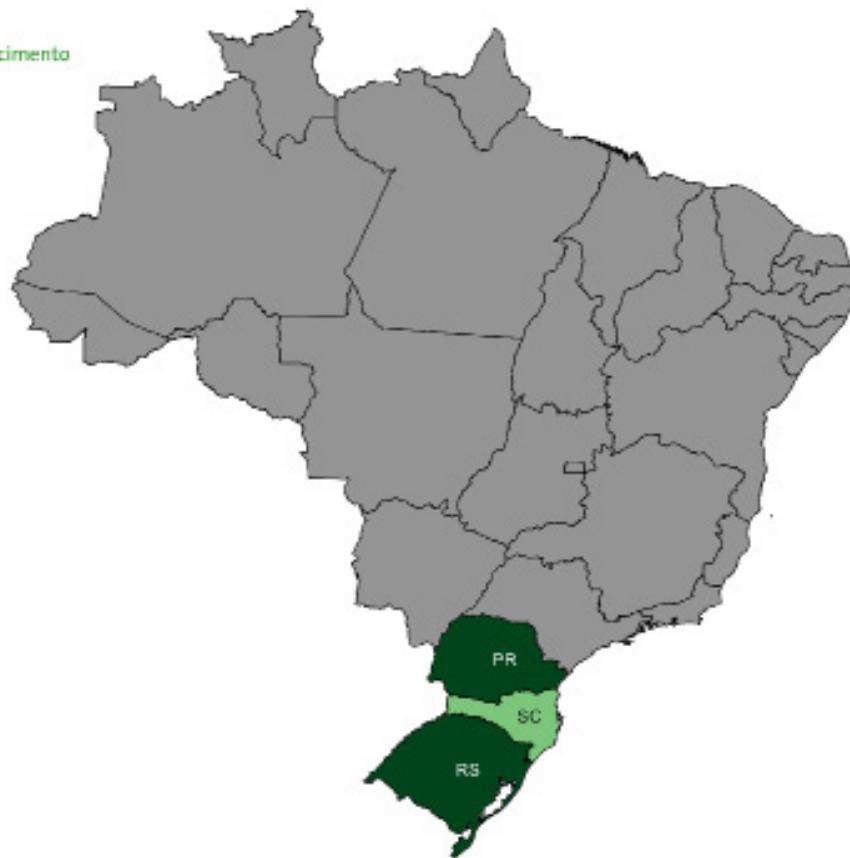
8.2.4. CEVADA

Figura 34 - Mapa da produção agrícola - Cevada



Produção de cevada

- Sem produção
- Até 100 mil toneladas
- Acima de 100 mil toneladas



Fonte: Conab.

Tabela 37 – Comparativo de área, produtividade e produção – Cevada

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	108,4	108,4	-	2.602	2.984	14,7	282,1	323,4	14,7
PR	50,2	50,2	-	3.301	3.806	15,3	165,7	191,1	15,3
SC	1,2	1,2	-	1.700	2.628	54,6	2,0	3,2	60,0
RS	57,0	57,0	-	2.006	2.266	13,0	114,3	129,2	13,0
CENTRO-SUL	108,4	108,4	-	2.602	2.984	14,7	282,1	323,4	14,7
BRASIL	108,4	108,4	-	2.602	2.984	14,7	282,1	323,4	14,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2018.



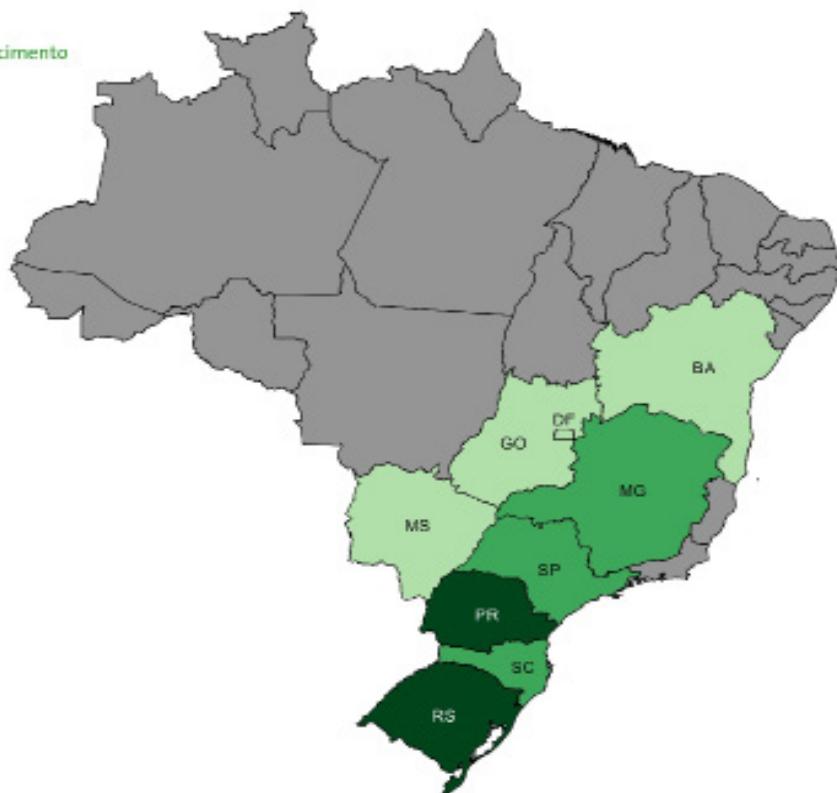
8.2.5. TRIGO

Figura 35 - Mapa da produção agrícola - Trigo



Produção de trigo

- Sem produção
- Até 100 mil toneladas
- 100 a 500 mil toneladas
- Acima de 500 mil toneladas



Fonte: Conab.

Quadro 13 – Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Trigo (Safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Trigo											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
SP	Itapetininga				P	DV	F	FR	M/C	C			
PR	Centro Ocidental Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Norte Central Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Norte Pioneiro Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Centro Oriental Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Sudoeste Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
SC	Sudeste Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Oeste Catarinense					P	G/DV	F/FR	FR	M/C	C		
	Norte Catarinense					P	G/DV	F/FR	F/FR	M/C	C		
RS	Serrana					P	G/DV	F/FR	F/FR	M/C	C		
	Noroeste Rio-grandense					P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Nordeste Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Sudoeste Rio-grandense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		

Legendas:

- [Amarelo] Baixa restrição - falta de chuvas
- [Verde] Favorável
- [Ouro] Média restrição - falta de chuva
- [Azul] Baixa restrição - excesso de chuva
- [Marrom] Restrição por falta de chuva e geadas

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 38 – Comparativo de área, produtividade e produção – Trigo

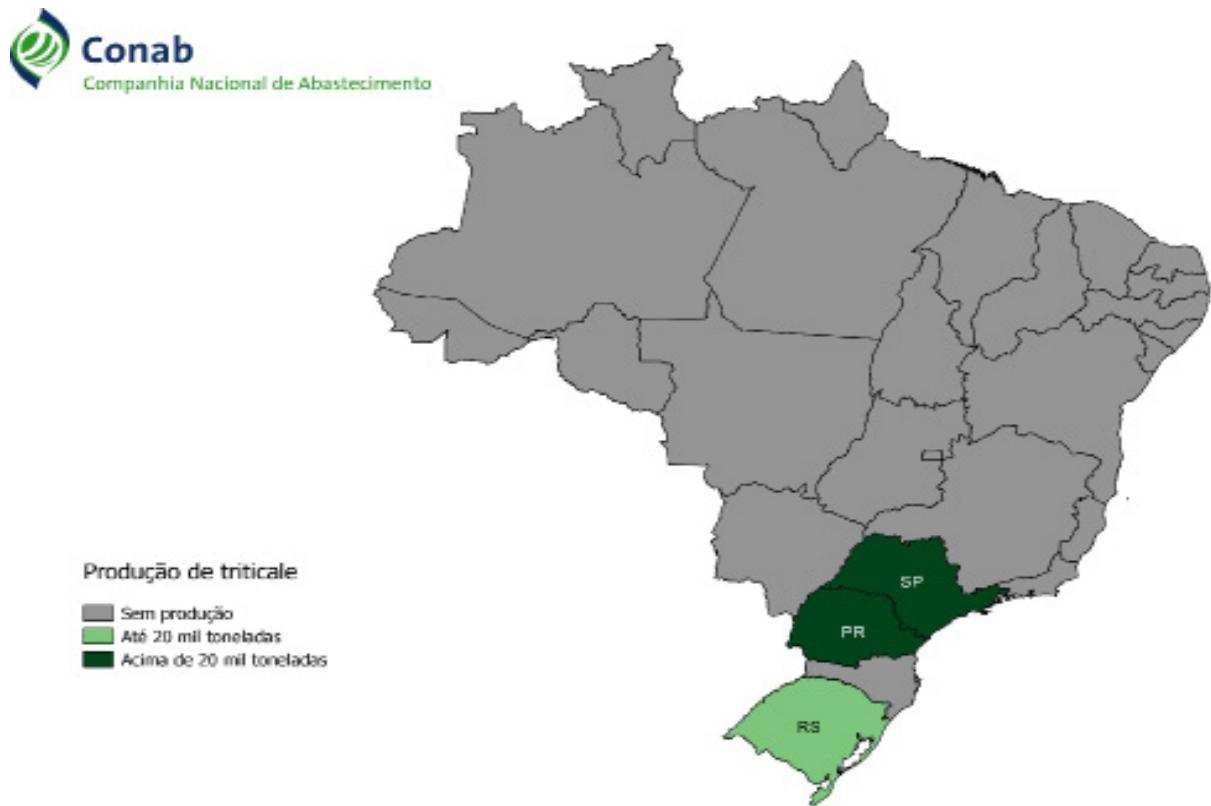
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	5,0	5,0	-	6.000	6.000	-	30,0	30,0	-
BA	5,0	5,0	-	6.000	6.000	-	30,0	30,0	-
CENTRO-OESTE	31,9	31,9	-	3.229	3.257	0,9	103,0	103,9	0,9
MS	20,0	20,0	-	1.950	1.927	(1,2)	39,0	38,5	(1,3)
GO	11,0	11,0	-	5.330	5.446	2,2	58,6	59,9	2,2
DF	0,9	0,9	-	6.000	6.100	1,7	5,4	5,5	1,9
SUDESTE	164,5	164,5	-	2.996	2.944	(1,7)	492,9	484,3	(1,7)
MG	84,6	84,6	-	2.662	2.584	(2,9)	226,6	218,6	(3,5)
SP	79,9	79,9	-	3.333	3.325	(0,2)	266,3	265,7	(0,2)
SUL	1.714,6	1.714,6	-	2.122	2.356	11,0	3.637,6	4.038,8	11,0
PR	961,5	961,5	-	2.308	2.672	15,8	2.219,1	2.569,1	15,8
SC	53,9	53,9	-	2.630	2.893	10,0	141,8	155,9	9,9
RS	699,2	699,2	-	1.826	1.879	2,9	1.276,7	1.313,8	2,9
NORTE/NORDESTE	5,0	5,0	-	6.000	6.000	-	30,0	30,0	-
CENTRO-SUL	1.911,0	1.911,0	-	2.215	2.421	9,3	4.233,5	4.627,0	9,3
BRASIL	1.916,0	1.916,0	-	2.225	2.431	9,3	4.263,5	4.657,0	9,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2018.

8.2.6. TRITICALE

Figura 36 – Mapa da produção agrícola – Triticale



Fonte: Conab.



Tabela 39 – Comparativo de área, produtividade e produção – Triticale

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	7,5	7,5	-	2.773	2.853	2,9	20,8	21,4	2,9
SP	7,5	7,5	-	2.779	2.847	2,4	20,8	21,4	2,9
SUL	15,5	15,5	-	2.110	2.510	19,0	32,7	38,9	19,0
PR	9,8	9,8	-	2.277	2.733	20,0	22,3	26,8	20,2
RS	5,7	5,7	-	1.826	2.123	16,3	10,4	12,1	16,3
CENTRO-SUL	23,0	23,0	-	2.326	2.622	12,7	53,5	60,3	12,7
BRASIL	23,0	23,0	-	2.326	2.622	12,7	53,5	60,3	12,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2018.





9. RECEITA BRUTA

A receita bruta dos produtores rurais das lavouras de algodão, arroz, feijão, milho e soja da safra 2017/18, com dados de fevereiro de 2018, atinge o total de R\$ 174,57 bilhões de reais. Esse número é 9,1% inferior ao registrado na temporada anterior, quando a soma atingiu R\$ 191,96 bilhões.

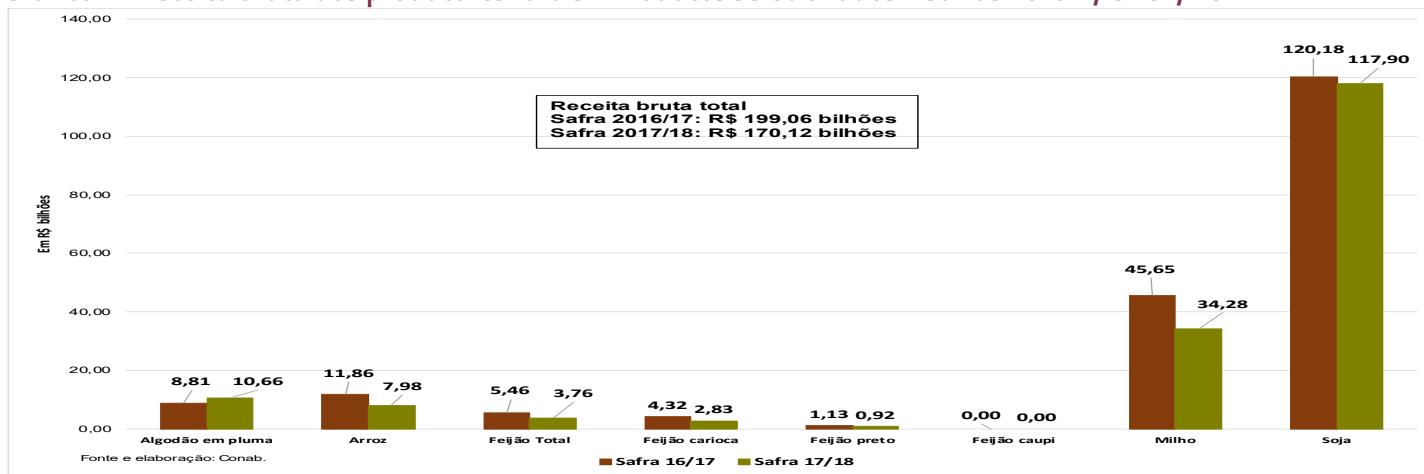
Tabela 1 – Receita bruta da produção agrícola – Produtos selecionados

PRODUTO	PRODUÇÃO (Em mil t)			PREÇO MÉDIO - R\$/unidade				VALOR DA PRODUÇÃO - R\$ Milhões		
	Safra 16/17	Safra 17/18	Variação	Unid.	01/2017	01/2018	Variação	01/2017	01/2018	Variação
	(a)	(b)	(b/a)	kg	(c)	(d)	(d/e)	(f)	(g)	(g/f)
Algodão em pluma	1,53	1,85	21,3%	15	86,41	86,18	-0,3%	8,81	10,66	20,9%
Arroz	12,33	11,28	-8,5%	60	57,73	42,43	-26,5%	11,86	7,98	-32,8%
Feijão Total	3,40	3,30	-2,9%	60	96,32	68,30	-29,1%	5,46	3,76	-31,1%
Feijão carioca	2,18	2,07	-5,1%	60	119,12	82,28	-30,9%	4,32	2,83	-34,4%
Feijão preto	0,51	0,48	-4,7%	60	133,79	114,36	-14,5%	1,13	0,92	-18,5%
Feijão caupi	0,71	0,75	5,1%	60	0,00	0,00	-	0,00	0,00	-
Milho	97,84	87,28	-10,8%	60	27,99	23,57	-15,8%	45,65	34,28	-24,9%
Soja	114,08	113,02	-0,9%	60	63,21	62,59	-1,0%	120,18	117,90	-1,9%
TOTAL	-	-	-	-	-	-	-	191,96	174,57	-9,1%

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2018.

Gráfico 1 – Receita bruta dos produtores rurais – Produtos selecionados – Safras 2016/17 e 2017/18



Fonte: Conab.

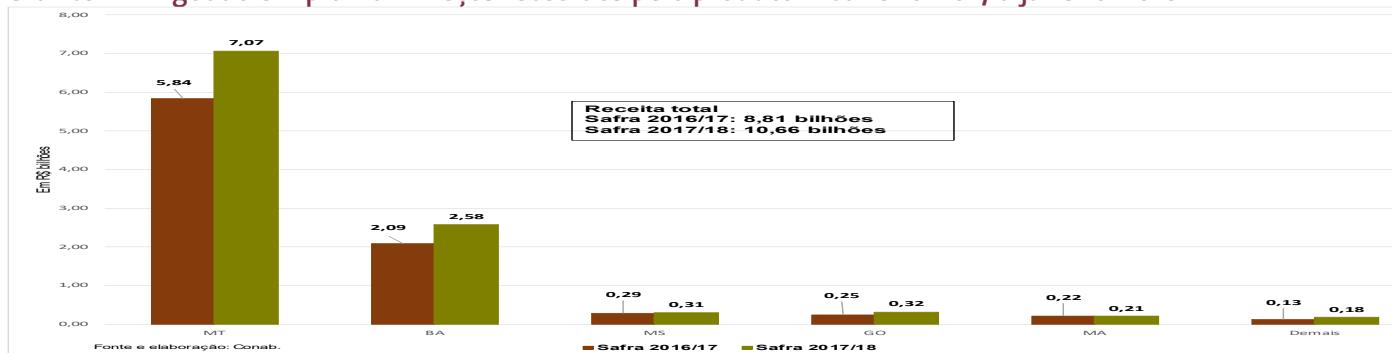
Nota: Algodão em pluma, Arroz, Feijão, Milho e Soja - Safras 2016/17 e 2017/8 - a preços de janeiro/2016 e janeiro/2017.

9.1. ALGODÃO

A produção do algodão apresenta incremento de 21% no escopo nacional. Por outro lado, o preço médio nacional para a fibra se manteve relativamente estável, com queda de 0,3%. Essas duas grandezas culminaram no valor da receita bruta dos produtores, que

apresenta um valor de R\$ 10,66 bilhões para a safra em questão, um aumento de 21% em relação à safra anterior, ou seja, o aumento da produção apresentou forte impacto na receita bruta.

Gráfico 2 – Algodão em pluma – Preços recebidos pelo produtor – Janeiro/2017 a janeiro/2018

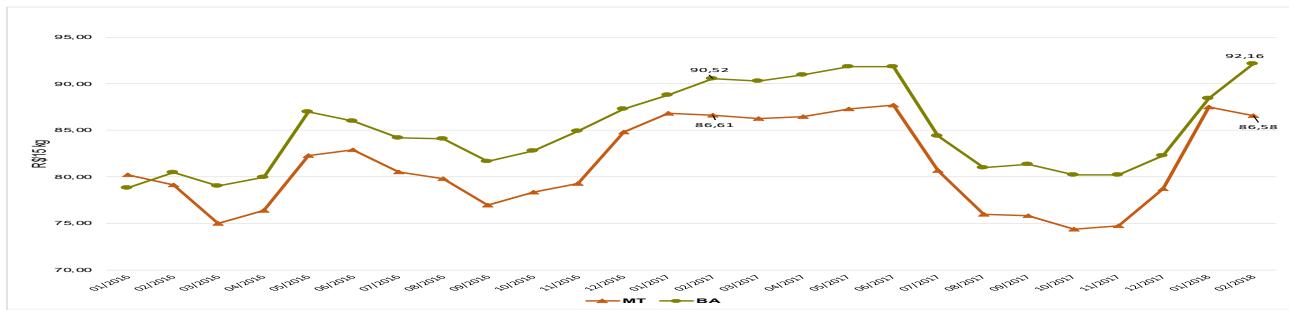


Fonte: Conab.

Nota: Safras 2016/17 e 2017/8 - a preços de janeiro/2016 e janeiro/2017.



Gráfico 3 – Algodão em pluma – Preços nominais recebidos pelos produtores



Fonte: Conab.

As Unidades da Federação com maior produção da fibra supracitada são o Mato Grosso e a Bahia, com 66% e 23%, respectivamente. O valor da receita bruta para o maior estado produtor, Mato Grosso, foi de R\$ 7,07 bilhões e para a Bahia o valor foi de R\$ 2,6 bilhões.

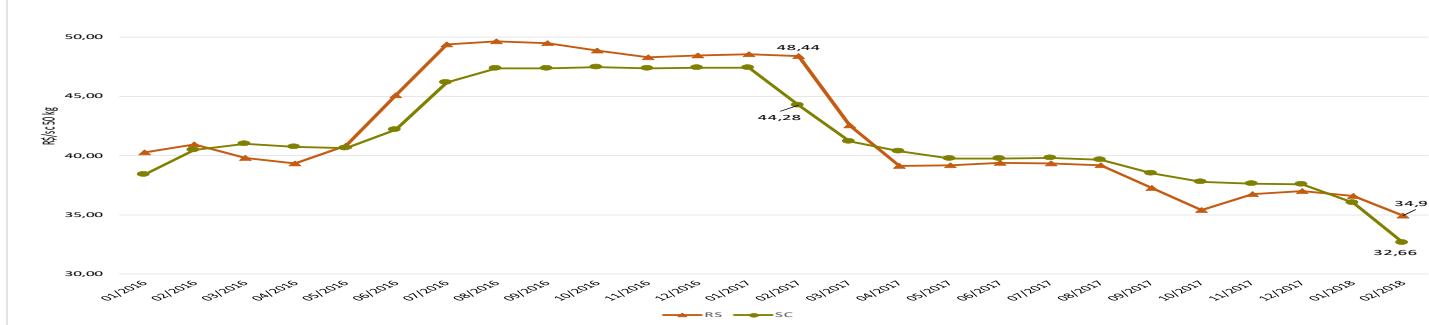
É importante ressaltar os grandes avanços na produção na Bahia, a qual passou de 346 mil toneladas para 420 mil e, em Mato Grosso, passando de 1.011 mil toneladas para 1.224 mil, aumento de 21,1% e 21,2%, respectivamente.

9.2. ARROZ

O cereal tem sua produção fortemente concentrada na Região Sul do Brasil, fator que indica forte participação do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina para a formação da receita bruta dos produtores do arroz. Nas referidas Unidades da Federação supracitadas, observam-se diminuições nas produções de 6,1%.

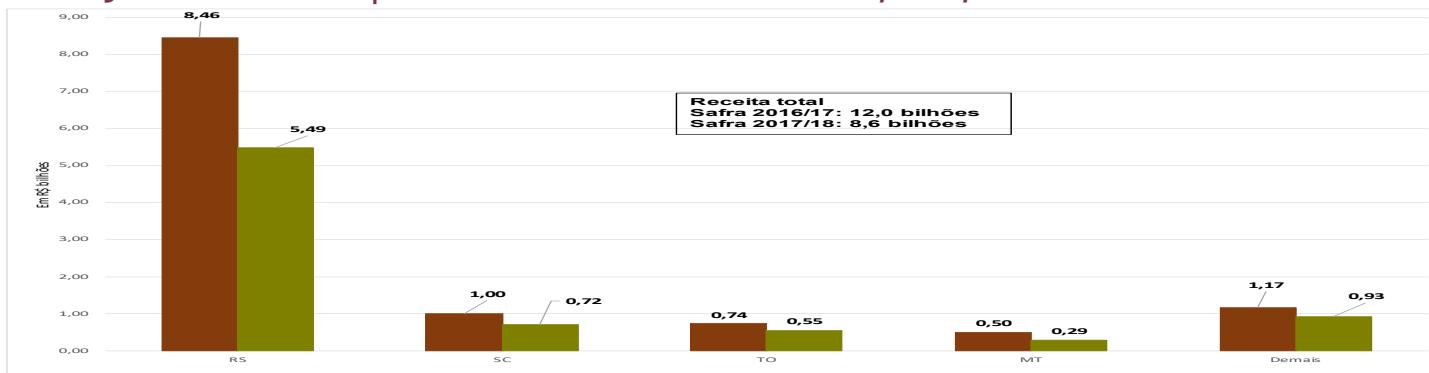
Além disso, diminuições relevantes nos preços médios praticados também foram observadas, quando comparadas os valores de fevereiro de 2017 a fevereiro de 2018. Esses dois fenômenos culminaram na diminuição da estimativa da receita bruta para os produtores de arroz, quando comparada com o mesmo período do ano anterior, o decréscimo foi de 32,8%.

Gráfico 4 – Arroz em casca – Preços nominais recebidos pelos produtores



Fonte: Conab.

Gráfico 5 – Receita bruta dos produtores rurais – arroz – Safras 2016/17 e 2017/18



Fonte: Conab.

Nota: Safras 2016/17 e 2017/18 - a preços de fevereiro/2016 e fevereiro/2017.

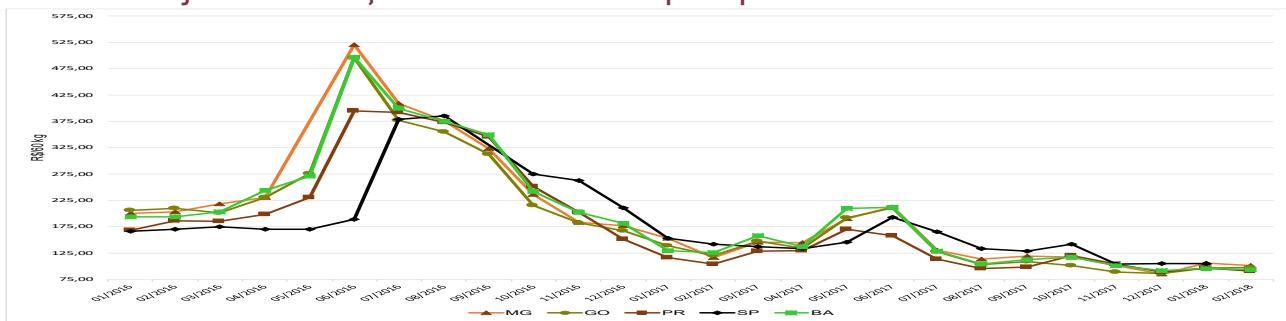


9.3. FEIJÃO-CARIOSA

O feijão é uma cultura permanente no Brasil, possuindo três distintas safras que incorrem em plantio e colheita simultâneas em diversas localidades no Brasil. Para o feijão-comum cores, observa-se decréscimo na produção em distintos estados produtores, na sa-

fra em análise, inclusive para o Paraná, com queda de 20%. O maior produtor – Minas Gerais – apresenta suave decréscimo de 0,8%. Além disso, há queda nos preços praticados com o produtor ao compararmos os valores de fevereiro de 2017 e fevereiro de 2018.

Gráfico 6 – Feijão cores – Preços nominais recebidos pelos produtores

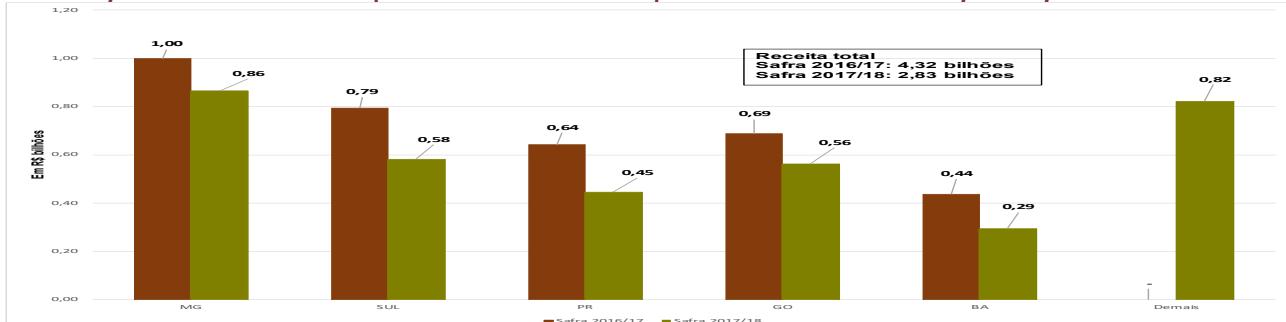


Fonte: Conab.

Essa diminuição nos preços acarretou em forte queda na estimativa da receita bruta total, para o feijão-comum cores, apresentando valor de 2,83 bilhões para

2017/18; 34,4% menor do que o observado na safra anterior, de 4,3 bilhões em 2016/17.

Gráfico 7 – Receita bruta dos produtores rurais – feijão cores – Safras 2016/17 e 2017/18



Fonte: Conab.

Nota: Safras 2016/17 e 2017/18 - a preços de fevereiro/2016 e fevereiro/2017.

9.4. FEIJÃO-COMUM PRETO

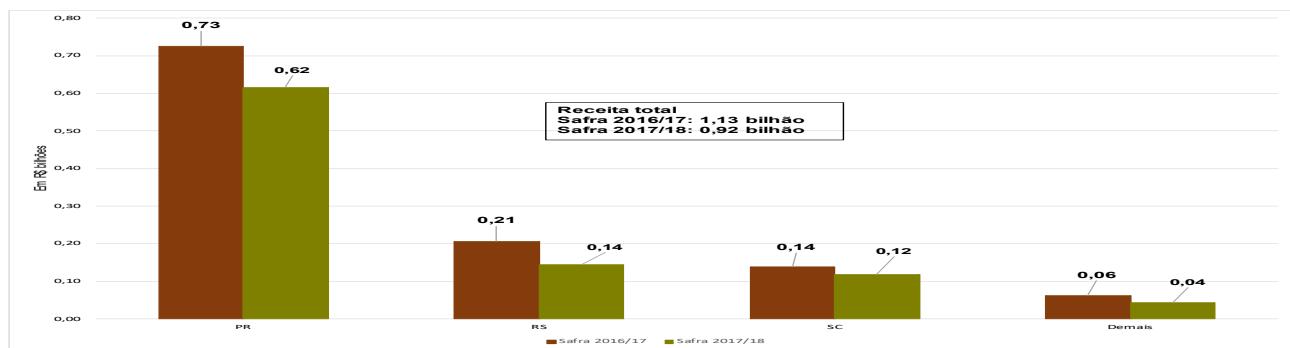
A cultura de feijão-comum preto, fortemente concentrada na Região Sul do Brasil, apresenta comportamento semelhante ao feijão-comum cores. O Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, juntos, correspondem a 94% da produção do feijão-comum preto. O Paraná apresenta decréscimo de 7,9% na produção e decréscimo de 7,8% nos preços recebidos, situação semelhante ocorre com Santa Catarina. Já para o Rio

Grande do Sul, observa-se aumento na produção – 9% - e decréscimo médio no preço de 35,5%.

A partir desse cenário de queda nos preços praticados e na produção, a estimativa total da receita bruta para o feijão-comum preto, na safra 2017/18, foi de 0,92 bilhão de reais, esse valor é 18,5% menor que o observado na safra 2016/17 de 1,13 bilhão.



Gráfico 8 – Receita bruta dos produtores rurais – Feijão-comum preto – Safras 2016/17 e 2017/18



Fonte: Conab.

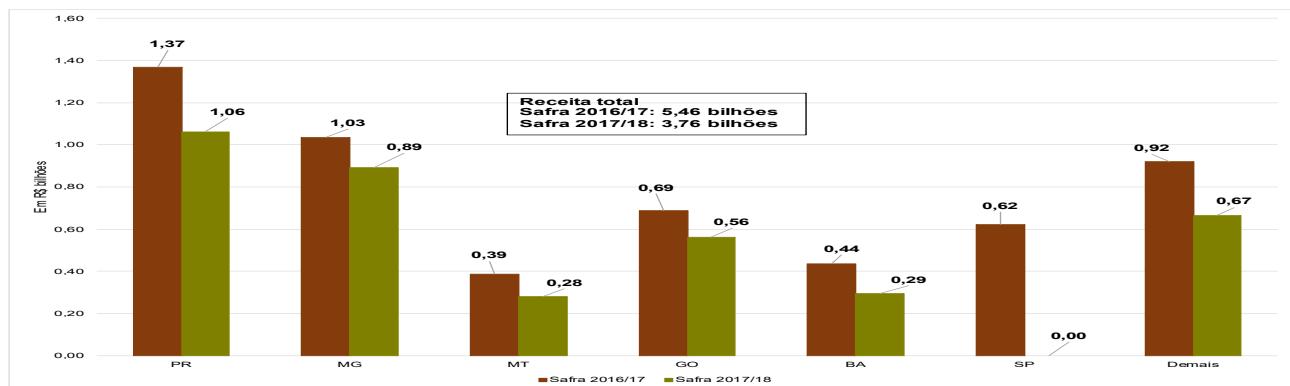
Nota: Safras 2016/17 e 2017/18 - a preços de fevereiro/2016 e fevereiro/2017.

9.5. FEIJÃO (CARIOCA E PRETO)

Consolidando os valores estimados para a receita bruta do feijão-comum cores, do feijão-comum preto, obteve-se a receita bruta do total de feijão de R\$

5,46 bilhões na temporada 2016/17 e R\$ 3,76 bilhões em 2017/18.

Gráfico 9 – Receita bruta dos produtores rurais– feijão total (carioca, preto e caupi) – Safras 2016/17 e 2017/18



Fonte: Conab.

Nota: Safras 2016/17 e 2017/18 - a preços de fevereiro/2016 e fevereiro/2017.

9.7. MILHO

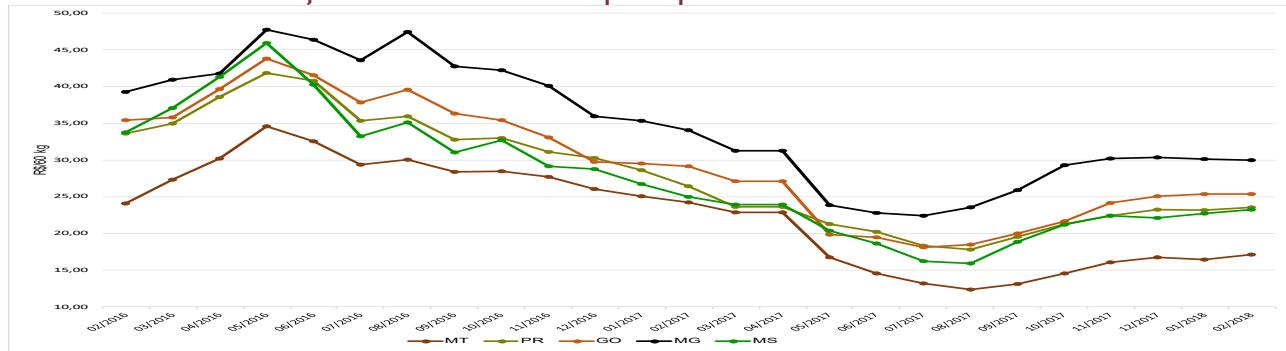
O cereal apresenta duas safras no Brasil e, com isso, observa-se plantio e colheita simultâneos em distintas regiões brasileiras. Além dessa característica, a cultura do milho está presente em todos os Estados da Federação. Os dois maiores produtores são

o Mato Grosso e o Paraná, com 30% e 17% da produção nacional, respectivamente.

Os preços internos apresentam estabilização nos períodos recentes. Entretanto, na comparação de fevereiro de 2017 e fevereiro de 2018, os preços recebidos pelos produtores apresentam queda média de 15,8%.



Gráfico 10 – Milho – Preços nominais recebidos pelos produtores

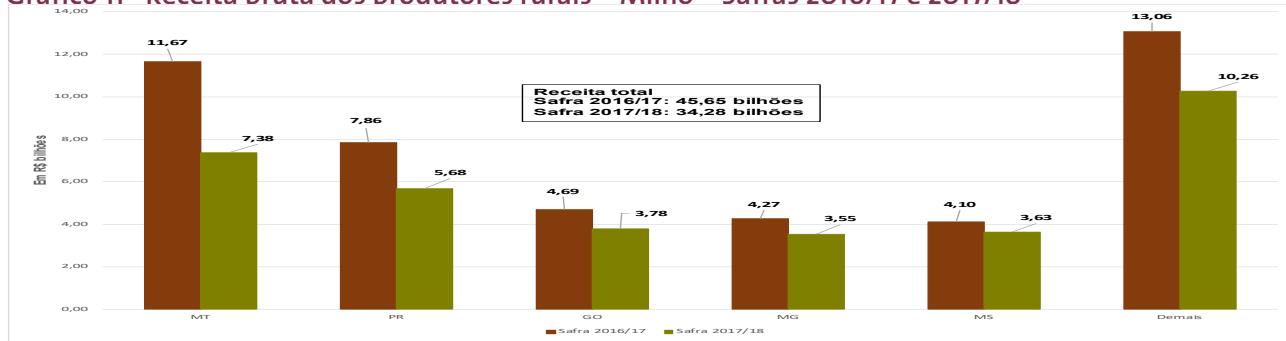


Fonte: Conab.

A produção nacional apresentou tendência de diminuição na produção, inclusive nos maiores estados produtores, além disso, a queda observada nos preços praticados foi mais impactante no cálculo da receita

bruta. A estimativa da receita bruta total para o milho foi de 34,28 bilhões de reais, para a safra 2017/18, já para a safra de 2016/17, observa-se a estimativa de 45,65 bilhões, ou seja, uma queda no valor da receita de 24,9%.

Gráfico 11– Receita bruta dos produtores rurais – Milho – Safras 2016/17 e 2017/18



Fonte: Conab.

Nota: Safras 2016/17 e 2017/18 - a preços de fevereiro/2016 e fevereiro/2017.

9.8. Soja

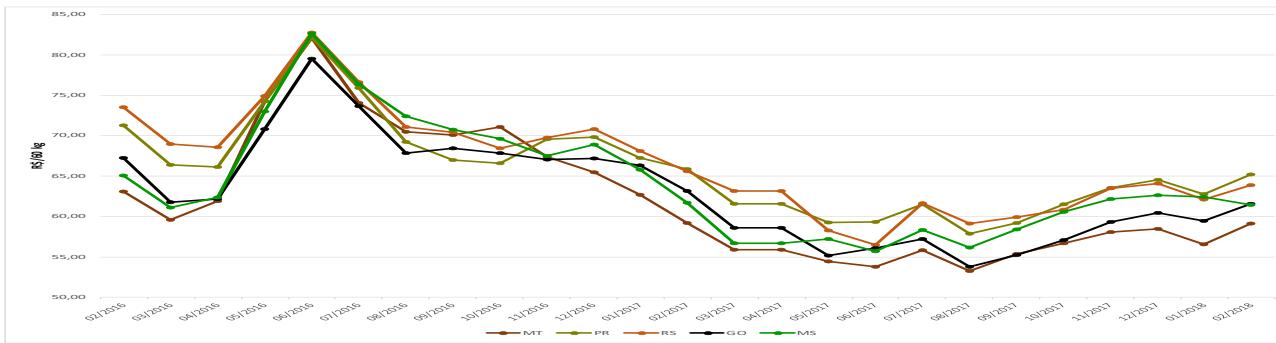
Após sucessivas safras com aumentos na produção de soja, observa-se, na projeção para a safra 2017/18 uma pequena diminuição na produção. A produção da safra 2016/17 foi calculada em 114 milhões de toneladas, já para a safra 2017/18 existe a projeção de 113,02 milhões de toneladas, um decréscimo de 0,9%. As Unidades da Federação, caracterizadas como gran-

des produtores, como Paraná e Rio Grande do Sul, também experimentam projeções de queda de 5,4 e 6,3%, respectivamente.

Além disso, os preços da oleaginosa sofreram decréscimos na maioria dos 16 estados produtores, com queda média de 1% nos preços recebidos pelos produtores.



Gráfico 12 – Soja – Preços nominais recebidos pelos produtores



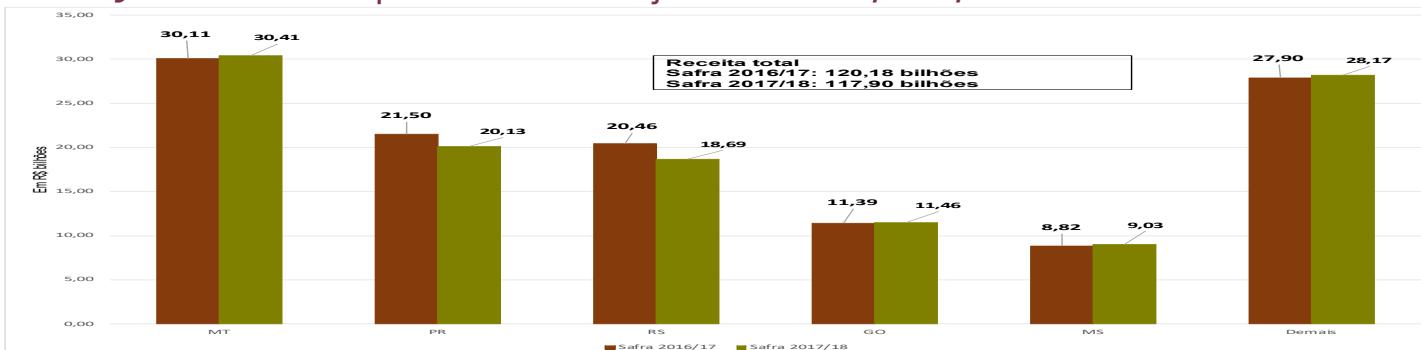
Fonte: Conab.

Isso posto, o movimento de decréscimo na produção em paralelo com a queda nos preços recebidos pelo produtor culminou em uma queda na estimativa da receita bruta total para a soja na safra 2017/18. Particularmente, o Mato Grosso apresenta estimativa de receita bruta para a oleaginosa de 30,41 bilhões de reais para a temporada 2017/18. Já para a safra imediatamente anterior, a estimativa ficou em 30,1 bilhões, com acréscimo relativo de 1,1%. É salutar detalhar que, para as Unidades da Federação que formam o Matopiba, observa-se aumento na receita bruta estima-

da para o Maranhão, com valor de 3,27 bilhões de reais (18,7%); para o Tocantins, com valor de 3,07 bilhões de reais (0,4%) e para o Piauí, com valor de 2,16 bilhões de reais (6,9%). Já para a Bahia, observa-se o valor de 5,15 bilhões, decréscimo de 5,3%.

Isso posto, a estimativa total para a receita bruta da soja, na safra 2017/18, foi de 117,9 bilhões de reais, frente à estimativa de 120,18 bilhões da safra anterior, um decréscimo de 1,9%.

Gráfico 13– Receita bruta dos produtores rurais – Soja – Safras 2016/17 e 2017/18



Fonte: Conab.

Nota: Safras 2016/17 e 2017/18 - a preços de fevereiro/2016 e fevereiro/2017.





10. BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA

10.1. ALGODÃO

10.1.1. PANORAMA MUNDIAL

Segundo o Comitê Consultivo Internacional do Algodão (Icac) em seu relatório semanal de 30 de janeiro de 2018, a estimativa da produção mundial de pluma, na safra 2016/17, é de 22,98 milhões de toneladas e se projeta para a safra 2017/18 uma produção de 25,51 milhões de toneladas. Esse resultado significaria um aumento de 11% na produção.

Ainda de acordo com o Icac, o consumo mundial estimado é de 24,55 milhões de toneladas em 2016/17, já para a safra 2017/18, a previsão é que o consumo fique em 25,37 milhões de toneladas. Em se confirmando as previsões expostas acima, a produção mundial voltaria a ser maior que o consumo em 2017/18, depois de dois anos-safras sendo inferior.

10.1.2. PANORAMA NACIONAL

De acordo com o quinto levantamento de safra da Conab, a produção brasileira de algodão, estimada para a safra 2017/18, é de 1.789 mil toneladas de pluma, esse volume é 17% superior ao produzido na safra anterior, que foi de 1.529,5 mil toneladas. Apesar do aumento estimado para a produtividade ser de apenas 0,4%, a companhia estima um aumento de 17,4% na área.

A expectativa para a safra 2017/18 é que, novamente, o clima apresente normalidade. Diante disso, e do fato de os preços continuarem remuneradores, o produtor

10.2. ARROZ

Em dezembro, o Brasil exportou 65,6 mil toneladas de arroz base casca e importou 49,5 mil toneladas. Sobre os preços comercializados, o Brasil vendeu o arroz branco beneficiado em uma média de US\$514,43 a tonelada, enquanto os preços de aquisição, principalmente dos nossos parceiros de Mercosul, se mantiveram em patamar inferior.

Sobre as compras brasileiras de arroz internacional em novembro, o Paraguai, maior exportador para o mercado brasileiro, comercializou 33,8 mil toneladas de arroz base beneficiado em uma média de US\$ 372,21 a tonelada de arroz polido. Cabe destacar que o arroz paraguaio continua sendo direcionado, em sua maioria, para os mercados do Sudeste brasileiro e Pernambuco. Sobre a Argentina e o Uruguai, o produto importado vem sendo direcionado principalmente para São Paulo e Rio Grande do Sul. Para o final da comercialização da safra 2016/17, a previsão é de uma importação de mil toneladas e exportação de 800 mil toneladas.

Acerca do consumo, esse é estimado em torno de

10.3. FEIJÃO

10.3.1. FEIJÃO-COMUM CORES

O mercado se depara com uma conjuntura desfavorável de preços, vez que em fevereiro geralmente ocorre queda no consumo em virtude das férias escolares. Com isso, as vendas costumam ser fracas, mas o mercado surpreendeu com a falta de negócios.

A qualidade do grão que está sendo ofertada, e a concentração da oferta da safra das águas que começou a entrar em grandes quantidades no mercado paulista estão contribuindo para a calmaria do mercado.

Na Região Sul, o excesso de chuva, verificado desde a última semana de dezembro e em praticamente todo o mês de janeiro, período de concentração da colheita da safra das águas, além de ter prejudicado o rendimento das lavouras afetou a qualidade do produto que, em muitos casos, apresentaram grãos manchados, deformados e com elevado grau de umidade. A colheita dessa safra está chegando ao fim e, no Paraná, cerca de 55% da produção foram comercializadas pelos produtores. Já nas Regiões Centro-Oeste e Sudeste do país resta uma boa quantidade a ser colhida.

sentiu confiança em aumentar a área destinada ao algodão.

11,5 milhões de toneladas para a safra 2016/17 em virtude do cenário econômico brasileiro. Para safra 2016/17, projeta-se um consumo superior por volta de 12 milhões de toneladas, volume semelhante à média identificada antes do período de recessão brasileira. Sobre a produção nacional, a safra brasileira de arroz 2017/18 deverá ser 5,8% inferior em relação à safra 2016/17, atingindo 11,6 milhões toneladas. Essa retração da produção ocorre em razão do atraso de parte das áreas no Rio Grande do Sul e à menor capitalização dos produtores, que deverão reduzir a quantidade de insumos nas lavouras. Sobre a balança comercial, a expectativa é de equilíbrio na próxima safra como reflexo de um possível arrefecimento dos preços internos mais competitivos em virtude de uma esperada desvalorização da moeda nacional em 2018.

Com base no cenário descrito no quadro de suprimento, espera-se uma amena redução dos estoques de passagem, sendo previsto um estoque final de 1.458,6 mil toneladas para a safra 2016/17 (fevereiro de 2018) e de 1.098,2 mil toneladas para a safra 2017/18 (fevereiro de 2019).

No Paraná e Santa Catarina, de acordo com a pesquisa realizada pela Conab, no período de 18 a 24 de fevereiro de 2018, as quebras na produtividade foram de 20,1% e 11,9% respectivamente, em relação à safra anterior, o que representa, uma redução de 39,1 mil toneladas.

Por outro lado, na Bahia, notadamente nas regiões centro norte, centro sul e Vale do São Francisco, a escassez de chuva durante o ciclo da cultura afetou drasticamente o desenvolvimento das lavouras. A colheita iniciou em fevereiro e, a princípio, estima-se uma redução de 41,2% na produtividade e uma produção menor em 26,8 mil toneladas à registrada na safra anterior.

Diante da situação em questão, a expectativa era de um mercado firme. No entanto, ao contrário do que se previa, os preços se encontram em queda, gerando um forte descontentamento dos produtores.

No mercado atacadista de São Paulo, a maior parte



das ofertas é de lotes comerciais, mas com boa presença do produto extranovo. Contudo, a diferença de preços desse último padrão em comparação aos demais tipos está dificultando a sua venda e influindo negativamente nas cotações. As mercadorias ofertadas são provenientes de São Paulo, Paraná, Goiás e Minas Gerais, visto que esses dois últimos estados apresentam os melhores lotes.

Nas zonas de produção a maior parte do volume ofertado também é de produto comercial. Os preços se encontram em queda, gerando um forte descontentamento dos produtores.

Quanto à segunda safra, o plantio está bem adiantado e as lavouras atravessam as fases de germinação, desenvolvimento vegetativo e pequenas áreas entrando em florescimento. No Paraná, a superfície cultivada ocupa cerca de 85% da área estimada para o cultivo. Nesse estado, a área estimada pela Conab aponta para uma redução de 25,1% em relação à safra anterior em razão dos baixos preços de comercialização. Mesmo que as condições climáticas sejam adequadas ao desenvolvimento das lavouras, a produção ainda ficará 19,4% abaixo ou 41,9 mil toneladas a menos que a colheita registrada em 2017.

O mercado está na expectativa da oferta proveniente da safra da seca, na Região Centro-Sul do país, cujo cultivo deverá ser concluído em março. A colheita está prevista para o início de abril, devendo se concentrar em maio e junho, com expectativa de um volume de produção inferior ao registrado na safra 2017.

A comercialização vem enfrentando o mesmo gargalo, qual seja, o varejo. Diante desse fato, os empacotadores estão negociando de acordo com as suas ne-

10.3.2. FEIJÃO-COMUM PRETO

Os preços se encontram em patamares elevados em razão do controle das ofertas e, principalmente, pelo excesso de chuvas verificado em janeiro que limitou a quantidade e a qualidade do produto destinado ao mercado.

A safra da seca começou a ser semeada no início de janeiro, atingindo, no Paraná, cerca de 85% da área estimada ao cultivo. A temporada dessa variedade se encerra nesse segundo plantio e, doravante, o país passará a depender de importações, principalmen-

cessidades de abastecimento, mesmo cientes de que os estoques ainda são baixos, com o risco do produto ficar mais caro diante do quadro de oferta mais apertado.

Segundo as indústrias de empacotamento, qualquer elevação nos preços de mercado só deverá ocorrer se houver um aquecimento na demanda, e isso no momento deve ser descartado pelo fato de que estamos numa época de baixo consumo e concentração da oferta.

É importante destacar que o grão comercial nota 8 sem defeitos e com boa peneira começa a ficar escasso, e atualmente a demanda de muitos compradores é por este tipo de produto. Em Minas Gerais aumentou a presença de compradores da Bahia, dentre outros estados, reflexo da pouca oferta de produto paranaense de boa qualidade.

Esperava-se, após o carnaval, que o volume de produção a ser comercializado seria insuficiente para manter o mercado em equilíbrio, abrindo espaço para uma melhor remuneração do produto. No entanto, apesar da primeira safra se encontrar no final, ainda é razoável a quantidade de mercadoria a ser comercializada, visto que boa parte é oriunda do Paraná, e é de baixa qualidade.

Com os preços ao produtor muito aquém dos praticados no ano anterior, boa parte dessa queda foi repassada para o produto no comércio, notadamente nas grandes redes de supermercados. Desta forma, o consumo poderá ser estimulado, não só pela redução dos preços, como também pelo retorno das aulas escolares.

te da Argentina, maior fornecedor, que deve concluir o seu plantio em março. Do volume a ser produzido naquele país, cerca de 70% da produção de feijão comum preto e 12.000 toneladas de feijão comum branco são destinados ao Brasil.

O sexto levantamento registra, para a segunda safra, queda de 6,9% na área a ser cultivada na Região Centro-Sul do país. A produção, por sua vez, apresenta praticamente o mesmo volume colhido em 2017.

registrado na história em razão do elevado aumento dos preços provocados pela retração da área plantada e principalmente pelas condições climáticas adversas.



No trabalho em curso, optou-se por um consumo de 3,3 milhões de toneladas, ou seja, o mesmo registrado na temporada anterior.

Dessa forma, prevê-se o seguinte cenário: computando as três safras, a estimativa da Conab chega em uma produção média de 3,3 milhões de toneladas, o que representa uma variação negativa de 2,9% em re-

lação à temporada 2016/2017.

Partindo-se do estoque inicial de 260,5 mil toneladas, o consumo de 3,3 milhões de toneladas, as importações em 120 mil toneladas e as exportações de 125 mil toneladas, resultará em um estoque de passagem na ordem de 235,5 mil toneladas, o que corresponde a cerca de mês de consumo.

10.4. MILHO

10.4.1. ANÁLISE DA OFERTA E DEMANDA

Tabela 2 – Balanço de oferta e demanda (fev-jan) - Em mil toneladas

ANO - SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2013/14	6.984,6	80.051,7	790,7	87.826,9	54.503,1	20.924,8	12.399,0
2014/15	12.399,0	84.672,4	316,1	97.387,5	56.611,1	30.172,3	10.604,1
2015/16	10.604,1	66.530,6	3.338,1	80.472,8	54.639,8	18.883,2	6.949,9
2016/17(*)	6.949,9	97.842,8	950,0	105.742,7	56.165,3	30.835,2	18.742,1
2017/18(*)	18.742,1	88.006,7	400,0	107.148,8	58.500,0	30.000,0	18.648,8

Legenda: (*) Estimativa em março/2018.

Fonte: Conab.

Fatores como expectativa de mercado, atraso no plantio de soja e incertezas climáticas pesaram sobre a decisão do produtor em plantar milho para a safra 2017/18 e, por essa razão, a queda na área plantada é o principal fator, no momento, da significativa queda de produção.

No entanto, vale salientar que os estoques iniciais de milho também foram levados em conta nesse processo. Apesar de um ajuste em relação ao balanço de oferta e demanda publicado em fevereiro de 2018,

este continua sendo recorde e bem significativo.

Um fator ajustado foi o consumo interno, sobretudo o de 2016/17, visto que há um incremento significativo no consumo industrial em razão da demanda por milho para a produção de etanol, bem como no setor de produção animal, o qual se antecipou no final de 2017, entrando fortemente no mercado, pagando cerca de R\$ 1,00 a 2,00 a saca de 60Kg acima da paridade de exportação e formando estoques, fato não comumente praticado em anos anteriores.

Tabela 2 – Consumo de milho por segmento

ANO	Produção de Milho	Consumo Avicultura	Consumo Suinocultura	Consumo Bovinocultura	Outros animais (7%)	Consumo Industrial	DEMANDA SEGMENTOS	Total Perdas/ Sementes	Perdas (qualit.)/ autocombustão	DEMANDA TOTAL
2012	72.980	22.946	10.019	5.003	2.731	5.343	46.041	2.569	3.284	51.894
2013	81.506	23.446	9.989	5.093	2.609	5.618	46.755	2.841	3.668	53.264
2014	80.052	23.764	10.212	5.141	2.845	6.143	48.104	2.797	3.602	54.503
2015	84.672	24.516	10.611	5.186	2.979	6.576	49.868	2.932	3.810	56.611
2016	66.531	24.046	10.198	5.141	2.757	6.445	48.587	3.059	2.994	54.640
2017*	97.843	24.418	10.702	5.193	2.867	7.845	51.024	3.120	3.054	57.199
2018**	87.279	25.212	11.050	5.362	2.960	8.385	52.969	3.051	2.980	59.000

Legenda: (*) Estimativa em março/2018, (**) Projeção.

Fonte: Conab, IBGE, Sindirâncias, Apinco, Abimilho.

Nota: dados de consumo de outros animais, milho in natura, para consumo humano e outros usos industriais, obtidos no Sindirâncias e Abimilho.

Esta situação interferiu no ajuste dos estoques e influencia também na projeção de estoque final da safra 2017/18, a qual deve ter um incremento no consumo para 59 milhões de toneladas, gerando um estoque final de 16,4 milhões.

Apesar dos estoques elevados, tem-se notado que os preços internos não têm arrefecido, como se imaginava, muitas vezes, o efeito foi o inverso, as cotações domésticas chegaram a ter uma elevação.



Um dos fatores é que os vendedores (produtores, cerealistas e cooperativas) têm retido seus estoques na expectativa de perdas climáticas sobre o milho segunda safra, dado ao atraso no plantio desse cereal em algumas regiões importantes.

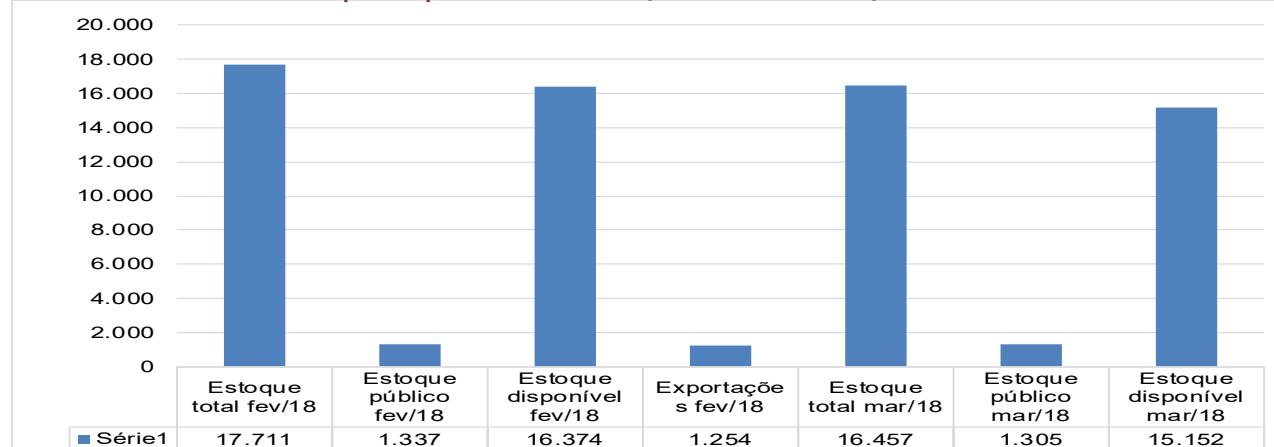
Outro fator é a quebra de safra de milho na Argentina, o que gera uma expectativa para o Brasil, que pode ocupar um espaço maior na demanda internacional, devido os Estados Unidos estarem com um volume acumulado de embarques de milho bem aquém do previsto.

Vale lembrar que, de fato, os estoques nacionais são

significativos, porém, cerca de 1,3 milhão de toneladas são governamentais, onde só devem ser disponibilizados para atendimento em programas sociais, visto que não há grande movimento especulativo de preços e nem desabastecimento que necessitem do apoio governamental.

Todavia, considerando o estoque inicial da safra 2017/18, de 17,7 milhões de toneladas, considerando o estoque governamental citado acima e exportações em fevereiro de 1,25 milhão de toneladas, o que há efetivamente disponível no mercado é um volume de 15,15 milhões de toneladas.

Gráfico 1 - Análise do estoque disponível de milho (em mil toneladas)

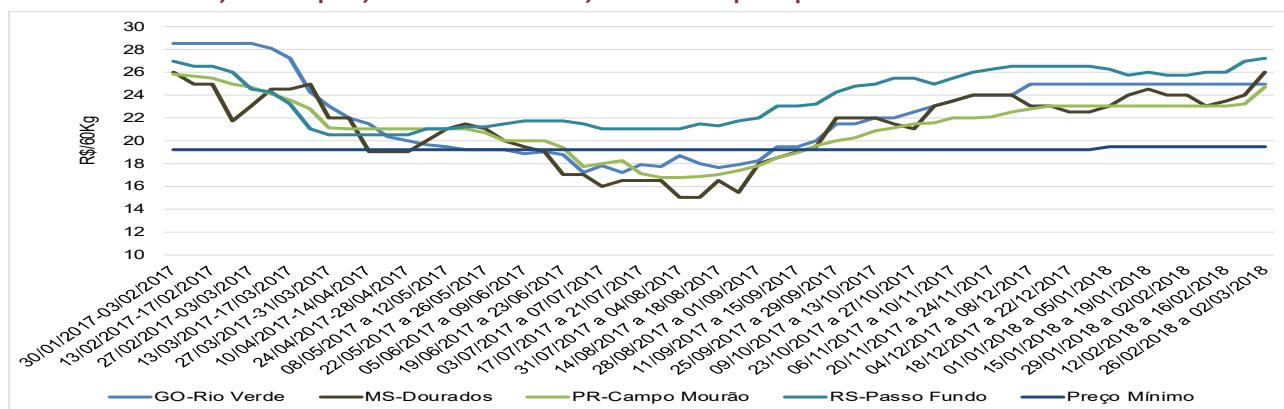


Fonte: Conab.

É importante ressaltar, também, que pouco mais de 20% da área de milho 1ª safra do Centro-Sul do país foi colhida até o fim de fevereiro, bem como a evolução do plantio no Mato Grosso do Sul e Paraná ainda está

bem lenta, fazendo com que o produtor retenha os estoques disponíveis que, por vez, provocaram altas nos preços.

Gráfico 2 - evolução dos preços de milho - Preço recebido pelo produtor



Fonte: Conab.



10.6. SOJA

10.6.1. MERCADO INTERNACIONAL

Os problemas climáticos de temperaturas altas e poucas chuvas têm afetado drasticamente a produtividade na Argentina, segundo a Bolsa de Comércio de Rosário a produção não ultrapassará os 45,5 milhões de toneladas, ou seja, este valor é 10 milhões de toneladas menor que o produzido no ano de 2017 e 15% menor que a média dos últimos cinco anos.

Desta forma, os preços médios da Bolsa de Valores de Chicago (CBOT), que já encontrava suporte nos problemas climáticos ocorrido na Argentina, neste mês, conseguiu romper a linha de resistência e ultrapassou o valor de US\$ 10,00/bu e fechou o mês em USCents 1.057,40/bu, o maior valor praticado desde fevereiro

de 2017.

Com isso, a cotação média de fevereiro de 2018 é de US\$ 1.011,39/bu valor 4,30% maior que em janeiro de 2016 e apenas 2,46% menor que o praticado em fevereiro de 2017.

As exportações americanas das safras 2017/18 de soja continuam muito baixas, numericamente muito inferior que o estimado nas últimas três safras, o principal motivo para essa redução é a competição dos outros países, principalmente o Brasil, no mercado exportado, pois o dólar está muito valorizado e o Brasil tende a ser mais competitivo e a exportar maior quantidade, como tem ocorrido.

10.6.2. MERCADO NACIONAL

Os preços nacionais têm encontrado sustentação nos altos preços internacionais, como citado, e também na alta do dólar frente ao real que, nesse mês, chegou a ser cotado em média a R\$ 3,246, valor um pouco maior que a média de janeiro e 4,6% maior que a média de fevereiro de 2016.

Com a alta dos preços internacionais e do dólar, as exportações brasileiras de soja em grãos estão muito elevadas e, segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), as exportações de fevereiro foram estimadas em mais de 2,86 milhões de toneladas. Esse valor é 10% menor que o exportado em fevereiro de 2017, tocante à diferença de área colhida entre safra, que nesta safra 2017/18 está um pouco mais atrasada que a safra anterior, safra 2016/17.

O consumo interno deve ter um aumento de aproximadamente 5%, estimado em 47,28 milhões de toneladas, esse aumento está relacionado ao crescimento do uso do biodiesel proveniente da soja e também do possível aumento de exportação de farelo de milho e óleo de soja, oriundo de uma possível redução das ex-

portações dessas commodities na Argentina.

A produção de soja no Brasil foi estimada pela Conab em 113 milhões de toneladas, as exportações em 67,50 milhões de toneladas e um consumo de 47,28 milhões de toneladas, gerando um estoque de passagem próximo de apenas 600 mil toneladas.

O consumo interno deve ter um aumento de aproximadamente 5% estimado 47,28 milhões de toneladas, este aumento está relacionado ao crescimento do uso do biodiesel proveniente da soja e também do possível aumento de exportação de farelo de milho e óleo de soja oriundo de uma possível redução das exportações destas comanditeis na Argentina.

A produção de soja no Brasil foi estimada pela Conab em 113 milhões de toneladas, as exportações em 67,50 milhões de toneladas e um consumo de 47,28 milhões de toneladas, gerando um estoque de passagem próximo de apenas 600 mil toneladas.



10.7. TRIGO

Com o avanço na colheita da safra de verão, os fretes passaram a ser mais disputados em todas as regiões produtoras, elevando os custos nas operações de venda do trigo. Apesar da necessidade de liberação de espaço físico em seus armazéns, produtores da região Sul têm direcionado seus esforços para a colheita e a comercialização da soja, em detrimento à comercialização do trigo, que no Paraná registrou queda em suas cotações após três meses consecutivos de recuperação. Neste estado, a saca de 60 kg do trigo pão, PH 78, foi negociada a um preço médio de R\$ 34,86 no mercado de balcão, valor 0,13% inferior à média do mês de janeiro.

Diante da constatação da menor disponibilidade de grãos de qualidade no mercado interno, o Brasil importou 666 mil toneladas de trigo em janeiro de 2018, registrando o maior valor mensal desde dezembro de 2016, quando o país havia interiorizado 713,7 mil toneladas do produto. Tal movimento deu-se, principalmente, pela desvalorização do Dólar frente ao Real naquele mês, além da elevação dos preços internos, o que acabou aumentando a competitividade do trigo importado, sobretudo daquele produzido na Argentina. Por outro lado, em fevereiro, o Brasil importou 420,5 mil toneladas de trigo, motivado por movimentos contrários ao ocorrido no mês anterior: O Dólar elevou-se e o trigo nacional perdeu valor, principalmente por conta da baixa liquidez no mercado nacional. Além disso, o clima desfavorável em diversas regiões produtoras nos Estados Unidos colaboraram para a elevação dos preços no mercado internacional.

Uma vez que o ano safra do trigo brasileiro se dá entre os meses de agosto e julho, a Conab revisa periodicamente os dados acerca da produção, importação, exportação e moagem industrial, com vistas a definir, de maneira mais fidedigna, os volumes de suprimento, consumo interno e do estoque de passagem para a safra seguinte. Desta forma, diante da atual conjuntura do setor tritícola, com elevação dos preços internacionais, valorização cambial e uma menor demanda interna, tornou-se necessário revisar as estimativas de importação e exportação da safra 2017/18, para 6.800 mil toneladas e 400 mil toneladas, respectivamente. Ainda que seja necessário internalizar volumes da ordem de 657 mil toneladas/mês para atingir ao total estimado, o retorno do período escolar e a menor disponibilidade de trigo no mercado interno deverá contribuir para um maior fluxo do produto nos próximos meses.

No que tange a moagem total, a Associação Brasileira da Indústria do Trigo (Abitrigo) está realizando um levantamento acerca do processamento ocorrido na temporada 2017/18 e das tendências para a próxima safra. A previsão é de que o relatório seja concluído ainda neste mês de março.

Em relação à previsão para a safra 2018/19, espera-se que a haja uma manutenção da área cultivada, todavia deverá haver melhorias na produtividade das lavouras, refletindo em um aumento de aproximadamente 9% no volume produzido, que deverá perfazer um total de 4.657 mil toneladas do grão.

Tabela 3 – Suprimento trigo

ANO - SAFRA	ESTOQUE INICIAL (1º DE AGOSTO)	PRODUÇÃO NACIONAL	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	EXPORTAÇÃO	CONSUMO INTERNO			
						MOAGEM INDUSTRIAL	SEMENTES (1)	TOTAL	
2012/13	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	1.683,9	9.850,0	284,3	10.134,3	1.527,6
2013/14	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	47,4	11.050,0	331,5	11.381,5	2.268,9
2014/15	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	1.680,5	10.300,0	413,7	10.713,7	1.174,6
2015/16	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	1.050,5	10.000,0	367,3	10.367,3	809,3
2016/17	809,3	6.726,8	7.088,5	14.624,6	576,8	11.200,0	317,7	11.517,7	2.530,1
2017/18 (1)	2.530,1	4.263,5	6.800,0	13.593,6	400,0	11.000,0	287,4	11.287,4	1.906,2
2018/19 (2)	1.906,2	4.657,0	6.800,0	13.363,2	400,0	11.000,0	287,4	11.287,4	1.675,8

Legenda: (1) Dados estimados em março de 2018.

(2) Previsão.

Fonte: Conab.



Tabela 4 - Balanço de oferta e demanda - Em mil toneladas

PRODUTO	SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
Algodão em pluma	2011/12	521,7	1.893,3	3,5	2.418,5	895,2	1.052,8	470,5
	2012/13	470,5	1.310,3	17,4	1.798,2	920,2	572,9	305,1
	2013/14	305,1	1.734,0	31,5	2.070,6	883,5	748,6	438,5
	2014/15	438,5	1.562,8	2,1	2.003,4	820,0	834,3	349,1
	2015/16	349,1	1.289,2	27,0	1.665,3	660,0	804,0	201,3
	2016/17	201,3	1.529,5	33,6	1.764,4	685,0	834,1	245,3
	2017/18	245,3	1.854,9	10,0	2.110,2	725,0	950,0	435,2
Arroz em casca	2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
	2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
	2013/14	1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	11.954,3	1.188,4	868,2
	2014/15	868,2	12.448,6	503,3	13.820,1	11.495,1	1.362,1	962,9
	2015/16	962,9	10.603,0	1.187,4	12.753,3	11.428,8	893,7	430,8
	2016/17	430,8	12.327,8	1.100,0	13.858,6	11.500,0	1.050,0	1.308,6
	2017/18	1.308,6	11.278,6	1.000,0	13.587,2	12.000,0	1.000,0	587,2
Feijão	2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
	2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
	2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
	2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
	2015/16	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
	2016/17	186,0	3.399,5	150,0	3.735,5	3.300,0	125,0	310,5
	2017/18	310,5	3.300,2	120,0	3.730,7	3.300,0	125,0	305,7
Milho	2011/12	4.459,6	72.979,5	774,0	78.213,1	51.894,0	22.313,7	4.005,4
	2012/13	4.005,4	81.505,7	911,4	86.422,5	53.263,8	26.174,1	6.984,6
	2013/14	6.984,6	80.051,7	790,7	87.827,0	54.503,1	20.924,8	12.399,1
	2014/15	12.399,1	84.672,4	316,1	97.387,6	56.611,1	30.172,3	10.604,2
	2015/16	10.604,2	66.530,6	3.338,1	80.472,9	54.639,8	18.883,2	6.949,9
	2016/17	6.949,9	97.842,8	953,6	105.746,3	57.199,0	30.836,7	17.710,6
	2017/18	17.710,6	87.279,0	400,0	105.389,6	59.000,0	30.000,0	16.389,6
Soja em grãos	2011/12	3.020,4	66.383,0	266,5	69.669,9	36.754,0	32.468,0	447,9
	2012/13	447,9	81.499,4	282,8	82.230,1	38.694,3	42.791,9	743,9
	2013/14	743,9	86.120,8	578,7	87.443,5	40.200,0	45.692,0	1.551,5
	2014/15	1.551,5	96.228,0	324,1	98.103,6	42.850,0	54.324,2	929,4
	2015/16	929,4	95.434,6	400,0	96.764,0	43.700,0	51.581,9	1.482,1
	2016/17	1.482,1	114.075,3	300,0	115.857,4	45.781,0	68.154,5	1.921,9
	2017/18	1.921,9	113.024,6	400,0	115.346,5	47.281,0	67.500,0	565,4
Farelo de Soja	2011/12	3.176,7	26.026,0	5,0	29.207,7	14.051,1	14.289,0	867,6
	2012/13	867,6	27.258,0	3,9	28.129,5	14.350,0	13.333,5	446,0
	2013/14	446,0	28.336,0	1,0	28.783,0	14.799,3	13.716,3	267,4
	2014/15	267,4	30.492,0	1,1	30.760,5	15.100,0	14.826,7	833,8
	2015/16	833,8	30.954,0	0,8	31.788,6	15.500,0	14.443,8	1.844,8
	2016/17	1.844,8	31.955,0	1,0	33.800,8	17.000,0	14.177,1	2.623,7
	2017/18	2.623,7	33.110,0	1,0	35.734,7	17.500,0	15.000,0	3.234,7
Óleo de soja	2011/12	988,0	6.591,0	1,0	7.580,0	5.172,4	1.757,1	650,5
	2012/13	650,5	6.903,0	5,0	7.558,5	5.556,3	1.362,5	639,7
	2013/14	639,7	7.176,0	0,1	7.815,8	5.930,8	1.305,1	579,9
	2014/15	579,9	7.722,0	25,3	8.327,2	6.359,2	1.669,9	298,1
	2015/16	298,1	7.839,0	66,1	8.203,2	6.380,0	1.254,2	569,0
	2016/17	569,0	8.092,5	40,0	8.701,5	6.800,0	1.342,5	559,0
	2017/18	559,0	8.385,0	40,0	8.984,0	7.100,0	1.500,0	384,0
Trigo	2011	2.201,6	5.788,6	6.011,8	14.002,0	10.144,9	1.901,0	1.956,1
	2012	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	10.134,3	1.683,9	1.527,6
	2013	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	11.381,5	47,4	2.268,9
	2014	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	10.713,7	1.680,5	1.174,6
	2015	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	10.367,3	1.050,5	809,3
	2016	809,3	6.726,8	7.088,5	14.624,6	11.517,7	576,8	2.530,1
	2017	2.530,1	4.263,5	6.800,0	13.593,6	11.287,4	400,0	1.906,2
	2018	1.906,2	4.657,0	6.800,0	13.363,2	11.287,4	400,0	1.675,8

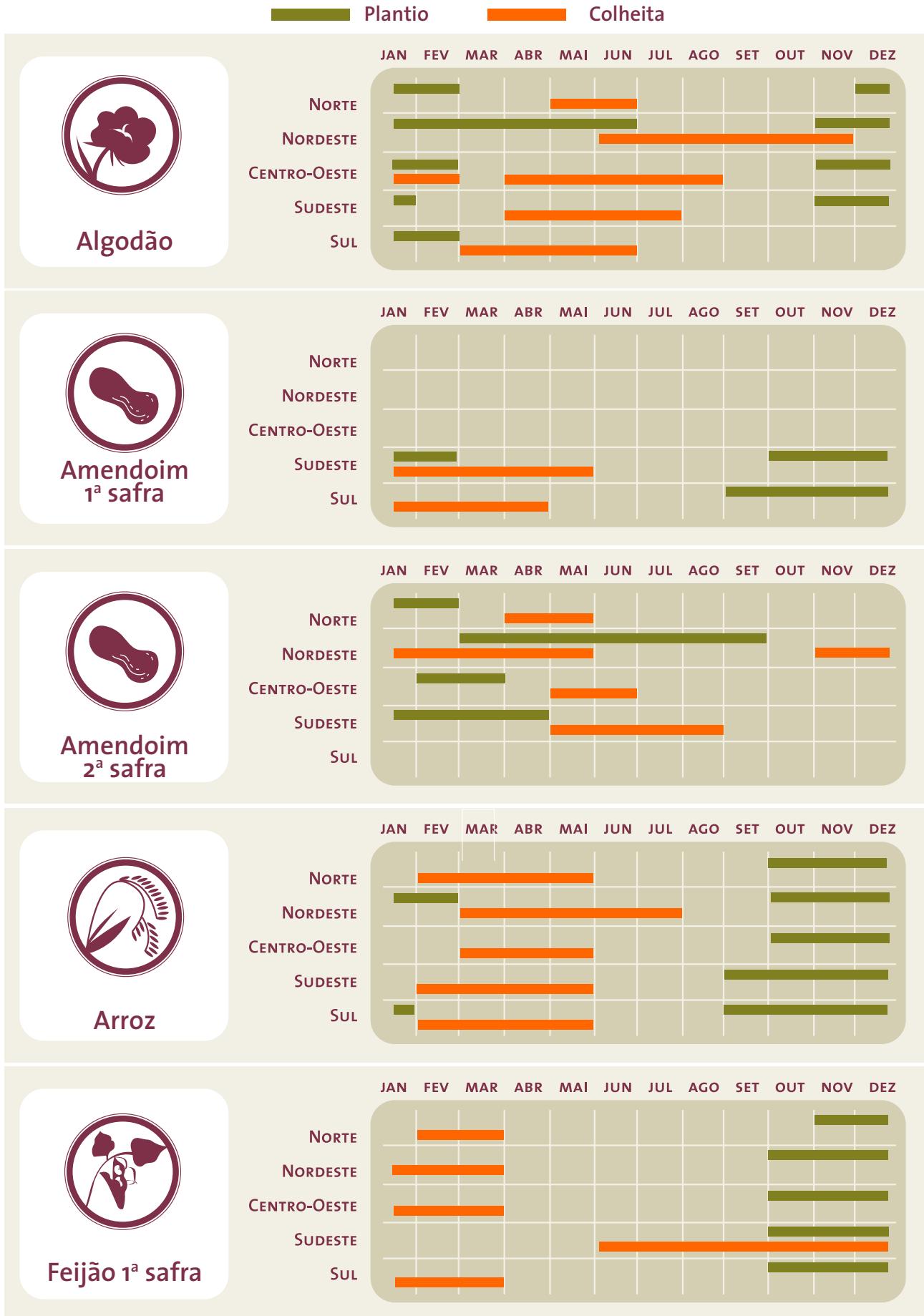
Fonte: Conab.

Notas: Estimativa em março 2018/ Estoque de Passagem - Algodão, Feijão e Soja: 31 de Dezembro - Arroz 28 de Fevereiro - Milho 31 de Janeiro - Trigo 31 de Julho.





11. CALENDÁRIO AGRÍCOLA DE PLANTIO E COLHEITA

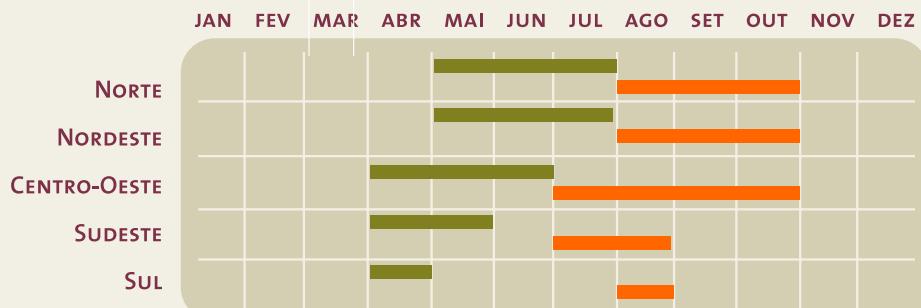




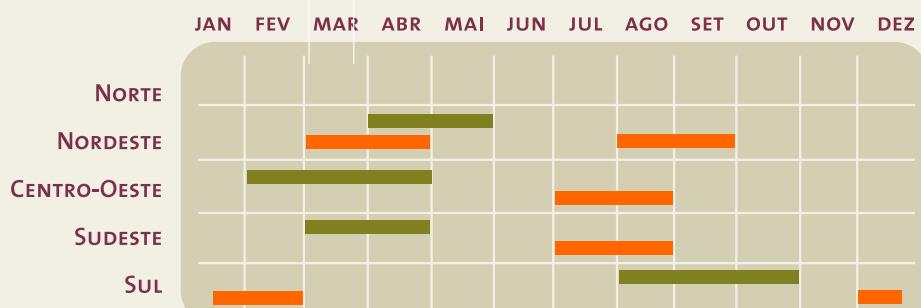
Feijão 2ª safra



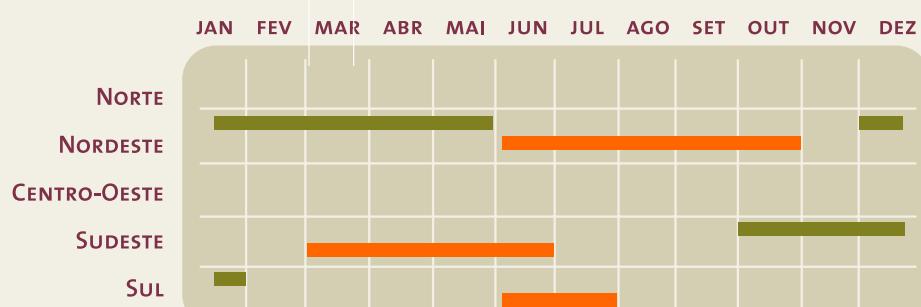
Feijão 3ª safra



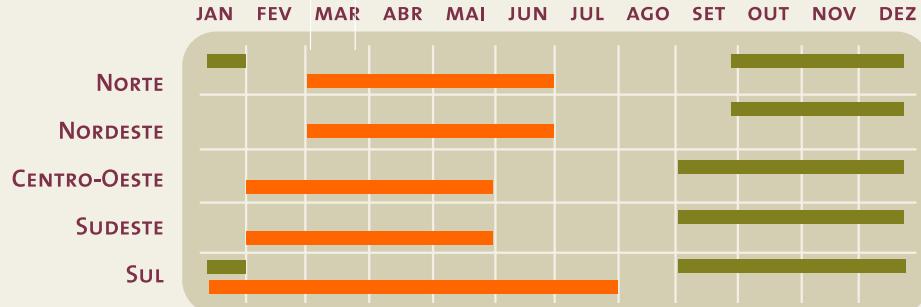
Girassol



Mamona

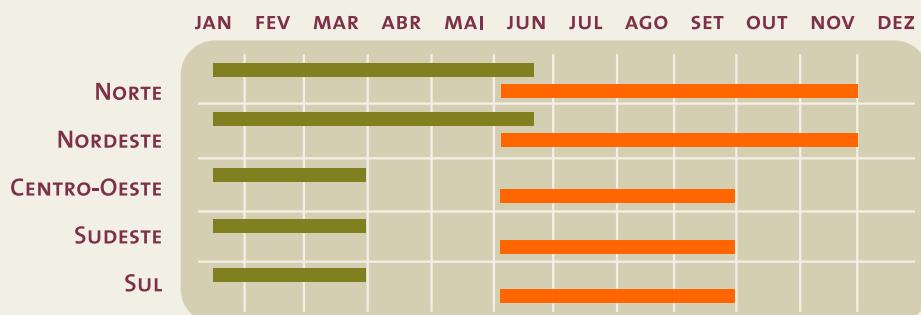


Milho 1ª safra

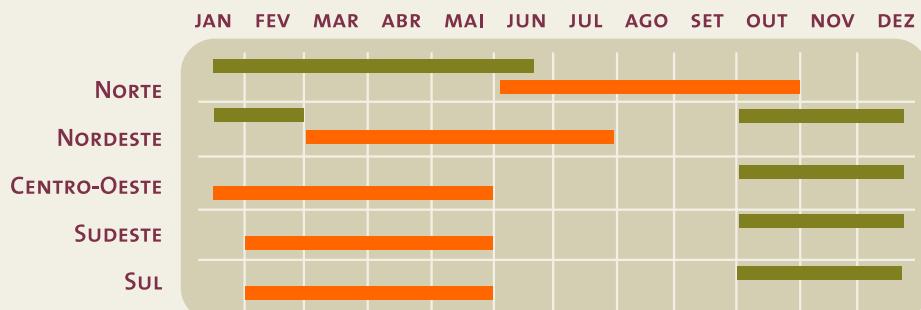




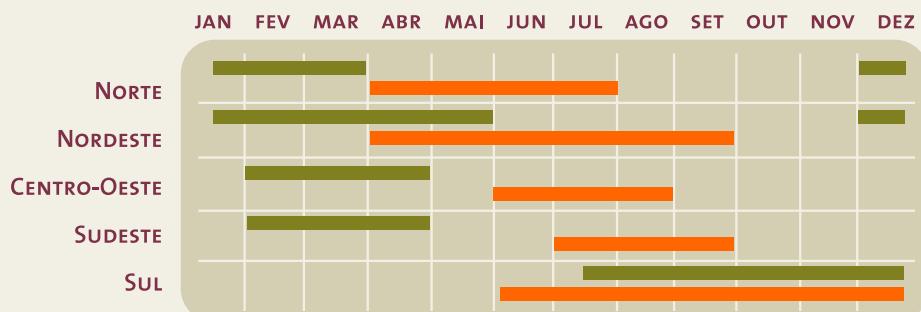
Milho 2^a safra



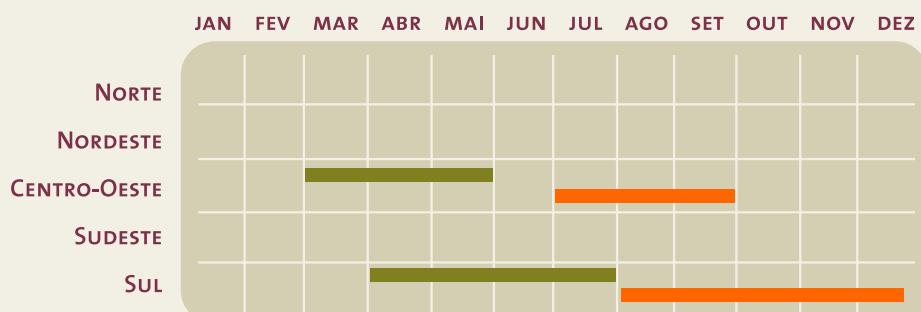
Soja



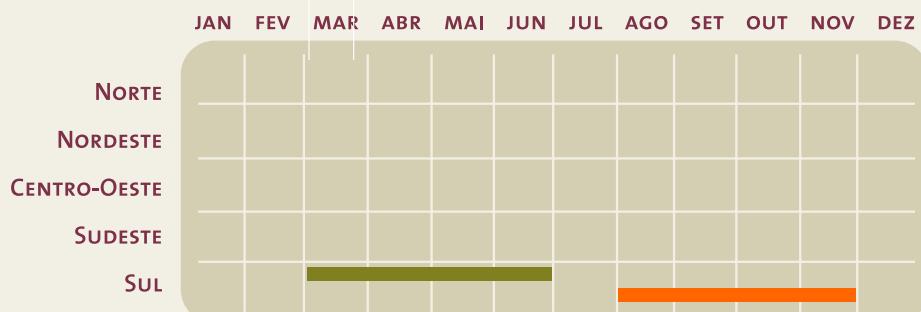
Sorgo

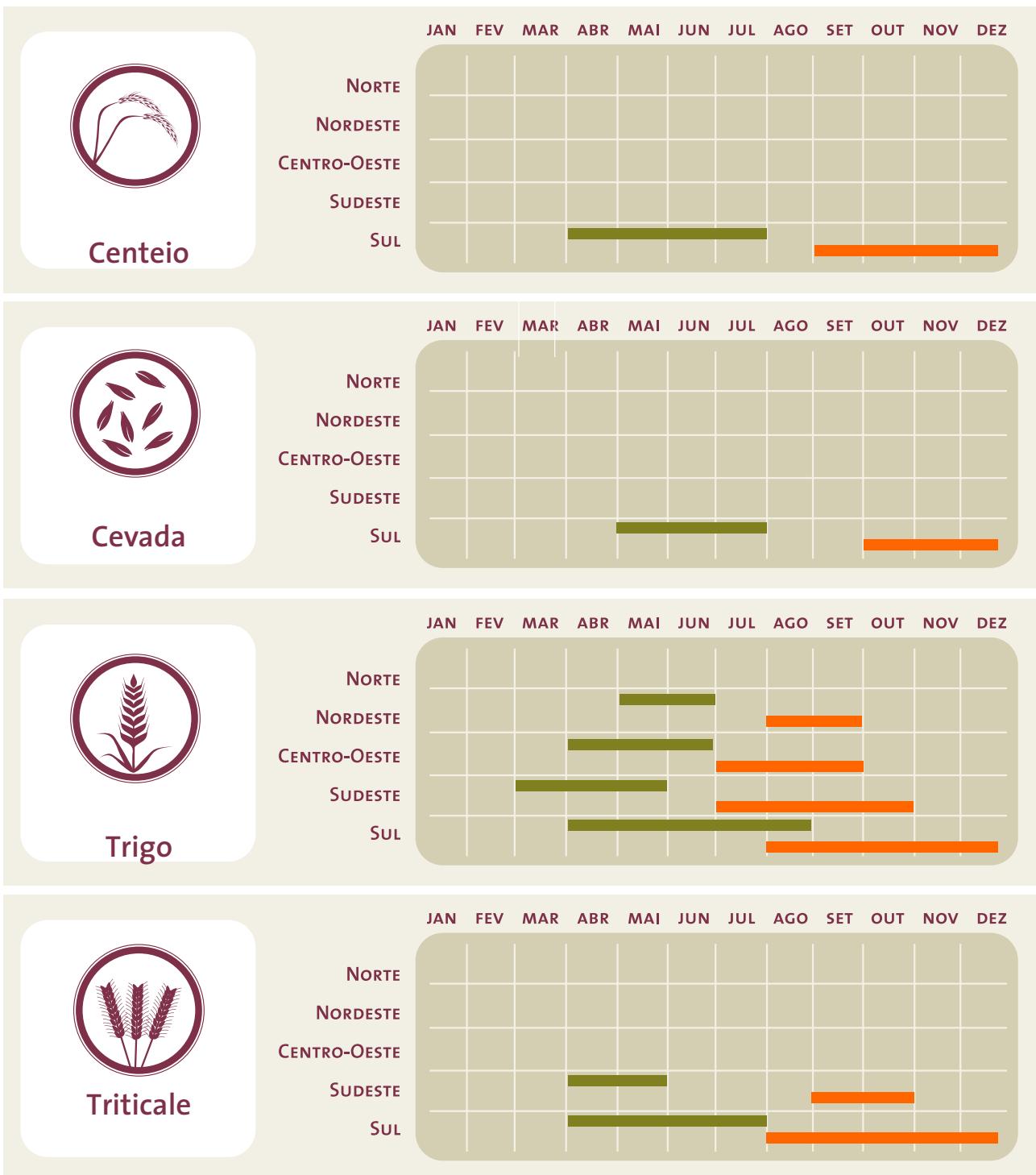


Aveia



Canola







Distribuição:

Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF

(61) 3312-6277

<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO

